UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

VÍTOR KAWAKAMI

**A revista colombiana *Mito*
e os alcances do seu discurso
político-cultural**

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

**A revista colombiana *Mito* e os alcances
do seu discurso político-cultural**

Vítor Kawakami

Dissertação apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola
e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana
do Departamento de Letras Modernas
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de Mestre em Letras

Orientadora: Profa. Dra. Idalia Morejón Arnaiz

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

K22r Kawakami, Vítor
A revista colombiana Mito e os alcances do seu
discurso político-cultural / Vítor Kawakami ;
orientadora Idalia Morejón Arnaiz. - São Paulo, 2016.
263 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola
e Hispano-Americana.

1. Literatura colombiana. 2. Periódicos literários
latino-americanos. 3. Revista Mito. 4. Intelectuais
e política. 5. Cânone. I. Arnaiz, Idalia Morejón,
orient. II. Título.

KAWAKAMI, Vítor. **A revista colombiana *Mito* e os alcances do seu discurso político-cultural**. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Pela inspiração, pela oportunidade, pela força, pela dúvida,
pela crítica, pelo cuidado, pela tolerância, pelo amor,
dedico esta pesquisa à minha esposa Esther Peña.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Idalia Morejón Arnaiz, por sua especial atenção, profissionalismo e cumplicidade.

Aos demais companheiros da Universidade de São Paulo: os professores Ana Cecilia Olmos, Adriana Kanzepolsky, Pablo Gasparini e Laura Hosiasson; e aos amigos da FFLCH, Edson Querubini, Felipe Restrepo David, Amanda Luzia, Tatiana Lima Faria e Liliana Marles; a todos eles por terem colaborado com este trabalho em algum momento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, pela bolsa de mestrado; e ao *Programa de movilidad en el posgrado de la Red de Macrouniversidades Públicas de America Latina y el Caribe – Red Macro*, pelo imprescindível apoio financeiro que possibilitou o acesso às fontes de pesquisa em Colômbia.

Aos professores, pesquisadores e escritores colombianos que contribuíram nesta pesquisa: Fabio Jurado Valencia, Patricia Trujillo, Johny Martínez e Santiago Mutis Durán (*Universidad Nacional de Colombia*); Pablo Montoya Campuzano, Daniel López Bermúdez (assim como Angélique Gaydier), Andrés López Bermúdez e Alfredo Laverde Ospina (*Universidad de Antioquia*); Pedro Alejo Gómez Vila (*Casa de Poesía Silva*); Juan Gustavo Cobo Borda; Luis Guillermo Aza (H.J.C.K.); Saúl Gómez Mantilla e Mauricio Ramírez Gómez.

Aos colaboradores brasileiros: Dina Moscovici, Paula Gaitán Durán e Ava Rocha; Alessandra Gomes e Mariana Serafim Xavier Antunes; Rodolfo Moraes, Jaime Soares, Rudá K. Andrade e Sílvio Neves; pelos diálogos e companhias.

Aos amigos bogotanos e santandereanos: Gladis Infante e Juana del Mar Jiménez Infante; Pedro González Sánchez; Edda Flórez e Lucho; Bayo Flórez; Sofía Rodríguez; Hertico, Rocío, Pato e Salvador; por todo o suporte emocional.

E, sobretudo, à família: *Don* Humberto Peña, Aurora, *tío* Alirio e *tío* Francisco; meus pais, irmãs e filhos, especialmente a Anelise Kawakami; a todos, pela estrutura afetiva sem a qual este trabalho seria praticamente impossível.

RESUMO

KAWAKAMI, Vítor. **A revista colombiana *Mito* e os alcances do seu discurso político-cultural**. 2016. 263 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Bastante significativa tem sido a atenção que críticos, historiadores ou pesquisadores de literatura colombiana vêm dando a *Mito - revista bimestral de cultura* (1955-1962) nas últimas décadas. O interesse despertado sobre essa publicação promovida por escritores como Jorge Gaitán Durán, Hernando Valencia Goelkel, Pedro Gómez Valderrama, Eduardo Cote Lamus, Rafael Gutiérrez Girardot e Jorge Eliécer Ruiz, para mencionar aqueles que foram seus principais responsáveis, reside principalmente na eficácia editorial que logrou a realização de 42 números de uma revista de indiscutível qualidade literária, tanto em termos críticos quanto de divulgação estética. A revista contou com inúmeros colaboradores de relevância literária nacional e internacional e por meio de suas páginas os leitores colombianos entraram em contato com correntes de pensamento que ajudaram a “modernizar” o ambiente intelectual e cultural do país. Como parte de um ambicioso projeto, a revista *Mito* foi também promotora de uma casa editorial de livros e de um programa radiofônico homônimos que, juntos, atuando simultaneamente nos campos culturais e políticos, contribuíram para marcar a cultura colombiana de tal forma que seus realizadores foram convertidos em obrigatórias referências canônicas na literatura do século XX em Colômbia e América Latina. O presente trabalho de pesquisa procurou identificar a trajetória do discurso político-cultural da revista *Mito*, assim como de suas ampliações dentro do que aqui denominamos como Projeto *Mito*, que surgiu diante da violenta crise social do país, foi alimentado pela necessidade de transformações dessa realidade, pela premência de liberdade total do ser humano, e teve como principais suportes argumentativos a tolerância opinativa associada ao antidogmatismo ideológico. Como consequência após o fim da publicação, o imaginário criado por esse eficaz e influente discurso acabou por proporcionar o acesso de seus intelectuais aos campos de poder, fato que não apenas permitiu o estabelecimento consagrador de suas realizações literárias como o de sua manutenção canônica ao longo dos anos, numa espécie de conservação discursiva perene em que residem complexos problemas de ordem historiográfica como os de tradição/ruptura ou de sincronia/diacronia. Para isso, a pesquisa inicialmente contou com estudos relacionando *Mito* com revistas e publicações periódicas nacionais antecessoras (*Los Nuevos*, *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*, *Revista de las Indias* e *Crítica*) e internacionais (*Les Temps Modernes*, *Sur*, *Revista Mexicana de Literatura*) em busca de influências ou uma comprovação de certa continuidade discursiva que pudesse conotar alguma tradição editorial; depois passou à devida leitura dos principais aspectos culturais publicados nas páginas da revista ou apreendidos do projeto como um todo, assim como à leitura que permitiu a identificação de sua representação política tomando alguns casos polêmicos para análise; para finalmente se dedicar à compreensão dos alcances do discurso político-cultural de *Mito* entre os campos do poder e da literatura em termos de política cultural e de historiografia.

Palavras-chave: Literatura colombiana. Periódicos literários latino-americanos. Revista *Mito*. Intelectuais e política. Cânone.

ABSTRACT

KAWAKAMI, Vítor. **The Colombian magazine *Mito* and its political-cultural speech reach**. 2016. 263 f. Thesis (Master) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

In the last decades, it has been very significant the attention given by critics, historians or Colombian literature researchers to *Mito – bimonthly magazine of culture* (1955-1962). The interest generated about this publication promoted by Jorge Gaitán Durán, Hernando Valencia Goelkel, Pedro Gómez Valderrama, Eduardo Cote Lamus, Rafael Gutiérrez Girardot and Jorge Eliécer Ruiz, mentioning those who were mainly responsible for this, was especially due to the editorial efficacy that enjoyed the achievement of 42 numbers of an unquestionable literary quality, in critical terms and esthetic propagation. The magazine had many collaborators with national and international relevance and through its pages the Colombian readers could be in touch with lines of thoughts that were helpful to become more modern the intellectual and cultural environment of the country. *Mito* magazine also promoted an editorial house of books and a radio program, both homonyms, as part of an ambitious project that together acted simultaneously in politics and cultural fields and contributed so expressively to mark Colombian culture that their directors were converted to canonic mandatory references for literature of XX century in Colombia and Latin America. The present research aimed to identify the journey of political-cultural speech from *Mito* magazine, and its extensions inside of what we considered here as *Mito* Project, that emerged due to the violent social crisis of the country and was supplied by the necessity of changing this reality, by the urgency of total liberty from human being and that has as main argumentative support the opinionated tolerance associated to ideological anti-dogmatism. As a consequence by the end of this publication, the imaginary created by this effective and influent speech promoted to its intellectuals the access to powerful fields, fact that not only permitted them the strong establishment of their literary performances as the canonic maintaining position along the years, as kind of perennial discursive conservation where lives complexes issues related to historiographical as traditional/rupture or synchrony/diachrony. For that, the research initially used as reference studies that made a relationship between *Mito* and previous national and international periodic magazines and publications (*Los Nuevos*, *Lecturas Dominicales de El Tiempo*, *Revista de las Indias* and *Crítica / Les Temps Modernes*, *Sur*, *Revista Mexicana de Literatura*) in order to look for influences or kind of discursive evidence that could cogitate any editorial tradition; after that it crossed over to the proper reading of main cultural aspects published in magazine's pages or got form the project at all including the reading that allowed the identification of its politic representation, taking some polemic cases for the analysis; for finally dedication to the comprehension of political-cultural speech reach from *Mito* between power and literature fields in terms of cultural politic and historiography.

Key words: Colombian literature. Latin-American periodic literary. *Mito* magazine. Intellectuals and politic. Canon.

SUMÁRIO

Introdução	11
 Capítulo I – <i>Mito</i> e seus contornos	
1 – Uma revista de cultura num país de intolerância política	15
1.1 – Condicionamentos históricos e práxis: a revista como objeto político	17
1.2 – Entre a cultura política e a política cultural	28
2 – <i>Mitologia</i> literária colombiana	40
2.1 – Repassando a fortuna crítica	40
 Capítulo II – Subsídios à genealogia editorial de <i>Mito</i>	
1– Revistas nacionais	55
1.1 – <i>Los Nuevos</i>	57
1.2 – <i>Lecturas Dominicales</i> de <i>El Tiempo</i>	63
1.3 – <i>Revista de las Indias</i>	71
1.4 – <i>Crítica</i>	84
2 – Revistas estrangeiras: <i>Les Temps Modernes</i> , <i>Sur</i> e <i>Revista Mexicana de Literatura</i>	97
 Capítulo III – <i>Mito</i>: revista bimestral de cultura, o projeto e o discurso	
1 – Histórias de <i>Mito</i>	109
1.1 – Um expediente possível	111
1.2 – O <i>continuum</i> discursivo	120
1.3 – Espaços intelectuais concreto e imaginário	133
1.4 – A estratégia das traduções	142
1.5 – Ediciones <i>Mito</i>	152
1.6 – Radio-revista <i>Mito</i>	160
2 - A representação política na revista	167
2.1 - Debates internacionais	
2.1.1 – Antidogmatismo e a tragédia húngara	168
2.1.2 – Atenção à Revolução Cubana	177
2.2 – Controvérsias políticas colombianas	
2.2.1 – Revista das classes moribundas	185
2.2.2 – A responsabilidade dos intelectuais ante a violência	191
2.2.3 – As guerrilhas liberais	198
2.2.4 – <i>Mito</i> , o liberalismo e a Frente Nacional	204

Capítulo IV – Pós-*Mito*: os meios e os fins

1 – Cultura e poder	
1.1 – Alcances do discurso político-cultural	214
1.2 – O poder e os efeitos desejados	222
2 – Poder e cânone	
2.1 – Políticas literárias: <i>Mito</i> na história da literatura colombiana	231
Bibliografia	246

Introdução

Realizar uma pesquisa acadêmica sobre *Mito: revista bimestral de cultura* através de uma universidade brasileira se mostrou como uma oportunidade de nos apresentar a força e a importância de uma publicação literária colombiana praticamente desconhecida em nosso país. E esse foi também, ao mesmo tempo, um dos nossos maiores desafios, uma vez que era evidente a limitação de acesso a uma bibliografia mínima que pudesse ao menos dar início à investigação, daí a relevância da responsabilidade assumida pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo ao incentivar um trabalho como este, consciente da inevitabilidade de acesso direto às fontes de pesquisa em Colômbia.

Portanto, os resultados aqui recolhidos devem ser vistos como consequências de um verdadeiro esforço coletivo, tanto brasileiro como colombiano (na realidade, latino-americano, já que temos professores argentinos e cubanos colaborando com leituras deste trabalho...), frutos da convergência de consciências a respeito da necessidade de se cobrir um hiato literário sem razão de existir. E quando nos referimos à premência de se preencher essa lacuna, não estamos apenas nos reportando à participação de Carlos Drummond de Andrade na revista, ou o fato de Jorge Gaitán Durán, seu fundador e principal mentor, ter filha e netos colombo-brasileiros, mas estamos ainda procurando retomar um alinhamento intercultural com sucessos passados que contou com precursores como João Guimarães Rosa, Thiago de Mello ou Affonso Romano de Sant'anna produzindo ou divulgando a literatura brasileira em Bogotá, por exemplo, ou Gabriel García Márquez escrevendo contos em Ipanema, casos que comprovam uma aspiração aproximativa entre as literaturas dos dois países.

A revista *Mito* foi uma publicação literária que concentrou suas atividades entre os anos de 1955 e 1962 na cidade de Bogotá, num momento particularmente chave na transformação social e política colombiana e latino-americana, reproduzindo textos de alguns dos principais escritores colombianos na época como Baldomero Sanín Cano, León de Greiff, Jorge Zalamea e Hernando Téllez, e daqueles que viriam a se tornar grandes referências da segunda metade do século XX como Rafael Gutiérrez Girardot, Fernando Charry Lara, Álvaro Mutis e os aqui já referidos García Márquez e o próprio Gaitán Durán; assim como textos de estrangeiros colaboradores diretos como Alfonso Reyes, Vicente Aleixandre, Octavio Paz ou Jorge Luis Borges, para apenas citar alguns casos mais próximos à revista. A alta qualidade dos textos publicados, dentro de uma proposta editorial ousada para a época, aliada aos resultados concretos de interferência sobre a realidade cultural do país levaram os críticos

literários a reconhecerem *Mito* como uma experiência extremamente significativa para a história literária colombiana, fato que, como é possível comprovar na leitura deste trabalho, não deixou também de suscitar apaixonadas discussões ao longo das últimas décadas.

Nossa pesquisa procurou ocupar-se de uma leitura que abordasse a revista *Mito* desde algumas das inúmeras frentes analíticas possíveis: a da perspectiva que a tomasse como um relevante objeto histórico; a que a observasse como um caso editorial de certa forma em comunicação com outras publicações tanto no país como no exterior, cujo projeto foi ampliado além da edição de uma revista, apresentando ainda resultados como empresa editorial de livros e programa cultural radiofônico; a da abordagem que a tomasse desde o ângulo da política cultural; a perspectiva da interpretação historiográfica que a discutisse desde a óptica do processo canônico; e, sobretudo, a que identificasse as principais características do seu discurso político-cultural como centro gravitacional para as frentes analíticas anteriores. Essa foi a forma que encontramos para buscar compreender a complexidade envolvida numa leitura como a da publicação seriada de uma revista literária de cultura, sempre convidativa a ampliar o espectro analítico diante das inúmeras possibilidades de abordagens. Conscientes do risco interpretativo totalizador ao redor de casos como esse, por isso propusemos como eixo principal de nosso trabalho justamente os aspectos político-culturais da produção discursiva de *Mito*, tomando-os no sentido convergente ou centrípeto das suas mais expressivas forças características, valorativas ou não.

No primeiro capítulo procuramos expor as questões sobre a revista que dizem respeito à sua significância como objeto histórico, através de uma aproximação que mais do que a tomasse simplesmente como reflexo do contexto social, político e cultural do momento em que era publicada, ou que a abordasse apenas como fonte histórica, buscou enxergar nos assuntos por ela tratados uma verdadeira forma de atuação no interior do imaginário político-cultural com consequências diretas sobre a realidade do país, algo que entendemos como resultado de sua proposta editorial de engajamento e inconformismo. Também lançamos neste capítulo algumas das principais bases críticas em que se apoiaram nossos argumentos, contando com a contribuição das ideias de autores como Beatriz Sarlo, Teixeira Coelho, Michel Foucault, Raymond Williams ou Norberto Bobbio, dentre os mais presentes, assim como realizamos uma revisão das principais leituras sobre a revista *Mito* levadas adiante por inúmeros estudiosos ao longo das últimas décadas. Dessa maneira, entendemos que foram apresentadas as perspectivas interpretativas a serem trabalhadas no decorrer da leitura, sobretudo no que diz respeito às noções ligadas à política, à cultura, ao discurso, ao cânone literário e à historiografia literária colombiana.

O segundo capítulo foi ocupado para o estudo de outras publicações nacionais e internacionais que se mostrou muito eficiente ao entendimento de *Mito* para além de uma atividade editorial isolada, sem comunicação com propostas ou experiências já realizadas ou em realização naquele momento. Procuramos, ao ler analiticamente publicações periódicas como as colombianas *Los Nuevos*, *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*, *Revista de las Indias* e *Crítica*, ou estrangeiras como a francesa *Les Temps Modernes*, a argentina *Sur* e *Revista Mexicana de Literatura*, encontrar possíveis pontos em comum desde aspectos estruturais como conteudistas, colaborando assim para identificar atividades relevantes para a nossa pesquisa como as anteriores intervenções literárias à *Mito* de seus principais escritores, ou algumas das mais influentes correntes ideológicas que sustentavam editorialmente importantes revistas literárias estrangeiras.

Chegamos, portanto, ao capítulo terceiro e à nossa específica leitura das páginas da revista, às observações sobre o que denominamos como Projeto *Mito* e que, além das edições periódicas bimestrais, incluía a publicação de livros através de Ediciones Mito e o programa diário Radio-revista Mito, assim como à ocupação primordial sobre uma interpretação político-ideológica de alguns textos e dossiês dos quais se podem depreender muitas das ideias que conduziam a revista. Na primeira parte desse capítulo, pretendemos descrever desde as principais formas de organização sintática da publicação periódica, ou seja, suas seções, disposições gráficas, distribuição de textos; também as composições de seus expedientes, os principais intelectuais envolvidos, as organizações temáticas, as traduções, seus espaços de circulação e, sobretudo, a identificação de sua linha editorial ou conformação central do seu traço discursivo; além das aqui já mencionadas atividades como casa editorial e programa radiofônico. Na segunda parte, o que procuramos foi analisar em termos políticos os discursos derivados de alguns temas específicos que se destacavam naquele contexto e que foram divulgados em alguns textos nas páginas da revista, tanto no âmbito internacional como os relativos às mudanças ideológicas pelas quais passavam o socialismo, às críticas ao dogmatismo de origem soviética ou os relatos sobre a experiência revolucionária cubana; quanto no nacional que se ocuparam de questões extremamente relevantes dentro do cenário político colombiano em que *Mito* estava inserida e que dizem respeito à consciência de classe social, às responsabilidades dos intelectuais diante da violência de origem bipartidarista, ao liberalismo como fundamento ideológico corrente e à relação estabelecida entre os intelectuais de *Mito* e a política da coalizão da Frente Nacional.

O último capítulo foi dedicado para algumas observações e conclusões acerca dos alcances do que identificamos no decorrer de nossas constatações anteriores como resultado discursivo,

em termos político-culturais, que acabou por configurar um imaginário forte e eficaz, e que, uma vez terminado o Projeto *Mito*, colaborou para que alguns de seus ex-integrantes atingissem decisivas responsabilidades no campo oficial de poder ao assumirem cargos político-administrativos ligados à política cultural dentro dos próximos governos frentenacionalistas. A partir desse alcance, o que procuramos trazer para a discussão foram os consequentes movimentos legitimadores que souberam transformar o discurso político-cultural original de *Mito* em um discurso literário, associado a um legado histórico que, conforme nossa leitura e interpretação, deixou de lado muitos dos valores da revista e do projeto em nome de uma manutenção canônica historiográfica hegemônica de rasgos nacionalistas.

Esperamos, portanto, que nossa leitura de *Mito: revista bimestral de cultura* e nossas observações sobre todo o empreendimento cultural envolvido, além de contribuir para os estudos sobre literatura colombiana no Brasil, possam também modestamente aportar novos elementos investigativos e considerações analíticas para que as questões suscitadas por essa importante revista sigam proporcionando tão profícuos debates.

Capítulo I – *Mito* e seus contornos

“La tolerancia se ha convertido en crimen.”

Baldomero Sanín Cano
La civilización manual y otros ensayos

1 – Uma revista de cultura num país de intolerância política

Uma das frases mais repetidas e famosas de Jorge Gaitán Durán, curiosamente, não vem de algum verso dos seus conhecidos poemas, mas sim de um texto por ele escrito para ser lido durante a homenagem aos 95 anos de Baldomero Sanín Cano ocorrida na Universidad de América em agosto de 1956: “Hay que acabar con la idea monstruosamente banal de que la calidad intelectual es independiente de la calidad humana. Todo edificio estético descansa sobre un proyecto ético”.¹ Em outros trechos desse discurso que serve de estímulo para Gaitán Durán discorrer sobre temas delicados à realidade colombiana como as relações entre cultura e educação, a censura à liberdade de opinião ou como a responsabilidade dos intelectuais, podemos encontrar importantes reflexões que remetem às raízes da violência no país:

(...) Hoy en día nuestra gran tara nacional es la intolerancia. En Colombia reinan la intolerancia política, la intolerancia religiosa, la intolerancia moral. (...) Sin libertad de crítica, sin libertad de conocimiento, sin libertad de examen, sin libertad de cátedra (...) se pasa automáticamente del terreno de las ideas al terreno de la violencia. Lo que no puede ser resuelto por la expresión libre de las opiniones contrarias, se resuelve por medio de la fuerza o del choque armado. La tolerancia no es sólo el caldo de cultivo de la cultura, sino también su vehículo. Ante la censura, brutal o refinada, el intelectual se aísla, se repliega, se incomunica. La expresión queda trunca, separada del pueblo. El intelectual no puede cumplir ni su tarea creativa, ni su tarea educativa, que, por lo demás, están orgánicamente enlazadas. La intolerancia le prohíbe el acceso a las fuentes de la cultura. Y al mismo tiempo le prohíbe al hombre el acceso a sus fuentes vitales.

Durante os anos 50, Colômbia vive os reflexos diretos, certamente, de problemas cruciais que não haviam sido resolvidos em anos anteriores. Identificar uma possível origem dos “ódios herdados” por seu povo década após década de violência sem limites é também tarefa

¹ Durán, Jorge Gaitán. Sanín Cano y la situación del intelectual colombiano. *Lecturas Dominicales* de *Intermedio*, Bogotá, p. 11, 19 de maio de 1957. Vale ressaltar que *Intermedio* foi o nome adotado temporariamente pelo jornal *El Tiempo* depois que foram suspensos pela censura, no decorrer do segundo semestre de 1955, os principais jornais do país (como também *El Espectador* e *El Siglo*) em mais uma clara ação de intolerância do governo militar de Rojas Pinilla.

ilimitada, ou, no mínimo, levaria às origens sociais e políticas do país. Mas ao período que se convencionou chamá-lo como *la Violencia* e que abarca os anos de 1946 a 1957, segundo a maioria dos historiadores, muito já se buscou para tentar encontrar motivos, razões ou origens de tanta intolerância. Para os motivos de este estudo sobre *Mito - revista bimestral de cultura*, traçar algumas ideias sobre acontecimentos históricos que antecederam e atravessaram o surgimento da revista fundada por Jorge Gaitán Durán e Hernando Valencia Goelkel se mostra como um de seus alicerces investigativos iniciais, levando-se em conta que esta publicação periódica, mesmo que pensada principalmente como uma revista de literatura, procurou manifestar em suas páginas durante seus sete anos de existência (abril de 1955 a junho de 1962) algumas posturas de intelectuais de diferentes tendências políticas frente aos principais problemas nacionais. Consideramos como primordial entrar em *Mito* a partir de uma discussão sobre fenômenos político-sociais como, por exemplo, o que diz respeito ao período de *la Violencia* e a maneira através da qual a revista configurou o imaginário político em suas páginas, tomando isso não apenas como uma afirmação de causalidade reflexiva entre tais fenômenos e a produção literária da revista, mas sim como uma consideração que busque observar a relevância da textualidade e sua função no contexto político-social. Além disso, fortalece essa abordagem o fato de que em anos anteriores ao surgimento da revista seus futuros gestores já vinham participando de acontecimentos significativos do período (por exemplo, Gaitán Durán no Bogotazo em 1948, Gómez Valderrama ao lado de Carlos Lleras Restrepo no atentado à casa deste político liberal em 1952², Cote Lamus próximo à ditadura de Rojas Pinilla em 1954³) ou haviam se manifestado, através de diversos periódicos e revistas culturais, sobre a crise política colombiana.

Portanto, e partindo desse pressuposto, o que significava publicar uma revista de cultura num contexto sociocultural retrógrado e politicamente desfavorável? Como buscaremos mostrar, por exemplo, a relação entre literatura e política se mostrava basicamente inevitável, sobretudo porque, além da conjuntura nacional que exigia mudanças na relação entre intelectuais e suas formas de atuar (ou não) na sociedade, as discussões sobre essa relação vinham numa crescente tendência de âmbito internacional à qual os fundadores da revista estavam atentos, como é o caso da influência do existencialismo francês e o modelo sartreano do intelectual *engagé*. Era latente a necessidade de recuperar a dignidade intelectual de

² Informação fornecida por Pedro Alejo Gómez Vila em Bogotá, em 30 de julho de 2014.

³ Eduardo Cote Lamus, muito próximo ao líder conservador do Norte de Santander, Lucio Pabón Núñez, Ministro das Relações Exteriores do governo do general Rojas Pinilla, foi nomeado Cônsul auxiliar na Alemanha em 1954.

Colômbia, como bem observou Rafael Gutiérrez Girardot (2005), após o caos instalado com o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán em 1948. Além disso, algo que nos parece um grande acerto de consciência crítica verificada por Jorge Gaitán Durán e seu grupo ao proporem a publicação de uma revista dita “cultural”, é que assim eles estavam necessariamente estabelecendo relações com o âmbito da “política” enquanto experiência do real, enquanto modo de lidar com os acontecimentos em seu momento histórico em que eram sujeitos, vinculando-se à ideia de “cultura” enquanto conjunto de conhecimentos que distinguem um determinado grupo social e suas práticas simbólicas. A constatação na época, por parte dos responsáveis, pela revista da necessidade de abertura do país à cultura universal, fato que hoje em dia é tomado pela intelectualidade colombiana como um dos maiores feitos de *Mito* – o de colaborar com a modernização cultural do país –, justamente só foi possível graças à forte presença entre eles da compreensão de “cultura” como algo indissociável de “política”, questão que propomos como uma das metas iniciais deste nosso estudo.

1.1 – Condicionamentos históricos e práxis: a revista como objeto político

Mito – revista bimestral de cultura foi uma publicação periódica colombiana que durante sete anos soube reunir em seus 42 números uma significativa representatividade intelectual de dentro e de fora do país, habilmente articulada por jovens escritores como Jorge Gaitán Durán e Hernando Valencia Goelkel, seus fundadores lançando o primeiro número em maio de 1955, mas também sob a égide de outros promissores escritores como Eduardo Cote Lamus, Pedro Gómez Valderrama, Rafael Gutiérrez Girardot, Fernando Charry Lara e Jorge Eliécer Ruiz. Juntos constituíram um grupo de suporte responsável não apenas por sua orientação literária como também por sua coordenação redacional (com exceção de Gutiérrez Girardot e somando-se Eduardo Mendoza Varela a essa direção), assumindo uma rotatividade nos cuidados com a revista e alcançando razoável período de duração – tomando-se em conta que revistas culturais de origem microempresarial privada como *Mito* em Colômbia até a metade do século XX dificilmente duravam tanto tempo –, dessa forma também permitindo que seus responsáveis exercessem atividades profissionais paralelas, sobretudo político-administrativas⁴, além da dedicação à produção literária individual. Durante esses sete anos em que a revista alcançou considerável importância como periódico cultural, não somente

⁴ Sobre as carreiras político-administrativas desses jovens escritores iniciadas na época de *Mito* discutiremos mais adiante nesse estudo.

Colômbia passava por mudanças cruciais dentro de sua organização social, cultural, política e econômica, como também inúmeros rearranjos das mesmas ordens na conjuntura global afetavam países coadjuvantes no cenário internacional como a Colômbia.

A concepção de uma atuação editorial em âmbito vasto como o cultural abriu um leque de matérias que possibilitou que inúmeros escritores e artistas de diferentes tendências estéticas ou ideológicas encontrassem na publicação um meio de divulgação de seus trabalhos, fossem eles ensaios, poemas, narrativas ou resenhas críticas. Além disso, também chama a atenção o fato de que *Mito* logrou conciliar distintas gerações de intelectuais, cujas presenças, desde figuras como Hernando Téllez ou León de Greiff, que já vinham de experiências decisivas no cenário cultural colombiano; aliadas a importantes personalidades da literatura internacional como Alfonso Reyes, Jorge Luís Borges, Vicente Aleixandre ou Luis Cardoza y Aragón, para citar apenas alguns nomes dos que a apoiaram principalmente desde seu comitê patrocinador, comprovam este fecundo encontro geracional, cuja nômima de jovens representantes intelectuais era composta por nomes como Andrés Holguín, Héctor Rojas Herazo ou Marta Traba, para exemplificar. Não podemos deixar de ver nessa articulação intelectual um proveitoso resultado do talento político-literário do grupo liderado por Gaitán Durán, ainda corroborando a ideia de que o trabalho de *Mito* pode ser lido como uma espécie de ajuste histórico em prol da modernização cultural no país a que convergiram pensamentos de diferentes princípios e inclinações, inclusive se pensarmos tal ajuste sob uma óptica pragmática (e até mesmo cética em relação ao protagonismo da revista) como a do crítico francês Jacques Gilard (2005, p. 29) ao encará-lo como resultado de um “contexto que era de reflexión sobre qué y cómo reconstruir” após o derrubamento social vivido pelo país desde o fim dos anos 40.

No que diz respeito aos condicionamentos históricos internos ao país, e que deles nos servimos inicialmente para melhor compreender de que maneira *Mito* configura o imaginário político-cultural de sua época de atuação, apoiamo-nos principalmente em três temas inter-relacionados: o bipartidarismo político entre liberais e conservadores como uma das principais bases conflitivas; a persistência do fenômeno social de *la Violencia* cujo estampido do *Bogotazo* pode ser visto como um marco divisor na história política do país; e os processos totalitários que geraram os períodos de ditaduras civil e militar e que foram o contexto imediato do surgimento da revista. Esses motivos, pela forma como *Mito* os discute e neles procura intervir direta ou indiretamente, propondo e estabelecendo aquilo que seus idealizadores entendiam como práxis intelectual, servem para nos ajudar a sustentar uma abordagem política sobre a publicação, sem deixar de procurar analisar como se deram as

relações com a literatura, o cinema, a filosofia, o teatro e demais manifestações de âmbito cultural.

Uma primeira constatação que podemos notar em função do imaginário político proposto por *Mito* é a de que em suas páginas o bipartidarismo político assumiu contornos pautados na busca de uma tolerância diante de convicções ideológicas não convergentes, ou inclusive oposicionistas, entre seus colaboradores ou realizadores. A solução encontrada por *Mito* diante da divergência política de seus realizadores nos parece no mínimo estratégica. Em seu texto publicado em *Mito*, “La comedia de las contradicciones liberales”, em forma de carta crítica à revista, Jorge Child (1956, p. 196) afirma “que en la dirección de MITO hay representantes de todas las tendencias: dos conservadores, un liberal de centro y un hombre suelto a quienes ‘los comunistas llaman reaccionario y viceversa’”⁵, e apesar da arbitrariedade desta classificação que foi comentada pelos próprios diretores, sabemos que aponta para o fato reconhecido das diferenças políticas entre Jorge Gaitán Durán, Hernando Valencia Goelkel, Pedro Gómez Valderrama e Eduardo Cote Lamus, responsáveis pela revista na época. A convivência ideológica encontrada por seus realizadores, seja dentro do próprio grupo, seja na publicação inclusive de textos detratores como a própria carta de Child, nos parece, sem dúvida, um bivalente exemplo de postura conciliadora diante de tantos casos de contradições políticas que predominavam no país há décadas. De acordo com as palavras de Gutiérrez Girardot (2005):

La revista no se adhirió a una determinada ideología ni a determinados intereses y vanidades políticas. Sus colaboradores eran de todos los colores, si así cabe decir: de izquierda, de conservatismo provinciano, de liberalismo moderado, apolíticos. La calidad y la honradez intelectual eran el único mandamiento y el lazo humano que los unía. En un país de enemigas facciones políticas esto era una lección de moral ciudadana y nacional. Esta fue la sustancia que silenciosamente impulsó a los colaboradores a “conquistar, merecer la patria”, como dijo Alfonso Reyes sobre la esencia del patriotismo auténtico.

Mas a nova relação com a pátria, mencionada por Gutiérrez Girardot 50 anos depois de lançado o primeiro número de *Mito*⁶, em abril de 1955 ainda estava sendo dada em seus primeiros passos, e a resistência do povo à transição de uma Colômbia alicerçada em características retrógradas, remanescentes do século XIX (Estado - Igreja - economia agrária),

⁵ **Mito - revista bimestral de cultura**, Bogotá, Nº 9, p. 195-205, ago.-set. 1956.

⁶ O texto “*Mito*: asomo nacional a la modernidad” foi publicado em abril de 2005 na seção “Lecturas” do jornal *El Tiempo*.

para uma Colômbia moderna, laica e industrializada, era muito grande. A própria Igreja Católica, por exemplo, que no decorrer dos séculos XIX e XX havia se aproximado ideologicamente do partido conservador, não mediu esforços belicosos em suas palavras⁷ para questionar as mudanças empreendidas pelo governo liberal de Alfonso López Pumarejo através da reforma constitucional de 1936, ao tentar laicizar um pouco o Estado garantindo a liberdade de cultos e procurando desvincular a educação pública da alçada da religião católica. Alguns anos depois, em 1955, a revista *Mito*, numa clara ação revisora do opressivo poder que a moral católica imprimia sobre os colombianos, e, de alguma forma servindo-se dessa primeira abertura laica dos anos 30, causaria certo escândalo nos meios literários do país ao publicar como texto inicial da revista⁸ o “Diálogo entre un sacerdote y un moribundo”, de Sade, tocando habilmente numa ferida exposta da tradição cultural do país e atentando para a contemporaneidade do escritor francês. A publicação desse texto quase custou o registro editorial da revista junto ao *Ministerio de Gobierno*, que por sua vez, aplicou uma multa alegando que *Mito* havia lesado o sentimento católico (GÓMEZ, 2013, p. 39).

Uma interessante e fundamental questão que deve também aqui ser mencionada é que Colômbia atravessou, após a Segunda Guerra Mundial, por profundas mudanças econômicas geradas pela produção cafeeicultora que alcançou níveis nunca antes vistos. Segundo Darío Mesa (1957), em seu texto publicado em *Mito* (Nº 13) chamado “Treinta años de nuestra historia”, períodos de prosperidade econômica como esse permitiram o desenvolvimento modernizante da indústria do país, mas o impacto dessas mudanças na sociedade colombiana restringiu-se em provocar a abertura de um massivo êxodo rural e consequente crescimento populacional dos principais centros urbanos, agora necessitados de mão de obra para a indústria que crescia. Os desentendimentos e contradições políticas da época são assim referidos por Darío Mesa (1957, p. 61):

La contradicción entre el país agrario y semicolonial y la nación moderna y predominantemente burguesa empezaba a llegar al clímax (...). Todo demandaba cambio, todo; pero la clase dirigente que, entre tanto, resistía a la ofensiva de las masas, no llegaba a ponerse de acuerdo sobre el alcance de las reformas. (...).

⁷ Como é possível ler na carta pastoral dirigida ao presidente da república pelo arcebispo primado de Bogotá, assinada em conjunto com demais bispos do país quando da aprovação das reformas constitucionais de 1936: “Hacemos constar que nosotros y nuestro Clero no hemos provocado la lucha religiosa sino que hemos procurado mantener la paz de las conciencias aún a costa de grandes sacrificios; pero si el Congreso insiste en plantearnos el problema religioso, lo afrontaremos decididamente y defenderemos nuestra fe y la fe de nuestro pueblo a costa de toda clase de sacrificios, con la gracia de Dios (...).” Apud MEJÍA, 1997, p. 157-158.

⁸ *Mito – revista bimestral de cultura*, Bogotá, Nº 1, p. 11-19, abr.-maio 1955.

(...) Lo que se veía en la superficie, no obstante, era la lucha de los partidos tradicionales por el control del Estado. (...). El espíritu de partido, determinado por la predominancia de los grupos burocráticos y por la fuerza de caudillos que no percibían claramente el cambio estructural de la nación y trataban, por eso, de someterla a esquemas más cercanos a la organización medioeval que al capitalismo, impedía frecuentemente su vinculación (...). Los “odios heredados” se apoyaban en las vastas regiones donde la agricultura y, en parte, la sociedad, permanecen al nivel del siglo XVI.

De fato, como podemos notar através das páginas da revista, a prosperidade econômica⁹ não foi conhecida pelos camponeses que seguiram submetidos a sistemas de arrendamento da terra baseados em relações desiguais de beneficiamento pela produção agrícola, em sua maioria voltada para o mercado externo. Tãmanha desigualdade em que os grandes proprietários (*terratenientes*) exploravam cada vez mais os arrendatários, se num primeiro momento nos anos 20 desencadeou o surgimento de ligas agrárias que se manifestavam através de greves por melhores salários ou melhores contratos de arrendamento, sem questionar a propriedade da terra, já num etapa posterior, durante os anos 30 e 40, muitos camponeses que haviam migrado às cidades para trabalhar na indústria ou em obras públicas retornam ao campo levando experiências de organização sindical e espíritos de luta reivindicativa, agravando os conflitos por melhores condições de trabalho, ao mesmo tempo em que surgindo os questionamentos pela propriedade da terra.

Se levamos em consideração que em 1938 a população urbana era de 31%, em 1951 de 39%, alcançando o patamar de 52% somente em 1964¹⁰, temos assim uma dimensão do tamanho da massa rural que compunha a maior parte da população colombiana em 1946, ano decisivo para o surgimento de *la Violencia*, e que nos leva a concordar com as seguintes palavras do colombiano David Bushnell (2000, p. 283):

Existen, por lo tanto, buenas razones para considerar la hereditaria rivalidad partidista entre liberales y conservadores como la causa principal de la *Violencia*. Los sucesos políticos habían desencadenado el proceso y las rivalidades políticas lo mantenían vigente. Pero la dramática intensidad de la competencia entre los partidos colombianos habría sido impensable si el nivel de desarrollo rural en términos sociales y económicos hubiera sido más alto. Solamente un campesinado semianalfabeto y con las más imprecisas ideas sobre lo que ocurría en el país se

⁹ De acordo com Orlando Fals Borda, a suposta prosperidade agrícola chegada nos anos 40 e 50 com a difusão de tratores e outros equipamentos trouxe em realidade nova dificuldade não planejada: a falta de recursos e condições técnicas para a manutenção de máquinas e motores importados como soluções rápidas para a melhoria da produtividade no campo. Borda, Orlando Fals. Experimentos agro-sociológicos colombianos, **Mito - revista bimestral de cultura**, Bogotá, Nº 18, p. 465-487, fev.-mar.-abr. 1958.

¹⁰ OCAMPO, José Antonio. (editor). **Historia económica de Colombia**. Bogotá, 1987, p. 259 (tabela), apud BUSHNELL, 2000, p. 285.

habría dejado convencer de que los miembros del partido contrario estaban aliados con el diablo (...).

Um caso exemplar desse baixo nível de desenvolvimento social, sobretudo no campo, encontramos mais tarde nas páginas de *Mito* e sua visível busca por denunciar as misérias da realidade social colombiana, através de publicações de textos que, ainda que reconhecidamente acessíveis somente às minorias intelectuais do país, alcançaram definitivas marcas em sua linha editorial. As seções “Testimonios” ou “Documentos” trouxeram pequenos escândalos com textos revelando as consequências de uma educação repressora aliada a situações econômicas precárias, tratando de temas como crise no matrimônio, condições desumanas nos presídios ou repressão ao homossexualismo. Mas o que causou certamente maior impacto foi o texto de Humberto Salamanca Alba (1957), “Historia de un matrimonio campesino”¹¹, que acompanhado de impressionantes fotos trouxe o caso de jovem casal de trabalhadores rurais em que o marido costurava a vagina da esposa com arame farpado com medo que ela o traísse. Fatos como esse servem para exemplificar as difíceis condições sociais a que estavam submetidos os colombianos quando do surgimento da revista, e que advinham de estados de misérias herdados pelo povo por décadas.

Depois das eleições de 1946, Jorge Eliécer Gaitán havia se convertido na grande liderança liberal e logrado a unificação do partido em torno a seu nome. Sua atuação populista nesse período que antecedeu a seu assassinato em 1948 foi marcada por intensas denúncias e manifestações contra a violência que se alastrou pelo país depois da vitória de Ospina Pérez na eleição presidencial. Porta-voz do descontentamento da grande massa diante do aumento dos custos de vida e dos inúmeros casos de violência, um de seus mais célebres discursos, “La Oración por la Paz”, mais tarde também publicado na íntegra pela revista *Mito*¹², ocorreu durante a chamada “Marcha del Silencio”, em 7 de fevereiro de 1948, quando milhares de liberais com bandeiras enlutadas caminharam em silêncio pelas ruas do centro de Bogotá,

¹¹ Entregue em duas partes, uma no N° 15, p. 201-224, ago.-set. 1957; e outra no N° 17, p. 352-377, dez. 1957 – jan. 1958.

¹² GAITÁN, Jorge Eliécer. La Oración por la Paz, **Mito - revista bimestral de cultura**, Bogotá, N° 18, p. 497-498, fev.-mar.-abr. 1958. Nele podemos ler frases como as seguintes: “Impedid, señor presidente, la violencia. Solo os pedimos la defensa de la vida humana, que es lo menos que puede pedir un pueblo. En vez de esta ola de barbarie, podéis aprovechar nuestra capacidad laborante para beneficio del progreso de Colombia. (...). Os decimos, excelentísimo señor presidente: Bienaventurados los que no ocultan la crueldad en su corazón, los que entienden que las palabras de concordia y de paz no deben servir para ocultar los sentimientos de rencor y de exterminio. Malaventurados los que en el gobierno ocultan tras la bondad de las palabras, la impiedad contra los hombres de su pueblo, porque ellos serán señalados con el dedo de la ignominia en las páginas de la historia”.

numa clara e poderosa demonstração da capacidade de Gaitán em reunir multidões atrás de suas ideias.

No dia 30 de março de 1948 teve início em Bogotá a *IX Conferencia Panamericana*, reunião de líderes políticos dos países do continente americano para discutir ideias e princípios do pan-americanismo e cuja mais conhecida decisão foi a assinatura da *Carta de la Organización de los Estados Americanos*, tratado que criou a OEA. Aconselhado pelo líder conservador Laureano Gómez, presidente da conferência, Ospina Pérez não convidou Gaitán para dela participar, o que gerou um grande mal-estar entre a população liberal. Em 9 de abril de 1948, ao sair do edifício onde possuía escritório de advocacia no centro de Bogotá, Gaitán caiu morto ao receber os disparos de revólver de um fanático, iniciando imediatamente distúrbios pelas ruas da cidade. A turba enfurecida, após conseguir pegar o assassino, começou o linchamento, arrastando-o pela rua em direção ao palácio presidencial, numa das primeiras manifestações conflitivas do que ficou internacionalmente conhecido como *Bogotazo*.

Numa tentativa de orientar a população que agia sem organização durante os distúrbios, alguns intelectuais de diferentes tendências políticas (liberais, socialistas, comunistas, opositoras ao governo) ocuparam emissoras de rádio, difundindo proclamas que tentavam criar juntas revolucionárias populares para tomarem o poder de maneira ordenada. O caso mais famoso e controverso foi o da tomada da Radiodifusora Nacional, órgão pertencente ao governo, da qual participaram intelectuais como Jorge Zalamea, Gerardo Molina (então reitor da Universidad Nacional), o jovem Jorge Gaitán Durán, além de estudantes e outros rebeldes, os quais ficaram conhecidos como os “*radioamotinados*”. Evidentemente buscando relevar a participação do fundador da revista num episódio importante da história de Colômbia, *Mito* reproduz em seu N° 18 (fev.-mar.-abr. de 1958, p. 494-496, e que havia sido publicado originalmente no semanário *La Calle*) o testemunho de Gaitán Durán sobre o caso, intitulado “Diez años después”:

(...) Cuando llegué, el personal de la Radio Nacional estaba aterrado y comenzaba a huír. Fue así como unos pocos estudiantes y yo quedamos dueños de la más importante radiodifusora del país, sin disparar un tiro. (...). Durante cierto tiempo intentamos poner en marcha aparatos que desconocíamos. Cuando lo logramos, ya la Radio Nacional estaba llena de individuos con inconfundible aspecto de hampones, con quienes tuvimos que sostener una empeñosa lucha por la posesión de los micrófonos. Comunicados absurdos y discursos imbéciles se sucedieron vertiginosamente. Esta situación duró hasta la llegada de Jorge Zalamea, a quien de manera tan ignominiosa se ha calumniado por su comportamiento de ese día. Fue el único que tuvo la lucidez y la autoridad suficientes para proponer un programa insurreccional concreto y un poco de orden. Desde el primer momento Zalamea vio con entera claridad que nuestro objetivo era derribar el gobierno y no incitar al saqueo, al incendio, al asesinato, en fin, a una anarquía inútil. Su actitud contó con

mi apoyo. (...). Pudieron más que nuestras voces, perdidas en esa confusión terrible, la miseria y la ignorancia de nuestro pueblo, siempre desesperado y ese día además justamente colérico.

Como ele próprio afirmou nesse mesmo texto, Gaitán Durán nunca foi gaitanista e justifica suas ações como “*radioamotinado*” por meio de uma “conducta espontánea” movida por “una indignación juvenil y poderosa”. Essa atualização e recontextualização do tema de *la Violencia* publicada nas páginas de uma mesma edição de *Mito* (a de Nº 18, ainda que sob a forma de notas em suas últimas páginas), tanto através do discurso de Jorge Eliécer Gaitán como do texto de Gaitán Durán, servem para exemplificar o hábil recurso político adotado para o posicionamento da revista diante da candidatura de Alberto Lleras e o começo dos governos da Frente Nacional em 1958, já que junto a tais textos também foram publicadas as notas de Gómez Valderrama (apoando abertamente o movimento da Frente) e de Gaitán Durán (apoando com ressalvas céticas). *Mito* assim legitimava a necessidade conciliadora da Frente Nacional ao rememorar o *Bogotazo* e o duro processo de violência e intolerância atravessado pelos colombianos nos últimos dez anos, demonstrando uma mudança da postura distanciada do partidarismo em seus primeiros números para uma postura que se aproximava de uma estreiteza partidária, ainda que sob a forma híbrida de uma conciliação forçada e desesperada entre liberais e conservadores que foi o surgimento da Frente Nacional, fato a que nos dedicaremos com cuidado mais adiante neste trabalho.

Em 1948, a presença da *IX Conferencia Panamericana* fez com que a crise corresse o risco de tomar proporções internacionais. Diante de visível embaraço e numa tentativa de manter as aparências ante a opinião internacional, o governo colombiano começou a divulgar que os incidentes haviam sido causados por motivação comunista vinda do exterior¹³, provavelmente com apoio de liberais colombianos de tendências esquerdistas. Apesar disso, em nenhum momento ficou comprovada a responsabilidade de organizações comunistas pelo assassinato do líder liberal, fato que não convenceu a direita colombiana, que, a partir desse dia, passou a estimular ainda mais os ódios partidaristas.¹⁴

¹³ O fato é que teve início nessa época uma verdadeira caça aos comunistas no continente, um dos maiores reflexos da Guerra Fria, e que proporcionou injustas perseguições a alguns intelectuais, como, por exemplo, no caso que se passava em Colômbia, a que ocorreu ao escritor Luis Cardoza y Aragón, acusado de ser um dos responsáveis pela revolta, pelo simples fato de ser delegado representante na conferência do governo progressista de Jacobo Arbenz. Um dos maiores acusadores do poeta guatemalteco foi Enrique Santos Montejo, “Calibán”, que em sua coluna “Danza de las Horas” no jornal *El Tiempo* atribuiu a ele a missão de matar a George Marshall. Apud MÁRQUEZ, Gabriel García. **Vivir para contarla**. (3ª ed.). Buenos Aires: Sudamericana, 2002. p. 355.

¹⁴ Mais tarde, quando se divulgou que Fidel Castro esteve presente em Bogotá durante aqueles dias, a teoria de conspiração comunista tomou força. Mas, como se sabe, o na época jovem estudante cubano de 21 anos ainda

Após o fechamento do Congresso Nacional em novembro de 1949 por Ospina Pérez, foi declarado estado de sítio no país, situação de privações de direitos cuja implicação mais conhecida foi o estabelecimento da censura à imprensa e à radiodifusão. O estado de sítio permaneceu vigente ininterruptamente durante o fim do mandato de Pérez, todo o mandato de Laureano Gómez (e, por conseguinte, o de Urdaneta Arbeláez), alcançando o início do governo de Rojas Pinilla. Este período de supressão sistemática de garantias constitucionais e repressões políticas e sociais poderia nos levar a afirmar que Colômbia viveu até o fim do governo militar de Pinilla baixo sistemas de ditaduras civil e militar (BUSHNELL, 2000), condições de restrições democráticas que influenciaram diretamente o discurso reivindicador das liberdades de expressão assumido por *Mito* durante seus dois primeiros anos que coincidiram com os dois finais do general Pinilla.

Se durante o governo de Pérez ocorreram tentativas (ainda que efêmeras) de diálogo entre os partidos (como os dois momentos de colaboração administrativa), já no governo de Laureano Gómez a intransigência política alcançou níveis extremos:

Con un movimiento sindical deshecho, con una persecución que se refinaba a medida que la policía y el ejército se iban conformando con copartidarios y se depuraban de contrarios, Gómez, desde el poder emprendió sus sueños corporativistas tantas veces deseados y prosiguió la persecución y eliminación de sus contrarios a los cuales englobó dentro de una misma categoría: comunistas, masones, o liberales.¹⁵

Em muitas regiões do país, além da violência política partidarista, conflitos armados se generalizaram devido a disputas agrárias de diversas índoles, a lutas pelo controle de estruturas locais de poder, vinganças ou aos denominados “*bandolerismos*”. A desintegração social em muitas áreas do país contou com a organização de grupos armados guerrilheiros de inspiração liberal e comunista, como os do sul do estado de Tolima e os dos Llanos Orientales.¹⁶ Poucos anos depois, na entrega N° 25 (jun.-jul. 1959), a revista *Mito* publicou a pesquisa de opinião “La responsabilidad de los intelectuales ante la violencia”, e dentre os

não era comunista e havia ido a Bogotá como delegado de um congresso estudantil que, ainda que contrário à conferência, não chegava a provocar uma conspiração. Apud Arturo Alape (1994, p. 370-375).

¹⁵ (MEJÍA, 1997, p. 166). O caso de Jorge Zalamea e seu periódico *Crítica*, como veremos adiante neste estudo, enquadrou-se nesta “categoria” como um dos mais conhecidos exemplos de perseguição e patrulhamento ideológico.

¹⁶ Mais tarde, em 1964, o sul de Tolima e o norte do Valle del Cauca serão os berços das Farc (Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia), como uma evidente consequência da ininterrupta luta armada na região em torno de questões territoriais indígenas e de direitos políticos pelos camponeses, conflitos tais que se prolongaram desde os inícios do período de *la Violencia*. A história de luta de seu fundador Manuel Marulanda Vélez, conhecido como Tirofijo, exemplifica um resultado direto deste processo de guerrilha revolucionária marxista.

textos encontra-se o de Juan Lozano y Lozano (1959), “Guerrilleros y bandoleros”, que reconta um elucidativo diálogo ocorrido entre o ex-presidente liberal Alfonso López, que havia aceitado o convite do governo para viajar aos Llanos para averiguar as condições de pacificação, e o então designado conservador Urdaneta Arbeláez, que esperava seu informe, diálogo este em que podemos ver as diferentes perspectivas políticas com que eram tratados os conflitos armados:

“Qué dicen los bandoleros?”, le preguntó Urdaneta (...). “Yo no se qué digan los bandoleros”, contestó López, “ni los conozco; ni, de conocerlos, me prestaría a hablar con ellos; ni los gobiernos pueden enviar embajadas ante los bandoleros. Si a usted le interesa saber lo que piensan los guerrilleros, pasaré a informarle”.¹⁷

Após o golpe de Estado levado a cabo pelo general Rojas Pinilla em junho de 1953, este conseguiu dar significativos passos em torno da amenização da violência no começo de seu governo, sendo a anistia aos guerrilheiros liberais dos Llanos Orientales seu maior êxito político nesse sentido, ainda que opiniões como a de Jorge Gaitán Durán procuraram enxergar a questão sob outra ótica, como a expressa no “Diálogo sobre las guerrillas del Llano” entre Gaitán Durán e o ex-guerrilheiro Eduardo Franco Isaza no N° 15 da revista *Mito* (ago.-set. 1957, p. 199-200):

Considero que no se ha comprendido la importancia de las guerrillas en la vida nacional. Las guerrillas del Llano ‘pudrieron’ la dictadura neciamente reaccionaria antes del 13 de junio de 1953, como luego las del Tolima ‘pudrieron’ la dictadura militar. En ambos casos significaron – digámoslo así – una llaga, que no permitió la estabilización en el país de los regímenes de fuerza. Aunque ello *asombre* a nuestros dirigentes, la violencia defensiva de las guerrillas abrió el camino a la cooperación de nuestros dos partidos tradicionales, al demostrar que una minoría no podía gobernar por la fuerza.¹⁸

Mesmo assim, a campanha ideológica de Pinilla foi considerada pela maioria da opinião pública como um resultado satisfatório, sendo comentada pelo historiador Gonzalo Sánchez (1989, p. 153-154) da seguinte maneira:

Laureano Gómez, que había hecho del terror una línea de gobierno, había tomado el camino del exilio, dejando acéfala, sin coherencia y a la defensiva su corriente partidaria. En contraste con el lenguaje de guerra de los años anteriores, el país fue inundado con un lenguaje de reconciliación, preconizado a cada paso por el presidente, y reafirmado sistemáticamente por los directorios políticos, los gremios,

¹⁷ LOZANO, Juan Lozano y. Guerrilleros y bandoleros, **Mito - revista bimestral de cultura**, Bogotá, N° 25, p. 41, fev.-mar.-abr. 1958.

¹⁸ *Mito* dará certo destaque às “guerrillas llaneras” em suas publicações, como veremos no item 2.1.3 do capítulo III desta dissertação.

la Iglesia y la prensa. Los alzados en armas, tratados antes como criminales y bandoleros, eran reconocidos ahora como fuerzas rebeldes y beligerantes con las cuales era por lo menos concebible negociar. La memoria de los caudillos era sustituida por el recurso a la herencia común del Bolívarismo y la tradición cristiana. A los símbolos sectarios de azul y rojo, se superponía ahora la bandera nacional; “la patria por encima de los partidos”, era el eslogan de la nueva época que se prometía.

Mas as controvérsias acerca de suas medidas administrativas não demoraram muito para emergirem. A natureza cada vez mais rígida de seu regime começou a gerar certo desconforto nos partidos, ainda mais depois de declarar o Partido Comunista ilegal por motivos de resistências armadas de partidários e simpatizantes camponeses em algumas regiões que foram consideradas como “zonas de guerra”. A anistia aos guerrilheiros liberais não ocorreu com os comunistas e o recrudescimento de *la Violencia* se deu diante de crescentes ações arbitrárias do governo.

Em abril e maio de 1955, meses em que se deu o começo da publicação de *Mito - revista bimestral de cultura*, a situação política em Colômbia era muito difícil. Como já dissemos no início deste capítulo, nos primeiros meses de sua existência (a partir de agosto) *Mito* já se deparou com os danos à liberdade de imprensa ocorridos pela suspensão dos principais jornais do país em 1955. A revista se pronunciou em notas sobre o assunto em duas ocasiões: a primeira intitulada “Libertad de expresión” no N° 4 (out.-nov. 1955, p. 275); e a segunda sob o título “Libertad de expresión (II)” no N° 5 (dez. 1955-jan. 1956, p. 381), sendo ambas publicadas novamente em seu N° 13 (mar.-abr.-maio 1957, p. 3) na compilação que *Mito* fez de textos sobre este tema, denominado “‘Mito’ y las libertades” (p. 1-9). Tais pronunciamentos, ainda que breves, não deixaram de também evidenciar uma gradual perda do controle governamental do presidente Rojas Pinilla que, com o crescimento da oposição à sua administração, passou a ser denominado como ditador. A recusa de muitos grupos guerrilheiros em aceitar sua oferta de paz acabou desatando um enfurecimento do general Pinilla, e suas operações de combate afetaram milhares de inocentes, assim selando a sorte de sua presidência que descumpria sua maior promessa: a de justamente terminar com *la Violencia*, que naquelas alturas já ia com o assustador número de cerca de 200 mil mortos.

Assim, como pudemos notar através dessa breve incursão inicial por exemplos da maneira como *Mito* buscou discutir os acontecimentos políticos de sua época e dos diretamente anteriores, não apenas por meio de uma reflexão passiva ou contemplativa da história e suas implicações, mas, sobretudo, por meio de uma postura engajada com a realidade sociocultural colombiana, frontal em seus posicionamentos e de característica participativa, tal forma de atuação nos permite procurar compreender os aportes intelectuais à cultura do país também a

partir de uma abordagem que discuta “política” e “cultura” de forma integrada e interdependente. Para isso, trataremos de analisar tanto o modo como a própria revista se estruturou sintaticamente, a forma como equacionou sua organização editorial, os espaços nos quais circulou – pensando assim os possíveis alcances e limitações de sua atuação política –; tanto enquanto projeto midiático que também contou com uma casa editorial e inclusive programa radiofônico; além de, claro, buscar analisar os discursos de seus realizadores e colaboradores através dos variados gêneros textuais que conformaram a típica polifonia de vozes intrínseca a uma revista nos moldes de *Mito*.

Mas antes de adentrarmos nesse exame pormenorizado mediante a proposta de observação sistemática acima sugerida, procuraremos discutir alguns fundamentais conceitos como “cultura”, “política”, “cultura política” e “política cultural”, e que seguramente podem nos colaborar no preciso uso de ferramentas de análise da revista sob a perspectiva que propomos.

1.2 – Entre a cultura política e a política cultural

Em um já célebre e bastante referenciado texto escrito por Beatriz Sarlo, “Intelectuales y revistas: razones de una práctica”, a intelectual argentina, reconhecida por seu trabalho na revista *Punto de Vista*, emite uma frase axiomática: “‘Publiquemos una revista’ quiere decir ‘hagamos política cultural’” (SARLO, 1992, p. 9). Para justificar tal premissa, acrescenta:

Entre todas las modalidades de intervención cultural, la revista pone el acento sobre lo público, imaginado como espacio de alineamiento y conflicto. Su tiempo es, por eso, el presente. Aunque luego la historia pueda desmentirlo, las revistas no se planean para alcanzar el reconocimiento futuro (positiva fatalidad que puede sucederles) sino para la escucha contemporánea.

E no final do texto, emite seu parecer acerca do tipo de leitura crítica mais adequada a uma revista (ibid., p. 15):

Resistiéndose a una perspectiva crítica formalista, las revistas parecen objetos más adecuados a la lectura socio-histórica: son un lugar y una organización de discursos¹⁹ diferentes, un mapa de las relaciones intelectuales, con sus clivajes de edad e ideologías, una red de comunicación entre la dimensión cultural y la política.

¹⁹ Das palavras de Beatriz Sarlo acima vemos como é possível depreender a ideia de uma revista como um “lugar” de discursos, por isso que se faz importante esclarecermos de antemão que nossa proposta de abordagem à revista *Mito* não pretende realizar uma análise de discurso nos moldes linguísticos, que se ocupe de tecer

Ao definir o tempo de uma revista como o “presente”, Sarlo nos chama a atenção para uma característica fundamental de uma revista literária ou cultural como registro contemporâneo de um momento da cultura. E aqui nos caberia complementar que a noção de “contemporaneidade” pode ser ainda melhor compreendida se a tomarmos não em seu sentido apenas cronológico, mas antes através daquela ideia trabalhada por Giorgio Agamben (2011, p.18) (a partir de Nietzsche) de inadequação, defasagem ou até mesmo anacronismo, baseada numa relação com o próprio tempo de simultânea adesão e distanciamento: “Quienes coinciden de una manera demasiado plena con la época, quienes concuerdan perfectamente con ella, no son contemporáneos ya que, por esta precisa razón, no consiguen verla, no pueden mantener su mirada fija en ella”. Nesse sentido, e trazendo tal definição para o caso de *Mito*, a contemporaneidade da revista poderia ser atestada pelo fato de ter dedicado atenções a publicar o Marquês de Sade, como já o citamos anteriormente, e seu uso político ao confrontar com a moral rigorosamente católica do país; mas talvez o exemplo que melhor demonstre a agudeza de espírito de Gaitán Durán e grupo em relação a esta sensibilidade com a sua época tenha sido o de encontrar em uma figura sólida e profundamente coerente com a sua leitura da cultura colombiana e da cultura ocidental, como se pode perceber pelo trabalho literário e político do longevo Baldomero Sanín Cano, ainda vivo durante os primeiros números de *Mito*, como grande modelo intelectual para a revista.²⁰

A associação entre cultura e política, como vimos nas palavras de Sarlo, aqui merece alguns comentários. Primeiramente, a noção de “cultura” que nos interessa provém de uma concepção de influência williamsiana que a identifica com os modos que uma comunidade ou indivíduo respondem às suas necessidades simbólicas, considerando para isso as práticas culturais e os instrumentos desse processo, e que configuram um estado de espírito ou comportamento coletivo. Teixeira Coelho (1997, p. 103-104), ao reconhecer dois diferentes ângulos de abordagem a tal noção, como o seriam um “idealista”, “que vê no termo cultura o índice de um espírito formador global da vida individual e coletiva a manifestar-se numa

observações sobre a linguagem, interlocutores ou aspectos constitutivos da significação, mas por outro lado tampouco deixaremos de tratar os discursos envolvidos sem levar em consideração o que a própria Análise de Discurso, enquanto disciplina, neles considera como de natureza social e, portanto, ideológica. Nesse sentido, procuraremos relevar possíveis contribuições dessa disciplina ao tomarmos o conceito de discurso como um lugar social em que nele interferem e com ele diretamente se relacionam as condições de sua produção. Para este esclarecimento nos referimos a ORLANDI, Eni P.. **Análise de discurso** – Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012.

²⁰ Sobre a influência de Sanín Cano como modelo precursor de *Mito*, ver o texto de Campuzano (2010).

variedade de comportamentos e atos sociais”, e outro “materialista”, “que considera a cultura – em todos os seus aspectos, incluindo os relacionados a todos os *media* e construções intelectuais – como reflexo de um universo social mais amplo e determinante”, mostra que uma tendência dominante nas últimas décadas seria uma composição entre esses dois modos de entendimento: “(...) as várias manifestações culturais não são determinadas de modo absoluto por uma ordem social global patente (...), mas são elementos decisivos na definição daquela ordem”. Nossa intenção aqui é buscar seguir com uma leitura de *Mito* que melhor se adequa a essa tendência, pois, ao que nos parece, seria a mais aproximada da ideia de “cultura” entendida pela revista colombiana: a *Mito* mostrou-se necessária uma abertura à “ordem global” com o intuito de possibilitar discutir em um mesmo nível os temas próprios da conjuntura cultural interna a que se encontrava inserida – e que seus realizadores os julgaram como essenciais –, e assim poder, numa instância contemporânea, participar na “definição daquela ordem”.

Ainda que em seus números *Mito* não tenha especificamente se ocupado de refletir sobre aquilo que a revista anunciava como o seu campo de atuação, a saber, o da cultura em si, o imaginário apresentado de forma horizontal abria-se para uma compreensão da sua noção como um amplo espectro de manifestações às quais a revista procurou manter-se ocupada. Vejamos o que constatavam, por exemplo, Hernando Valencia Goelkel e Jorge Gaitán Durán, ao contemplarem os seis anos de *Mito* (Nº 36, mai.-jun. 1961, p. 404), acerca de seu papel na cultura nacional:

Creemos que MITO ha representado un papel no desdeñable en la cultura del país. En primer término, contribuyó de manera efectiva a suscitar entre minorías denominadas intelectuales – escritores, investigadores, estudiantes, profesionales – un real interés por ciertas manifestaciones de la cultura contemporánea. Muchos de nuestros primeros lectores se encontraron con un repertorio de ideas, con una serie de nombres que les eran más o menos desconocidos, y MITO representó una invitación para que accedieran directamente a la lectura, a la reflexión sobre estas ideas y estos escritores.

Para mais adiante afirmar a amplitude de suas preocupações (ibidem, p. 404-405):

No dudamos de que MITO deba ser una revista más viva, más acorde con la ingente problemática de este decenio decisivo en la historia humana. Nos preocuparemos con mayor intensidad por las complejas relaciones entre economía, política, vida social y cultura; y ciertamente por los tristes datos de la realidad colombiana. Pero seguiremos prestándoles apasionada atención a la filosofía, la literatura y el arte de nuestros días, y a sus fascinantes luchas con la tradición. Continuaremos rechazando el dilema bizantino: *Estética o Política*, pretexto para innumerables imposturas.

As palavras acima daqueles que foram os principais fundadores da revista, após seis anos de experiência, nos parecem mais maduras e seguras de seu papel como revista bimestral de cultura, ainda que já desde o primeiro aniversário possamos encontrar referências à “precaria condición de la cultura en Colombia” (Nº 6, fev.-mar. 1956, p. 478); assim como, ao concluírem seus primeiros três anos de atividades (Nº 18, fev.-mar.-abr. 1958, p. 389), afirmarem²¹ suas origens inter-relacionando questões políticas com culturais:

Basta recordar que MITO no surgió apenas como reacción contra una dictadura que desde el primer momento nos pareció deleznable, sino también como signo del malestar de algunos escritores ante el conformismo de la cultura colombiana y, en general, de nuestra sociedad.

Em seus ensaios e textos críticos, Gaitán Durán tampouco se ocupou com uma discussão conceitual sobre a noção de “cultura”. Dentre alguns textos e entrevistas publicados em jornais ou outras revistas, nos quais podemos encontrar referências à questão, gostaríamos de destacar um em que ele discorre sobre a “amplificación horizontal de la cultura” valorizada pela juventude de então, durante uma entrevista concedida a Fernán Torres León em 1959²²:

[F. T. L.] ¿No se te ocurre que con esta amplificación horizontal de la cultura, se haya perdido la dimensión vertical; o, en otros términos, que al examinar demasiados y muy complejos problemas a la vez, no pueda dominárseles como una especialización adecuada lo permitiría?

[J. G. D.] – No, porque esa es, precisamente, la tarea de la filosofía. Las personas cultas o, si queremos, los intelectuales son especialistas en ideas generales. Una de las grandes cosas modernas es permitir que la especialización conviva con las síntesis. El cine, que es el arte típico de nuestra época, tiene en su interior todo lo que informa la cultura: sociología, psicología, física, literatura, pintura, música, etc. El investigador, el especialista, es un hombre a quien la historia contemporánea lleva a la plaza pública, al periódico, a la revista, que se incorpora activamente a los grandes movimientos sociales, políticos, éticos, con todo fervor y la inteligencia que ha cultivado pacientemente, sin limitarse a un recinto cerrado en perspectivas e ideas. (...).

²¹ Aos dois nomes anteriores, agora se soma o de Pedro Gómez Valderrama também assinando o texto em questão.

²² ““El país está saliendo del feudalismo”, opina el escritor Jorge Gaitán Durán”, publicado em 5 de abril de 1959, p. 3, em *Lecturas dominicales* de *El Tiempo*. Apud DURÁN; GÓMEZ, 2004, p. 189-190.

Nessas palavras do idealizador de *Mito* podemos perceber como seu entendimento de “cultura”, além da ampla abrangência de áreas e manifestações do conhecimento, passava também pela necessidade dos intelectuais, transformadores do mundo, serem “especialistas en ideas generales” e como esse especialista “es un hombre a quien la historia contemporánea lleva a la plaza pública, al periódico, a la revista”, participando ativamente dos “movimientos sociales, políticos, éticos”, ou seja, dos acontecimentos da realidade e do experienciar seus fatos de maneira ativa, prática, em oposição a uma restrição da inteligência a “un recinto cerrado en perspectivas e ideas”. Era evidente como Gaitán Durán havia encontrado na proposta de engajamento de Jean-Paul Sartre uma forma coerente de atuar no contexto político-cultural colombiano. Já na conhecida apresentação que o escritor francês havia publicado no primeiro número de *Les Temps Modernes* em 1945²³, texto que serviu de plataforma de lançamento não somente para a revista, mas também para a proposta de literatura engajada, era possível de se encontrar ideias como as que seguem:

(...) en prenant parti dans la singularité de notre époque, nous rejoignons finalement l'éternel et c'est notre tâche d'écrivain que de faire entrevoir les valeurs d'éternité qui sont impliquées dans ces débats sociaux ou politiques. (...).

(...) Aussi, à propos des événements politiques et sociaux qui viennent, notre revue prendra position en chaque cas. Elle ne le fera pas politiquement, c'est-à-dire qu'elle ne servira aucun parti; mais elle s'efforcera de dégager la conception de l'homme dont s'inspireront les thèses en présence et elle donnera son avis conformément à la conception qu'elle soutient. (...).

E que se somadas a frases de enorme efeito como: “Tel est l'homme que nous concevons: homme total. Totalement engagé et totalement libre.”, ou “(...) l'époque s'exprime dans et par les personnes et (...) les personnes se choisissent dans et par leur époque”, também presentes nesse texto de Sartre, apontam para uma poderosa proximidade entre os momentos históricos da França em 1945 após anos de guerra e de Colômbia e os conflitos de *la Violencia* vigentes ainda em 1955. Além disso, interessante ainda ressaltarmos como os discursos em ambas as revistas inter-relacionam política e cultura através de uma visão pautada na dupla orientação, ou, se preferirmos, no direcionamento em “mão dupla” entre “manifestações culturais” e “ordem social” (COELHO, 1997), necessidade de uma revista e sociedade, indivíduo e época histórica.

Sobre a ideia de “historicidade” implicada em tais discursos, valeria a pena apoiar-nos, para sua melhor compreensão enquanto orientação para nosso estudo, no aspecto de

²³ “Présentation”, publicada em 1 de outubro de 1945.

indissociabilidade que ela traz da noção de “acontecimentos” e das relações de força entre eles, tendo em vista a estreiteza de vinculação entre os termos “acontecimento” e “política”. Michel Foucault (2003, p. 5), ao discorrer sobre a oposição suscitada a partir dos conceitos de “estrutura” e “acontecimento”, atenta para o fato de que “O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros”, assim justificando “o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas”. Pois bem, pautar uma leitura histórica resultante de confrontos entre tipos de “acontecimentos” diferentes e muitas vezes inclusive oposicionistas, e assim estabelecer uma composição sustentada pela trama genealógica de “relações de forças”, seria, pelo nosso modo de ver, justamente ratificar a existência de um interior comum a conceitos como os de “historicidade”, de “acontecimento” e de “política”, pois, como veremos mais adiante, ao tratarmos de “forças”, de “poder”, estamos tratando de “política”. Uma análise histórica, nesse sentido, portanto, seria necessariamente uma análise política:

A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem “sentido”, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. (Ibid., p. 5).

Analisar uma revista como *Mito* a partir de uma abordagem sócio-histórica que leve em consideração as relações de “poder” presentes na “historicidade”, assim nos estabelece a oportunidade de discutir não somente os acontecimentos políticos da época a que coube à revista pertencer, mas, sobretudo, discutir a maneira que lhe coube intervir na configuração do “imaginário político” colombiano ao se incorporar ativamente aos acontecimentos da época. Daí a importância da nossa problemática nesse estudo levar em consideração a revista não como fonte histórica, mas sim como objeto histórico que procurou participar politicamente no interior “das lutas, das estratégias, das táticas”.

Tudo isso que brevemente apontamos nos parágrafos anteriores nos leva a pensar a atividade cultural de *Mito* como algo inseparável de sua atividade política. Voltando a Sarlo (2005, p. 87), quando ela sugere a proximidade da influência de Raymond Williams e a fundação da revista *Punto de Vista*, cita a observação de Stuart Hall acerca das ideias de Williams concluindo que “quando o entendemos bem, a distinção entre política e cultura foi irrelevante, no sentido em que ambas integram um *continuum* material, ideológico e institucional e ambas

operam com eficácia em territórios que se entrecruzam.”. Atuando dentro desse “*continuum*”, nos parece significativo ressaltar que *Mito* se ocupou extensamente de temas que evidentemente se estabeleciam nesse entremeio político-cultural, como, para citar apenas alguns exemplos, os casos concernentes à religião (a entrevista com o futuro padre guerrilheiro Camilo Torres – Nº 12; a “radiografia” da *Opus Dei* – Nº 16); à educação (a participação dos estudantes na queda de Rojas Pinilla – Nº 13; o veto sobre o trabalho de Gerardo Molina na Universidad Libre – Nº 10); à violência (os debates em torno do livro *Las guerrillas del Llano*, de Eduardo Franco Isaza – Nº 3 e Nº 15; as responsabilidades dos intelectuais ante a violência – Nº 25); à sexualidade (os textos de Sade – Nº 1 e Nº 17; de Georges Bataille – Nº 27-28; o informe Kinsey – Nº 3 e Nº 7; o relato “A história clínica de um homossexual” – Nº 22-23); ou à liberdade de expressão, tema a que *Mito* esteve constantemente atenta (o número extraordinário “Libertades totales” publicado em 10 de maio de 1957; a reaparição dos jornais *El Tiempo* e *El Siglo* também em 1957 – Nº 13; as restrições democráticas na Venezuela – Nº 16 e – Nº 17; a censura francesa aos periódicos – entre eles à revista *Les Temps Modernes* – pelos artigos sobre a guerra na Argélia – Nº 17; a prisão do escritor espanhol Luis Goytisolo – Nº 27-28 e Nº 29).

Uma fundamental questão que surge por meio da constatação dessa perspectiva de atuação de *Mito* e que nos parece também necessário aqui esclarecer, diz respeito a um aspecto das concepções de “cultura” e de “política”, de certa forma predominante entre os responsáveis pela revista, ligado à consciência de uma “cultura política”, tanto naquilo que cabe às práticas institucionais através de atividades de cargos de representação na vida pública, quanto no que interessa às práticas de relacionamento humano dentro do próprio grupo. Assim, conforme afirma Teixeira Coelho (ibid., p. 119)²⁴, “cultura política” se refere ao “conjunto de ideias, crenças (efeitos de discurso) e práticas (efeitos de mundo) que organizam o relacionamento entre pessoas no interior de um grupo”, reconhecendo que, num sentido mais estrito:

Compõem essa *cultura* os conhecimentos desse grupo sobre as instituições, a prática política e as forças políticas; as tendências diante desse universo, como cinismo, rigidez, dogmatismo, tolerância; e as normas como direitos e deveres diante dos assuntos públicos, aceitação das decisões da maioria, cumprimento das leis.²⁵

²⁴ Cf. BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 306.

²⁵ E uma importante noção derivada do sentido de “cultura política” e que também aqui nos interessa, ainda de acordo com Coelho (ibidem), seria o de uma representação ou “imaginário político” “formado por imagens (dinâmicas, simbólicas e afetivas) universais e invariantes no gênero humano e por versões dessas imagens derivadas da inserção do ser humano em culturas localizadas”, sendo que “o objetivo final desse imaginário é promover o equilíbrio social do grupo”.

Como já dissemos anteriormente, apesar das divergências ideológicas presentes entre os principais atuantes no comitê de direção da revista, sobressaiu-se uma tolerância nos relacionamentos profissionais e de amizade entre eles que seguramente poderíamos associar à presença de uma consciência de “cultura política” como provedora e reguladora do bom andamento da empresa cultural. Além disso, outro fato expressivo que também cabe aqui mencionar, é que aqueles que atuaram como membros mais representativos do que hoje se convencionou chamar como grupo de *Mito*, a partir da experiência iniciadora de publicação da revista, com maior ou menor intensidade, aproximaram-se da vida político-administrativa nacional²⁶, dessa maneira dando sequência a uma “tradição” bastante arraigada em Colômbia ao longo de sua história como nação: a do intelectual que atua profissionalmente como político.

Ao discorrer sobre a vasta definição de “política”, Norberto Bobbio (1998, p. 954), além de identificá-la em sua concepção moderna para indicar o conjunto de atividades que tem como referência o Estado, procura mostrar o quanto a ideia de “política” enquanto práxis humana está estreitamente ligada ao conceito de “poder”. Entendendo a definição de “poder” recorrida por Bobbio a partir de Russel, como o “conjunto dos meios que permitem alcançar os efeitos desejados”, nos interessaria verificar por meio desse estudo o quanto a publicação de uma revista com as características de *Mito* baseia sua atuação transitando habilmente entre as três grandes classes de “poder” apontadas por Bobbio (ibidem): “poder econômico” (aquele que se vale da posse de determinados bens para influenciar o comportamento daqueles que não os possuem); “poder ideológico” (baseado na influência que ideias exercem sobre a conduta de certo grupo, em dependência com os modos e as circunstâncias em que são formuladas, os processos pelos quais são difundidas e a autoridade daquele que as formula); e “poder político” (enquanto uso da força, condição necessária mas não suficiente para sua existência, e que nos interessaria em seu possível cruzamento com o “poder ideológico” através da força da

²⁶ Dentre os participantes da revista, Eduardo Cote Lamus foi Cônsul, Congressista, Secretário de Educação do departamento de Norte de Santander, Senador e Governador do Norte de Santander; Jorge Gaitán Durán participou do Movimiento Revolucionario Liberal – MRL e tentou se eleger como Congressista; Pedro Gómez Valderrama foi Conselheiro de Estado, Ministro de Governo e de Educação, Embaixador na Organização de Estados Americanos – OEA, na Espanha e na antiga URSS; Rafael Gutiérrez Girardot foi adido cultural da embaixada na Alemanha e trabalhou no Ministério de Relaciones Exteriores em Bogotá; Jorge Eliécer Ruiz foi subdiretor de Colcultura, Secretário geral do Ministério da Educação, consultor da Unesco e das Nações Unidas, conselheiro cultural dos Presidentes Belisario Betancur e Virgilio Barco; Hernando Valencia Goelkel foi também conselheiro do Presidente Betancur e diretor de Colcultura.

palavra, coativo, e não da força física). Assim, nos parece fundamental ter em vista o quanto as dinâmicas sociais e culturais envolvidas nas órbitas que entrecruzam as compreensões de “política” e “poder” nos contribuirão para uma eficaz abordagem investigativa da revista colombiana.

Para finalizar esta breve introdução aos conceitos que articulam “política” e “cultura” envolvidos em nossa pesquisa, retornemos à premissa de Beatriz Sarlo invocada no primeiro parágrafo: o de que publicar uma revista é fazer “política cultural”. O entendimento do que realmente seja fazer “política cultural”, no caso de um projeto privado como o de *Mito*, que se estrutura basicamente na publicação da revista bimestral, mas que também inclui a proposta de casa editorial para a publicação de livros e de radiodifusão de programa semanal, apresenta o desafio de se extraviar da noção mais comumente corrente que associa “política cultural” com funções de políticas de Estado. Porém, obviamente guardadas as devidas proporções e alcances, compreender o Projeto *Mito* a partir do que nele há de legado literário, mas extrapolando o que literariamente (sobretudo o que diz respeito ao “poético”) já vem sendo amplamente analisado pela crítica colombiana e procurar expandir tal entendimento às esferas “cultural” e “política” de modo mais abrangente – como sugere o ponto de vista de “política cultural” – até mesmo pela significância historiográfica que *Mito* tem alcançado dentro da compreensão sobre a modernização cultural do país, pode constituir um aporte aos estudos sobre a revista e, conseqüentemente, sobre a discussão da formação do cânone literário colombiano.

Recorrendo, por exemplo, ao que Néstor García Canclini (1997, p. 89) lança como discussão sobre as ondas de modernização na América Latina durante o século XX, parece-nos interessante a constatação de que, no momento em que ele pensa a questão, isto é, final dos anos 80, “a modernização da cultura para elites e para massas vá ficando nas mãos da iniciativa privada”, e que o Estado se ocupe do tradicional em termos culturais:

Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de rédito simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem “não interessada” de sua expansão econômica.

Ainda que *Mito*, entre os anos 50 e 60, tenha sido um empreendimento particular, como podemos constatar pelas afirmações do próprio Gaitán Durán em programas da Radio-revista

Mito ou nas páginas da própria revista impressa, ele esteve longe de proporcionar lucro²⁷. Muito pelo contrário, como sabemos, a “empresa” *Mito* antes teve que contar constantemente com o suporte financeiro de Gaitán Durán, cujo fato de a revista e livros serem impressos na gráfica Antares de propriedade familiar seria só uma forma de exemplificar o que havia de mecenato envolvido. Os motivos para que *Mito* contasse com tal respaldo econômico residiam, como se nota pelas declarações em questão, nas dificuldades para conseguirem vender os espaços publicitários suficientes para bancarem a produção da revista, obstáculos que, segundo o próprio Gaitán Durán, derivavam da “independência” de *Mito* e sua não submissão ao mercado editorial.²⁸

Sobre o mecenato como um paradigma político de ação cultural, o próprio Canclini (1987, p. 30), ao fazer um balanço latino-americano sobre as políticas culturais, assim conclui:

Puede pensarse, desde una concepción actual de lo que deben ser las políticas culturales, que el mecenazgo no llega a serlo porque no se organiza en relación con las necesidades colectivas. Suele reducirse a la alta cultura y no pretende fijar estrategias globales para resolver los problemas del desarrollo cultural. Sin embargo, consideramos al mecenazgo una forma de política cultural porque ha servido y sirve en varios países para normar las relaciones en este campo, distribuir fondos importantes, establecer líneas prioritarias de crecimiento y desestimar otras.

Interessante que mais tarde, no início dos anos 90, Rafael Gutiérrez Girardot (1991, p. 3), ao analisar algumas importantes revistas colombianas da virada do século XIX para o século XX como a *Revista Gris*, *Contemporánea* e *La Gruta*, traça uma comparação entre as funções do mecenato e as de uma revista, encontrando em comum o fato de ambos buscarem garantir uma maneira de se publicar e de se alcançar leitores, mas com um importante diferencial sob as condições implicadas pelo crescente sistema capitalista que adentrava no novo século:

²⁷ Num dos pouquíssimos registros ainda existentes dos programas semanais da Radio-revista *Mito*, levados ao ar durante o decorrer do ano de 1957 pela emissora H.J.C.K. de Bogotá, pudemos escutar o diálogo entre Gaitán Durán e Cote Lamus sobre os propósitos de *Mito* e, dentre alguns temas tratados, Durán comenta sobre os “problemas de orden material” cuja falta de apoios por meio de propaganda faziam com que cada número se tornasse “un verdadero parto, un parto difícil”. (H.J.C.K., 1957a). Além disso, também podemos encontrar referências sobre as dificuldades materiais da revista nas suas próprias páginas, como, por exemplo, nos Nº 3, p. 202; ou Nº 24, p. 423. Outra referência aos problemas financeiros da revista está em Pedro Cote (1990, p. 198) ao afirmar: “*Mito* llevaba ya siete años de vida, costaba mucho dinero y por causas que no es del caso mencionar en este momento, sus pautas publicitarias no pagaban la revista”.

²⁸ No mesmo diálogo citado na nota anterior, Gaitán Durán também afirma que *Mito* tem uma “venta extraordinaria”, que a falta de apoio impede que a revista siga com questionamentos contínuos e que possa “proyectarlos en la vida nacional”, e que em relação à independência de *Mito*, “nosotros aceptamos las consecuencias”.

Lo que fueron los mecenas, esto es, garantía de publicación y de público, lo fueron las revistas: garantía de publicación y de público. La diferencia entre la época del mecenazgo y la de sus sustitutos, como las revistas, consiste en que el escritor favorecido por el mecenazgo, aunque además se vendiera, era mercancía política, ornamento del poder, en tanto que el del capitalismo tenía que acogerse a las leyes del mercado, y, en los países hispánicos principalmente, ser su propio mecenas o crear una “empresa” como la revista.

A ideia de tomar as revistas como substitutas dos mecenas a partir de uma visão histórico-cultural, parece assim também colaborar para uma discussão que associe, ainda que sob um aspecto de superação (SANDOVAL, p. 382), a publicação de uma revista com uma nova forma de se fazer mecenato. Além do que apontamos acima do que houve de aporte estrutural por parte de Gaitán Durán para possibilitar a continuidade da “empresa”, de acordo com o raciocínio de Gutiérrez Girardot, a própria existência de uma revista em si já propiciaria uma função equivalente a de um mecenas, reforçando ainda mais a noção que aqui procuramos trazer de que junto a *Mito* se mostra pertinente contemplar o mecenato como questão a ser observada.²⁹

Portanto, se considerarmos a concepção de “política cultural” (COELHO, 1997) como um programa de intervenções no âmbito da cultura cujo objetivo primordial seria o de satisfazer as necessidades culturais e estimular o desenvolvimento das representações simbólicas de uma população, o mecenato de *Mito* – enquanto subtipo do que Teixeira Coelho denomina como “políticas de liberalismo cultural”, ou seja, modo ideológico de “política cultural” desprovido de um modelo único de representação simbólica e que tampouco delimita ao Estado a função de promover a cultura – poderia ser enquadrado num entendimento de “política cultural” cuja maior motivação seria a da difusão cultural, baseada “no pressuposto de que existe um núcleo cultural positivo, de importância superior para uma comunidade e de âmbito restrito, que deve ser compartilhado pelo maior número de pessoas na qualidade de receptores ou apreciadores.” (ibidem, p. 294).

O pressuposto da existência de “um núcleo cultural positivo” também serve de sustentáculo para a compreensão de uma revista como instrumento de mediação cultural, atuante nos entremeios político-culturais como elemento moderador de intervenção pública, situando-se

²⁹ Outra questão importante que também deriva do raciocínio de Gutiérrez Girardot se refere a uma possível relação existente entre o “escritor favorecido por el mecenazgo” como “mercancía política, ornamento del poder” e o escritor que passa a submeter seus escritos a uma revista, reforçando também a necessidade de uma discussão acerca dos poderes político e simbólico acumulados por uma revista ao longo de sua existência, algo que analisaremos no último capítulo deste estudo.

entre campos de tensões que dizem respeito à promoção da cultura tanto pelo Estado quanto pela iniciativa privada. Sobre esse papel mediador, por exemplo, Moraña (2003, p. 68) afirma que uma revista:

(...) actúa en la zona de contacto entre políticas culturales hegemónicas y proyectos alternativos, entre creación artística y grupos receptores, entre el sector intelectual o académico y el lector que es introducido al producto cultural a través de la interpretación o la selección que la publicación le presenta (...).

Constatação que chama a atenção, no caso de *Mito*, para o que poderia ser interpretado como uma forma de desafio ao processo de política cultural hegemônica, que nas circunstâncias de seu surgimento e durante seus primeiros anos como publicação, significava chocar de frente com os programas da administração totalitária de Rojas Pinilla, apoiados num ideal patriótico, voltado para o estímulo à cultura popular e às novas tecnologias, mas baseado na aliança entre o Exército e a Igreja, cujo programa sócio-econômico de moldes assistencialistas era identificado como “movimiento cristiano nacionalista”.³⁰ Em termos comparativos, a proposta de discussão sobre “cultura” lançada por *Mito*, ainda que nivelada por um ideal de alta cultura, poderia ser hoje interpretada como algo muito mais próximo do que se reconhece como “política cultural” do que aquilo que propunha o Estado na época do aparecimento da revista, principalmente se levarmos em consideração que ela procurou, dentro de seus alcances, conduzir uma reorganização dos parâmetros estético-ideológicos vigentes no país; tratou de filtrar produtos culturais legitimando determinadas preferências em detrimento de outras ou até mesmo excluindo ou invisibilizando certas formas de produção cultural; difundiu determinados valores morais ou sociais tomados como referenciais do mundo moderno; ou, por meio de operações críticas e ideológicas, autenticou interpretações políticas acerca da realidade contemporânea que se opunham diretamente a uma visão histórica tradicionalista.

Ainda que tenhamos consciência de que em nenhum momento tenha sido apresentada propriamente uma proposta ou projeto explícito de “política cultural” por parte dos responsáveis pela revista durante a sua publicação, dentro de um ambiente cultural defasado como se apresentava o colombiano de meados dos anos 50, características moderadoras de *Mito* como as anteriores colaboram para que proponhamos uma leitura crítica que inclua

³⁰ Um exemplo de publicação oficial notoriamente defasada que atravessou os governos conservadores desde 1947, e que ainda era mantida em 1955, foi as *Hojas de cultura popular colombiana*, dirigida por Jorge Luis Arango sob auspícios da *Dirección de Información y Propaganda* da *Presidencia de la República*.

discussões sobre perspectivas de “política cultural” nesse estudo. Tais perspectivas ganhariam ainda mais força se levássemos em consideração que, após o fim de *Mito*, alguns de seus ex-responsáveis atuariam diretamente no âmbito cultural oficial ao assumirem cargos político-administrativos junto ao Estado nos anos 60 e 70.

2 – Mitologia literária colombiana

Uma importante discussão que surge a partir das proposições conceituais acima discorridas diz respeito aos alcances do discurso político-cultural da revista – se observados sob a ótica da preocupação da formação canônica da literatura colombiana nas últimas décadas –, discurso que, segundo a nossa hipótese, constituiu-se como um estratégico elemento propiciador de uma corrente crítica e histórica que toma as contribuições culturais da revista *Mito* e da produção literária de seus realizadores (principalmente a poética) como base remodeladora de um novo perfil de escritor e de intelectual no país, mais acorde com as dinâmicas sociais e culturais que Colômbia atravessa, sobretudo, na segunda metade do século XX. Discussão tal permeada por acalorados conflitos dentro de sua crítica literária e historiográfica, onde também encontramos uma linha de leituras oposicionistas ao processo consagrador de *Mito*.

As constatações com que nos deparamos através do andamento desta pesquisa nos leva inicialmente a propor a busca de uma identificação dos principais argumentos de tal discussão, de ordem canônica, levando em consideração os movimentos e contribuições das diferentes leituras críticas empreendidas no decorrer dos anos até o momento, pautando-nos nas devidas atenções sobre as possíveis estratégias de juízo crítico por parte de ambas correntes, pró e contra *Mito*: a que propõe o estabelecimento do “Grupo de *Mito*” e sua produção intelectual como divisor de águas dentro da literatura colombiana, e a que prefere questionar se tal produção de fato merece tamanho destaque.

2.1 – Repassando a fortuna crítica

Consideravelmente ampla e de certa forma repetitiva, alcançando em alguns momentos inclusive os perigos do lugar comum, a fortuna crítica em torno da revista *Mito* que aqui

passaremos a observar recobre um período de praticamente 50 anos, tomando cronologicamente como início a publicação em 1964 (apenas dois anos após o último número da revista) da antologia poética de Fernando Arbeláez, *Panorama de la nueva poesía colombiana*, e como referência mais recente a publicação do livro de perfil biográfico, *Jorge Gaitán Durán – un mar que se ignora*, de Maurício Ramírez Gómez, datado de 2013. Esta abordagem evolutiva não inclui os textos dos chamados “destratores de *Mito*” (POLO, 2010) publicados pela própria revista durante o decorrer de suas entregas, tendo em vista que eles serão observados e referidos no decorrer desta dissertação enquanto relevantes às características editoriais da revista, assim como pelo fato de já terem sido significativamente analisados pelo próprio Polo. Ainda que seja possível reconhecer que o movimento de tolerância opinativa levado a cabo pela revista, ao publicar textos que a desmereciam ou a denigriam política e literariamente³¹, tenha contribuído para o começo de uma discussão em torno dos seus reais valores e contribuições culturais (assim como os textos de seus editores em comemoração aos aniversários da revista ao longo dos anos), para os fins preliminares desta leitura diacrônica que propomos tais textos não serão considerados pelo simples motivo de que aqui nos dedicaremos acima de tudo ao juízo crítico temporalmente posterior ao término de sua publicação. Somamos ainda a essa consideração inicial a consciência de que aqui estamos longe de querer realizar um estudo aprofundado dessa vasta bibliografia produzida durante quase meio século, ou de querer identificar e esgotar todas as fontes contribuidoras para esta discussão.

Como mencionamos logo acima, uma das primeiras referências dentro dessa fortuna crítica após o fim de *Mito* se deu com a publicação do poeta Fernando Arbeláez (1964), ex-colaborador da revista, de seu livro de antologia *Panorama de la nueva poesía colombiana*, por meio da *Ediciones del Ministerio de Educación*. Interessante que já desde essa seleção literária inicial, seguramente uma das primeiras a elencar em conjunto os escritores ligados à revista³², os resultados literários de *Mito* tenham sido observados enquanto contribuições à

³¹ Ver os textos, enviados à *Mito* sob forma de cartas, de Darío Mesa, “*Mito*, revista de las clases moribundas” (Nº 4, p. 281-297); de Jorge Child Vélez, “La comedia de las contradicciones liberales” (Nº 9, p. 195-205); de Darío Ruíz Gómez, “¿Es neutral el sexo?” (Nº 34, p. 225-227); e de Bernardo Carreño Varela, “Contra los Intelectuales” (Nº 36, p. 394-397), ainda que este último não tenha se dirigido especificamente contra *Mito*, mas sim contra os intelectuais de uma forma geral (inclusive os da revista).

³² BORDA (2008, p. 234) identifica o trabalho editorial, a partir de 1963, impulsionado por Pedro Gómez Valderrama quando Ministro da Educação, que publicou essa antologia e outras obras de Eduardo Cote Lamus (*Estoraques*), de Fernando Charry Lara (*Los adioses*), de Rogélio Echavarría (*El transeúnte*) e do próprio Fernando Arbeláez (*Canto llano*), como “prolongación natural, en la esfera oficial, de lo aparecido en la revista y en la idea que la animaba”.

poética das letras colombianas, fato que ajuda a instaurar um intenso tipo de abordagem aos trabalhos literários resultantes dos escritores de *Mito* que levou o pesquisador Carlos Rivas Polo (2010) a retomar o questionamento de se, ao longo dos anos, isso simplesmente não havia se convertido num secular e interminável caso de “hipertrofia lírica” dentro da crítica literária do país³³. Ao lado da obra de Eduardo Camacho Guizado (1966), *Itinerario de las letras colombianas*, que traça um percurso histórico da literatura colombiana sem se ater especificamente à produção poética de seus escritores, mas visivelmente dando destaque, por exemplo, no caso do capítulo “La poesía de hoy”, somente à poesia de escritores que estiveram ligados à *Mito* (Fernando Charry Lara, Álvaro Mutis, Jorge Gaitán Durán e Eduardo Cote Lamus), ambas publicações conformam o que poderíamos considerar como primeiros movimentos consagradores, ainda nos anos 60, dos escritores vinculados à *Mito*.

Mas a primeira grande atenção voltada especificamente à revista *Mito* se deu somente 13 anos depois de terminada a publicação periódica, com a seleção de textos organizada pelo então diretor da revista colombiana *Eco* em 1975, Juan Gustavo Cobo Borda, sob o título de *Mito, 1955-1962 – selección de textos*, iniciando assim a série “Las Revistas” dentro da “Colección autores nacionales” do Instituto Colombiano de Cultura (Colcultura). Tomamos a edição desta seleção como o mais importante movimento de juízo crítico inaugurador, enquanto publicação, do que aqui estamos identificando como corrente historiográfica literária pró-*Mito*, pois nela não somente está o resultado da escolha de textos considerados exemplares pelo critério de Cobo Borda³⁴, acrescidos de uma elucidativa cronologia da revista com indicações dos principais textos de cada número, das mudanças no “comité patrocinador” (conselho editorial), de trechos importantes de alguns textos, assim como dos livros publicados pela Ediciones *Mito*; mas também porque nesta edição Cobo Borda (1975) publica como prólogo seu ensaio “Lectura de *Mito*”, primeira versão de um texto que o autor voltaria a publicar mais tarde, com acréscimos e alterações, em outras ocasiões como em seu livro de 1987, *Poesía colombiana, 1880-1980*, e *Historia de la poesía colombiana – siglo XX*, de 2003, e que podemos considerá-lo como de fundamental relevância dentro do processo de reconhecimento e legitimação da revista liderada por Jorge Gaitán Durán. Se ainda levarmos em conta as inúmeras referências entusiastas a *Mito* que Cobo Borda prosseguiu emitindo por

³³ Recordemos que, só para citar dois exemplos de críticos identificados com *Mito*, podemos encontrar referências a tal constatação em Hernando Téllez (*Diario*, 1946) ou em Juan Gustavo Cobo Borda (*Mito, 1955-1962, Selección de Textos*, 1975).

³⁴ São 29 textos de 21 escritores, praticamente todos colombianos, compostos por poemas, diários, ensaios, notas, crônica, testemunhos, carta e narrativa.

meio de sua obra ensaística ou através de suas conferências e palestras³⁵, dessa forma ele poderia ser visto como um preservador daquilo que ele mesmo se refere como “a ideia que animava a revista *Mito*”.

Curiosamente, dois anos depois do lançamento da seleção organizada por Cobo Borda, e inclusive motivado em analisar o trabalho realizado pelo próprio Instituto Colombiano de Cultura e sua “Biblioteca Básica Colombiana”, surge um ensaio extremamente rigoroso em suas duras críticas de ordem político-ideológica à revista e principalmente a Jorge Gaitán Durán: trata-se do texto de Álvaro Medina (1977), ““Mito”, una revista de la burguesía”, publicado em *Estudios Marxistas - Revista Colombiana de Estudios Sociales* Nº 14 em 1977. Num ensaio de certa forma ignorado (ou desconhecido) dentro das inúmeras referências às quais tivemos contato, inclusive nas mais exaustivas como as de Sandoval (2006) e Polo (2010), a partir de uma visão política leninista Medina busca “desmascarar” a postura independente e rebelde de Gaitán Durán enquanto líder do grupo ligado à revista, mostrando-o como um defensor da burguesia colombiana em detrimento do que o autor do texto considera como verdadeiramente revolucionário: o apoio ao proletariado, algo que Medina faz questão de demonstrar através de uma leitura bastante pertinente dentro de seu raciocínio e visão políticos de esquerda. Ainda que visivelmente datado e sectário, consideramos esse texto como de fundamental importância por nos servir de contrapeso crítico ao lado das já aqui mencionadas cartas dos detratores publicadas na própria *Mito* e, sobretudo, do “demolidor” artigo de Jacques Gilard a que nos referiremos logo adiante. Dentre as colocações de Medina que nos interessam está a ideia de que, ao se tornar idoneamente uma grande realização literária respaldada por indiscutíveis valores, a revista tenha servido para “conformar una ‘clase’ dirigente intelectual y manipular a través de ella la ‘cultura’ (...)” (1977, p. 84).

Encerrando o conjunto de principais referências bibliográficas à revista ainda durante os anos 70, encontramos a *Antología crítica de la poesía colombiana 1874-1974*, organizada e publicada em 1979 pelo também ex-colaborador de *Mito*, Andrés Holguín (1979), obra que, além de selecionar significativos poemas e poetas do que Holguín chama indistintamente de “la generación de *Mito*”, não se preocupa em tecer observações sobre a revista. A outra referência, *Momentos y opciones de la poesía en Colombia 1890-1978*, livro de Jaime Mejía Duque de 1979, também se ocupou basicamente de analisar a produção lírica dos escritores

³⁵ Ver, por exemplo, o texto (BORDA, 2010) “¿Hemos leído a *Mito*?”, proferido como ato inaugural do XXVI Congreso Nacional de Lingüística, Literatura y Semiótica, ocorrido entre 22 e 24 de setembro de 2010 na Escuela de Idiomas da Universidad Industrial de Santander.

pertencentes à revista (Gaitán Durán, Cote Lamus, Álvaro Mutis, Rogelio Echavarría e Jorge Eliécer Ruiz), com a diferença, muito bem observada por Polo (2010, p. 33), de que Mejía Duque acerta em seu “Esquema teórico” inicial ao discutir o anacronismo entre a sociedade colombiana e sua relação com a Europa através de uma “temporalidad vivida” e uma “temporalidad ilusoria”, assim como no campo social Mejía Duque identifica o potencial lírico proporcionado pela violência no país. Mas, de acordo com Polo (2010, p. 33), tais conclusões não chegam a ser consideradas além do que havia sido produzido em termos de poesia pelo “grupo de *Mito*”, deixando Mejía Duque de lado “la posibilidad de encontrar en los materiales publicados por *Mito* un real y efectivo autocuestionamiento al proverbial anacronismo colombiano”.

Adentrando os anos 80, em nosso parecer foi no decorrer desta década que surgiram as mais decisivas contribuições para o estabelecimento canônico dos escritores de *Mito* no interior da literatura colombiana. Exemplo maior talvez seja a do importante ensaio ‘La literatura colombiana en el siglo XX’, de Rafael Gutiérrez Girardot (2011)³⁶, um dos mentores da revista, ainda que sua participação efetiva nunca tenha se dado em termos editoriais ou administrativos, mas sempre como colaborador com artigos e traduções. O texto a que nos referimos, publicado no final dos anos 70 como integrante do tomo III do *Manual de Historia de Colombia*, tornou-se referência fundamental para discutir a literatura do país sob uma ótica de renovação de um juízo crítico predominantemente grandiloquente e aristocrático, cuja figura mais representativa seria, conforme Gutiérrez Girardot, Guillermo Valencia e sua herança de glórias poéticas. Articulado de maneira exemplar, o raciocínio de Gutiérrez Girardot percorre os principais momentos da história literária colombiana ultrapassando meras divisões geracionais e vinculando-os habilmente com fatos políticos, servindo-se para isso de uma visão dotada de pragmatismo e alguma ironia cáustica. Em sua revisão, ele propõe quase que estrategicamente um percurso literário que, apenas para exemplificar, ao mesmo tempo que por um lado busca a confirmação do humanismo de um Baldomero Sanín Cano como a de um verdadeiro “Maestro”, por outro não mede palavras para avaliar a obra de Germán Arciniegas dentro de uma trivialização da história e da sociologia, conduzindo esse percurso pela primeira metade do século até culminar com a publicação de *Mito*. Para Gutiérrez Girardot (2011, p. 145), “La fundación de la revista *Mito* en 1955 significó un salto

³⁶ Para a elaboração das observações aqui consideradas foi utilizada a seguinte edição: GIRARDOT, Rafael Gutiérrez. La literatura colombiana en el siglo XX. In: _____. **Ensayos sobre literatura colombiana I**. Medellín: Unaula, 2011. p. 80-89. (Série Tierra Baldía). A primeira publicação deste estudo se deu no Tomo III do *Manual de Historia de Colombia*, organizado em 1979 por Jaime Jaramillo Uribe.

en la historia cultural de Colombia”, pois “*Mito* concluye el ciclo de la literatura colombiana del medio siglo en el sentido de que la clarifica y coloca el peso del pasado en la lejanía y abre las puertas a la voluntad del futuro.” (2011, p. 147). Junto a seu texto “*Mito*: asomo nacional a la modernidad” (GIRARDOT, 2005), publicado no caderno “Lecturas” do jornal *El Tiempo* em 2005 (pouco antes de seu falecimento no ano que marcou meio século do início da revista), temos um lúcido testemunho desse fundamental crítico.

De 1983 data o artigo de Consuelo Triviño Anzola (1983), “‘Mito’, una época en la cultura colombiana”, publicado em *Cuadernos Hispanoamericanos*, em Madri, que mesmo sem acrescentar maiores questões com sua leitura, nos chama a atenção por ter sido divulgado em um meio intelectual como o espanhol, que em seu momento contou com significativos colaboradores e incentivadores de *Mito*, como Vicente Aleixandre e José Manuel Caballero Bonald. Mais difundido foi o ensaio de Sarah de Mojica (1983), “El poeta como ensayista. Colombia: Revista Mito (1955-1962)”, publicado na revista *Eco*, e cujo grande aporte foi o de expandir o olhar crítico sobre a produção literária surgida a partir de *Mito* para além da lírica. Mojica (1983, p. 160) aponta para o fato de que “Cuando el poeta es además un ensayista, esa visión coherente de la obra lírica o de ficción puede ser complementada por un discurso que él propone como tentativo y a menudo inmerso en las contradicciones que lo rodean.”, e justifica em parte sua leitura levando em conta o fato de que “el escritor colombiano viene de una larga historia de vinculación al sistema de poder” (1983, p. 163). A questão da relação entre intelectuais e transformações sociais, que havia sido inclusive discutida nas páginas da própria *Mito* mas que até então havia sido pouco debatida pelas leituras críticas sobre a revista (com exceção da análise de Medina e com brandas pinceladas de Cobo Borda ou de Mejía Duque), ganha com Sarah de Mojica uma forte atenção, de certo modo influenciada pelas reflexões de Ángel Rama.

Um primeiro resultado derivado de pesquisa acadêmica é divulgado em 1985 com o livro de Armando Romero (1985), *Las palabras están en situación – un estudio de la poesía colombiana de 1940 a 1960*, que o autor produziu como tese na Universidade de Pittsburgh. Como o próprio título diz, o recorte da investigação dá conta do período anterior ao surgimento de *Mito* mostrando, assim, junto aos mais relevantes acontecimentos políticos do país, as principais características da poesia que antecede e de certa forma influencia a produção dos poetas da revista, chegando até o momento de sua publicação para dedicar-se a ela com maior intensidade e alguma profundidade. No capítulo intitulado “Mito”, Romero perfaz o caminho da revista seguindo com seu especial cuidado ao contexto social e político colombiano, num interessante movimento analítico que valoriza o trabalho enquanto

periódico de discussão e intervenção políticas simultâneas ao cultural e literário: “Seguir la trayectoria ideológica de *Mito* (...) conlleva la posibilidad de iluminar la génesis de todo el suceder cultural de la moderna Colombia.” (ROMERO, 1985, p. 120), perspectiva que, em nossa opinião, valoriza a abordagem do pesquisador, contribuindo para o debate acerca do discurso político-cultural da revista: “Porque *Mito* no sólo será una revista: al convertirse en centro de la actividad de un grupo de intelectuales, representará una línea de acción política que de una u otra manera incidirá sobre la República.” (ibidem). O último capítulo, “Los poetas de *Mito*”, é inteiramente voltado para a análise de poemas de Jorge Gaitán Durán, Fernando Arbeláez, Rogelio Echavarría, Eduardo Cote Lamus e Héctor Rojas Herazo.

Dois outros trabalhos dos anos 80 que merecem nossa atenção são, respectivamente, a antologia realizada por Fernando Charry Lara, *Poesía y poetas colombianos*, publicada por Procultura da Presidência da República em 1985; e o ensaio do romancista Rafael Humberto Moreno Durán, “Mito: memoria y legado de una sensibilidad”, publicado no *Boletín Cultural y Bibliográfico de la Biblioteca Luis Ángel Arango*, em 1989. Do primeiro, interessa-nos o refinado olhar poético seletivo, que com seu juízo de valor literário ratifica os agrupamentos consagratórios aqui referidos anteriormente, agora por parte daquele que foi um dos protagonistas de *Mito* e que já vinha de uma reconhecida produção poética e ensaística anteriores à revista. Já do ensaio de Moreno Durán, o interessante é o testemunho de um escritor pertencente a uma geração posterior à da revista que busca filiar-se espiritualmente ao que ele mesmo denomina como “tradición con pedigree” (1989), destacando em seu texto desde o papel sociológico de *Mito* (“el diálogo y la crítica promovidos en el contexto cultural de un país aletargado por la sordidez de la Violencia”, ou ainda “el interés que la realidad social mereció en la consideración de sus colaboradores”), assim como o êxito de a revista ter servido como ponto de confluência de várias gerações de intelectuais, de ter sido objetiva em seus enfoques críticos sobre política, além de sua atualização cultural com a contemporaneidade.

Um grande aporte à consagração intelectual de Jorge Gaitán Durán e da herança dos trabalhos da revista *Mito* se deu em 1987, quando dos 25 anos de sua morte, por meio da série de conferências e homenagens organizadas pela Casa de Poesía Silva, então dirigida por María Mercedes Carranza, em Bogotá³⁷. Durante os meses de março, abril e junho, ocorreram comunicações de Darío Jaramillo Agudelo, Hernando Valencia Goelkel, Pedro Cote Baraibar, Fernando Charry Lara e Cecilia Dupuy de Casas, cujos principais resultados foram depois

³⁷ Em outubro do ano anterior, em 1986, Pedro Cote Baraibar já havia organizado em Cúcuta uma exposição iconográfica intitulada “Cote-Gaitán, dos vidas paralelas”.

incluídos, em 1990, no livro *Textos sobre Jorge Gaitán Durán*, organizado por Ediciones Casa Silva. Dentre os textos destes eventos que mais nos interessam, está o de Pedro Cote Baraibar, “Epístolas alrededor de ‘Mito’”, estruturado a partir de cartas inéditas que Baraibar, filho de Eduardo Cote Lamus, mantinha em sua posse e que haviam sido recebidas pelo poeta de seus amigos e contemporâneos, possibilitando que entremos em contato com os pensamentos, por exemplo, do grupo responsável pela produção da revista (Valencia Goelkel, Gaitán Durán, Gutiérrez Girardot e o próprio Cote Lamus), e servindo assim para que Baraibar discorresse intimamente sobre os processos de criação da revista, como também sobre alguns fatos pessoais de alguma forma relacionados com a sua produção no decorrer de suas entregas. Outro texto, “Nuestra experiencia de ‘Mito’”, de Hernando Valencia Goelkel, nos parece indispensável por ser um relato testemunhal direto do fundador da revista ao lado de Gaitán Durán. Dele é possível extrair, através da visão que Valencia Goelkel tinha da organização de *Mito*, informações imprescindíveis acerca dos bastidores de sua produção editorial, além de também tomarmos contato com a maneira elucidativa que ele aborda suas principais características a partir de uma divisão baseada em questões de ordens sociais, políticas e literárias, sem se debruçar necessariamente sobre a poesia como o mais importante legado de *Mito*. Tal forma de abordar analiticamente seus conteúdos, objetiva e esclarecedora, em muito colabora com nosso trabalho investigativo, inclusive no sentido de fortalecer nossa própria abordagem pautada, sobretudo, em questões políticas e culturais. Por último, cabe ainda nos referirmos a um texto que, apesar de não ter sido apresentado durante os eventos de homenagem acima mencionados, foi incluído no livro *Textos sobre Jorge Gaitán Durán* lançado em seguida em 1990: trata-se de “‘La revolución invisible’ – el legado político de Jorge Gaitán Durán”, escrito por seu irmão, Eduardo Gaitán Durán, e que muito nos interessa por sua leitura crítica do importante livro em que estão expostas, dentre outras, as ideias de Gaitán Durán sobre a Frente Nacional, Alberto Lleras, reforma agrária, industrialização e o partido comunista colombiano.

Curiosamente os anos 90 concentraram poucas referências mais significativas acerca da revista, como se, depois do intenso processo canonizador da década anterior, nos últimos anos do século XX “pouco” houvesse para acrescentar em termos críticos ao já estabelecido lugar seguro de *Mito* dentro da historiografia literária. Em 1991, Ediciones Casa Silva publicou, sob organização de Óscar Torres Duque e Patricia Torres Londoño, *Historia de la poesía colombiana*, onde podemos encontrar o texto “Mito”, de autoria de Jaime García Maffla e Guillermo Alberto Arévalo. Voltado para analisar os logros de “Los poetas de *Mito*” (capítulo XII) e de sua geração, para nosso interesse sobre os alcances do discurso político-cultural da

revista, de certa forma, tal texto pouco contribui para além de se constituir como meio mantenedor do reconhecimento do legado poético de *Mito*. Já em 1996, é publicado dentro da *Gran Enciclopedia de Colombia*, editado pelo Círculo de Lectores, o ensaio de Óscar Torres Duque, “El grupo de *Mito*”, onde o crítico procura tomar em consideração aquilo que ele considera como adequada postura da revista ao se voltar para o contexto social colombiano marcado pela violência, identificando assim um novo perfil de escritor e intelectual cosmopolita que entra em choque com o pensamento tradicionalista preponderante no país: “No es incurriendo en el error partidista que *Mito* elabora su plan revisionista” (DUQUE, 1996, p. 250), chamando a atenção à ampliação desse novo perfil de intelectual alimentado pela revista: “lo que busca es, dentro de cierta tradición de autodefinición cultural – generalmente una tradición conservadora –, intentar esa autodefinición dentro de un contexto internacional y de historia universal.” (ibidem). Uma menção final às leituras sobre a revista empreendidas nos 90 é a do texto de Darío Jaramillo Agudelo, “*Mito y Eco*, dos revistas colombianas”, incluído no importante trabalho dirigido por Saúl Sosnowski, *La cultura de un siglo: América Latina en sus revistas*, publicado em 1999 na Argentina. O que desperta nosso interesse sobre esse breve ensaio, mais do que propriamente as informações de caráter histórico observadas ou as principais características de ambas revistas colombianas, é o fato de ele tratá-las em termos de continuidade editorial como “arquetipos” e “faros intelectuales” (AGUDELO, 1999, p. 389), cuja presença de Hernando Valencia Goelkel na direção de *Eco* em 1963 depois do fim de *Mito* seria uma forte evidência. Também nos parece relevante o movimento consagrador de *Mito* em âmbito internacional, levando-se em conta que ela é reconhecida como representativa no interior de um amplo panorama continental ao longo do século XX.

A partir dos anos 2000 tornou-se evidente como a revista *Mito* e sua gama enorme de questões proporcionadas ao debate crítico alcançaram em abundância os interesses investigativos acadêmicos em Colômbia. Essa constatação nos leva ainda a observar que nos últimos anos, ao mesmo tempo em que surgiram muitas leituras difusoras da memória de *Mito* e seu legado intelectual quase à exaustão, em uma constante reafirmação de seus valores, também foram produzidas análises mais aprofundadas que procuraram se debruçar sobre as páginas da revista e as consequências de sua publicação à cultura colombiana.

Antes de entrarmos a tratar de referências acadêmicas, vale mencionar o interessante número monográfico da revista *Aleph*, lançado no fim do ano 2000, e que teve como tema “Los intelectuales y el poder”. Nessa entrega, por exemplo, à guisa de apresentação está o entusiasmado texto do diretor de *Aleph*, Carlos Enrique Ruiz, intitulado “Una generación de

pensamiento libre, tras la lección de Sócrates”, em que ficamos sabendo que um importante motivo inspirador do tema para tal número havia sido justamente a experiência similar realizada por *Mito* em 1959 (Nº 25, p. 40-52) com a pesquisa “La responsabilidad de los intelectuales ante la violencia”, e que na época contou com respostas de alguns influentes nomes da intelectualidade colombiana. Assim, a revista *Aleph* repete a lição de *Mito* (que por sua vez, como veremos no próximo capítulo, a repete de periódicos anteriores), inclusive publicando, por exemplo, o mesmo texto que na ocasião Fernando Charry Lara havia escrito para *Mito*, “Ostracismo e insensibilidad”.

Também bastante exaltadoras da herança de *Mito* são as leituras empreendidas pelo jornalista da Universidad de Antioquia, Mauricio Ramírez Gómez. Aqui nos referimos ao texto de 2002, “En *Mito* comenzaron las cosas...”, publicado na revista *Folios* da Facultad de Comunicaciones dessa universidade de Medellín; do artigo de 2005, “*Mito*, comentarios acerca de una empresa de cultura”, incluído no importante dossiê realizado pela revista *Estudios de Literatura Colombiana* da mesma universidade (e do qual trataremos logo a seguir); e do livro citado no início deste nosso texto sobre a fortuna crítica de *Mito*, Jorge Gaitán Durán – *Un mar que se ignora*, publicado também pelo Editorial Universidad de Antioquia em 2013. De certa forma, se por um lado as leituras mencionadas se baseiam numa intensa pesquisa hemerográfica que muito contribui para outros pesquisadores³⁸, sobretudo no que diz respeito acerca da receptividade de *Mito* entre intelectuais colombianos e estrangeiros, sobre as relações entre dados históricos e a atuação da revista, e sobre informações biográficas de Gaitán Durán, por outro Ramírez Gómez deixa de aproveitar a grande quantidade de informações que dispõe para aprofundar numa análise crítica mais incisiva sobre determinado aspecto da revista. Mesmo assim, pela precisão de suas informações, seus textos em muito contribuem a nossa pesquisa.

Fundamentais para o nosso trabalho são as análises críticas de outro acadêmico, David Jiménez, principalmente seu livro *Poesía y canon – los poetas como críticos en la formación del canon en la poesía moderna en Colombia* (2002), ao proporcionar com essa obra uma base concreta para o debate em torno do estabelecimento dos cânones literários em obediência “a necesidades de identidad nacional y de cohesión política” (JIMÉNEZ, 2002, p. 17), e que ao mesmo tempo põe em relevo movimentos críticos (especialmente a partir do Modernismo colombiano) sem deixar de identificar algumas formas de dependência entre críticos e poetas

³⁸ Exemplo maior é o livro, por ele organizado, com textos da obra crítica, literária e periodística de Jorge Gaitán Durán, *Un solo incendio por la noche* (Bogotá: Casa de Poesía Silva, 2004. 604 p.).

com “organismos mediadores” como “academias, algunos colegios y universidades confesionales, revistas, editoriales y medios de difusión masiva” (ibidem, p. 12-13), em ocasiões se servindo deles para seus próprios fins. Ao lado desse importante trabalho de caráter historiográfico, destacamos outro do mesmo autor, ambos como suportes essenciais para qualquer leitura sobre a literatura do país: *Historia de la crítica literaria en Colombia – 1850-1950*, publicado pela Editora da Universidad Nacional de Colombia e Instituto Colombiano de Cultura em 1992. Nesse trabalho Jiménez identifica, em relação ao humanismo de Jorge Gaitán Durán e *Mito* (constatável por meio de obras como, por exemplo, *La revolución invisible*), aquilo que segundo ele constitui um paradoxo: frente ao “humanista que vive y habla de abstracciones”, a seu programa intelectual “se impone la búsqueda de ‘lo universal concreto’, insertando el hecho económico o técnico o científico en la complejidad de la vida política, social y cultural”, ao mesmo tempo que “mostrando la incesante influencia de la estructura económica en la ideológica y a la inversa” (JIMÉNEZ, 2009, p. 274). Da mesma forma, destacamos ainda o ensaio “Jorge Gaitán Durán (1924-1962)”, incluído no livro *Pensamiento colombiano del siglo XX* (Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2007), em que Jiménez analisa cuidadosamente alguns temas de ordem política presentes em escritos do fundador de *Mito* como seus *Diarios*, *La revolución invisible* e *El libertino y la revolución*.

Em 2005, ano em que completou meio século do lançamento do primeiro número de *Mito*, o professor da Universidad Nacional de Colombia, Fabio Jurado Valencia, organiza junto à editora da mesma universidade o livro *Mito: 50 años después 1955-2005: una selección de ensayos*, constituindo assim a segunda antologia de textos publicados na revista, junto ao trabalho realizado por Cobo Borda em 1975. Visivelmente priorizando textos de escritores colombianos e buscando não repetir os mesmos selecionados por Cobo Borda (apenas 4 estão presentes em ambas antologias), Jurado Valencia a organiza através apenas de ensaios (24 de 19 autores diferentes) e destaca o que de juízo crítico havia sido produzido pela revista em termos de “Crítica literaria”, “Literatura y sociedad”, “Filosofía”, “Cine”, “Teatro”, “Pintura”, “Testimonios” e “Documentos”, constituindo assim uma divisão “didática” da seleção pautada na organização das seções presentes na própria revista. Como preâmbulo, o organizador, por meio de seu texto “La revista *Mito*: irreverencia y contestación”, de alguma maneira segue em sua primeira parte a linha de apresentação da revista iniciada por Cobo Borda, destacando, por exemplo, sua heterodoxia ideológica que não impediu que a revista buscasse ser “un puente hacia la universalidad en momentos de oscuridad política y de

aislamiento cultural en Colombia” (JURADO, 2005, p. 8), para na segunda parte dessa apresentação por-se a traçar observações sobre os textos escolhidos.

Também desse mesmo ano de 2005 encontramos outra das mais importantes referências à *Mito* para nossa pesquisa: trata-se do dossiê realizado pela revista *Estudios de Literatura Colombiana* do programa de mestrado em literatura colombiana da Universidad de Antioquia. Nele estão incluídos ensaios de autores como os já aqui citados Mauricio Ramírez Gómez e Fabio Jurado Valencia, sendo o texto deste último, “La revista *Mito*: diálogo político, diálogo con la literatura y con las artes”, a busca de uma abordagem, sob o viés estratégico da ação política conjuminada com a ação intelectual, que identifique “la política que subyace como acción del pensamiento en los ensayos de los grandes escritores de su tiempo y en la obra artística”, mostrando como “la política aparece allí de una manera invisible y requiere de su reconstrucción por los lectores” (VALENCIA, 2005, p. 63). Acercando-se do caso específico de um dos protagonistas da revista, o ensaio de Pablo Montoya Campuzano, “Pedro Gómez Valderrama, *Mito* y el Frente Nacional”, colabora imensamente com o nosso trabalho ao analisar os textos de Valderrama e sua posição política, estabelecendo uma comparação com as convicções ideológicas de Gaitán Durán, e constatando como isso se refletiu em *Mito* através da defesa do projeto da Frente Nacional³⁹. De certa forma, neste dossiê é possível constatar a predominância de leituras que procuram se distanciar de uma abordagem focada exclusivamente sobre a produção poética dos escritores ligados à revista, fato que, como vimos, durante muitos anos serviu como alicerce crítico ao estabelecimento e manutenção consagradores do legado de *Mito*. A análise que Carlos Rivas Polo realiza sobre as cartas de “Los detractores de *Mito*” publicadas na revista, como já citamos anteriormente, é outra comprovação presente no dossiê dessa tendência, ao nosso parecer, inevitável diante da sobrevalorização lírica predominantemente extraída das leituras críticas realizadas até então, e que encontrou na discussão sobre as características políticas da revista uma nova vertente analítica.

Mas o ensaio mais importante publicado nesse dossiê da revista *Estudios de Literatura Colombiana*, sem dúvida, é o do crítico francês Jacques Gilard, “Para desmitificar a *Mito*”. Verdadeira ofensiva bélica contra as estruturas canônicas da literatura colombiana que vieram sendo elaboradas nas décadas pós-*Mito*, por si o ensaio de Gilard é claramente um movimento

³⁹ Outro ensaio importante que Campuzano dedica à *Mito* foi também publicado pela revista *Estudios de Literatura Colombiana*, em 2010 (Nº 27, p. 41-55): “*Mito* y España”, com elucidativas considerações sobre o que ele chama de “prehistoria de *Mito*”, identificando o trabalho de Baldomero Sanín Cano como modelar para o grupo vinculado à revista, algumas diferenças literárias desse grupo em comparação com o dos piedracielistas, e o “desmoronamento progresivo” de suas relações com a tradição espanhola.

político que almeja (e em nossa opinião, alcança) uma guinada redefinidora dentro da formação desse cânon. Advertindo, por exemplo, o que há de “centralismo”⁴⁰ predominante na “ideología de derechas liberales”, Gilard chega a constatar o uso de má fé por parte dos representantes dessa ideologia para “falsear la memoria de los procesos” (GILARD, 2005, p. 14); questiona os méritos da revista em termos de precursora da discussão sobre a função do intelectual, relegando ao exemplo de Jorge Zalamea e da revista *Crítica* o verdadeiro merecimento como propositores inaugurais dessa questão em Colômbia; faz intensa objeção ao que vê como uma assimilação de escritores “costeños” como Gabriel García Márquez, Álvaro Cepeda Samudio e Héctor Rojas Herazo como pertencentes ao grupo de *Mito*; critica as leituras realizadas por Fabio Jurado Valencia e Rafael Humberto Moreno Durán por pouco ou nada aportarem ao debate crítico em torno de *Mito*, ou ainda define como “hiperbólicas” as de Juan Gustavo Cobo Borda e Armando Romero, como forjadores de uma lenda (ibidem, p. 22). Boa parte do extenso ensaio é dedicado, por meio de vigorosa pesquisa hemerográfica, a demonstrar casos antecedentes ao de *Mito* – sobretudo os empreendidos por Jorge Zalamea – em temas como o de humanismo, política, estética e compromisso intelectual. Dessa forma, esse texto de Gilard é tomado para nossa perspectiva nesta pesquisa como estratégico por contrapor com propriedade uma releitura exigente de novos olhares sobre a fortuna crítica da revista *Mito*.

Quatro outros ensaios que ainda merecem aqui nossa menção são os de Mar Estela Ortega González-Rubio, “El grupo ‘Mito’ y las vanguardias en Colombia”, texto da professora da Universidad Pedagógica Nacional de Bogotá publicado em 2005 por *Espéculo – Revista de estudios literarios*, da Universidad Complutense de Madrid, ainda que ele apenas anuncie – e a nosso ver não logre alcançar – a intensão de uma mirada sobre as relações dos escritores de *Mito* com as vanguardas sob o suporte do marco teórico dos Estudos Culturais e dos conceitos de Pierre Bourdieu. Também o artigo do professor da Universidad de La Salle de Bogotá, Carlos Fajardo Fajardo, “El grupo Mito y el Nadaísmo – la poesía colombiana bajo la violencia partidista”, publicado na revista *Logos* da mesma instituição no ano de 2009 (Nº 16), ao mesmo tempo que nos interessa por se estruturar a partir das relações dos escritores de *Mito* e do Nadaísmo com o cenário político e cultural marcado pela violência, também peca por se ater demasiado nos fatos históricos e políticos e por não ser mais incisivo sobre as consequências de tais relações, sendo a parte do artigo subtítulo “Poetas e intelectuales en

⁴⁰ Entendido como de perfil principalmente bogotano, em oposição a outras regiões de relevâncias políticas e culturais como as costenhas (concentradas em Barranquilla), as do estado de Antioquia (Medellín), ou ainda as do Valle del Cauca (Cali).

el Frente Nacional” (p. 65-66) um exemplo disso. Os dois últimos ensaios a que nos referimos são ambos de Carlos Builes, professor da Universidad Pontificia Bolivariana em Medellín e doutorando da Universidade de Rennes 2: “*Mito*: entre el campo literario nacional e iberoamericano de los años 50”, publicado em 2012 pela revista francesa *Amerika*; e “Los intelectuales, la violencia y el poder. El caso de Jorge Gaitán Durán (1924-1962)”, publicado em 2013 pela revista da Universidad Pontificia Bolivariana, *Analecta política* (Nº 4); que, pelo perfil de abordagem proposto nesses dois trabalhos, nos leva a confirmar a constatação de tendência crítica nos últimos anos que busca novas leituras orientadas em direção ao que de político sobressaiu das páginas de *Mito*. No caso do artigo de Builes publicado na revista *Amerika*, notamos uma interessante orientação conceitual a partir de Michel Foucault, inclusive visível em subtítulos do próprio texto como, por exemplo, “Lo poético como estrategia de poder”, mas a ideia nos parece pouco desenvolvida, não indo além de citações de alguns casos ou de dados históricos.

Deixamos para mencionar por último aqueles que, por suas recentes propostas analíticas dirigidas a uma compreensão mais rigorosa e aprofundada, nos parecem como dois trabalhos de investigação acadêmica imprescindíveis à nossa leitura de *Mito*: a tese de doutorado de 2005, junto à Universidad de Salamanca em Espanha, *La revista Mito en el tránsito de la modernidad a la posmodernidad literaria en Colombia*, de Pedro Sarmiento Sandoval (2006); e a aqui já citada dissertação de mestrado, também de 2005, resultante da pesquisa de Carlos Riva Polo (2010) junto à Universidad de Antioquia em Colômbia, *Revista Mito: vigencia de un legado intelectual*. A leitura de Sarmiento Sandoval parte de um suporte conceitual inicialmente ocupado com a ideia ocidental de modernização e de contemporaneidade, passando à compreensão filosófica de pós-modernidade nos estudos literários, para em seguida voltar-se ao entendimento de *Mito* para além de um instrumento de modernização, analisando o que nela poderia haver de “una germinal condición posmoderna” (SANDOVAL, 2006, p. 185). A segunda parte do trabalho está dedicada ao papel da revista no processo de renovação literária colombiana, delineando principais características literárias e alguns exemplos de publicações periódicas anteriores a ela; alguns “fenómenos socioeconómicos y políticos determinantes de la configuración de *Mito*” (ibidem, p. 339); a recepção da revista no meio cultural do país, seu plano de ação e suas preocupações críticas; finalizando com uma inédita abordagem específica sobre sua estrutura editorial e empresarial. Do trabalho de Rivas Polo muito nos interessa a hipótese, que serve de linha inicial à sua pesquisa, de sobrevalorização lírica do legado da revista *Mito* na tradição literária colombiana, o que Polo (2010, p. 20, a partir de JIMÉNEZ, 2002) aponta como “proceso de autocanonización” dentro

da historiografia nacional, ou seja, aquele resultante da própria elaboração por parte de poetas atuando como críticos, que por sua vez conduz a um “agostamiento de sus posibilidades”. Em seguida, o pesquisador percorre uma contextualização das principais correntes literárias na primeira metade do século XX e seus nomes mais significativos para o entendimento da revista nos anos 50, para dedicar na última parte do trabalho uma verificação do que ele considera como real valor do legado de *Mito*: “una contribución a la historia del pensamiento en Colombia”, analisando o papel que ela desempenhou no “cuestionamiento de la orientación general de la inteligencia y de la experiencia literaria, social y cultural” do país (ibidem, p. 92). Como nos parece oportuno aqui frisar, a leitura de Polo de alguma maneira nos assinala um caminho pelo qual se torna possível e necessária a proposição de uma abordagem analítica da revista *Mito* diferenciada e complementar as que até aqui foram realizadas.

Capítulo II – Subsídios à genealogia editorial de *Mito*

“La verdad es que, críticamente, procedemos como en familia. Disimulamos todos nuestros defectos y perdonamos todas nuestras fallas y exaltamos, casi siempre por fuera de toda medida, nuestras cualidades.”

Hernando Téllez
Literatura

1 - Revistas nacionais

Em Colômbia, após um século XIX repleto de publicações que caminharam passo a passo com o gradual estabelecimento e desenvolvimento da indústria editorial, e além do também progressivo descobrimento de seu potencial uso político e propiciador de poder⁴¹, o século XX se iniciou à sombra da Guerra dos Mil Dias e seus violentos conflitos entre liberais e conservadores (cuja principal consequência política foi certamente a separação do Panamá sob os auspícios do governo dos Estados Unidos em 1903). Como resultados diretos da situação conflitante que avançou durante os primeiros anos do século XX, vários jornais foram fundados pelo país empunhando as mais variadas bandeiras (liberais, conservadoras, republicanas, católicas, militares etc.) e inúmeras carreiras políticas foram se sustentando envoltas em ares de intelectualismo, dando sequência à tradicional associação entre as letras e a autoridade.

Há que se lembrar de que estamos falando de um país que durante o período contava com enorme nível de analfabetismo, com escassa vida cultural resumida a poucos cafés, e que em suas cidades mais importantes como Bogotá, Medellín, Cali, Barranquilla ou Bucaramanga praticamente não se encontravam livrarias dignas desse nome, e que as raríssimas publicações nacionais existentes mal serviam para que seus eruditos, formados muitas vezes autodidatamente a duras penas, pudessem se atualizar em matérias literárias. Nesse sentido, levando-se em conta somente as primeiras décadas do século XX, altamente valorosas foram publicações de revistas como *Contemporánea* (1903) por Baldomero Sanín Cano; *Pánida*

⁴¹ De acordo com o historiador Jorge Orlando Melo (2008): “La política colombiana desde 1819 a mediados del siglo XX se hace en los periódicos, y muchos de los grandes políticos debieron su poder no a la riqueza o la familia, sino a los periódicos en los que lograron su fama de intelectuales, escritores y políticos. Manuel Murillo Toro, Santiago Pérez, Miguel Antonio Caro, Rafael Núñez son un ejemplo de políticos que hicieron su fama como periodistas o intelectuales o gramáticos; a comienzos del siglo XX llegan a la presidencia Carlos E. Restrepo, Marco Fidel Suárez y José Vicente Concha, Enrique Olaya Herrera, Eduardo Santos, Laureano Gómez y Belisario Betancur, con experiencia como periodistas, libreros, bibliotecarios y editores de revistas.”.

(1915) por León de Greiff; *Voces* (1917-1920) por Julio Gómez de Castro e Ramón Vinyes; ou *Universidad* (1921-1922/1927-1929) por Germán Arciniegas.

Importante conhecer as condições que enfrentavam os literatos, durante a primeira metade do século XX, para que se tenha uma ideia dos caminhos que já haviam sido de alguma maneira explorados nesse universo editorial que se abria com dificuldades aos colombianos, e que antecederam a chegada da publicação da revista *Mito* em 1955. A escolha de algumas publicações nacionais que ocorreram durante o período procura exemplificar distintos tipos de ação intelectual, muitas vezes ideologicamente contrárias entre si, e que seguramente nos ajudarão a distinguir alguns relevantes traços da literatura colombiana que proporcionam o surgimento de importantes características da revista de Jorge Gaitán Durán e grupo.

Assim, os critérios utilizados para ilustrar alguns modelos de publicação existentes em Colômbia no período em questão, basicamente respeitaram a seguinte proposta:

- a) *Los Nuevos*, o primeiro tipo de revista observada, enquadra-se num modelo de iniciativa privada, com tendências de rebeldia ainda pouco manifestadas nos meios literários do país, e que, ainda que buscasse contestar por novos rumos em oposição direta à geração então predominante, mostrou-se de pouco fôlego e de duração efêmera enquanto revista, ainda que tenha lançado um grupo de escritores e políticos que praticamente participaram de todas as publicações aqui comentadas;
- b) O segundo tipo de publicação, *Lecturas Dominicales de El Tiempo*, exemplifica um modelo pertencente a um importante órgão da imprensa colombiana, o de suplemento literário, de fácil acesso aos leitores e estável periodicidade, onde publicaram (e ainda hoje publicam) muitos representantes da literatura do país, estreitamente vinculado ao poder político nacional (com tendências centro-direitistas dentro do liberalismo), decisivo formador de opinião e de novos cânones literários;
- c) *Revista de las Indias* aqui serve como modelo de revista cultural vinculada a uma instituição, no caso governamental (Ministério da Educação), e assim sujeita às diretrizes e políticas culturais oficiais, ocupada por uma busca de representatividade e identidade nacionais, e com amplitude de divulgação internacional, sobretudo no que diz respeito à integração latino-americana;

- d) Por último, *Crítica*, exemplo de periódico de iniciativa de basicamente um escritor apenas, politicamente de explícita orientação liberal (e por isso oposicionista ao governo conservador do período em que foi editado, tendo sido censurado durante vários números), e que conseguiu manter um alto nível literário com importantes traduções e divulgações de textos de fundamentais escritores nacionais e estrangeiros.

Como poderemos identificar a seguir, o que buscaremos é recuperar discursos que têm lugar nas revistas anteriores a *Mito* e que envolvem seus fundadores e principais colaboradores, mostrando assim como *Mito* se conecta com a trama da história intelectual colombiana.

1.1 – *Los Nuevos*⁴²

Surgida num contexto literário em que predominava a chamada “generación del Centenario”⁴³, a revista *Los Nuevos* suscita interessante discussão ao opor-se explicitamente em seu discurso editorial a tal geração de escritores. E essa suposta ousadia não significou pouco dentro dos meios literários colombianos, ao ponto de podermos identificar em seu pequeno número de publicações⁴⁴ uma constante preocupação em justificar seus propósitos literários ou ideológicos⁴⁵. Além disso, a polêmica levantada em torno ao conflito de gerações literárias em meados da década de 20, somada às características literárias tradicionais predominantes, remetem, como veremos, às circunstâncias que de alguma maneira levaram à ausência de grupos vanguardistas em Colômbia durante o período como houve em outros países latino-americanos.

A revista *Los Nuevos* foi composta por jovens escritores (a maioria com idades entre 18 e 25 anos) que conformavam grupo heterogêneo (como adverte o próprio editorial do último

⁴² Para estas observações foram consultados os 5 números editados da revista *Los Nuevos*, microfilmados, pertencentes ao *Fondo Germán y Gabriela Arciniegas* da Biblioteca Nacional de Colombia.

⁴³ Formada ao redor da celebração, em 1910, do primeiro Centenário da Independência, por políticos e escritores como José Eustasio Rivera, Eduardo Castillo, Gregorio Castañeda Aragón, Gilberto Garrido, Eduardo Santos, Alfonso López Pumarejo, Laureano Gómez, Armando Solano, Miguel Rasch-Isla, Leopoldo de la Rosa, Delio Seraville e Luis Eduardo Nieto Caballero.

⁴⁴ Foram somente 5 números entre 6 de junho e 10 de agosto de 1925, quinzenalmente.

⁴⁵ Além do editorial do primeiro número em que se manifesta a que veio a revista, suas justificativas prosseguem, por exemplo, no editorial do segundo número, para culminar no texto que serve como espécie de “desabafo” do secretário de redação da revista, Alberto Lleras, “Epístola alrededor de una polémica de generaciones”, publicado no número 4; e finalmente chegar a um tom mais apaziguado no texto do diretor da revista, Felipe Lleras Camargo, “Las dos generaciones”, publicado em seu último número.

número) onde figuravam poetas, ensaístas, jornalistas e políticos que frequentavam as tertúlias do Café Windsor em Bogotá. Em sua nômima diretiva constavam, além dos irmãos Felipe e Alberto Lleras Camargo (este último futuro Presidente da República em duas oportunidades), também León de Greiff, Rafael Maya, Germán Arciniegas, Jorge Zalamea, José Mar, Luis Vidales, José Umaña Bernal, Eliseo Arango, José Enrique Gaviria, Abel Botero, Manuel García Herreros e C. A. Tapia; porém a quantidade de nomes associados ao grupo de *Los Nuevos* era enorme e incluía ainda Luis Tejada, Ricardo Rendón, Germán Pardo García, Gabriel Turbay, o próprio Jorge Eliécer Gaitán, Juan Lozano y Lozano e Eduardo Zalamea Borda. Dentre os temas a serem tratados, a revista anunciava junto ao seu título: “política – crítica – arte – literatura – asuntos sociales”. Além de textos dos colaboradores pertencentes à sua direção editorial, como os da seção “El momento político”, de Felipe Lleras Camargo; os contos, críticas teatrais e literárias de Jorge Zalamea; ou poemas de Rafael Maya, León de Greiff e José Umaña Bernal; foram ainda publicados textos de outros escritores nacionais e estrangeiros, como versos do musicólogo Otto de Greiff e poemas de Germán Pardo García, trechos narrativos do catalão Ramón de Vinyes, “El cántico de los perfumes” do francês Paul Claudel e o curioso “A priori – doce principios para la crítica del arte nuevo”, do britânico Horace Shipp.

Literariamente, se por um lado os escritores de *Los Nuevos* surgem sob assumida influência de poetas simbolistas franceses, como também de Maiakovsky, Ezra Pound ou Leopoldo Lugones, e ainda que coetâneos das obras *creacionistas* de Vicente Huidobro, das primeiras publicações vanguardistas na América Latina como as de César Vallejo, Oliverio Girondo, Jorge Luis Borges ou de Pablo Neruda, no que diz respeito à revista colombiana e seus conteúdos, nota-se uma enorme distância de suas manifestações literárias de qualquer intenção estética de cunho vanguardista. O próprio Rafael Maya (1944, p. 112-113), em suas *Consideraciones críticas sobre la literatura colombiana* irá afirmar:

Este grupo, si bien representó un rompimiento político y literario en relación con los centenaristas, pues en política volvió a las afirmaciones extremas, como reacción contra el sincretismo anterior, y en el campo intelectual amplió considerablemente el radio de la creación artística, permaneció, no obstante, fiel a ciertas escuelas del siglo pasado, como el simbolismo y el parnasianismo franceses, por una parte, y de otro lado a la tendencia clásica, profundamente modificada por lo que hubo en el modernismo de más próximo a esta escuela.

Se levada à comparação com os outros periódicos literários observados neste estudo, por sua curta duração e consequente limitação de conteúdo passível de análise, poderíamos afirmar que a revista *Los Nuevos* gera interesse por sua audácia editorial ao atrever-se questionar o

statu quo cujo poder encontrava-se sob os versos da geração do Centenário⁴⁶, como também pela significância literária (e política) individual alcançada no futuro por alguns de seus colaboradores, em suas origens diretamente envolvidos como grupo em torno à publicação de uma revista. Mas essa rebeldia, que numa hipótese verdadeiramente demolidora poderia ter levado o grupo a proposições limítrofes vanguardistas, não passou, para usar as palavras de Diógenes Fajardo Valenzuela (2002, p. 103), de um “alarde parricida”.

E os motivos de tão curto alcance como revista poderiam se encontrar na própria heterogeneidade assumida em seu discurso editorial, desde aspectos políticos como estéticos. Como conseguir manter em consonância figuras tão díspares como, por exemplo, Rafael Maya, de reconhecidas tendências católico-conservadoras, e Luis Vidales, que em breve abraçaria a militância marxista? Seguramente o grupo de *Los Nuevos* não teria afinidade suficiente (além da explícita oposição aos centenaristas) para lograr uma unidade editorial. E se levarmos em conta as dificuldades já anteriormente observadas para se publicar durante período tão culturalmente adverso da vida colombiana, somadas ao duro embate sobre sua recepção como revista supostamente rebelde nos meios literários de então, torna-se compreensível sua efemeridade.

Mas a polêmica em torno a *Los Nuevos* não termina com o encerramento da revista. Como é possível notar em sua linha editorial, a forte presença de questionamentos de ordem política (como a desilusão com os velhos partidos, liberal, conservador ou republicano) alinhavados principalmente pelo diretor da revista, Felipe Lleras Camargo, logo iria se mostrar possivelmente contraditória quando, com a chegada do liberal Alfonso López Pumarejo à presidência em 1934 (um dos maiores representantes do grupo do Centenário), alguns membros de *Los Nuevos* se somarão a cargos desse governo. Tal incoerência política irá suscitar enormes críticas, inclusive entre os próprios membros do grupo, como as de Jorge Zalamea que, desde Londres, em abril de 1933, já sabendo dessas inclinações aproximativas

⁴⁶ Jorge Zalamea (1950, p. 3), em uma homenagem prestada pelo periódico *Crítica* aos 25 anos de terminada a revista *Los Nuevos*, faz o seguinte balanço: “La nueva generación pretendía que la obra literaria de las anteriores – y muy especialmente la del ‘Centenario’ – adolecía de dos graves defectos: una especie de falso romanticismo que se expresaba en la predisposición a simular buenos sentimientos y cierto provincianismo que les hacía vivir ausentes de las más hondas y complejas preocupaciones del mundo contemporáneo. La promoción que irrumpía ahora en asalto, tenía la pretensión de realizar un arte que, a la vez, fuese más sincero, más humano y más universal. (...) Pero también en lo político tenían ‘los nuevos’ algunas pretensiones: se decían desilusionados de los viejos partidos y querían infundirles la savia vigorosa que por entonces se creía transformaría al mundo en un paraíso; habiendo sufrido la dolorosa experiencia de una universidad anquilosada por el conformismo y agarrotada por el fanatismo, querían una honda reforma de la educación pública (...): se rebelaban, finalmente, contra la estructura de un Estado que, concediendo la libertad política a todos los asociados, les negaba la independencia económica.”.

entre grupos recentemente opositores, reclama por ética intelectual em sua famosa “Carta a Alberto Lleras Camargo y Francisco Umaña Bernal”.⁴⁷

Interessante o ponto de vista de Fernando Charry Lara (1988, p. 42-43), um dos colaboradores diretos da revista *Mito*, que mais tarde irá assim refletir sobre este tema tão caro à literatura colombiana:

“El ingreso de parte de miembros de Los Nuevos a cargos directivos de la gestión pública puede justificarse si se considera que los gobiernos colombianos, así como otros hispanoamericanos, necesitaron contar con el concurso de quienes por su preparación intelectual presumiblemente estaban más capacitados para ejercerlos. Y la mayoría de aquellos que no fueron a las posiciones oficiales, al margen del gobierno en intervalos o porque tuviesen diferencias doctrinarias con él, se dio a la actividad política en el periódico o en el parlamento. El escapismo, la condición de evadidos, la huida de las concretas realidades nacionales era apenas, fugazmente, sueño de juventud. Lo definitivo – no digamos lo peor o lo mejor – fue que el poder y la política alejaron en gran parte al grupo de la creación literaria, sin que, de otro lado, se sintiesen ellos, sino por excepción, realizados.”.

Mas a grande questão advinda com a publicação da revista *Los Nuevos* e com a composição do grupo de intelectuais formado ao seu redor reside no porquê de tal empreita não ter possibilitado o surgimento de uma corrente vanguardista naquele momento. Enquanto em outros países latino-americanos se formavam grupos inovadores ligados a publicações para expressarem suas ideias e estéticas transgressoras, em Colômbia, a vontade de transformação e de surgimento de algo artisticamente novo, como subentendido no próprio nome da revista, não chega a acontecer coletivamente.

A crítica literária colombiana no decorrer dos anos, sem deixar de proporcionar debates controversos, tem buscado compreender sob várias perspectivas os motivos de tal ausência. Por exemplo, Rafael Gutiérrez Girardot (2011, p. 80) mais tarde afirmará em seu célebre estudo “La literatura colombiana en el siglo XX”, que

Menos que Generación – en el sentido de la importantísima teoría generacional de Ortega y Gasset – “Los Nuevos” fueron simplemente un fenómeno de la vida literaria (el de los grupos de escritores) semejante al de El Mosaico en el siglo antepasado y al de la Gruta Simbólica en los comienzos del XX.

E sua justificativa para contrapor-se à teoria de que *Los Nuevos* almejavam destruir as velhas tradições estaria no fato de que “‘Los Nuevos’ no lograron demoler esa sociedad, porque ella se encontraba ya en proceso de disolución (...)”, ainda que reconheça que “(...) algunos de

⁴⁷ ZALAMEA, Jorge. **Literatura, política y arte**. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1978. (Edição a cargo de Juan Gustavo Cobo Borda – Biblioteca Básica Colombiana).

ellos desafiaron la sociedad, la pusieron en tela de juicio: León de Greiff, Luis Tejada y Luis Vidales.”. Para Girardot (2011, p. 81), sobre a existência de uma vanguarda colombiana, ainda que pontualmente localizada em poucas obras individuais e de poucos escritores, diz que “(...) no surgió en Colombia bajo la influencia de las vanguardias europeas, de las que se tuvo conocimiento fragmentario y posterior, sino como el desarrollo dialéctico del modernismo literario y de la modernización social (...)”.

Mais recentemente, Diógenes Fajardo Valenzuela (2002, p. 102) chama a atenção para os riscos e as possíveis injustiças literárias proporcionados pela historiografia colombiana ao estruturar-se sob a ideia de concatenação de gerações, ou, como denominou Girardot (2011, p. 80), “*puzzle* histórico-literário”:

(...) En el caso colombiano, la crítica ha preferido seguir estudiando grupos con pretensiones generacionales, congregados alrededor de la bohemia y una publicación. Por supuesto, el proceso de desintegración y marginalidad se ha incrementado con esta orientación que necesariamente conduce a una oficialización o canonización de estos grupos: Gruta Simbólica, “Los Nuevos”, Piedra y Cielo, Cántico y Mito. (...) En Colombia estos grupos han tenido, en principio, la función de activar un proceso histórico de relevo generacional y no tanto la de configurar nítidamente una “generación”.

Apesar de ser possível encontrar na retórica editorial da revista *Los Nuevos* intenções transformadoras (“Los Nuevos pretenden reflejar la inquietud de una generación dentro de la suprema inquietud de una época.”⁴⁸; “No hemos temido desvincularnos con el pasado para lanzarnos a las nuevas corrientes (...)”⁴⁹), seguramente ela não era sustentada por todos os pertencentes ao grupo. A presença de Rafael Maya não deixa de ser um indício antivanguardista, tomando-se em conta que o influente poeta e ensaísta seguirá depois da revista demonstrando suas opiniões conservadoras sobre a arte do pós-guerra⁵⁰. Como vimos

⁴⁸ Frase presente no último parágrafo do editorial do número 2 da revista de 24 de junho de 1925.

⁴⁹ Trecho da já citada “Epístola alrededor de una polémica de generaciones”, de Alberto Lleras, publicada no número 4 de 27 de julho de 1925.

⁵⁰ Também no já aqui mencionado livro *Consideraciones críticas sobre la literatura colombiana*, Maya (1944, p. 109-110) faz o seguinte comentário sobre a arte vanguardista do pós-primeira guerra mundial: “El llamado arte de la post-guerra, del que todavía vivimos, lleva en sí todos los estigmas de esa conciencia despedazada, que sobrevivió al horror de las trincheras. Es desvertebrado y anárquico, como corresponde a inteligencias que vieron romperse, súbitamente, nociones que estructuraban hasta entonces la conciencia social, y que parecían invulnerables; es jovial y deportivo, pero con esa falsa y tétrica alegría de las mascaradas o de la turbia embriaguez, que suelen ser disfraces de la amargura o del fracaso; es generalmente deforme y grotesco, porque suele buscar la realidad de la vida en lo monstruoso de la enfermedad o de la locura, circunstancias muy lógicas, ya que sus fuentes de inspiración no son ni la reflexión metafísica, ni el espectáculo del universo, ni los anhelos sobrenaturales del alma, sino la tenebrosa subconciencia y los sótanos de la personalidad, donde se amontonan los instintos y perversiones del hombre no redimido por los poderes del espíritu; es transitorio, ostentoso y banal, porque su radical rompimiento con el pasado, acorta su proyección sobre el porvenir, y porque tiene que sustituir

acima, a própria desvinculação do passado não se deu seja literária ou politicamente, e as novas correntes que refletiam as inquietações de uma época demoraram a se fazer conhecidas no país, e os poucos assomos inovadores se manifestaram de forma espargida em obras individualmente localizadas como *Tergiversaciones* (1925) de León de Greiff ou *Suenan Timbres* (1926) de Luis Vidales, essas sim consideradas pela crítica como obras de cunho vanguardista.

Tudo isso nos leva a entender a revista *Los Nuevos* como uma interessante publicação literária colombiana que esteve localizada num contexto cultural ímpar, e que, apesar do desejo pelo “novo”, submeteu-se às forças conservadoras que perduravam desde o século XIX. De certa forma, tal incapacidade de fazer emergir proposições artísticas transgressoras fortalecidas por um movimento coletivo vanguardista reflete o estado incipiente de modernização social no país, ainda calcado numa base agrícola que caminhava a lentos passos rumo à industrialização, já mais avançada em países como Argentina, México, Brasil ou Chile.⁵¹

Enquanto referência editorial que auxilie este estudo acerca da publicação da revista *Mito*, a revista *Los Nuevos*, ainda que distantes 30 anos uma da outra, de certa forma inaugura um perfil de revista literária contestadora (apesar de tímidos e controversos alcances), e que definirá os posicionamentos intelectuais de importantes escritores colombianos do século XX, como, por exemplo, os de Jorge Zalamea (que dentro de 25 anos iria fundar *Crítica*, provavelmente o periódico mais insurgente dessa primeira metade do século em Colômbia); ou os de León de Greiff e Luis Vidales (de assumidas afinidades esquerdistas); exemplos tais de futuros apoiadores de *Mito* ao também publicarem textos nesta revista (com exceção de Vidales)⁵². Mas, sobretudo, nos auxilia por ter demonstrado em suas páginas certo anseio pela

por los caprichos del éxito momentáneo, - revolviendo mucho los vocábulos de *nuevo* y de *moderno* -, las leyes de severa constancia y de vigencia sin eclipses, connaturales a la idea de lo clásico. (...) Todo esto se aplica, por parejo, a la literatura, a la escultura y a la música”.

⁵¹ Para um melhor e atualizado entendimento da relação entre *Los Nuevos* e a vanguarda, ver o texto completo ““Los Nuevos”: renovación a cambio de vanguardia”, do aqui já mencionado livro *Coleccionistas de nubes*, de Diógenes Fajardo Valenzuela; além do livro *Vanguardia y antivanguardia en la crítica y en las publicaciones culturales colombianas de los años veinte*, de Jineth Ardila Ariza (Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2013).

⁵² Dentre os intelectuais que fizeram parte da revista *Los Nuevos*, estes são os mais expressivos que publicaram textos mais tarde em *Mito*:

- León de Greiff com os poemas “Sin cesar, sin cejar, y erigir... – Sonatina” (Nº 1); “Sonatina”, “Son” e “Cancioncilla”, além da bibliografia de suas obras publicadas (Nº 5); e os poemas agrupados sob o título de “Tu toisón, mi trofeo” (Nº 22-23), tendo feito parte do Comitê Patrocinador de *Mito* durante toda a sua existência;
- Jorge Zalamea colaborou com “Un día entre los días” (Nº 9) e fragmento de “La transfiguración” (Nº 36), além de sua tradução de St. J. Perse, “Mar de Baal, mar de Mammon” (Nº 26), de ter seu livro *Antecedentes históricos de la Revolución Cubana* resenhado por Helena Iriarte (Nº 37-38), uma nota da seção “Actuales” festejando seu retorno do exílio em 1959 (Nº 25), também trecho de uma nota de pesar sobre o falecimento de Alfonso López Pumarejo (Nº 27-28, originalmente publicado na revista *Acción liberal*, dirigida por Plinio Apuleyo Mendoza e

modernização crítica no país, algo que podemos encontrar com mais rigor e eficiência em *Mito*.

1.2 – *Lecturas Dominicales de El Tiempo*⁵³

Na edição do dia 15 de maio de 1955, o então chamado *Suplemento Literario – Lecturas Dominicales* do jornal *El Tiempo*, sob a direção de Jaime Posada, anuncia a chegada de *Mito*, “Una revista de cultura”, publicando a introdução do número 1 da revista, escrita por Jorge Gaitán Durán, ao lado do fac-símile de sua primeira capa. Um pequeno texto de boas-vindas diz:

Por la jerarquía mental de sus animadores, por la calidad de los textos, por la sobria y respectable presentación tipográfica, por la altísima misión de cultura que ansía cumplir, la aparición de “Mito” constituye uno de esos acontecimientos dignos de registrar con entusiasmo y beneplácito y uno de esos gallardos esfuerzos para abrirle al país ventanas sobre el universo de las letras y de las artes.⁵⁴

Essa recepção de *Mito* nos anos 50 pode exemplificar o tipo de função literária almejada pelo suplemento literário de *El Tiempo* desde seus inícios: o de registrar os entendidos por seus responsáveis como mais significativos acontecimentos literários e culturais do país. Papel que busca mesclar os trabalhos literários e jornalísticos, e de cuja fusão entre publicações de textos informativos, poemas e prosas ficcionais, crônicas e ensaios, no decorrer da história do

Gabriel García Márquez), e finalmente *Mito* publica trechos de seu discurso na Homenagem Nacional a Jorge Gaitán Durán de fevereiro de 1962 (Nº 39-40);

- Alberto Lleras, de certa forma, ainda que não literariamente, também esteve presente através de “Alberto Lleras” de Pedro Gómez Valderrama e “La candidatura de Lleras” de Jorge Gaitán Durán (ambos no Nº 18), pequenos textos que trataram de demonstrar seus apoios ao então candidato presidencial da Frente Nacional em 1958;

- Juan Lozano y Lozano e suas *Obras selectas* foram anunciados no Nº 9 e sua opinião para a pesquisa de *Mito* sobre “La responsabilidad de los intelectuales ante la violencia” (Nº 25) publicada através do texto “Guerrilleros y bandoleros”;

- e Eduardo Zalamea Borda fez parte do Comité Patrocinador do Nº 2 até o final da revista e teve seu livro *Israel, rosas de Isaías* resenhado por Manuel Drezner (Nº 22-23).

Como podemos ver acima, apesar de uma participação discreta, chama atenção a escolha de figuras como León de Greiff e Eduardo Zalamea Borda para a composição do Comité Patrocinador da revista *Mito*, sendo possível notar nestes convites mais um hábil movimento no tabuleiro literário, demonstrando uma espécie de homologação espiritual por parte de representantes de uma geração anterior para a revista de Gaitán Durán.

⁵³ Foram consultados os exemplares físicos disponíveis na Hemeroteca Nacional Universitaria da Universidad Nacional de Colombia.

⁵⁴ Apesar de não se encontrar assinada, pressupõe-se que essa breve nota publicada na página 4 seja do redator responsável pelo suplemento, Jaime Posada.

periodismo colombiano proporcionou, indiscutivelmente, a salvaguarda de importante memória cultural de seu povo. Ainda que não isentos de críticas a respeito de tendenciosidades ou parcialidades (como, no caso de *El Tiempo*, sua assumida posição política originalmente republicana e depois liberal, ou, em termos literários, “antivanguardistas”⁵⁵), é inquestionável que suplementos literários duradouros como *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* ou outros, como, por exemplo, o *Suplemento Literario Ilustrado* do jornal *El Espectador*, de um modo diacrônico, sejam um importante registro literário em Colômbia. Em 1959, Jorge Gaitán Durán (1999, p. 74) assim expressava sua opinião acerca da importância de *El Tiempo*:

Las pequeñeces que, por ejemplo, se le atribuyen a *El Tiempo* y que le han creado resistencias sordas, formuladas casi siempre con rabia y con miedo, en las elites políticas, intelectuales y económicas del país, hasta el punto de que, aunque parezca increíble, muy pocas personas pertenecientes a estos estamentos estuvieron resueltamente de su lado, *en público y sobre todo en privado*, cuando fue clausurado por el Gobierno de las Fuerzas Armadas: transformar mediocridades en figuras nacionales o, al contrario, hacer el vacío alrededor de hombres valiosos que no gozan de su favor o su simpatía, adulterar o ignorar sistemáticamente ciertos nombres, etc., ciertamente no valen nada en comparación con los servicios que este diario le ha prestado a nuestra tendencia hacia la libertad, sea por sus luchas en Colombia, sea por su intransigencia ante las dictaduras de América y Europa, sea por su conducta frente a las relaciones del Estado y la Iglesia.⁵⁶

No caso de *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*, seu fundador em 1914⁵⁷, Eduardo Santos, era um intelectual vinculado literariamente à “generación del Centenario”, admirador de Anatole

⁵⁵ Ao tratar da relação entre os principais periódicos colombianos dos anos 20 e o desejo de jovens escritores de então por novas estéticas, Jineth Ardila Ariza (2013, p. 13-14) afirma: “Si bien es cierto que los defensores de la tradición clásica, romántica, simbolista o modernista – unidos aquí bajo el genérico epíteto de ‘antivanguardistas’, en tanto se manifestaron como tal – se opusieron a la legitimación de la *nueva* poesía más radical desde la tribuna de algunos de los diarios y revistas más importantes del país, como las *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*, *El Nuevo Tiempo Literario* y la revista *Patria* – mucho más abiertos a las nuevas estéticas fueron el *Suplemento Literario Ilustrado* de *El Espectador* y durante algunos meses la misma revista *Patria* y el diario *La República* –, también es cierto que, en sus polémicas, fue considerable el espacio que los dueños de la prensa de la época, casi todos ellos *centenaristas*, les concedieron a *los nuevos* o al tema de *los nuevos* en sus publicaciones periódicas, antes de que los jóvenes concibieran las suyas: el periódico *El Sol*, la revista *Los Nuevos* y el periódico *Ruy Blas*, entre ellas. La censura fue real, es cierto, pero no es a ella a la que habría que culpar de que en Colombia no se haya formado un movimiento de vanguardia identificable y cohesionado”.

⁵⁶ Grifo do autor.

⁵⁷ O jornal *El Tiempo* foi fundado em 30 de janeiro de 1911 em Bogotá por Alfonso Villegas Restrepo. Após comprá-lo em 1913, Eduardo Santos o assume como único proprietário e em 23 de junho do ano seguinte, ao lado de seus irmãos Enrique e Hernando Santos Montejo, iniciam um suplemento especial, à época chamado *Lecturas Populares*, semelhante à Biblioteca Popular editada por Jorge Roa entre 1893 e 1907. Pouco depois de iniciado *Lecturas Populares*, em maio de 1915, após publicados 72 números, esse suplemento teve que ser suspenso por falta de papel ocasionado pela 1ª Guerra Mundial, voltando a aparecer somente em 1923, com o

France, Leopardi, Shelley e Verlaine que, segundo Germán Arciniegas (1994, p. 201)⁵⁸, costumava recitá-los de cor. Quando ocorreu o lançamento desse suplemento literário junto ao número 1000 de *El Tiempo*, publicou o seguinte texto:

Nosotros comprendemos el periódico como medio de cultura ante todo, no como un propagandista de ideas y como difundidor de conocimientos; no como un mero portador de noticias que van solo a satisfacer una curiosidad las más de las veces pueril, que nos habíamos forjado, hasta donde ello es posible con medios escasos y débiles fuerzas. Al propósito de defender en Colombia la causa de la cultura, que debe defenderse tanto en los campos de la poesía como en los de la política, responde la fundación de nuestro suplemento literario “Lecturas Populares”, y responde toda nuestra actuación quizás desacertada pero siempre sincera de periodistas republicanos.⁵⁹

Atuando “tanto en los campos de la poesía como en los de la política”, Eduardo Santos dará continuidade à tradição da “República Letrada” colombiana, sem deixar de fazer uso político do periodismo, ao ser eleito em 1938 pelo partido liberal como presidente da república. A influência política liberal exercida por *El Tiempo* durante a primeira metade do século XX foi enorme e decisiva, contribuindo diretamente para o estabelecimento dos governos liberais entre os anos de 1930 e 1946. Consciente da função de formador de opinião que cabe a um periódico de proporções nacionais, supostamente “no como un propagandista de ideas y como difundidor de conocimientos”, e sem deixar de evidenciar a busca de uma utópica transparência crítica, por exemplo, curiosa será a relação de “moderador” literário, segundo Jineth Ardila Ariza (2013, p. 153), entre *los centenaristas* e *los nuevos* que o suplemento *Lecturas Dominicales* irá proporcionar durante a década de 20.

A partir de 1925, depois de lançada a polêmica sobre o conflito de “gerações” proporcionado pela revista *Los Nuevos*, a participação de escritores desse grupo no periodismo colombiano foi de tal maneira crescente que um jornal como *El Espectador* e seu *Suplemento Literario Ilustrado* acolheu abertamente a tais jovens e sua “renovação”, ao menos, jornalística⁶⁰. Em *Lecturas Dominicales*, apesar das visíveis restrições iniciais de ordem *centenarista*, aos

novo nome de *Lecturas Dominicales*. Atualmente, *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* é dentro do gênero uma das publicações mais antigas da América Latina.

⁵⁸ Importante notar que Germán Arciniegas, antes de integrar o grupo da revista *Los Nuevos*, já em 1916 publicava seu primeiro artigo no jornal iniciando sua constante colaboração a Eduardo Santos desde os primórdios de *El Tiempo*.

⁵⁹ SANTOS, Eduardo. In: **Lecturas Dominicales de El Tiempo**, Bogotá, p. 6, 29 jan. 1961. Edição comemorativa de 50 anos de *El Tiempo*.

⁶⁰ Ver o texto “Los Nuevos en el Suplemento Literario Ilustrado” em ARIZA, op. cit., p. 185-227.

poucos foram sendo publicados alguns significativos textos esclarecedores que serviram para complementar as ideias lançadas na revista e também organizá-las com mais reflexão, como os de Rafael Maya sobre Víctor M. Londoño; de José Umaña Bernal sobre León de Greiff; os de Alberto Lleras e Felipe Lleras Camargo (este último em sua seção “Glosarios inoportunos”) que, em suas revisões, tratam de encontrar em Baldomero Sanín Cano o grande escritor colombiano *pré-centenarista*, “maestro” da nova “geração”⁶¹ (identificação que também será retomada por Jorge Gaitán e *Mito*); ou ainda a série de artigos “La literatura colombiana contemporánea” de Jorge Zalamea, onde aparecem suas considerações sobre a literatura de *los nuevos*. Do mesmo modo são significativas suas participações na seção “Una hora con...” que, inicialmente sob cuidados de Eduardo Castillo (usando o pseudônimo “El Caballero Duende”), publicava entrevistas com relevantes figuras do cenário cultural colombiano, sempre com uma caricatura do entrevistado feita por Ricardo Rendón. Depois de uma postura de ataque nesta seção contra *los nuevos* proporcionada por entrevistas realizadas com *centenaristas*, logo começam a surgir as ideias dessa nova juventude literária, ao ponto de Alberto Lleras assumir a responsabilidade da seção (sob o pseudônimo de “Noel Amacorva”) em entrevistas com Rafael Maya, José Mar, Felipe Lleras Camargo, Eliseo Arango, e com o próprio Alberto Lleras (entrevistado por Eduardo Santos...). Por volta de 1927, “El Caballero Duende” volta a ser o encarregado pelas entrevistas, e assim terão a oportunidade de expor suas opiniões José Umaña Bernal e Luis Vidales.

A gradual construção de um perfil “neutral” de periodismo cultural aberto às novas ideias, tentando politicamente não distanciar-se de um centralismo liberal absorvedor de tendências tanto de direita como de esquerda, fará com que *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*, acrescido de seu alcance nacional e de sua representatividade no panorama cultural colombiano, atraia uma diversificada gama de intelectuais. Durante os anos 30 passarão por sua direção Jaime Barrera Parra assessorado por José Umaña Bernal, Germán Arciniegas (quem muda o nome para *Sección Segunda*, coordenando o suplemento por dois anos e meio), Hernando Téllez, José Lloreda Camacho até chegar aos anos 40 sob a responsabilidade redacional do influente poeta Eduardo Carranza. Interessante traçar algumas observações acerca das publicações de *Lecturas Dominicales* (ou *Sección Segunda*) durante os anos 40 porque esse suplemento servirá de importante campo para debates intelectuais que chegarão aos olhos (e às letras) da então juventude que, a partir de 1955, se aglutinará ao redor da revista *Mito*.

⁶¹ Ver o texto de Alberto Lleras, “Sanín Cano, el primer escritor colombiano”, em *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* de 15 de agosto de 1926; o de Felipe Lleras Camargo, “Sanín revolucionario, crítico y pensador, posee tres virtudes capaces de conquistarle la adhesión de las nuevas generaciones”, de 21 de novembro de 1926.

Nesse sentido, caso polêmico teve início em 25 de fevereiro de 1940, quando Juan Lozano y Lozano deu início a uma série de três artigos publicados em *Lecturas Dominicales* em que demonstrou seu despreço e incômodo suscitado pela nova poesia *piedracielista*⁶², sobretudo as de Eduardo Carranza, Jorge Rojas e Arturo Camacho Ramírez:

Para quienes apreciamos todas las manifestaciones de la vida colombiana y para quienes tenemos una visión fuerte y grande de esa patria, constituye deber ineludible salirle al paso a todo síntoma débil, morboso, extraviado, disociador, decadente, erostrático, que aparezca en el horizonte de la nacionalidad.⁶³

Curioso que, desde agosto de 1939, *Lecturas Dominicales* se encontrava sob a direção justamente de Carranza. Provavelmente ciente de que uma polêmica literária, apesar de trazer à tona críticas denigradoras, de alguma maneira também fortalece os juízos favoráveis e lança atenções às obras questionadas, o autor de *Seis elegías y un himno* defendeu o direito de sua geração de romper com uma tradição:

Yo pienso que el deber esencial de una generación es el de ser fiel a su destino, tremendamente fiel a sus ideales, a su concepción del mundo en todos los órdenes; ser fiel, inclusive, a lo que los demás llaman sus defectos que es, a menudo, lo que verdaderamente la define.⁶⁴

E a tradição era Guillermo Valencia. A revisão de valores nacionais empreendida por *Piedra y Cielo* seguirá nas páginas de *El Tiempo* com a publicação, no ano seguinte, de outro controverso texto, “Bardolatría. La poesía de Guillermo Valencia”⁶⁵, em que Carranza não

⁶² Sob influência de autores como Gôngora, Lope de Vega, Quevedo, Baudelaire, Paul Valéry e, principalmente, Antonio Machado e Juan Ramón Jiménez (de cujo livro homônimo sairia o nome de batismo literário do grupo), surge em Colômbia por volta de 1939 uma agrupação de jovens poetas que, logo conhecida como *Piedra y Cielo*, se reunirá em torno de publicações como *La ciudad sumergida*, de Jorge Rojas; *Territorio amoroso*, de Carlos Martín; *Seis elegías y un himno*, de Eduardo Carranza; *Presagio de amor*, de Arturo Camacho Ramírez; *Regreso de la muerte*, de Tomás Vargas Osorio; *El ángel desalado*, de Gerardo Valencia; e *Habitante de su imagen*, de Darío Samper, dando assim início à nova série de polêmicas literárias. Logo suscitando contrariedades, a leitura dos poemas desejosos de renovação e inovação do grupo de *Piedra y Cielo* gerou críticas adversas por parte de Guillermo Valencia, Juan Lozano y Lozano, Laureano Gómez ou Enrique Uribe White.

⁶³ Apud ROMERO, 1985, p. 47. Para ver a série completa dos artigos de “Los poetas de Piedra y Cielo” de Lozano y Lozano, consultar *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* de 25 de fevereiro, 3 e 10 de março de 1940.

⁶⁴ (CARRANZA, 1940, apud ROMERO, op. cit., p. 48). O artigo, intitulado “En defensa de Piedra y Cielo: una posición poética” se encontra em *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* de 17 de março de 1940. Outro artigo, “Una posición poética: el Juan Lozano de 1900”, publicado em 31 de março de 1940, dá continuidade às réplicas de Eduardo Carranza.

⁶⁵ Em 13 de julho de 1941.

mede esforços para questionar a real excelência do “bardo” nacional.⁶⁶ Diante de tal audácia, o jornal adverte nas mesmas páginas não compartilhar das opiniões emitidas no artigo contra os “maestros” Baldomero Sanín Cano e Guillermo Valencia, mas mesmo assim permite que se prolongue o debate com a publicação de outros artigos como os de Daniel Arango (“Valencia y Carranza”, em 10 de agosto de 1941) e o de Antonio García (“De Valencia a Carranza”, em 24 de agosto do mesmo ano). Interessante que os ataques à poesia de Valencia também se prolongarão na geração diretamente posterior, por exemplo, nas palavras de Rafael Gutiérrez Girardot.

Desde as páginas de *Lecturas Dominicales*, os *piedracielistas* exercerão durante a década que se inicia uma forte influência sobre a literatura colombiana ao lançar um novo fôlego à sua poesia⁶⁷, destacando-se assim a figura de Eduardo Carranza que, como redator responsável do suplemento (até a chegada de Eduardo Caballero Calderón e depois de Jaime Posada), estenderá ao máximo as atenções sobre *Piedra y Cielo* e os novos escritores⁶⁸, com a publicação de artigos como, por exemplo, o de sua autoria intitulado “Los últimos poetas colombianos” (15 de junho de 1941) em que comenta os trabalhos iniciais de Fernando Charry Lara, Jaime Ibáñez, Andrés Holguín e Eduardo Mendoza Varela (todos também futuros colaboradores de *Mito*, sendo este último redator de *Lecturas Dominicales* em 1958); o artigo de Vicente Gerbasi, “Notas sobre la poesía nueva colombiana” (20 de julho de 1943); o de Joaquín Piñeros Corpas, “Balance de ‘Piedra y Cielo’” (1 de outubro de 1944) em que aparecem nas páginas do suplemento, ao lado do texto de Corpas, poemas dos *piedracielistas* e suas respectivas caricaturas; o interessante “Debates del Suplemento: La poesía. Tema: Piedra y Cielo” (1 de junho de 1947) em que participam Julio Barrenechea, León de Greiff, Jorge Rojas, Vicente Gerbasi e o jovem Jorge Gaitán Durán⁶⁹; ou ainda o artigo “La polémica

⁶⁶ Vejamos o que diz Armando Romero sobre a polêmica: “Colombia, a principios del 40, todavía veneraba a Guillermo Valencia como al poeta nacional y su figura intelectual era modelo a seguir. Esto habla claramente del profundo conservadurismo de las instituciones intelectuales colombianas, del férreo respeto por una tradición supuestamente inviolable. Así, cuando Carranza se enfrenta a Valencia y reta su poder dentro de la poesía, causa tremenda conmoción, y no porque imponga un tipo crudamente revolucionario de poesía, sino por el sólo hecho de enfrentarse a un ‘intocable’”. ROMERO, op. cit., p. 58.

⁶⁷ De acordo com o *piedracielista* Carlos Martín (1988, p. 100-101), “La metáfora gongorina, la imagen creacionista, las asociaciones surrealistas, la enumeración caótica (...), el neorrealismo nerudiano, la anécdota y la circunstancia, contribuyeron a expresar nuestro mensaje.”.

⁶⁸ Reunidos ao redor da publicação de cadernos de poesia denominados *Cántico* (em homenagem a Jorge Guillén) e organizados por Jaime Ibáñez, novos poetas como Fernando Charry Lara, Andrés Holguín e Eduardo Mendoza Varela ficaram conhecidos como *cuadernícolas*, assim apelidados por Hernando Téllez.

⁶⁹ À época com 23 anos, Gaitán Durán já demonstrava perspicácia crítica e um apreço a *Piedra y Cielo* (especialmente à pessoa de Carranza) ao defender o grupo e suas propostas. Reabertas as discussões sobre as gerações literárias com os *piedracielistas* em *Lecturas Dominicales*, Gaitán Durán irá participar ativamente dos

con los poetas” (27 de março de 1949) de Hugo Latorre Cabal (ensaísta também publicado por *Mito*).

Os anos 40 (principalmente, e algo dos 50) se caracterizam em Colômbia por literariamente reunir em coexistência a várias gerações de escritores, e uma boa comprovação disso é perceber a diversidade de autores publicados em *Lecturas Dominicales*, com nomes que vão de Baldomero Sanín Cano a Jaime Ibañez, de Marco Fidel Suárez a Hernando Téllez, de Germán Arciniegas a Antonio Montaña, de Rafael Maya a Marta Traba, de Luis Vidales a Jorge Rojas, de Germán Pardo García a Elisa Mujica, de Tomas Vargas Osorio a Meira del Mar etc⁷⁰, o que não deixa de comprovar alguma tolerância literária e ideológica por parte do jornal, certamente aprendida e trabalhada ao longo dos anos por seus responsáveis diante das polêmicas e contrastes intelectuais tão presentes no cenário cultural colombiano durante as primeiras décadas do século XX. Apesar de tais oposicionismos opinativos ou estéticos, *Lecturas Dominicales* tampouco reflete resultados de fato literariamente radicais, como se poderia supor no caso da existência de movimentos de vanguarda, fato que levou Rafael Gutiérrez Girardot (2011) a se referir à renovação de *Piedra y Cielo* como uma revolução na tradição.

No entanto, muito importante a abertura proporcionada por Carranza e Eduardo Caballero Calderón nas páginas de *El Tiempo* no sentido de renovação às letras do país. Por exemplo, no que se refere a futuros colaboradores e participantes diretos da revista *Mito*, um poeta como Fernando Charry Lara, como dissemos acima, exercita suas atividades literárias publicando seus poemas nas páginas desse suplemento, dando início à criação de uma obra (cujos primeiros textos, como veremos, também saem publicados em *Revista de las Indias*) que se identifica a princípio com o grupo *pós-piedracielista* de *los cuadernícolos* para em meados dos anos 50 compreender a necessidade do surgimento de uma revista literária como *Mito*, amadurecendo assim seu trabalho enquanto poeta e ensaísta.⁷¹ Outro fundamental escritor que

debates publicando alguns textos nesse suplemento, como “La nueva generación” (10 de outubro de 1948); “Carta a Jaime Posada. La polémica sobre la nueva generación” (17 de outubro de 1948); “Coloquio frustrado” (13 de fevereiro de 1949); “Algo sobre los poetas jóvenes” (3 de abril de 1949); “Una nueva conciencia ética” (25 de setembro de 1949); todos eles compilados por Mauricio Ramírez Gómez no livro *Un solo incendio por la noche* (Bogotá: Casa de Poesía Silva, 2004. 604 p.).

⁷⁰ No que se refere a escritores estrangeiros, podemos encontrar textos de Jean-Paul Sartre, Federico García Lorca, Luis Cardoza y Aragón, Ramón Gómez de la Serna, Stefan Zweig, Jorge Carrera Andrade, Juan Liscano, Alfonso Reyes, Pablo Neruda, Mariano Picón Salas, Paul Claudel, Gabriela Mistral, Rómulo Gallegos, entre outros.

⁷¹ Como exemplos de textos de Charry Lara publicados no jornal, citamos os poemas “Noche del alma”, “Retorno”, “Cielo del día”, “Tristeza del oeste”, “El verso llega de noche”, “Blanca taciturna” e “Al mar la sombra mía” (7 de janeiro de 1945); o ensaio “La pintura mejicana” (13 de abril de 1947); como também o

começa a publicar seus textos no suplemento no final dos anos 40 e início dos 50 é o santandereano Pedro Gómez Valderrama, que inclusive chega a manter uma coluna chamada “Los pasos perdidos” em que exercitará a crítica literária e de cinema, publicará seus primeiros contos e crônicas, chegando a *Mito* também com certa maturidade intelectual e forte presença.⁷² Já sob a tutela do jovem redator Jaime Posada, em 1948 o jornal também dedica suas atenções a Jorge Gaitán Durán, ao divulgar o lançamento de seu segundo livro de poemas *Presencia del hombre*, publicando poemas do livro e o trecho do texto de Hernando Téllez (constante colaborador de *Lecturas Dominicales* e também futuro participante de *Mito*) que havia servido como prólogo; assim como em 1955 aparecem em suas páginas poemas do livro *Vigilias con el ángel*, de Marta Traba, quem na futura revista exercerá sua reconhecida atividade como crítica de arte.

Além disso, como veremos adiante quando tratarmos especificamente da relevância dada por *Mito* ao compromisso do intelectual com os problemas sociais e políticos que então afligem ao país, como o caso da violência,⁷³ será possível notar na revista a continuidade de um exercício jornalístico muito utilizado por *El Tiempo*: o de entrevistas e pesquisas de opinião com significativos intelectuais colombianos. Além da já citada seção “Una hora con...”, que, como vimos, serviu de espaço de embate entre *centenaristas* e *los nuevos*, fizeram parte do suplemento literário do jornal também, por exemplo, a seção “Ideas y ideales” ou ainda a seção “Las grandes encuestas de El Tiempo sobre los problemas colombianos”, que em 1955 trouxe em duas entregas (27 de março e 3 de abril) os juízos de distintos personagens da cena cultural como os literatos Jaime Tello e Otto Morales Benítez, ou o pintor Ignacio Gómez Jaramillo e o escritor Pedro Gómez Valderrama, respondendo a perguntas sobre literatura, música, pintura e ciência em Colômbia.

Guardadas as devidas proporções, já que estamos nos referindo a um tipo de periodismo dinâmico e de breve periodicidade, de larga escala em sua cobertura literária acumulada no decorrer de sua existência (apesar de seu relativamente pouco espaço dentro do número total de páginas do jornal), como veremos, é possível encontrar na revista *Mito*, surgida após mais de 40 anos de presença de *Lecturas Dominicales* no meio cultural do país, alguns traços

ensaio “Exámen de la poesía” (14 de setembro de 1947) sobre a obra do poeta guatemalteco Luis Cardoza y Aragón, quem à época se encontrava em Bogotá cumprindo funções diplomáticas e exercendo forte influência em sua juventude literária.

⁷² Também citamos como exemplos os textos “Poema del adiós imaginario” (22 de setembro de 1946); o conto “Eliézer y Rebeca” (12 de março de 1950); a crônica “De los caminos y de los nombres” (28 de janeiro de 1951); a crítica de cine “Luces de la ciudad” (4 de fevereiro de 1951); o ensaio “Nada”, sobre o romance de Carmen Laforet (1 de abril de 1951); e a resenha “La novela de García Márquez, La hojarasca” (19 de junho de 1955).

⁷³ Ver *Mito: revista bimestral de cultura* número 25, de junho-julho de 1959.

redacionais comuns (como a busca de certa tolerância a diferentes ideologias e estéticas, ou a abertura para novidades literárias), significativos se levamos em conta a presença e participação em ambos periódicos de alguns expressivos escritores nacionais.⁷⁴

1.3 – *Revista de las Indias*⁷⁵

O início da publicação de *Revista de las Indias* em sua 1ª época (1936-1938) se deve à necessidade encontrada pelo Ministério da Educação do governo liberal de Alfonso López Pumarejo (1934-1938) de, através de seu Departamento de Extensão Cultural, possuir um canal oficial de comunicação entre o Ministério e a cidadania para divulgar e sustentar suas ações culturais e educacionais ao lado das mais significativas referências literárias, artísticas e científicas do país. Esse intuito esteve permeado por uma preocupação visivelmente pedagógica dentro de uma proposta de modernização do sistema educativo nacional movido pelo governo⁷⁶, procurando estabelecer as bases para a afirmação de uma identidade cultural

⁷⁴ Para exemplificar tal proximidade entre os dois periódicos no que concerne a seus colaboradores, identificamos a seguir a participação de alguns diretores de redação de *Lecturas Dominicales* nas páginas de *Mito*:

- Hernando Téllez publicou “En el reino de lo absoluto” (Nº 2), “Notas sobre la conciencia burguesa” (Nº 3), “La obra de Nicolás Gómez Dávila” e “Poesía y declamación” (ambos no Nº 4), a crítica do livro de Miguel Otero Silva, “Casas muertas” (Nº 6), “Notas sobre teatro” (Nº 8), “Márgenes” (Nº 15) e “Márgenes II” (Nº 36), “Notas sobre Mito” (Nº 18) e “Agenda borgesiana” (Nº 39-40), além de ter seu livro *Literatura y sociedad* como o primeiro publicado por *Ediciones Mito*, e de também tê-lo resenhado por Eduardo Caballero Calderón (Nº 13);
- Eduardo Carranza colaborou com o poema “Cuando” (Nº 22-23) e com a publicação do texto lido durante a homenagem nacional a Jorge Gaitán Durán em 16 de fevereiro de 1962 (portanto, antes de sua morte trágica), “Palabras de un poeta a otro poeta” (Nº 41-42);
- Eduardo Caballero Calderón, além da resenha do livro de Téllez, publicou o texto “La muerte del santo” (Nº 22-23) e teve seu livro *La penúltima hora* comentado em nota por Pedro Gómez Valderrama (Nº 4);
- Jaime Posada colaborou com o texto “La educación, única arma”, em resposta à pesquisa “La responsabilidad de los intelectuales ante la violencia” (Nº 25) e com uma mensagem de adesão, quando ministro da educação, à citada homenagem a Gaitán Durán (Nº 39-40);
- e, por último, Eduardo Mendoza Varela publicou os textos “Roma” (Nº 13), “Palestrina y sus ritos fálcos” (Nº 18), “Parábola de Ganimedes” (Nº 39-40), sua tradução do texto “Las romanas” de Federico Fellini (Nº 17), também teve seu livro *El Mediterraneo es un mar joven* resenhado por Fernando Charry Lara (Nº 39-40) e pertenceu ao Comitê de Direção da revista *Mito* do Nº 22 até o seu final.

⁷⁵ Para este estudo foram consultados os exemplares existentes nas hemerotecas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; da biblioteca pública municipal de São Paulo Mário de Andrade; e da Hemeroteca Nacional Universitaria da Universidad Nacional de Colombia.

⁷⁶ Em seu início, *Revista de las Indias* deixou explícitas suas intenções educacionais, relegando aos intelectuais e artistas a função de propagadores culturais. Lina Martínez Hernández (2011, p. 29), em seu interessante estudo sobre esse papel desempenhado pela revista, afirma: “La relación entre las nociones de ‘alta cultura’, ‘clases intelectuales y artísticas’, ‘extensión cultural’ y ‘acción educadora’ señaló el papel de liderazgo educativo y cultural que asumió un sector de la intelectualidad colombiana, aquel comprometido con la visión reformista de López, al responsabilizarse de la educación no sólo de las masas, sino de los futuros intelectuales; en otras palabras, la revista y sus colaboradores asumieron el papel de ‘maestros de maestros’ del espíritu nacional.”.

colombiana cuja difusão ultrapassasse as fronteiras para alcançar um diálogo com outros países latino-americanos.⁷⁷ Sob direção de Arcadio Dulcey, León de Greiff e responsabilidade gráfica de Sergio Trujillo Magnenat, *Revista de las Indias* conseguiu durante sua 1ª época alta qualidade gráfica com uso de papel com brilho e lisura que permitiram a boa impressão de fotos, pinturas, desenhos e ilustrações coloridos, partituras musicais, projetos, croquis e mapas, garantindo uma apresentação visual chamativa e de alto padrão para as condições técnicas da indústria editorial da época.

Em literatura encontramos desde homenagens a Tomás Carrasquilla (pelo “Premio Nacional de literatura y ciencias José María Vergara y Vergara” em 1936) ou a Federico García Lorca (vítima da Guerra Civil Espanhola); cadernos especiais dedicados a poemas de Ismael Enrique Arciniegas (responsável pelo importante periódico conservador *El Nuevo Tiempo* entre os anos de 1904 e 1930), ou à poesia de Rafael Vásquez (ligado nos anos 20 ao grupo de *Los Nuevos*); poemas de Porfirio Barba-Jacob, Aurelio Arturo, León de Greiff, Luis Vidales, do jovem Eduardo Carranza, como também o poema “Miedo”, únicos versos conhecidos do influente cronista Luis Tejada (morto prematuramente aos 26 anos em 1924); contos de Tomas Vargas Osorio e José Restrepo Jaramillo; estudo sobre a literatura espanhola de Baldomero Sanín Cano e o texto “De Poesía” de Pablo Neruda (retirado da revista *Caballo Verde para la Poesía*); e ainda trechos de romances de Eduardo Zalamea Borda e de Eduardo Caballero Calderón.

Interessante notar que a busca por uma literatura representativa da nacionalidade colombiana justificou a divulgação de tão díspares inclinações estéticas, como é possível ver pela lista de autores no parágrafo anterior. Reflexo de uma característica predominante na literatura do país, a ausência de movimentos aglutinadores de propostas coletivas de comum afinidade literária proporcionou resultados como os refletidos por *Revista de las Indias*, onde se mesclaram obras e autores artisticamente adversos (por exemplo, como o de publicar o controverso poema “Lírica canción de la huelga en cinco cuerdas” de Luis Vidales e depois o romântico “Romancero de la conquista” de Ismael Enrique Arciniegas)⁷⁸. Apesar disso, é possível encontrar uma preocupação da revista em divulgar uma literatura nacionalista que servisse aos propósitos ideológicos e culturais do governo López, dentro de uma lógica que

⁷⁷ Como veremos, a partir de sua 2ª época (1938-1951) no decorrer da trajetória da revista durante os anos 40, tais propósitos sofrerão alterações ao focar seus objetivos na internacionalização da publicação como espécie de “porta-voz” da cultura de países da América Latina assim como da Espanha, ainda que sem deixar de transparecer seu caráter oficial de periódico institucional colombiano.

⁷⁸ Respectivamente nos números 3 (de setembro de 1936) e 8 (de janeiro de 1938).

bem definiu Lina Martínez Hernández (2011, p. 33): “(...) además de estudiar la diversidad cultural, los intelectuales debían difundir sus descubrimientos para formar a la sociedad alrededor de símbolos identitarios comunes a todos.”. Nesse sentido, significativa é a importância atribuída em suas páginas ao trabalho do antioqueño Tomás Carrasquilla, a do santandereano Tomas Vargas Osorio, ou a de Darío Samper, quando Otto de Greiff ressalta o regionalismo da obra *Cuadernos del trópico* ao resenhar esse livro: “Darío Samper, boyacense de nacimiento y tolimese de corazón y de elección, se ha propuesto cantar las cosas nuestras, auténticas, terrígenas, vernáculas.”.⁷⁹

É possível também enxergar uma evidente preocupação com a formação de referências identitárias na publicação de estudos de caráter científico nas áreas de história, arqueologia e ciências sociais. Com o objetivo de impulsionar o acréscimo de trabalhos dessa ordem em um meio ainda iniciante, *Revista de las Indias* assume o papel de “maestro de maestros” atuando simultaneamente em diferentes campos humanísticos e procurando assim contribuir para a educação patrimonial do país, além da respectiva divulgação de sua cultura no exterior, contribuindo de forma fundamental, por exemplo, para o início de aplicações metodológicas científicas às pesquisas sobre o passado indígena no país.⁸⁰

O cuidado gráfico e a qualidade de impressão da revista em sua 1ª época possibilitou uma singular promoção visual de artes como as plásticas⁸¹ ou a fotografia. Mas isso também colaborou para a divulgação da perspectiva educacional tomada por seus organizadores como básica, tanto em seus aspectos político-pedagógicos como infraestruturais. Já em seu primeiro

⁷⁹ Apud HERNÁNDEZ, op. cit., p. 33.

⁸⁰ Significativas são as publicações dos estudos acerca de culturas indígenas pré-hispânicas como “Contribución al estudio del arte Quimbaya” de Cesar Uribe Piedrahita e “Descubrimientos arqueológicos en Inzá” (ambos no N° 2, de agosto de 1936); “Caballitos de Ráquira” de Germán Arciniegas (N° 3, de setembro de 1936); “Arqueología de San Agustín” de José Pérez de Barradas (N° 8, de janeiro de 1938); e sobretudo os de Gregorio Hernández de Alba, “Arqueología: el Templo del Sol de Goranchacha” (N° 7, de outubro de 1937) e “Investigaciones arqueológicas en Tierradentro” (N° 9, de abril de 1938 e N° 10, de agosto de 1938). Alguns estudos interessantes na área de história são os de Gustavo Samper, “La revolución de los comuneros colombianos” (N° 2, de agosto de 1936); o de Rafael Tovar Ariza, “La disolución de la Gran Colombia y sus causas” (N° 8, de janeiro de 1938); ou ainda o conjunto de fotos de Luis B. Ramos “Arquitetura colonial” e “Ornamentación colonial” (N° 3, de setembro de 1936).

⁸¹ Outra essencial característica de *Revista de las Indias* tanto durante sua primeira época como em parte de sua segunda época, foi o cuidado oferecido às artes plásticas. Por exemplo, nos 10 números de sua 1ª etapa encontramos inúmeras fotos de desenhos e gravuras, como os de Ramón Barba e Carolina Cárdenas; de esculturas como as de José Domingo Rodríguez; de afrescos de Pedro Nel Gómez; e uma especial atenção à obra de Ignacio Gómez Jaramillo, publicando textos de sua autoria como “Escuelas de pintura al aire libre” (informe sobre tal projeto desenvolvido no México, N° 4, de out./dez. de 1936) e “La pintura al fresco” (N° 8, de janeiro de 1938), além de dedicar várias páginas da entrega N° 7 (de outubro de 1937) ao pintor, com textos de Eduardo Zalamea Borda e Manuel Rodríguez Lozano, e óleos do próprio Jaramillo espalhados pela revista, inclusive sendo um deles colorido e protegido com papel de seda.

número, aparecem informes como a da Escuela Nacional de Bellas Artes, pertencente ao aparelho institucional educativo do estado; em seu segundo número uma grande quantidade de páginas com fotos de construções do Ministério da Educação⁸²; no número 6 (julho de 1937) encontramos uma edição especial dedicada à reforma universitária e construção da cidade universitária em Bogotá, com textos de Jorge Zalamea (transcrição do discurso “El gobierno y la nueva universidad”, proferido no Senado pelo então secretário do Ministério, sobre a necessidade de reformas na Universidade Nacional); de Germán Arciniegas⁸³ (“Los románticos”, trecho de seu livro “El estudiante de la mesa redonda”); de Gerardo Molina (“La nueva universidad”); dos assessores técnicos em pedagogia do Ministério, o espanhol Luis de Zulueta (“La universidad en el siglo XX”) e o alemão Fritz Karsen (“Organización de la Ciudad Universitaria”); além de desenhos do projeto de construção da cidade universitária, fotos de maquetes e organograma da reforma proposta com distribuição das diferentes ciências e suas respectivas matérias; e, por último, o número 7 (outubro de 1937) traz um caderno especial voltado às Escolas Normais com textos de Luis López de Mesa e Fritz Karsen, assim como projetos de obras, croquis e fotos de escolas pelo país. Percebe-se que a noção de modernização do sistema educativo colombiano passa por profundas reformas nos níveis normal e universitário, evidenciando uma preocupação com a formação de novos professores atualizados pedagogicamente, como uma ampliação da profissionalização em frentes novas e modernas, promovendo o desenvolvimento de pesquisas em áreas distintas às tradicionais como medicina, engenharia ou direito.

Em sua 1ª época, a função de *Revista de las Indias* nesse processo é clara, enquanto parte do equipamento governamental necessário para a implantação de políticas públicas nos âmbitos culturais e educativos. Ao lê-la, é possível visualizar em suas páginas como sua organização editorial de conteúdos obedece a um propósito específico oficial, ao demonstrar sua participação nos meios culturais do país como veículo de divulgação aberto à literatura, à ciência, às artes em geral, de maneira pedagógica. A atribuição a um órgão de periodismo cultural e literário de relevante papel para a implantação de uma política cultural em nível nacional é uma característica marcante de *Revista de las Indias* que podemos destacar, e que, de uma maneira ou de outra, dentro do conjunto de revistas e periódicos colombianos da

⁸² Como as do “Teatro infantil del Parque Nacional en Bogotá” ou da “Escuela normal de maestras rurales en Bogotá – La Picota”, ou com imagens do projeto de construção como a da “Escuela de artes indígenas de Valledupar”.

⁸³ Germán Arciniegas foi o proponente, quando representante do departamento de Cundinamarca na Câmara em 1933, de projeto de lei para reformar a universidade colombiana.

primeira metade do século XX que serviram como meios de formação intelectual aos jovens da época, seguramente chegará ao grupo da revista *Mito* como importante referência.

Com a eleição de Eduardo Santos à presidência em 1938, torna-se visível como a revista sofre uma grande transformação diretamente resultante das mudanças de política cultural propostas pelo novo governo. A primeira e determinante alteração foi de ordem diretiva, já que a revista passa a estar a cargo da recém-fundada *Asociación de Escritores Americanos y Españoles*, servindo como órgão à associação. Criada na *Festa do Livro* durante a comemoração do *IV Centenário de Bogotá* em 25 de agosto de 1938, em sua declaração de fundação encontram-se os interesses primordiais da nova entidade, como “(...) el deseo de cambiar ideas sobre la manera de llegar a un mayor acercamiento entre los escritores y artistas que, sobre todo en América, suelen vivir en total aislamiento, perjudicándose así una obra de cultura continental que se ve por esto disminuída y entrabada”, buscando “crear una conciencia de solidaridad entre quienes se ejercitan en los trabajos propios de la inteligencia”, para concluir que àqueles que trabalham com a matéria americana não se oculta “la dificultad con que hoy tropieza el escritor para hacer obras de mayor aliento por falta de esta común inteligencia”.⁸⁴

Sob a nova direção de Germán Arciniegas (como também a da associação), *Revista de las Indias* recomeça a contagem de suas publicações, agora com um corpo de redação formado por Baldomero Sanín Cano, Luis de Zulueta, Tomás Rueda Vargas, Benjamín Carrión e Pablo Abril de Vivero, tendo como secretário de redação a Alberto Miramón, e com o subtítulo de *Publicación mensual de literatura y de crítica*. Seu novo formato é menor, a qualidade do papel inferior aos da 1ª época e em suas páginas começam a surgir espaços para publicidade. Já avançados novos 4 números desta 2ª época, em abril de 1939, na seção “Notas” e sem trazer assinatura de sua autoria, é publicado um texto intitulado “Para América”, ressaltando os objetivos da “nova” revista, provavelmente querendo rebater críticas a respeito das mudanças por ela sofrida:

La “Revista” no es de grupo, si por esta designación se entiende que determinadas personas aspiran a hacer prevalecer determinadas ideas o formas de su predilección. Se ha abierto el campo a todas las opiniones y no se desconoce el derecho de las formas a hacerse presentes dentro de la índole del idioma y las exigencias de la claridad. En la Junta Directiva se ha querido representar el pensamiento de América y de España, sin intransigencias de grupo. (...).

⁸⁴ Declaração publicada na seção “Notas” sob o título “Revista de las Indias”, no número 1 de sua 2ª época, de dezembro de 1938, e assinada por Pablo Abril de Vivero e José Jiménez Borja (Peru); Germán Arciniegas, Eduardo Carranza, Daniel Samper Ortega e Joaquín Tamayo (Colômbia); Benjamín Carrión e Nicolás Delgado (Equador); Alfredo Coester (Estados Unidos); Curt Lange e Arturo Manasés C. (Uruguai); Mariano Latorre (Chile); Gustavo Adolfo Otero (Bolívia); José Cuatrecasas, José María Ots Capdequí, José Pérez Domenech e Luis de Zulueta (Espanha).

En los números ya publicados hay trabajos, según el pensar general, dignos de atención y provenientes de escritores nacionales de varias tendencias, y de extranjeros impulsados por sus propios sentimientos y dueños en absoluto de su libertad de expresión. La “Revista de las Indias” no es Revista de grupo.⁸⁵

Curiosa a ênfase sobre a negação à ideia de uma publicação “porta-voz” de um grupo, porque, como veremos, a revista explicitamente diminui (ainda que sem deixar de fazê-lo) a divulgação de propostas e ações do Ministério da Educação que, é importante esclarecer, continua financiando sua publicação. Portanto, se a revista diminui consideravelmente a “propaganda” governamental e sua direção afirma e reafirma a liberdade de expressão aos escritores colombianos ou estrangeiros, sem prevalecimento de ideias (subentende-se “estéticas”) ou opiniões (subentende-se “políticas”) de grupo algum, qual é a nova proposta editorial? A dúvida naturalmente surge diante da possibilidade de *Revista de las Indias* em sua nova etapa tornar-se um veículo literário que se adira a uma corrente ou movimento ideológico, e a reação crítica (sobretudo dos leitores colombianos) faz-se entender dentro da lógica nacionalista de um espírito cultural acostumado à predominância de tendências conservadoras sobre predisposições vanguardistas internacionais, ainda mais se lembramos das características da revista durante sua 1ª época. Recordemos também que Germán Arciniegas era um homem de extrema confiança de Eduardo Santos desde os inícios de *El Tiempo*, e que a liberdade de atuação de Arciniegas junto à revista estaria respaldada por anos de reconhecimento público de suas posturas literárias ou políticas.

Interessante, neste sentido, a ausência de Germán Arciniegas nas páginas da revista *Mito*. O crítico francês Jacques Gilard (2005, p. 50), em seu texto “Para desmitificar a *Mito*” ressalta os prejuízos literários causados pelo controle editorial de Arciniegas em *Revista de las Indias* (como, por exemplo, deixar de publicar Jorge Luis Borges) e depois em *Revista de América* (1945-1957) com uma concepção de liberdade “trumaniana y premaccarthysta, desentendiéndose de la violencia colombiana y tratando el existencialismo a base de chistes mediocres”, o que teria possivelmente levado a um posterior distanciamento por parte do grupo de *Mito* de Arciniegas. Dentre os que fizeram parte do corpo de redação de *Revista de las Indias*, além de León de Greiff (que dele participou durante a 1ª época) cuja participação em *Mito* já relatamos anteriormente, e de Eduardo Carranza (que fez parte do corpo redacional de *Revista de las Indias* em sua 2ª época), de cuja participação em *Mito* também aqui já tratamos, a figura literária que mereceu atenção em *Mito* foi a de Baldomero Sanín Cano (que esteve no corpo de redação da *Revista de las Indias* também durante sua 2ª época),

⁸⁵ Número 5, de abril de 1939, p. 156.

publicando um único texto de sua autoria, “Almoneda” (Nº 14), mas dedicando-lhe reflexões, como nos textos “Baldomero Sanín Cano y los intelectuales colombianos” de autoria da Redação de *Mito* (Nº 9), “Sanín Cano” de Jorge Gaitán Durán (Nº 13), “Influencia de Sanín Cano” de Hugo Latorre Cabal (Nº 17) e “Sanín Cano: claridad del espíritu”, nota de Fernando Charry Lara (Nº 18), além da edição de seu livro *La pesantez de la belleza, y otros cuentos* como a segunda publicação de Ediciones *Mito* em sua primeira série.

Em sua nova época, *Revista de las Indias* evidencia também mudanças significativas em seu conteúdo, dando maior espaço para a publicação de textos de literatura. A internacionalização iniciada contará com a colaboração de inúmeros autores americanos e espanhóis, como Xavier Abril, Benjamin Carrión, Gabriela Mistral, Alfonso Reyes, Pablo Neruda, Dalia Iñiguez, Waldo Frank, Antonio Castro Leal, Jorge Icaza, J. Natalicio González, José Prat, Ramón Gómez de la Serna, Macedonio Fernandez, Cesar Fernández Moreno, Rafael Alberti, Guillermo de Torre, Jorge de Lima, Octavio Paz, Fernando Ortiz, Enrique Espinoza, Jorge Carrera Andrade, Nicolás Guillén, entre outros. Através de uma extensa lista de colaboradores, a revista procurou mostrar na prática o que talvez não tivesse ficado muito claro (para alguns colombianos nacionalistas) com a nova proposta editorial iniciada, ao divulgar poemas, ficções e críticas provenientes de diferentes lugares de América ou Espanha.⁸⁶

Ao buscar romper o isolamento entre escritores principalmente latino-americanos e europeus, e “crear una conciencia de solidaridad” entre eles, Germán Arciniegas e demais responsáveis pela revista também levam a efeito uma “neutralidade” editorial, comparável a de *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* que, revestida de ares de imparcialidade política e ideológica, não deixam de demonstrar seu despreço por obras de tendências vanguardistas, tendo em vista a pouca existência em suas páginas de obras ou estudos de correntes ligadas a algum “ismo”, sendo o mais próximo que chegaram de estéticas mais ousadas os poemas de simbolistas franceses⁸⁷, poemas de T. S. Eliot (traduzidos por Enrique Uribe White), de St. J. Perse (traduzidos por Jorge Zalamea) ou a peça de teatro de Jean Cocteau, *La voz humana*⁸⁸

⁸⁶ Também foram anunciadas algumas importantes revistas literárias latino-americanas como a mexicana *Taller*, a norte-americana *Revista Iberoamericana*, as colombianas *Espiral* e *Revista de América* (*Publicación mensual de El Tiempo*, dirigida por Eduardo Santos, G. Arciniegas e Roberto García Peña), e ainda feitas propagandas para assinaturas de revistas como as mexicanas *Cuadernos Americanos* e *El Hijo Pródigo*, as argentinas *Sur* e *Babel*, além de publicidade da casa Editorial Losada.

⁸⁷ Citamos o texto “Verlaine, el cojitranco; Rimbaud, el enigmático; Mallarmé, el nigromante” de Jorge Zalamea (Nº 23-24, de nov.-dez. de 1940); ou as traduções de Guillermo Valencia, de Baudelaire, Mallarmé e Verlaine publicadas na entrega Nº 54, de junho de 1943, em homenagem à morte do bardo colombiano.

⁸⁸ Nº 59-60, de nov.-dez. de 1943.

(traduzida por Hernando Téllez), predominando atenções a estudos críticos de franceses como Paul Rivet (presente em Bogotá durante o período), Paul Valéry (a quem se prestou uma homenagem quando de sua morte em 1945), Roger Bastide (à época vivendo em São Paulo) e Jean-Paul Sartre (sobretudo ao texto “Por una literatura responsable”, traduzido por Jaime Tello para o N° 81, de setembro de 1945). No que diz respeito a hispanos, os poetas publicados foram Pablo Neruda⁸⁹, García Lorca⁹⁰ ou Octavio Paz⁹¹, estando assim praticamente ausentes obras ou estudos de movimentos literários de vanguarda latino-americanos.

A maior ocupação de *Revista de las Indias* em sua 2ª época com literatura também é visível diante de algumas ações que são dignas de observação por alimentar certa “tradição” no periodismo cultural colombiano, como já mencionamos anteriormente ao tratarmos de *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*, e que também estarão presentes na revista *Mito*: a divulgação de pesquisas de opinião com prestigiados intelectuais do país e a criação de uma casa editorial para publicar livros e assim organizar uma biblioteca sob os cuidados dos periódicos. Em relação às opiniões de intelectuais, o tema ligado à 2ª Guerra Mundial proposto a partir do N° 69, de setembro de 1944⁹² (e cujas respostas às questões foram sendo publicadas nas próximas entregas até a de N° 77, de maio de 1945) foi de alguma maneira uma tentativa de aproximar-se de assunto delicado à revista⁹³ sem necessariamente assumir uma posição específica diante do conflito, a não ser a de explicitar os enormes prejuízos e atrasos à “cultura” por ele provocados, numa postura claramente evasiva. Em sua apresentação das perguntas, fica notória a preocupação da revista “si las manifestaciones

⁸⁹ Poema “G. A. B.” (N° 7, de junho de 1939) e o texto “Introducción a Neruda”, de Fernando Charry Lara (seção “Notas” do N° 30, de junho de 1941).

⁹⁰ Por exemplo, o texto de Rafael Alberti, “Federico García Lorca y la resistencia de estudiantes”, também no N° 30, de junho de 1941.

⁹¹ Poemas “Vigilias” y “El egoísta”, no N° 64, de abril de 1944.

⁹² Foram lançadas as seguintes perguntas: 1ª ¿Permanecerán en Europa o cambiarán de sede los centros de nuestra cultura en la postguerra?; 2ª ¿Seguirá a los actuales trastornos un progreso o una decadencia en la marcha de la cultura?; 3ª ¿En el porvenir se les asignará valor de medios o de fines a la literatura y al arte?; 4ª ¿Qué papel reserva el futuro a los intelectuales y, especialmente, a escritores y artistas?, às quais responderam Rafael Maya, Baldomero Sanín Cano, J. Rodríguez Páramo, Francisco Ayala, Jorge Bayona Posada, Cayetano Betancur, Ramón Gómez de la Serna, Guillermo Díaz Doin, Jaime Tello Quijano, Mariano Ruiz-Funes, Luis Vidales, José Prat, J. M. Restrepo Millán e Francisco José González.

⁹³ É necessário destacar que o tema da guerra esteve presente na revista em algumas entregas, como em textos de Jorge Zalamea (N° 18), Hernando Téllez (N° 26), Andrés Holguín (N° 36), Fernando Charry Lara (N° 37), Carlos Martín (N° 59-60) e José Prat (N° 68), o que revela uma inquietação por parte de alguns colaboradores mais conscientes da necessidade de se posicionar diante de problemática sempre cara aos intelectuais.

culturales más inmediatas – literatura, arte – permanecerán después al servicio de una ideología política”⁹⁴, demonstrando assim seu cuidado diante desse tema.

Quanto à criação da *Biblioteca de la Revista de las Indias*, anunciada desde o N° 2 de sua 2ª época, foram publicados os títulos *Los septembrinos*, de Alberto Miramón; *Jimenez de Quesada*, de Germán Arciniegas; *Goethe*, de Gerhard Massur e Guillermo Valencia; *Mujeres frente al mar*, de Eduardo Caballero Calderón; *Zea* (biografia), de Roberto Botero Saldarriaga; *Vida y sueño de España*, de Luis de Zulueta; *Memorias de los otros*, de Baldomero Sanín Cano; e *Ensayos críticos*, de Antonio Gómez Restrepo; todos colaboradores diretos da revista ou pertencentes ao seu corpo redacional. Além disso, o incentivo à publicação também veio através de outra importante ação, que foram os concursos literários. O primeiro deles foi o de contos, lançado no final de 1940 e cujo resultado foi publicado no N° 27, de março de 1941. Depois de conturbada e difícil decisão acerca do vencedor, o jurado formado por Hernando Téllez, Eduardo Carranza⁹⁵, Tomás Rueda Vargas e Tomás Vargas Osorio, com a ajuda do secretário geral da Biblioteca Nacional, Evaristo Delgado Mallarino, escolheu o conto “¿Por qué mató el zapatero?” de Eduardo Caballero Calderón para o primeiro lugar, ficando o conto “La grieta”, de Jorge Zalamea, em segundo, sendo ambos publicados na revista. Em novembro de 1942 a revista lançou o concurso de sonetos, publicando os poemas “Imagen del olvido” de Andrés Holguín e “Fruto del sueño” de Arturo Camacho Ramírez, como respectivamente 1° e 2° vencedores no N° 50, de fevereiro de

⁹⁴ N° 69, de setembro de 1944, p. 106.

⁹⁵ Como já havíamos mencionado em relação a *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*, durante os anos 40 em que praticamente transcorreram quase toda 2ª época de *Revista de las Indias*, também é possível nela perceber uma forte presença de escritores de *Piedra y Cielo*. Desde resenhas como a da obra de Jorge Rojas realizada pela cubana Dalia Iñiguez (“Jorge Rojas, verdad esplendorosa en la poesía de América”, presente na seção “Libros” do N° 2, de janeiro de 1939), textos e poemas de Carranza, estudo da obra de Rafael Maya por Carlos Martín (“Medida poética de Rafael Maya”, no N° 5, de abril de 1939) ou poemas de Tomás Vargas Osorio, já nos primeiros números do final dos anos 30 os *pedracielistas* estão presentes na revista, numa participação crescente que alcançará verdadeiro predomínio literário, que a meados dos anos 40 será complementado por escritores do grupo dos *cuadernícolos*, em que estão incluídos Jaime Ibañez, Fernando Charry Lara, Saúl Aguirre, Andrés Holguín e Daniel Arango. Vale destacar que nas páginas da revista também foram dados seguimentos às polêmicas travadas nos principais suplementos literários da época, como vimos o que ocorreu no de *El Tiempo*. Por exemplo, Jorge Zalamea contribuiu com seu texto “Notas sobre Piedra y Cielo”, em que ao comentar a leitura de Juan Lozano y Lozano publicada em *Lecturas Dominicales* de 25 de fevereiro de 1940, na entrega N° 15 de *Revista de las Indias* do seguinte mês de março chama a atenção para a notoriedade adquirida pelos jovens poetas diante de tanta pugna. Também na revista foi comentada e analisada a polêmica levantada por Eduardo Carranza com seu texto “Bardolatría”, em textos como o de Daniel Arango (“Una Polémica literaria”, N° 30, de junho de 1941) ou no texto “La polémica sobre la poesía de Valencia” (não assinado, N° 36 de dezembro de 1941), onde podemos notar uma postura favorável ao questionamento da unanimidade nacional da obra de Guillermo Valencia.

1943.⁹⁶ Interessante dizer que nesse concurso Pedro Gómez Valderrama, um dos futuros organizadores da revista *Mito*, receberá menção honrosa por seu soneto “Día en el corazón”, numa de suas primeiras publicações literárias.

Revista de las Indias contou com a intensa participação de um poeta e crítico fundamental para nosso estudo sobre a revista *Mito* que é Fernando Charry Lara. Sua presença durante a 2ª época da revista mostrou-se de grande experiência ao futuro colaborador da revista *Mito*, levando-se em consideração a qualidade de seus primeiros poemas e leituras reflexivas de obras importantes iniciados nessa revista (assim como em *Lecturas Dominicales de El Tiempo*).⁹⁷ Dentre os textos de Lara, destacamos o ensaio “La poesía colombiana en 1943”⁹⁸, em que, ao discorrer sobre os possíveis motivos para a poesia no país encontrar-se tão restringida naquele momento, ele comenta sobre a ausência de poesia política durante a guerra, tema difícil para *Revista de las Indias*:

No puede tampoco afirmarse que los escritores de Colombia, en esta hora grande del mundo, dediquen su esfuerzo al estudio de los problemas que el momento universal suscita. ¿Cuál sería, sobre el asunto, la obra publicada? ¿Se ha escrito algo de interés al respecto? Sin embargo, por la escasez de temas que acosa a algunos sectores de la prensa, se hacen a veces en ella continuos reclamos a los poetas, por el hecho de que escriben una poesía que consideran “alejada de los temas presentes”.

Jorge Gaitán Durán também estará presente em *Revista de las Indias*, primeiramente com Álvaro Sanclemente escrevendo sobre o livro *Insistencia en la tristeza* (Nº 92-93), depois com a publicação de seu poema “Prometeo”, em entrega Nº 99 que anuncia o início de suas colaborações à revista escrevendo sobre artes plásticas, o que se dá unicamente no número 100, de out.-nov.-dez. de 1947. Em relação a essa breve participação de Gaitán Durán em *Revista de las Indias*, seus textos “El arte de Edgar Negret”, “La pintura de Eduardo Ramírez”, “La pintura de Lucy Tejada” e “El caso de la Escuela de Bellas Artes” demonstram

⁹⁶ No Nº 85, de janeiro de 1946, a revista também publicou as fotos vencedoras do concurso fotográfico aberto pelo Ministério da Educação, cujos vencedores foram Álvaro Hermida, Enrique Pradilla, Abel Mazuera e Thomas J. Driver.

⁹⁷ Além de poemas como “Noche desierta”, “La luna sobre el mar”, “Blanca taciturna” e “Retorno”, Charry Lara exercita suas observações críticas em textos como “Los poemas de T. S. Eliot” (Nº 22), “La poesía de Luis Cernuda” (Nº 23-24), o aqui já citado “Introducción a Neruda” (Nº 30), “El año terrible” (Nº 37, sobre suas angústias diante da 2ª Guerra Mundial), “El poeta y el público” (Nº 39, sobre a pesquisa de opinião publicada pela revista bogotana *Presencia*, que identifica a Rafael Maya, León de Greiff e Guillermo Valencia como os melhores poetas colombianos vivos...) e “Poesías de Aurelio Arturo” (Nº 85, onde analisa versos de seu livro publicado pela *Colección Cántico*). Também importantes são as resenhas de José Constante Bolaño (Nº 75) do livro de Charry Lara, *Poesía*, publicado pela mesma *Colección Cántico*, leitura favorável que identifica as principais características de sua lírica; e a de Enrike Torregrosa sobre o livro *Nocturno y otros sueños* (Nº 109).

⁹⁸ Nº 59-60, de nov.-dez. de 1943. p. 340.

sensibilidade pictórica e destreza crítica para enxergar com sinceridade os acertos e desacertos dos artistas em questão, ou para questionar o pouco rendimento da importante escola de artes colombiana.

Interessante notar que tanto *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* como *Revista de las Indias* servirão como espaço literário para as primeiras investidas intelectuais de jovens escritores envolvidos com *Mito* a partir de 1955, configurando o início de uma tendência aproximativa entre tais autores e ensaístas que, além de vínculos naturais de ordem de idade, não deixa de transparecer alguma possível afinidade cultural⁹⁹. O que podemos apontar agora sobre essas primeiras participações é que, sobretudo no que diz respeito à *Revista de las Indias* e sua linha editorial, elas servirão como significativa experiência a esses jovens intelectuais (como, por exemplo, a busca por romper o isolamento entre escritores latino-americanos e europeus), bem observada por Manuel Restrepo (1990, p. 27) acerca de seus trânsitos por “el camino ‘de las Indias’”:

La lectura de esta publicación permite apreciar el liderazgo de un núcleo de la intelectualidad colombiana, factor positivo en su intención, pero decididamente negativo en su resultado, porque permitió permear la revista con los vicios seculares de una tolerancia equivocada, que a nombre de un mal entendido “pensamiento liberalizante” no permitió desenmascarar a los “figurones de una literatura del mimetismo y la imitación” que conducían a los caminos de siempre, al historiador de “legajos canónicos y jurídicos”, al “ensayista florido” pero sin contenido, a los “poetas de veladas escolares” y a los críticos que, en suma, seguían satisfaciendo las “necesidades ornamentales del retroprogresismo”. Por eso no sería exagerado decir que de las cenizas de la Revista de las Indias nació otro proyecto que evitó toda

⁹⁹ Outros significativos escritores colaboradores de *Mito* a partir de 1955 e que desenvolvem seus trabalhos críticos ou poéticos em *Revista de las Indias* são:

- Pedro Gómez Valderrama, que além do soneto “Día en el corazón”, acima mencionado, também teve publicado seu poema “Canción de la tarde y su recuerdo” (Nº 63) e resenhado seu livro *Norma para lo efímero* (Nº 64);
- Hernando Téllez, com traduções e frequentemente publicando ensaios, dedicando-se também ao teatro (“Miserias y dificultades del teatro” (Nº 27), “Nuevas reflexiones sobre el teatro” (Nº 29)) e tendo resenhado seus livros *Lucas en el bosque* e *Cenizas para el viento y otras historias* (respectivamente por José Constante Bolaño no Nº 87, de março de 1946; e por Félix Raffan Gómez, no Nº 116, de nov.-dez. de 1950);
- Andrés Holguín, colaborando com poemas (como “Tierra humana” (Nº 89)), ensaios (como “Vicente Gerbasi – Retorno a lo humano” ou “El sentido del misterio en Silva” (Nº 90)) e usualmente presente na seção “Notas”;
- Daniel Arango também colaborador habitual da seção “Notas” (com textos como “Sentido popular del arte” (Nº 85) e “Porfirio Barba-Jacob” (Nº 86));
- Álvaro Mutis assina algumas resenhas como a do livro *Santuario*, de William Faulkner (Nº 85, seção “Libros”);
- Danilo Cruz Vélez publica o ensaio “La conciencia histórica y el problema de la filosofía” (Nº 98);
- Fernando Arbeláez publica “Poesía y experiencia” (Nº 111);
- Rafael Gutiérrez Girardot resenha o livro *Filosofía y vida* (Nº 114), de Juan Roig Gironella;
- Eduardo Cote Lamus tem seu livro *Preparación para la muerte* resenhado (por Mario Montoya, no Nº 115, de set.-out. de 1950);
- o mesmo que Rogelio Echavarría com seu livro *Edad sin tiempo* (por Francisco Javier Zuluaga, no Nº 102, de mar.-abr.-mai. de 1948).

Tais textos citados de autores mais tarde vinculados a *Mito* são apenas para exemplificar alguns casos de publicações em *Revista de las Indias*, intuito que não se pretende esgotador de todos os casos.

costa repetir estos errores y puso todo su empeño en mejorar sus aciertos: la revista Mito.¹⁰⁰

A leitura crítica de Manuel Restrepo se refere principalmente à falta de um comprometimento político de *Revista de las Indias* mais condizente com as turbulências político-sociais vigentes na América Latina de então:

Era una época de rebeldía, de represión, de silencio y de gritos de libertad. Podría pensarse que los cambios políticos y sociales, entre ellos la aparición del populismo en América Latina, se reflejaron en la revista, pero, en verdad, ésta siempre evitó comprometerse con aquellos procesos que señalaban de mil maneras el “tránsito de fin de vida” a “tiempo de historia”, como ya lo habían propuesto dos grandes de América: Alfonso Reyes y Pedro Henríquez Ureña.¹⁰¹

Seguindo o raciocínio de Restrepo, de fato, os reflexos políticos dentro das páginas da revista se mostraram de um acanhamento excessivo diante de tempos de guerra atravessados por sua existência, como, por exemplo, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), salvo as colaborações já citadas de alguns intelectuais colombianos (Zalamea, Téllez, Holguín, Charry Lara, Carlos Martín) ou de estrangeiros exilados em Colômbia como os espanhóis Luis de Zulueta, José Prat, Ramón Gómez de la Serna, Pedro Salinas e Francisco Ayala, através de textos espalhados ao longo de diversas entregas ou participantes da pesquisa de opinião publicada entre os números 69 e 77.

Em relação a questões latinoamericanas ou especificamente colombianas, o único número que dedicou boa parte de suas páginas para temas políticos foi o de 102, de mar.-abr.-mai. de 1948. Como não poderia deixar de ser diante de tamanha inquietação social provocada a partir do assassinato do líder liberal Jorge Eliécer Gaitán em 9 de abril, durante a *IX Conferencia Panamericana* realizada em Bogotá, *Revista de las Indias* publica o texto “La Conferencia de Bogotá y los progresos del Panamericanismo”, do jurista e delegado participante da Conferência, Jesús María Yepes, onde ele realiza um exame da Carta de Organização dos Estados Americanos; publica também o texto de Lucio Pabón Nuñez “El presidente de la IX Conferencia”, espécie de histórico do líder conservador Laureano Gómez; além dos textos “La unidad americana” do ex-ministro da educação Joaquim Estrada Monsalve, “Jorge Eliécer Gaitán” do então diretor da revista, J. M. Vivas Balcazar, e principalmente o texto não assinado, mas que sabemos ser do crítico de artes da revista, o austríaco radicado em Bogotá,

¹⁰⁰ Os destaques em aspas do autor são citações do texto de Rafael Gutiérrez Girardot, *La literatura colombiana en el siglo XX*.

¹⁰¹ Ibidem, p. 25-26.

Walter Engel, intitulado “Nuestra protesta”, onde ele expõe sua indignação diante dos incêndios de importantes obras arquitetônicas coloniais, queimas de bibliotecas e arquivos, além de perdas de obras destinadas à participação na *Gran Exposición Interamericana de Pintura*, que deveria ocorrer durante a *Conferencia Panamericana*.

Evidente que essa publicação ocorrida durante o início do período de *la Violencia* serve também como interessante exemplo do uso político da revista, agora sob direção do governo conservador de Mariano Ospina Pérez, no poder desde agosto de 1946 após 16 anos de administração liberal na presidência da república. Textos como o de Jesús María Yepes¹⁰² ou de Lucio Pabón Nuñez demonstram claramente as novas diretrizes conservadoras assumidas pela linha editorial de *Revista de las Indias*, ao reimprimir seu tom oficial de órgão do Ministério da Educação e ratificando sua direção redacional sobre a revista.

É necessário esclarecer que *Revista de las Indias*, mesmo durante a direção da *Asociación de Escritores Americanos y Españoles* (do início da 2ª época em 1938 até o N° 65 de maio de 1944), seguiu cumprindo, ainda que com menor intensidade, com o papel de difusor oficial de eventos ligados ao Ministério da Educação, como, por exemplo, a criação da *Feria del libro* ou o *Salón del Arte Colombiano*, ambos em 1940; o lançamento da *Biblioteca Popular de Cultura Colombiana* em 1942; a fundação do *Instituto Caro y Cuervo* em 1942; assim como programações culturais da Biblioteca Nacional ou do Museu Nacional, além de programações da Radiodifusora Nacional. O que chama a atenção é que, a partir dos números 92 e 93 (ago.-set. de 1946) até o fim da revista com o número 117 (jan.-mar. de 1951), acentua-se a quantidade de publicações de notas oficiais do Ministério da Educação, textos ou discursos dos ministros desse período, e inclusive texto do Presidente da República, Mariano Ospina Pérez (“El pensamiento nacional”, N° 96, de maio de 1947), transparecendo ainda maior atenção à religiosidade cristã (como a divulgação de imagens sacras (N° 101) e do Congresso Franciscano de Bogotá em 1950 – com texto de Rafael Maya sobre Francisco de Assis (N° 115)); como também maior presença de textos de ou sobre Guillermo Valencia, e sobre os heróis da independência colombiana Camilo Torres e Simón Bolívar (N° 104).

¹⁰² J. M. Yepes (1948, p. 355-356), por exemplo, afirma em um dos parágrafos de seu texto: “El porvenir dirá seguramente que de las nueve conferencias panamericanas ordinarias celebradas hasta hoy, la de Bogotá (...) es sin duda alguna la más trascendental no sólo por los días intensamente dramáticos que vivió debido a la tentativa abortada de sabotaje de que fue objeto por parte de las fuerzas oscuras del comunismo internacional y apátrida, sino principalmente por el número y trascendencia de los acuerdos que aprobó.”.

Diante das possíveis dificuldades de seguir publicando um periódico criado e gerado por administrações liberais, no número 117 de jan.-mar. de 1951, *Revista de las Indias* anuncia em sua última página a disposição do Ministério da Educação de por fim às suas atividades.¹⁰³

1.4 – *Crítica*¹⁰⁴

O último periódico cultural e literário colombiano aqui observado, por sua linha editorial radical e politicamente combatente, configura-se como um evidente diferencial dentro da história de publicações no país até então. *Crítica – un quincenario sin compromisos*, editado entre 1948 e 1951 por Jorge Zalamea e seu filho Alberto Zalamea Costa¹⁰⁵, abre um parêntese nessa história permeada por revistas e suplementos literários que, se em algumas ocasiões serviram como instrumento político e ideológico, em nenhum momento foram tão diretos e transparentes quanto a seus objetivos intelectuais como *Crítica*.

Como vimos, se inicialmente Zalamea critica a postura de seus companheiros de *Los Nuevos* diante da cooptação política empreendida pela “generación del Centenario”, que absorve a maioria dos jovens ex-adversários através de cargos públicos, ele não verá alternativas a não ser compreender a importância da retomada liberal do poder e assim contribuir à “Revolución en Marcha” de Alfonso López Pumarejo, seja como secretário no Ministério da Educação (1936), como secretário geral da Presidência da República (1937-1938) ou na diplomacia como Embaixador (1942). Com o fim da “República Liberal” em 1946 e a crescente confrontação política entre conservadores e liberais, a cada dia deixando mais e mais mortos, Jorge Zalamea vive não somente todas as agruras da violência do período como se torna vítima de um dos seus episódios mais grotescos, proporcionados pelo assassinato de Jorge Elécer Gaitán em 9 de abril de 1948, que foi a sua participação na tomada da Radiodifusora Nacional. Intelectual inconforme diante do genocídio levado a cabo pelo poder conservador de Mariano Ospina Pérez, em 19 de outubro de 1948 lança o primeiro número de *Crítica*.

¹⁰³ “Por disposición del señor ministro de educación nacional, doctor Rafael Azula Barrera, la *Revista de las Indias*, que desde su fundación había venido siendo publicada por este Ministerio, no volverá a aparecer. Este es, pues, su número final. En cambio, publicará el Ministerio la revista *Bolívar*, que dirigirá el prestigioso poeta y escritor Don Rafael Maya, y cuya primera entrega saldrá el próximo mês de junio”.

¹⁰⁴ Para estes comentários foram consultados todos os exemplares de *Crítica*, microfilmados, pertencentes ao acervo da hemeroteca da Biblioteca de la República Luis Ángel Arango de Bogotá.

¹⁰⁵ O quinzenário também contou com a participação de Eduardo Salazar Santacoloma como subdiretor entre os números 21 (de 1 de setembro de 1949) e 32 (de 15 de fevereiro de 1950).

O quinzenário surge com uma proposta bem definida que podemos identificar como resultado de uma madurez por parte de Zalamea de suas convicções ideológicas ou estéticas. Basicamente, seu objetivo é denunciar os crimes políticos no país contra liberais, lançar ampla oposição ao governo conservador e divulgar a atualidade cultural nacional e internacional. Em sua primeira entrega, o editorial nos permite saber que, mesmo com sua ocupação política sobressalente, o periódico está a serviço da “*liberación y dignificación del hombre*” em primeiro lugar, fato que poderíamos também reconhecer como justificativa à sua atenção crítica voltada “*al interés humano*” pelas artes, cultura e pensamento em geral: “(...) su criterio partidista estará subordinado invariablemente al interés humano que los filósofos y mártires del liberalismo les enseñaron a respetar sobre todas las cosas”.¹⁰⁶

E justamente essa é uma primeira e interessante questão que poderia surgir já desde o início de sua publicação: *Crítica* aparece como um órgão político das mãos de um notório intelectual e escritor obviamente também preocupado com questões literárias e artísticas, mas o que levaria muitos a perguntar é se o verdadeiro interesse de Jorge Zalamea com seu periódico não era tratar prioritariamente de temas políticos, relegando os temas culturais a um segundo plano em que estes dariam suporte intelectual à sua crítica política. A resposta a este possível questionamento, que inclusive poderia nos levar a indagar se *Crítica* foi realmente um periódico cultural, como veremos adiante, se dá inequivocamente com a quantidade e qualidade de textos literários que em seus 67 números podemos encontrar e que, com as limitações de assuntos políticos impostas a partir da censura, tornam-se prioridade.¹⁰⁷

Oscar Torres Duque (1989, p. 31-32), em um dos poucos textos encontrados que se ocupam em realizar uma séria leitura de *Crítica*, assim antecipa qualquer possível análise do quinzenário que queira se apoiar em tal cisão entre suas supostas vertentes política ou cultural como algo dissonante:

La actitud política de una revista o periódico “cultural” debe coincidir con todo aquello que publica, no digo en el contexto de la opinión, pero sí en el del gesto y en el espíritu de texto comunal. Que se señale una dirección integral, una pasión humanística. La cultura es una órbita superior a la política o a cualquier manifestación social, porque ella las aglutina a todas en una sola visión del mundo; si la intención política no está presidida por la dirección integral de la cultura, la

¹⁰⁶ Trecho do editorial “Frutos de inconformidad”, presente na página 1 do primeiro número de *Crítica* em 19 de outubro de 1948.

¹⁰⁷ De qualquer forma, não deixa de ser significativo (e por que não, simbólico) esse possível impasse dentro de uma leitura crítica de *Crítica*, principalmente se levamos em conta a conjunção de ofícios tão presentes na intelectualidade colombiana entre a vida literária e a vida político-administrativa.

escisión que se produce impide la existencia del texto de la revista o periódico, que es algo más, o diferente, que la suma de textos publicados.

Durante o período que antecede a aplicação da censura, *Crítica* está estruturada, basicamente, com uma média de 16 páginas. Na capa Zalamea costumava publicar manchetes denunciadoras e provocativas, ou textos de relevantes figuras políticas liberais, e, a partir da entrega número 12 (15 de abril de 1949), começam a aparecer as cáusticas caricaturas de Adolfo Samper. Além da capa, as primeiras páginas do periódico priorizavam os temas de ordem política através, por exemplo, das seções “Calendario trágico” e “La quincena parlamentaria”, para, aos poucos, nas seguintes páginas começarem a surgir textos literários como ensaios, poemas, traduções, contos, fragmentos de romances, assim como algumas colunas ou seções (“Las letras”, “Los libros”, “Las artes”, “La música” etc.), finalmente dedicando quase todos os seus números a última página à moda ou ao entretenimento com fotos. Além disso, notamos que tanto Zalamea como seu filho Alberto sempre se esforçaram para manterem ocupados os espaços dedicados à publicidade.¹⁰⁸

Dessa forma, e no que diz respeito às questões liberais, inúmeros textos desafiantes e ousados (levando-se em conta a repressão do governo) foram sendo divulgados, dos quais destacamos, por exemplo, “¡Más muertos liberales!”¹⁰⁹ (Nº 1); “Fuga de divisas” (sobre o uso abusivo e custoso por parte do Ministério de Obras Públicas de estruturas metálicas importadas para pontes e edifícios no lugar de estruturas de concreto, também no Nº 1); “La misión del estado es impedir que los intereses económicos limiten la libertad humana – una charla con Darío Echandía” (Nº 2), “Consideraciones sobre la dictadura” de Alfonso López Michelsen (Nº 2), “Historia secreta de la crisis liberal” (Nº 1) e “Claridad o caos” (Nº 2), ambos de Julio César Turbay, todos eles textos de relevantes protagonistas do cenário político liberal; “El costo de la Conferencia” (Nº 4, sobre a “dilapidación de los fondos públicos” para custear a IX Conferência Panamericana); “Favoreciendo las oligarquias” (Nº 4, acerca das

¹⁰⁸ Andrés López Bermúdez (2013, p. 207-208), em pesquisa que resultou no importantíssimo trabalho *El cosmopolitismo como función social en la obra literaria de Jorge Zalamea Borda*, assim retrata tal esforço: “Aparte del caldeado ambiente político y de la persecución oficial, Zalamea hubo de vencer dificultades adicionales para poner a circular su quincenario. Una mirada a su archivo personal pone en evidencia que la iniciativa consumió muchas de sus energías, exigiéndole prácticamente dedicación exclusiva a la adquisición de colaboraciones, a la supervisión de la edición y la corrección, e inclusive al aseguramiento del dinero necesario para cada tiraje – en la imprenta de *El Liberal*, a la cual debía pagar cumplidamente – con el producto de la consecución de suscriptores y de empresas interesadas en difundir allí su publicidad, eje central de la financiación del proyecto”.

¹⁰⁹ Onde se lê, na primeira página, o seguinte trecho: “Tras un breve descanso, los asesinatos políticos de carupa reanudan la trágica labor de violencia que ha dado ya a la administración Ospina Pérez el más oscuro renombre de nuestra historia”.

licenças públicas sem pauta legal, protegendo os interesses particulares a custo dos nacionais); “Un centenar de muertos liberales en tres meses” (Nº 10); entre vários outros textos, alguns publicados sem assinatura, mas que claramente são de autoria de Jorge Zalamea. Dentre eles, um chama a atenção porque demonstra o desejo de Zalamea de divulgar de uma vez por todas sua inocência jurídica diante dos acontecimentos da Radiodifusora Nacional durante o 9 de abril de 1948, estampado na capa do Nº 9 (4 de março de 1949) com enormes letras: “Denuncia de una indigna farsa: estrictamente personal – después de las providencias absolutorias de la justicia militar y civil, Jorge Zalamea hace la historia de sus actividades del 9 de abril”, em que ainda se lê: “Tribunales clandestinos, procesos extralegales, ocultación de pruebas, se emplearon para desviar la indignación pública de los responsables auténticos de la tragedia nacional”.¹¹⁰

Diante de tantas denúncias polêmicas, interessante é realizarmos algumas observações sobre a recepção de *Crítica* pela imprensa colombiana da época, algo que seguramente preocupou a Zalamea, principalmente dentro do liberalismo. Sua declaração de independência e autonomia publicada no primeiro editorial “Frutos de inconformidad” (“(...) CRÍTICA es un quincenario sin compromisos. Ni pertenece ni representa a grupo alguno. Ni es vehículo de aspiraciones políticas propias, ni órgano de candidaturas ajenas.”)¹¹¹ e inclusive a adoção, a partir do Nº 3, da expressão “un quincenario sin compromisos” como subtítulo do periódico, demonstram uma preocupação em não se deixar confundir a identificação ante o liberalismo com uma possível representatividade por parte do periódico de determinado grupo dentro do próprio liberalismo. Apesar da discrição de Zalamea em se autodeclarar como homem de esquerda, eram sabidas suas preferências pela ala esquerdista dentro do liberalismo identificando-se com Alfonso López Pumarejo em oposição ao moderantismo de direita de Eduardo Santos. Isso poderia explicar o silêncio de *El Tiempo* quando no Nº 2 de *Crítica* (2 de novembro de 1948) são publicadas várias notas de jornais e revistas liberais como *El Liberal*, *El Espectador*, *Jornada* e *Semana* celebrando o surgimento do novo periódico. Tal situação só iria se contornar no Nº 48 (18 de outubro de 1950) em edição comemorativa de dois anos de *Crítica*, já passados o fechamento do Congresso e as privações dos direitos constitucionais por parte de Ospina Pérez, assim como a plena continuidade da censura pelo governo de

¹¹⁰ Na página 2 do mesmo número 9, divulga trechos do “veredicto de la justicia civil – sobre los ‘radioamotinados’ del nueve de abril”: “De la investigación resulta que ‘no se hizo invitación a la consumación de un delito de homicidio y aparece, por el contrario, que se exigía serenidad y firmeza para que no se cometieran delitos comunes’”.

¹¹¹ *Crítica*, Nº 1, p. 1, de 19 de outubro de 1948.

Laureano Gómez (restrição sofrida por toda a imprensa do país, principalmente a liberal), em que aparece uma nota de Eduardo Santos parabenizando a Zalamea e *Crítica* por suas “generosas ideas de libertad, de justicia y de patria grande”.

Também interessantes são os comentários de Luis Vidales (1948, p. 5) sobre o início editorial de *Crítica* publicados no próprio Nº 2 através de seu texto “Los intelectuales y la política”. Demonstrando sua identificação direta com os propósitos do quinzenário¹¹², Vidales chama a atenção a um tema de extrema importância para o entendimento das ações políticas de Jorge Zalamea:

En el tremendo momento que vive Colombia, se acabaron las posiciones neutrales. En épocas de calma o de tranquilidad aparente, puede surgir – y surge en efecto – el espíritu transaccional, la política que se ha convenido en llamar del “algodón entre dos vidrios”. En cuanto a la gente de letras, ella puede entonces vivir apartada, en torre de marfil o por lo menos ejerciendo el usufructo de su propiedad interior “por encima de la pelea”. Ahora no. La gresca es tan patente, que el “neutral” es un cobarde y el “transaccional” un traidor. Porque todos intervienen, cada cual a su modo. Y el mismo que no interviene lo está haciendo con su fuerza de inercia que también es una manera de opinar en esta contienda.

Entre nosotros, el retraso del país se marca con claridad soberana en la actitud de los intelectuales, que permanecen remisos a tomar puesto en la lucha. (...).

Ao questionar a passividade “neutral” do intelectual colombiano frente às convulsões políticas do país acirradas após o Bogotazo, Luis Vidales toca numa ferida coletiva e identifica na atitude política de Zalamea com *Crítica* a que para o autor de *Suenan Timbres* era a verdadeira função do intelectual: a de tomar partido e intervir. Tal característica combativa seria, portanto, possivelmente a grande contribuição editorial iniciada naqueles tempos difíceis pelo periódico de Jorge Zalamea.

Dentro da historiografia literária colombiana, a ideia de “responsabilidade dos intelectuais” diante dos contextos sócio-políticos se transformou no decorrer dos anos num dos pontos mais polêmicos e controvertidos. Se por um lado a corrente encabeçada por Juan Gustavo Cobo Borda, em seus inúmeros textos sobre história da literatura colombiana¹¹³, identifica na revista *Mito* uma provável origem de posturas rigorosas e pugnazes sobre a realidade do país, exaltando tal característica intelectual como uma das principais marcas desta revista, por outro

¹¹² Ao longo da existência de *Crítica*, o antigo companheiro de Zalamea da revista *Los Nuevos* estará presente também no Nº 2, tendo seu livro *La insurrección desplomada – El 9 de abril, su teoría, su praxis* resenhado; no Nº 3 com o texto “Aurora en una paleta – a propósito de I. Gómez Jaramillo”; Nº 19 com o poema “Nueva canción del cedulado”; além do nº 45 dedicado a *Los Nuevos* com o texto “Los fantoches”, originalmente publicado na revista de 1925.

¹¹³ Ver referências de textos de Cobo Borda na bibliografia sobre *Mito: revista bimestral de cultura*, no final desta dissertação.

lado o estudioso francês de literatura colombiana, Jacques Gilard, procurou questionar tal “paternidade” encontrando em Jorge Zalamea em *Crítica* um trabalho exemplar anterior a *Mito*. Gilard (2005, p. 39), em seu texto “Para desmistificar a *Mito*”, habilmente localiza no trabalho intelectual de Jorge Zalamea em *Crítica* aquela que seria, segundo ele, a principal característica de Zalamea, principalmente a partir dos endurecimentos repressores a que esteve submetido pelos governos conservadores:

El tema de la responsabilidad del intelectual vendría a ser, en adelante, su obsesión, marcada por una gran desconfianza hacia la mentalidad de partido – y, a un nivel más anecdótico, hacia el peso de las prebendas en la administración de Colombia –. Si *Crítica* pretendió ser un ‘quincenario sin compromisos’ (aunque no renunciara por ello a lo esencial del credo liberal, el legado de 1789), no dejaba de ser comprometida, *engagée* en el mejor sentido de la palabra. Los compromisos que rechazaba eran las ataduras y las componendas. El compromiso que asumía, y que con este nombre se designaba en la entrega del primer aniversario, era lo que, el 19 de octubre de 1948, el editorial del primer número había llamado ‘la liberación y dignificación del hombre’ (en segunda línea venía ‘la administración de la República’).

Antes de Gilard (como bem observa BERMÚDEZ, 2013, p. 223), Rafael Gutiérrez Girardot já havia realizado considerações a respeito da “insobornable actitud ética” de Zalamea, enquadrando-o a traços conformadores do efetivo caráter de um intelectual, como a convicção, a dissidência, a controvérsia e o compromisso:

Con ella dio el ejemplo de lo que debe ser un intelectual en la sociedad contemporánea, y más concretamente en la sociedad colombiana señorial: un francotirador, es decir, la encarnación de teoría y praxis, de pensamiento y ética, que no acepta la degradación de la teoría a dogma. Fue su actitud como intelectual (...) la que ha perdurado, la que ha significado una liberación profunda en la literatura colombiana.¹¹⁴

De qualquer forma, o tema do compromisso, responsabilidade ou missão do intelectual, como afirma Gilard, lançado em Colômbia por Jorge Zalamea em *Crítica* ou até mesmo em *El Tiempo* (“La misión de los intelectuales”, *Lecturas Dominicales* de 16 de abril de 1950) se torna quase obrigatório após os incêndios dos principais jornais liberais em 6 de setembro de 1952:¹¹⁵ *El Tiempo* publica vários textos sobre o assunto, de autores como Eduardo Caballero Calderón (“La posición del escritor”) e Pedro Gómez Valderrama (“La biblioteca”), ambos

¹¹⁴ GIRARDOT, op. cit., p. 139, apud BERMÚDEZ, op. cit., p. 223.

¹¹⁵ Estes incêndios foram realizados por população conservadora supostamente indignada pelo assassinato de cinco agentes policiais por adeptos do liberalismo (então denominados “bandoleros”) no estado de Tolima.

em *Lecturas Dominicales* de 14 de setembro de 1952; e de Eduardo Santa (“Drama y tarea”) e Jaime Ibáñez (“Servidumbre de la literatura”), ambos de 26 de outubro de 1952; além de Hernando Téllez (“Nuestro compromiso. En la hora cero”, de 5 de abril de 1953; ou “El intelectual y la política”, de 30 de agosto de 1953).¹¹⁶

Do que diz respeito às colaborações literárias de autores colombianos na revista de Zalamea, podemos também extrair algumas interessantes observações. *Crítica* contou, por exemplo, com uma grande e frequente participação de León de Greiff, também ex-companheiro de *Los Nuevos* e futuro apoiador de *Mito*, que desde a primeira entrega esteve presente (com o poema “Canto noturno nº LXXIV”), publicando também vários outros poemas como “Son” (Nº 11), “Cantiga” (Nº 12), “Sonetines facetos” (Nº 17), “Plegaria a Poe” (Nº 24), “Poema equívoco del juglar ebrio” (Nº 45 dedicado aos 25 anos do surgimento de *Los Nuevos*, em que se publica o poema de Greiff que havia saído naquela revista), com destaque para “Farsa de los pinguinos peripatéticos” (Nº 27, texto que faz alusão aos poetas de “la turba enemiga” publicado em entrega que já começava a sentir os cerceamentos da censura¹¹⁷). A partir do Nº 3 inicia sua “Columna de Leo”, publicando textos que tratavam de assuntos exóticos, místicos e orientalistas, como o início da série dedicada às “biografías a la breve” das esposas dos reis magos, tornando-se assim o mais assíduo colaborador de *Crítica*. Esta, por sua vez, presta justo reconhecimento a Greiff publicando no Nº 30 uma homenagem a “El 25º aniversario de ‘Tergiversaciones’”, com análises de José Mar, Rafael Maya e Rafael Jaramillo Arango (ex-companheiro da revista *Pánidas*).¹¹⁸

Outros participantes de *Crítica*, ainda que de maneira pontual, foram Germán Arciniegas, Jorge Rojas, Jaime Ibáñez, Otto Morales Benítez, Otto de Greiff, José Umaña Bernal, e dentre os que em breve colaborariam em *Mito* estão Eduardo Caballero Calderón, Eduardo Carranza,¹¹⁹ Rogelio Echavarría, Fernando Arbelaez (com o texto “Monsieur Leger” (Nº 3) e

¹¹⁶ Apud GILARD, op. cit., p. 41-42.

¹¹⁷ Apesar da censura iniciar oficialmente a limitar temas políticos em *Crítica* a partir do Nº 37 (de 4 de maio de 1950), já desde o Nº 26 e 27 se pode notar sua amarga presença, seja pela evidente diminuição pela metade do número de páginas nestas edições, ou pela presença de notas de rodapé com os dizeres “Edición censurada”, e no caso do Nº 27 pela publicação na capa de desenho de uma pessoa com as mãos algemadas por uma fita onde também se lê “Edición censurada”.

¹¹⁸ Como curiosidade e mais um exemplo da presença de León de Greiff no quinzenário, destacamos ainda a propaganda de Bavaria, foto em que aparece o poeta tomando cerveja na página 11 do Nº 61, de 5 de julho de 1951.

¹¹⁹ Umaña Bernal, Caballero Calderón e Carranza participaram de uma entrevista que levou o título de “Argonautas de la cultura” na entrega de Nº 5 (de 15 de dezembro de 1948), onde discutiram sobre os problemas do homem e da cultura, expondo também seus projetos literários. Curiosamente, este recurso tão utilizado por *Lecturas Dominicales* e, de certa forma também por *Revista de las Indias*, o de publicar entrevistas

resenhas dos livros “Soledades” de Jorge Rojas (Nº 7) e “Nocturnos y otros sueños” de Fernando Charry Lara (Nº 09)), Marta Traba (com textos como “La pintura medioeval en Yugoslavia” (Nº 40) e “Hoja y universo de Rodin y Rilke” (Nº 55)), e Hernando Téllez, que além de seu texto “Oligarquía y proletariado” (Nº 2), de seu conto “Trópico” (Nº 3) e da análise sobre o romance latino-americano “Tiranía del paisaje” (Nº 20), teve publicado os contos “Sangre en los jazmines” e “Lección de Domingo” (Nº 47) pertencentes ao livro *Cenizas para el viento y otras historias*, considerado pela crítica colombiana como significativa obra representante de literatura sobre a violência no país, fato que não deixa de chamar a atenção sobre esta audácia editorial se lembrarmos da ostensiva presença da censura sobre o periódico.

Apesar da interessante nômima acima (que poderíamos identificar ironicamente como colaborações “sin compromisos”, como bem definiu Oscar Torres Duque (1989)), é sabida a dificuldade de Jorge Zalamea em conseguir colaborações ao periódico diante de suas características políticas tão marcadamente belicosas e polêmicas.¹²⁰ Uma saída foi utilizar suas páginas para divulgar textos de própria autoria de Zalamea sobre literatura, seu trabalho de tradução ou textos ficcionais, o que resultou, de certa forma, não menos polêmico. Ele inicia tais publicações com trechos de seu romance “La liberación de Luca Pisano” durante as entregas Nº 3, 4 e 5; depois divulga o início do longo poema de Saint John Perse “Vientos” (Nº 8), traduzido por Zalamea, e em seguida a carta em que Perse elogia a tradução (Nº 18); no Nº 14 publica “Consideraciones sobre la literatura contemporánea”, importante texto em que discorre sobre relações entre a literatura e o poder na Colômbia; no Nº 19 publica seu conto “La grieta”, que havia ganhado o segundo lugar no concurso de contos promovido em 1941 por *Revista de las Indias*; sua peça teatral “El hostel de Belen” sai no Nº 28; “Una historia extrañamente sentimental” é publicada no Nº 45; e a farsa romântica “El rapto de las sabinas” é resgatada do esquecimento quando publicada no Nº 61. Mas o grande estardalhaço veio com a divulgação do conto “La metamorfosis de su excelencia” no Nº 23, de 1 de outubro de 1949, história de inspiração kafkiana que trata de um presidente tirano atormentado por “un soso olor a matadero” que o persegue até os limites de sua sanidade

com opiniões de importantes intelectuais no país, em *Crítica* teve pouca ênfase. Dentre os poucos exemplos existentes no quinzenário, citamos a “Encuesta con intelectuales – Qué trae 1949”, tratando de temas políticos e econômicos, publicado no Nº 6, de 8 de janeiro de 1949.

¹²⁰ Na página 1 do Nº 56 de *Crítica* de 15 de fevereiro de 1951, Zalamea reconhecia tal dificuldade: “Generalmente, hemos tenido que recurrir a la reproducción de textos extranjeros, pues no hemos alcanzado la fortuna de que los escritores colombianos se interesen poco ni mucho en el tema de su propio destino, de su propia significación”.

mental, e que rendeu a Zalamea duas semanas de prisão ordenadas por Ospina Pérez. Este interessante conto é considerado como gérmen da obra *El gran Burundún-Burundá ha muerto*, verdadeira alegoria de modernos regimes fascistas, escrito e publicado durante o exílio em Buenos Aires em 1952 após o fechamento de *Crítica*, talvez uma de suas obras mais divulgadas e conhecidas.

Outra importante colaboração à revista *Crítica* foi a de Álvaro Mutis. Presente em suas páginas desde o Nº 7, com poemas “De la ciudad, el campo y las montañas”, também nelas foram publicados “Lili Marleen” (Nº 9), “Angela Gambitzi” (Nº 16), “Apuntes para un poema de lástimas a la memoria de su majestad Felipe II” (Nº 18) e “El festín de Baltazar” (Nº 43). Usualmente considerado como pertencente ao grupo de poetas de *los cuadernícolos* e muitas vezes também identificado como um dos poetas da revista *Mito*¹²¹, de acordo com Gilard, na realidade Mutis se considerava mais próximo à *Crítica*:

Si yo me siento ligado a una revista, es a *Crítica*. Totalmente. Y lo quiero aclarar: desde el punto de vista literario, como identificación con una manera de ver la literatura, primero. Y después, emocionalmente, personalmente, por afecto y por convicción. Por convicción. Desde la Independencia nadie hizo tanto ni tan profundo como Jorge Zalamea. En Colombia, desde la Independencia, lo que se ha hecho es conformarse. Salvo López Pumarejo en política y Jorge Zalamea en literatura.¹²²

A intuição literária e artística de Zalamea também possibilitou que no quinzenário fossem publicados trabalhos dos então pouco conhecidos Gabriel García Márquez com seu conto “La noche de los alcaravanes” (Nº 54, de 18 de janeiro de 1951),¹²³ como também Fernando Botero, com fotos de algumas obras de sua primeira exposição individual ocorrida em junho de 1951 na galeria *Leo Matiz* em Bogotá, trazidas num dos últimos números, o de 5 de julho de 1951 (Nº 64), ou seja, no mês seguinte à exposição.

Há uma questão a que devemos observar com atenção que diz respeito à diminuta participação de Jorge Gaitán Durán em *Crítica*. Sua única colaboração se deu no Nº 05, de 15 de dezembro de 1948, através da publicação na página 13 de sua peça para radioteatro

¹²¹ Como, por exemplo, por Juan Gustavo Cobo Borda em seu texto “Dos poetas de *Mito*: Álvaro Mutis y Fernando Charry Lara”, publicado na *Revista Iberoamericana* (Pittsburgh, Nº 130-131, p. 89-102, jan. – jun. 1985), fato controverso que também acrescenta interrogantes à historiografia literária colombiana.

¹²² “Entretien avec Álvaro Mutis”, publicado na revista *Caravelle* (Toulouse, Nº 64, 1995, p. 192), apud GILARD, op. cit., p. 58.

¹²³ Lembremos que o primeiro conto publicado de García Márquez, “La tercera resignación”, foi em setembro de 1947 no suplemento literário *Fin de Semana* do jornal *El Espectador*, à época coordenado pelo primo de Jorge Zalamea, Eduardo Zalamea Borda.

chamada “Todo Por amor”,¹²⁴ oito meses após o caso dos “radioamotinados” em que ambos, Zalamea e Gaitán Durán, como já vimos anteriormente, foram cúmplices revolucionários. Sua publicação nas páginas de *Crítica* serve a Zalamea para questionar a aplicação da censura imposta à obra de Gaitán Durán pelos diretores da *Emisora Nuevo Mundo* “por considerarla inmoral y susceptible de causar una fuerte sanción a dicha Emisora por parte del ministerio de comunicaciones”, numa evidente postura provocativa por parte do periódico.

A relação entre Zalamea e Gaitán Durán, segundo Jacques Gilard (2005), em seguida sofreria um estremecimento logo após o *Congreso de Intelectuales Nuevos*, promovido sob os auspícios do jornal *El Tiempo* durante os meses de julho, agosto e setembro de 1949, e cujas conclusões foram publicadas em *Lecturas Dominicales* em 4 de setembro de 1949. Uma semana depois, no mesmo suplemento (dia 11 de setembro), Gaitán Durán, que havia participado ao lado de Pedro Gómez Valderrama do congresso encabeçado por Jaime Posada,¹²⁵ publica o texto “¿Gente que piensa?”, em que podemos ler: “(...) me parece que todas las grietas abiertas en nuestra cultura son para la juventud triste y exclusiva herencia de generaciones anteriores”, e no dia 25 de setembro do mesmo ano o texto “Una nueva conciencia ética”, com argumentos contra a geração anterior por sua “mentalidad esteticista” e “desprecio por los valores humanos”, criticando diretamente a *los nuevos*. Em tais ataques Gilard (2005, p. 56-57) encontra um possível questionamento ético no posicionamento intelectual de Gaitán Durán ao embasar suas conclusões em ideias que já vinham sendo trabalhadas por Zalamea como, por exemplo, nas páginas de *Crítica*:

El ataque, en la continuidad del reciente congreso, iba contra Zalamea. Si es cierto que “las palabras están en situación”, como escribió después Gaitán Durán en el texto proemial de *Mito* (usurpando la fórmula sartreana), más “en situación” estaban entonces las palabras de Zalamea, quien sí se daba el trabajo de “estructurar en expresiones artísticas (una) conciencia ética” y llevaba años angustiándose por “los problemas fundamentales del hombre colombiano” y por el devenir de la

¹²⁴ Uma das primeiras manifestações literárias de Gaitán Durán em relação ao tema do erotismo, a obra “Todo por amor” se passa num pequeno povoado interiorano e narra a história de um jovem casal de namorados à moda antiga, românticos apaixonados e proibidos pelos bons costumes até mesmo de se beijarem antes do matrimônio. Com a presença de uma cigana aberta aos ímpetus sexuais que também se enamora do jovem rapaz, a relação entre os bons moços é posta em perigo uma vez que a cigana questiona a frieza da moça com o namoro e seu desejo sexual reprimido, o que provoca um aparente rompimento entre o jovem casal. O triângulo amoroso é desfeito de maneira trágica com a morte da boa moça que, arrependida por desprezar os desejos de seu namorado, resolve visitá-lo à noite e este a mata equivocadamente pensando ser a cigana.

¹²⁵ Este congresso, segundo Posada, era uma “reunión de las gentes nuevas de la inteligencia, consagrada a escrutar los problemas públicos y a plantear una idea de servicio colombiano”, de onde sairia um “instituto de altos estudios” que se ocuparia de colocar em prática as conclusões advindas do congresso. (texto “Palabras para los intelectuales”, de Jaime Posada, publicado em *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* em 11 de setembro de 1949, p. 1).

humanidad. Las palabras de Gaitán Durán iban por mal camino, siendo una innecesaria y detestable agresión contra Zalamea: éste llevaba desde hacía once meses el combate que pregonaba en su artículo el joven poeta e intelectual, y ello sin recibir ayuda de casi nadie – en todo caso no del propio Gaitán Durán (quien sólo muy al principio colaboró en *Crítica*) ni de la cuasi totalidad de los que, como éste, escribían habitualmente en el suplemento de *El Tiempo* –.

Uma possível conclusão que podemos retirar dessa contenda intelectual (resgatada pelo crítico francês num claro questionamento literário de ordem historiográfica) reside no conflito político entre lopistas (Zalamea) e santistas (Gaitán Durán e sua aproximação à ala direitista do liberalismo). A persistência de uma ruptura no liberalismo (“lopismo democrático” versus “santismo quietista”, de acordo com as palavras de Gilard) demandava uma redefinição política entre os intelectuais e algo que se pode extrair do *Congreso de Intelectuales Nuevos* é a sua tentativa de ofuscar toda a ideologia política defendida por lopistas como Jorge Zalamea.¹²⁶ Importante ressaltar mais uma vez que estas diferenças políticas sofrerão significativa amenização após a plena implantação da censura oficial, em que todos os periódicos (principalmente os liberais) foram obrigados a passar pelo seu crivo limitador.

Mas nenhum outro periódico, provavelmente, tenha sofrido tanto com a censura como *Crítica*. Se a publicação de “La metamorfosis de su excelencia” no Nº 23 já havia rendido duas semanas de prisão a Zalamea, todas as privações que seguem vão gradativamente minando as forças do periódico: diminuição de páginas no Nº 26; o já citado desenho sobre a censura no Nº 27; nota “edición censurada” no rodapé da página 11 do Nº 28; diminuição considerável de matérias sobre política nacional no Nº 29; constante variação no seu número de páginas, como as 12 do Nº 30; diminuição da quantidade de propagandas nos Nº 31 e 32; fim do “Calendario trágico” também no Nº 32; nota “Esta edición ha sido censurada por el gobierno” na página 4 do Nº 33; o mesmo na página 04 do Nº 36; até oficialmente vir censurada no Nº 37 (edição de 4 de maio de 1950): “Esta edición aparece bajo la censura oficial”, o que vai acarretar daí em diante no paulatino fim de importantes partes estruturais do quinzenário, como a “Quincena parlamentaria”, as caricaturas e até mesmo os próprios editoriais, numa real situação de

¹²⁶ Estas são as palavras de López Bermúdez a partir dos questionamentos levantados por Gilard: “En medio de las redefiniciones de todo orden planteadas por la Guerra Fría, se trataba de controlar al medio intelectual colombiano depurándolo de todo rastro de la dinámica lopista original (que clamaba por la modernidad y la democratización tanto de la política como de la cultura), línea en la que, aparte del propio López, la figura más acreditada y vehemente era Zalamea. No importó que para ello fuera menester apropiarse de algunas ideas del lopismo – léase de Zalamea, como por ejemplo la función investigadora de la universidad – o plantear como sofisma la necesidad de un cambio en la dirección del pensamiento y la cultura como asunto ‘generacional’, cuando en realidad se encontraba atado a la regulación política de la ortodoxia liberal oficialista – que esta deseaba continuar manteniendo –”. (BERMÚDEZ, op. cit., p. 225).

imposição de silêncio que dura até o N° 53, de 5 de janeiro de 1951, quando deixam de aparecer menções à submissão censória.

Após o início das limitações de opinião sobre temas políticos, o periódico de Zalamea começa a focar suas publicações em assuntos que retratem somente questões culturais, evidenciando, principalmente, textos literários de autores internacionais, o que reflete ainda mais o isolamento intelectual de *Crítica* dentro do cenário cultural nacional. Não que *Crítica* nunca tenha divulgado com relevância importantes textos da literatura internacional, muito pelo contrário, uma das grandes características deste periódico foi sempre o de prezar pelo cosmopolitismo como uma de suas mais cuidadosas vantagens editoriais, graças à figura internacionalmente articulada de Jorge Zalamea. Para se ter uma ideia, foram publicados Kafka, T. S. Eliot, Camus (“La peste” nos N° 28, 29 e 30), Sartre (“El arte ante el Existencialismo – La búsqueda del absoluto”¹²⁷ no N° 4), Antonin Artaud, Mao Tse Tung, Arthur Miller, Christopher Isherwood, Dostoiévski, Paul Valéry, Walt Whitman, Dante, Maupassant, Balzac, Thoreau, Oscar Wilde, Rilke, Faulkner, Bernard Shaw, importantes textos como trechos de “El laberinto de la soledad” de Octavio Paz e “Lo criollo en la literatura” de Arturo Usler-Pietri (ambos no N° 38), Giovanni Papini, Bertrand Russel, Nietzsche, o artigo de José Ortega y Gasset “¿Quién manda en el mundo?” (N° 46); o poema “Howard Fast” de Pablo Neruda (N° 51); entre outros. Destacamos ainda a edição N° 46, de 19 de setembro de 1950, realizada por Alberto Zalamea em Europa, distante das complicações políticas nacionais.

Tal divulgação de textos de autores internacionais foi possível graças aos trabalhos de traduções como, por exemplo, as do próprio Jorge Zalamea (das que aqui já mencionamos a elogiada tradução de S. J. Perse), Jaime Tello (T. S. Eliot, Artaud), Dedalus (Sartre), Luis Vidales (Mao Tse Tung), Otto de Greiff (Rilke) ou Eduardo Zalamea Borda (Goethe), entre outros, contribuindo definitivamente para a abertura ao país do mundo literário internacional com significativas referências, muitas delas ainda inéditas em Colômbia, e que também seriam realizados com intensidade pelo grupo da revista *Mito* poucos anos depois.

Outro empreendimento que merece atenção e que foi anunciado pelo quinzenário desde o N° 10 (18 de março de 1949), refere-se à criação da biblioteca de literatura nacional de *Crítica* sob o título de “Los textos amigos”. Com a publicação de um livro por mês, sempre nos dias

¹²⁷ Importante também anotar que *Crítica*, como observou Jacques Gilard, esteve à frente nos meios periodísticos do país ao dar atenção ao Existencialismo, publicando textos de Sartre ou Camus, de certa forma preparando o terreno para a inspiração existencialista (como veremos no próximo item a seguir neste capítulo) levada a cabo pela revista *Mito*. Apud GILARD, op. cit., p. 24.

30, foram anunciadas para o ano de 1949 as seguintes obras: *Ensayos literarios* de Jorge Zalamea; *Antología Poética del Centenario*; *Cuentos* de Hernando Téllez; *Poesía inédita* de León de Greiff; *Antología del cuento colombiano*; *Poesía* de Álvaro Mutis; *Ensayos políticos* de Jorge Zalamea; *Antología Poética de “Los Nuevos”*; e *Teatro* de Rafael Guizado; e para o ano de 1950 as obras: *Teatro* de Jaime Soto; *Antología Poética de Piedra y Cielo*; *Minerva en la rueca* de Jorge Zalamea; *Poesías* de Victor Mallarino; *Antología Poética de la última generación*; *Poesía* de Carlos Castro Saavedra; e *Páginas escogidas* de Eduardo Zalamea Borda.¹²⁸ Como vimos em relação à *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* (que surge como publicação inspirada na Biblioteca Popular editada por Jorge Roa entre 1893 e 1907) e à *Revista de las Indias*, *Crítica* também teve a preocupação de atuar como editora, o que acontecerá de igual maneira com a revista *Mito*.

Como foi possível identificar nas observações aqui realizadas sobre as principais características de *Crítica – un quincenario sin compromisos*, nos parece passível de se afirmar a existência de uma proximidade entre o periódico de Jorge Zalamea e o de Jorge Gaitán Durán. Obviamente que cada uma com suas peculiaridades, enquanto revistas culturais tanto *Crítica* como *Mito* possuem elementos em comum, e que poderíamos, por enquanto, apenas elencá-los para mais adiante tentar aprofundá-los, mas que já com alguma segurança nos levaria a referir aos seguintes pontos: a preocupação com o rigor intelectual sobre questões políticas, sociais e culturais do país; a conjunção entre as perspectivas éticas e estéticas que se refletem na própria estrutura de cada revista; o teor combativo e denunciador de sérias questões da realidade nacional propiciador de polêmicas; os conteúdos amplamente abertos à introdução de significativas obras internacionais possibilitados por bem-sucedidos trabalhos de tradução, e que colaboraram para a renovação do pensamento colombiano; a proposta de atuar como casa editorial ocupada em publicar importantes autores do país; a profícua atuação de seus fundadores como personalidades articuladas política e culturalmente e que permitiu grande parte da relevância literária alcançadas por ambos periódicos culturais.

Nesse sentido, parece-nos interessantes a ideia de “continuidade editorial” entre os trabalhos das duas revistas¹²⁹, como observa Gilard (apesar de suas restrições em relação a *Mito* e a

¹²⁸ Infelizmente não encontramos informações sobre o desenrolar do trabalho de *Crítica* como casa editorial, nem sequer se tais livros anunciados foram realmente publicados. A única referência encontrada foi o comentário de Andrés López Bermúdez: “Aunque no tardó en arrepentirse, Zalamea llevó a *Crítica* y a su equipo de colaboradores a funcionar como una editorial, llegando a trabajar de manera paralela en la edición de libros de escritores colombianos. La dificultad de vender dichas ediciones hizo que la iniciativa derivara en un rotundo fracaso que puso en condiciones extremas a su siempre golpeado bolsillo”. (BERMÚDEZ, op. cit., p. 208.).

¹²⁹ Ideia interessante apesar do possível distanciamento, como vimos, entre Zalamea e Gaitán Durán, e da pequena presença de Zalamea em *Mito*, acima exposta quando nos referimos à participação de *los nuevos* na

Gaitán Durán) ao afirmar que “La revista de Zalamea vivió el derrumbe; la de Gaitán Durán vino después de éste y actuó en un contexto que era de reflexión sobre qué y cómo reconstruir.”¹³⁰

2 – Revistas estrangeiras: *Les Temps Modernes*, *Sur* e *Revista Mexicana de Literatura*

Passemos agora a realizar alguns comentários acerca de revistas anteriores e/ou coetâneas, tanto latino-americanas como europeias, que podem também ser elucidativos e proveitosos para nossos propósitos iniciais cotejadores. Ampliando o raio de observações, nos ocuparemos de publicações como *Les Temps Modernes*, *Sur* e *Revista Mexicana de Literatura*, levando-se em consideração suas presenças na revista colombiana, sejam por meio de influências ideológicas, estéticas ou pelas colaborações diretas de seus realizadores (sobretudo as de Sartre, Borges e Octavio Paz), sejam até mesmo por suas proximidades sintáticas enquanto publicações periódicas modelares.

A importância da identificação de alguns traços discursivos comuns entre *Mito* e tais revistas estrangeiras reside, de acordo com o que entendemos como digno de interesse, na necessidade de alimentar uma rediscussão da relevância dada a *Mito* dentro de um cenário internacional, principalmente latino-americano, que se ocupe de revistas e seus papéis enquanto fundamentais divulgadores literários. Nesse sentido, o que pretendemos aqui é contribuir para tal discussão com alguns subsídios que envolvam comunicações explícitas ou pressupostas entre expressivas revistas literárias que ultrapassaram os respectivos limites nacionais.

Partindo de uma carta datada de 10 de janeiro de 1955, em que Gaitán Durán (1955a) escreveu ao poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade demonstrando o interesse por sua poesia e convidando-o a participar da futura revista com um poema (colaboração concretizada

revista de Gaitán Durán. Ainda que sem significados aparentes, poderia nos servir simbolicamente como exemplo de alguma intenção de prosseguimento editorial a publicação no primeiro número de *Mito* (abril-maio de 1955) da continuação da tradução, por Fernando Arbeláez, do extenso poema de S. J. Perse, “Vientos”, cujas primeiras partes haviam sido publicadas por Zalamea em *Crítica* (Nº 08, de 25 de fevereiro de 1949), com sua própria tradução.

¹³⁰ GILARD, op. cit., p. 29. Ideia que também podemos encontrar numa afirmação como esta: “En *Mito* desembocaban interrogantes y soluciones que se habían ido forjando durante el decenio anterior en el medio intelectual, no siempre (valga el eufemismo) al unísono de los dramas vividos por el país”. (GILARD, op. cit., p. 48). Como veremos, apesar de Jacques Gilard ter se tornado o mais “crítico” dos “detractores” de *Mito*, sua lucidez e rigor para argumentar a favor de Zalamea e *Crítica* se apoiam num inquestionável trabalho de pesquisa com resultados importantes e favoráveis à constante reorganização da historiografia literária, no caso, colombiana.

com “Canto Órfico” para o Nº 2), assim como membro de seu comitê patrocinador¹³¹, temos um sugestivo indício da genealogia de *Mito*:

A mediados de febrero comenzaré a dirigir una revista literaria, llamada “Mito”, muy severa, sin concesiones, por el estilo de “Sur” – pero más discreta y menos ecléctica – y de las revistas mensuales francesas. Pretendo hacer un primer número de gran nivel, y sería muy honroso para nosotros que usted colaborara en él con un poema o texto inédito. Si fuera un poema, lo publicaríamos en español y portugués, y le aseguro que la traducción sería de buena calidad. Querría también que usted me autorizara a incluir su nombre en el comité de patronaje, que será formado solamente por cuatro escritores, entre los cuales el poeta español Vicente Aleixandre, y probablemente el mexicano Octavio Paz.

Tal brevíssimo comentário não deixa de nos proporcionar uma abertura para conjecturar sobre as características que de uma forma ou de outra podemos encontrar em seus começos como publicação e ao longo de seus números, e que reside justamente neste curioso encontro de referências entre a revista argentina *Sur* e as revistas francesas, dentre as quais, sem dúvida, está *Les Temps Modernes*.

A curiosidade aqui poderia inclusive assumir contornos eufemísticos se tentássemos amenizar a distância ideológica que separa *Sur* de Victoria Ocampo, Borges e Mallea de *Les Temps Modernes* de Sartre, Simone de Beauvoir e Merleau-Ponty, mas também poderia manter-se menos contraditória se levássemos em consideração outras publicações periódicas francesas como, por exemplo, a *Nouvelle Revue Française* ou *Esprit*, revistas que, ainda que publicadas bem anteriormente a *Mito*, tenham reconhecidamente servido de modelos a *Sur*. Dentro desse jogo de influências e possíveis parâmetros literários, a identificação de *Mito* esteve mais próxima a *Les Lettres Nouvelles* de Maurice Nadeau e principalmente ao existencialismo da revista sartreana (por sua vez, influenciada por *Combat* de Camus) do que de publicações como *Critique* de Bataille (ela por si própria estabelecida pela presença polarizada entre a ciência e a transgressão, segundo Boschetti, 1985), ou de *La Nouvelle Critique*, impulsionada por, entre outros, Henri Lefebvre como órgão porta-voz do Partido Comunista Francês. Para

¹³¹ Interessante ressaltar que tal convite hoje pode ser tomado como importante para um prosseguimento no processo de abertura à literatura do Brasil no continente, tendo em vista a inserção que *Mito* alcançou nos meios literários hispano-americanos de então. Ainda que, no caso da revista *Mito*, não tenha sido dada continuidade à atenção à literatura brasileira em seus números seguintes, mesmo assim nos parece significativa a preocupação de seus realizadores (sobretudo a de Gaitán Durán) em almejar uma representatividade brasileira na revista. Vale ainda destacar que essa abertura ao Brasil e sua produção literária já havia sido também proporcionada em Colômbia através da *Revista de las Indias* (em sua 2ª época), ao ocupar-se da publicação de textos, por exemplo, de Jorge Amado (Nº 1 em 1938), Jorge de Lima (Nº 34 em 1941) ou Gilberto Freyre (Nº 86 em 1946), fato não menos louvável (embora também de pouco relevo se tomado frente ao conjunto de seus números publicados) diante dos interesses continentais dessa revista predecessora de *Mito*.

exemplificar, basta observar nos sumários dos 25 números lançados de *Les Lettres Nouvelles* (a partir de março de 1953) antes do primeiro número de *Mito* para encontrarmos autores em comum como Dylan Thomas (o conto “Le bébé ardent”), Antonin Artaud, Henry Miller, Samuel Beckett, Gottfried Benn, Antonio Gramsci, Jean Reverzy, Vladimir Nabokov (trechos de *Lolita*) e uma particular atenção a Sade; ou até elementos redacionais como a pequena seção “Pastilles”, informações rápidas de atualidades culturais, adotada brevemente por *Mito* em seus N° 22-23 e n° 24.

Do que diz respeito a *Sur* e sua menção na carta de Gaitán Durán, por seu gigantesco trabalho como revista desde 1931, é compreensível que essa empresa literária que alcançou projeção continental como uma ação cultural de impulso individual, a de Victoria Ocampo, tenha as atenções do colombiano. Se hoje observamos as duas revistas – obviamente guardando as devidas proporções, sobretudo frente à longevidade da publicação argentina –, não seria demasiado afirmar que o parentesco vai além do que houve de mecenato empreendedor por parte de Ocampo e de Gaitán Durán. Tanto em *Sur* como em *Mito* sobressai um “ideal europeu” conjoinado com um internacionalismo cultural oferecido por uma vasta envergadura geográfica, e que poderíamos reconhecer na tão citada ideia borgeana de que o patrimônio do argentino é o universo¹³² uma espécie de divisa editorial que diz respeito ao nacionalismo excêntrico do escritor argentino (“criollismo urbano”, segundo Beatriz Sarlo¹³³) e seus ecos na revista colombiana. O nacionalismo de *Mito* passa mais pela *praxis* política diante das questões cruciais do país do que, por exemplo, por uma busca pela afirmação de uma identidade cultural nacional ou latino-americana, algo que tampouco esteve dentre as preocupações de *Sur*, com exceção das iniciais incursões reflexivas de autores como, por exemplo, Alfonso Reyes e Pedro Henríquez Ureña, durante seus primeiros números, mas logo eclipsadas na revista.

Em questões de ordem política, outro possível ponto de encontro entre as duas revistas seria o antitotalitarismo, representado no caso argentino pelas posições contra o peronismo e no caso colombiano contra o governo de Rojas Pinilla. Nesse sentido, também não seria exagerado encontrar certo humanismo pacifista sobressalente das páginas de *Mito*, mesmo que nelas estejam presentes reflexões políticas diretamente ligadas às problemáticas agressivas do país. Se em *Sur* esse pacifismo funcionou como alternativa a um engajamento explícito, em *Mito*

¹³² Ideia recolhida no texto “El escritor argentino y la tradición”, versão taquigráfica de uma aula ditada no Colegio Libre de Estudios Superiores e reproduzida no livro *Discusión* (Madrid: Alianza, 1997).

¹³³ Apud KING, 1989, p. 68.

serviu como estratégia de seu compromisso intelectual diante da violência colombiana. No que diz respeito ao cenário internacional, ambas as revistas coincidiram ao se posicionarem de maneira incisiva, por exemplo, contrariamente às repressões sofridas por países socialistas diante das investidas militares impositivas do governo soviético, como se mostrou manifesto, no caso de *Mito*, em relação à Revolução Húngara de novembro de 1956. Como bem identificou María Teresa Gramuglio (2007) quanto a essa postura crítica de *Sur* durante os anos da Guerra Fria, a revista argentina sofreu forte desgaste em seu lugar eminente no campo intelectual por tal proceder, já que os setores de esquerda em muito demorariam para reconhecer tais denúncias; postura que a *Mito* não deixou de também proporcionar severas críticas por parte de ala esquerdista colombiana ao identificá-la como uma revista burguesa, mesmo que, já em seus últimos anos, fosse evidente em suas páginas um entusiasmo com a Revolução Cubana.

Ressaltam também das páginas de ambas as revistas alguns outros pontos curiosos. Diante da preocupação pela constante busca de uma unidade editorial, através da superação de possíveis conflitos ideológicos ou estéticos entre seus realizadores¹³⁴ e colaboradores, a revista colombiana logrou imprimir uma dinâmica em seu comitê de direção que se sustentou pelo princípio de liberdade reivindicado desde o primeiro número: “Pretendemos hablar y discutir con gentes de todas las opiniones y de todas las creencias”¹³⁵, desde que tal tolerância estivesse apoiada nas exigências de qualidade e inconformismo do que se discute. Assim, sobretudo graças à figura de seu fundador, *Mito* não deixou aparentar entre seus animadores grandes querelas ou polêmicas desagregadoras. Em *Sur*, a possibilidade conciliadora veio através da condição de “hospitalaria familia espiritual”, termo usado, segundo John King (1989, p. 65), por Bernard Grassset ao unir-se a *Nouvelle Revue Française* e que se adequaria literalmente ao caso da revista argentina.¹³⁶ Ainda segundo King (1989, p. 65), tal circunstância facilitaria a meta de uma segurança da autonomia intelectual: “(...) todos podían

¹³⁴ Do núcleo duro gestacional do qual *Mito* terá origem a partir do encontro entre seus futuros realizadores em Espanha, sabemos através de Pedro Cote (1990) que Gaitán Durán havia viajado por meio de recursos familiares, Gutiérrez Girardot em busca de carreira acadêmica em filosofia com bolsa do governo de Laureano Gómez, Valencia e Cote com bolsas oferecidas pelo governo franquista, partindo cada um deles individualmente em busca de seus interesses pessoais. O princípio de amizade entre apartados de seu país alimentado principalmente através de cartas e breves encontros, seria o início de um alinhamento intelectual que teria na revista o seu verdadeiro encontro de prova.

¹³⁵ Editorial do Nº 1, abr.-maio de 1955, página 2.

¹³⁶ São conhecidas as relações de parentesco entre seus realizadores: a irmã de Victoria, Silvina Ocampo, logo se casaria com Adolfo Bioy Casares; María Rosa Oliver e Eduardo Bullrich eram primos de Victoria; Guillermo de Torre era casado com Norah, irmã de Borges.

convenir en que el deber del intelectual era con el espíritu, y las diferencias ideológicas podían ser aceptadas, por una unidad de calidad o de tono.”. E essa busca toma ainda mais significado, como podemos verificar através de Judith Podlubne (2008) a partir de Jorge Warley e do próprio King, se lembrarmos da divisão que ocorreu em *Sur* entre a tendência estética baseada numa moral literária humanista representada principalmente por Eduardo Mallea, Victoria Ocampo e Guillermo de Torre desde meados dos anos 30, e a tendência interessada em uma moral formalista com a qual se identificaram Borges, Adolfo Bioy Casares e seu grupo de seguidores sobretudo a partir do início dos anos 40.

A presença de Borges em *Mito* como membro do comitê patrocinador a partir do Nº 31, significativo movimento de aporte aos atributos intelectuais da revista, assim como o dossiê a ele dedicado nos Nº 39-40, com a publicação de carta de Borges a Gaitán Durán (datada de 10 de maio de 1961) e de textos de Hernando Téllez, Rafael Gutiérrez Girardot, Marta Mosquera, Jaime Mejía Duque e Pedro Gómez Valderrama em homenagem ao escritor argentino, demonstram uma identificação de seus realizadores com quem foi um dos pilares literários de *Sur*, principalmente por parte de Gómez Valderrama e Gutiérrez Girardot, este último reconhecido pelo próprio Borges como um dos maiores divulgadores de sua literatura em Europa. Tal admiração, portanto, seria outro vestígio da proximidade “espiritual” entre as revistas, indício das articulações intelectuais em busca de afinidades ideológicas e estéticas no continente empreendidas por seus realizadores, e que se somado a questões até mesmo de sintaxe editorial, como a composição do formato de seus corpos e distribuição de textos baseada, sobretudo, entre artigos principais e “Notas”, também contribuiria à confirmação da referência de *Sur* em *Mito*.

Mas se retornamos à citação da carta de Gaitán Durán a Drummond veremos que há uma ressalva: “por el estilo de ‘Sur’ – pero más discreta y menos ecléctica – ”. O simples fato da colocação da reserva por parte do colombiano demonstra que *Sur* era um modelo a se assimilar em alguns pontos, como, possivelmente, os que citamos acima; porém não era “o” modelo. A grande inspiração intelectual de Jorge Gaitán Durán seguramente vinha do continente europeu, onde ele havia vivido, viajado e estudado entre 1950 e 1954 (e em outras ocasiões durante os anos 50 até a sua morte em 1962) e onde havia se aberto às influências das correntes de pensamento em voga, como o existencialismo francês. Segundo Cobo Borda (2008), Gaitán Durán havia alcançado a assistir aulas de filosofia no Collège de France com Merleau-Ponty, e levando-se em conta a quase irresistível atração que a “*école de pensée*” informal de Sartre exercia na época sobre a intelectualidade não ligada a ortodoxias, era

claramente a *Les Temps Modernes* que ele tinha suas maiores atenções, ainda que não citada explicitamente na carta acima.¹³⁷

Desde a ideia inicial expressa pela frase do aqui referido editorial do primeiro número de *Mito*, “Las palabras también están en situación”, já podemos identificar a presença mentora de Sartre. O filósofo francês, cuja publicação em América Latina do livro *Qu’est-ce que la littérature?* no início dos anos 50 acirrou ainda mais as reflexões sobre temas como o da responsabilidade dos intelectuais e o da função da literatura nas mudanças sociais, oferecia através de seu modelo intelectual uma saída procedente para a publicação de uma revista em um país como a Colômbia da época de *la Violencia*:

Ainsi le monde et l’homme se révèlent par les *entreprises*. Et toutes les entreprises dont nous pouvons parler se réduisent à une seule: celle de *faire l’histoire*. Nous voilà conduits par la main jusqu’au moment où il faut abandonner la littérature de l’*exis* pour inaugurer celle de la *praxis*. (SARTRE, 1967, p. 287, grifos do autor).

Les Temps Modernes, lançada em 1945 sobre ruínas de guerra, trouxe como fundamento uma proposta de liberdade para o posicionamento político daqueles que “se révèlent par les *entreprises*”, eleição dirigida pelo rigor e pela capacidade de pensamento abrangente. De acordo com Anna Boschetti (1985, p. 189), “La pression de la politique sur la culture se manifeste soit en imposant un engagement aux intellectuelles, soit en orientant leurs choix (...)”, e se no caso da conjuntura francesa tal tomada de posição variava, por exemplo, entre ser comunista, católico ou gaullista (posições politicamente legitimadas pela Résistance), no caso colombiano era engajar-se contra o totalitarismo, o extremismo partidarista, a violência em si. Tal modelo de engajamento sem necessariamente estar vinculado a doutrinas de algum partido político serviu com precisão aos iniciais¹³⁸ propósitos independentes de Gaitán Durán e seu grupo diante do contexto de seu país, identificação que pode ser ratificada pelas seguintes palavras de Boschetti (1985, p. 221) sobre a revista francesa:

¹³⁷ Curiosamente, a omissão na carta de Gaitán Durán a Drummond de referência direta a *Les Temps Modernes* – revista que se propôs abertamente a pensar o marxismo – “coincide” com período de postura lírico-política do brasileiro mais distanciada de um projeto social participante, que outrora culminou, por exemplo, com a publicação do livro *A rosa do povo* em 1945. Consciente ou não dessa viragem poética que levou Drummond a ocupar-se de uma poesia neoclassicista e formalista (cujo exemplo mais significativo seria o livro *Claro enigma*, de 1951), Gaitán Durán acerta no convite a Drummond ao não explicitar a revista francesa como modelo para *Mito* se levarmos em conta a frustração e o pessimismo do poeta brasileiro com seu próprio projeto literário socialmente compromissado. Sobre essa guinada classicizante na obra poética de Drummond, ver CAMILO, 2001.

¹³⁸ Ainda que saibamos que mais tarde Gaitán Durán militará no grupo de dissidência da Frente Nacional liderado por López Michelsen, o Movimiento Revolucionario Liberal (MRL).

Expression des intellectuels qui interviennent pour leur propre compte dans la vie sociale, la revue se pose comme le lieu d'un paradoxe fascinant : un *engagement libre*. Il exclut, à une extrémité, la prétention à une littérature et à une science "pures", non "responsables", et, à l'autre extrémité, la compromission avec le pouvoir ou l'adhésion à un parti qui enchaînerait les "choix" à une orthodoxie.

Graças à identificação com essa modernizadora abertura no campo de atuação intelectual¹³⁹ que inspirava *Les Temps Modernes*, nas páginas de *Mito* foram inúmeras as referências diretas ou indiretas a Sartre, ao existencialismo e aos existencialistas, ou à própria revista francesa. Desde o seu começo, *Mito* ocupou-se por publicá-los, como, por exemplo, os trechos da peça *Nekrassov* (Nº 6, também publicada em *Les Temps Modernes* Nº 114 de jun.-jul. de 1955) ou o ensaio filosófico *Bosquejo de una teoría de las emociones* (Nº 14), ambos de Sartre; assim como a peça de teatro *Conocimiento de Sartre*, da colaboradora de *Les Temps Modernes*, Colette Audry, publicado em três entregas (Nº 6, 7 e 10). Ocupou-se também por comentá-los, como na resenha de Gaitán Durán sobre o livro *Los mandarines* de Simone de Beauvoir (Nº 1); na resenha de Hernando Valencia Goelkel sobre o livro *Aventuras de la dialéctica*, de Merleau-Ponty (Nº 4); as controvérsias entre Sartre e Merleau-Ponty ou Camus e Bourdet na nota "Polémicas en Francia" (Nº 2); sobre a leitura que Sartre fez de *Las sirvientas*, de Jean Genet, na nota de tradução desse texto por Gaitán Durán (Nº 12); o confisco por parte do governo francês do número da revista ao publicar informações sobre a guerra da Argélia no texto "*Les Temps Modernes y Argelia*" (Nº 17). *Mito* ainda esteve permeada por citações de Sartre como no texto "Mito y la tragedia húngara", assinado por Gaitán Durán, Gómez Valderrama e Valencia Goelkel (Nº 10); na nota de pesar pelo falecimento de Camus (Nº 27-28); e em "Información sobre Cuba", texto de Gaitán Durán (Nº 35). Outras referências a Sartre também podem ser encontradas em "Apuntes sobre la fenomenología", de Francisco Posada (Nº 9); "El marxismo y el pensamiento francés", de Henri Lefebvre (Nº 15), originalmente publicado em *Les Temps Modernes* Nº 137-138; e "Notas sobre la obra de Albert Camus", de Jorge Eliécer Ruiz (Nº 30). Além disso, outra influência da *praxis* sartreana se deixou mostrar pelas emissões de rádio do programa *Radio-revista Mito*, em 1957, seguindo o exemplo do programa existencialista *La tribune des Temps Modernes* e seu alcance midiático pela Radio France em Europa dez anos antes.

¹³⁹ Interessante como Sandoval (2006, p. 217) e Campuzano (2010, p. 46) associam ainda tal atuação intelectual modernizadora com a inauguração por parte do grupo de *Mito* de uma nova relação com os referentes hispânicos que literariamente haviam predominado nos meios colombianos. De acordo com Campuzano, "A *Mito* le interesó, más bien, mostrar una especial categoría de la literatura española. Y en esta tarea no hubo consignas que formularan un hispanismo de tintes coloniales, ni sumisiones a la patrioteria filología hispánica. *Mito* inaugura un diálogo de igualdad entre poetas colombianos y poetas españoles. Como lo dice Pedro Sarmiento Sandoval (...), 'de la imitación y la apología de índole subalterna, se pasó a la amistad y a la colaboración'".

Interessante como o cruzamento dos modelos intelectuais de revistas literárias como *Sur* e *Les Temps Modernes*, aparentemente tão díspares e até mesmo contraditórios, poderia ser simbolicamente tomado como correspondente a um perfil complexo de intelectual latino-americano personificado por Jorge Gaitán Durán. Sua figura literária e política esteve constantemente sendo criticada por suas posições aparentemente ambíguas, críticas formuladas seja por sua origem familiar oriunda das elites das regiões santadereanas que em muito patrocinaram suas “aventuras” (“Ningún intelectual colombiano quiere ser burgués. Cuando en realidad todos los somos.”¹⁴⁰), seja por sua identificação em algum momento com a ala conservadora do liberalismo santista, ou por sua consciência da fragilidade do comunismo colombiano que o levou a preconizar um modelo capitalista moderno para o país (DURÁN, 1999), todos eles fatos de ordem ideológica que nos incitaria a aproximá-lo emblematicamente de *Sur*. Mas ao mesmo tempo, Gaitán Durán não duvidou em afirmar-se como homem de esquerda, inconformista, que se posicionou como defensor das transformações sociais advindas através de uma reforma agrária como solução principalmente para a violência institucionalizada em Colômbia, que procurou compreender as guerrilhas colombianas com olhos críticos, mas de certa forma indulgentes, que demonstrou complacência à Revolução Cubana em seus começos, ou que criticou o vazio ideológico em que se apoiava o surgimento da Frente Nacional de Alberto Lleras¹⁴¹, atitudes que o aproximariam de *Les Temps Modernes*. Assim, por extensão, se levarmos em conta a afirmação de Boschetti de que *Les Temps Modernes* acabaram por reproduzir as propriedades da posição de Sartre diante da cultura¹⁴², no caso da revista colombiana também acabaríamos por encontrar em suas características o perfil das atenções e cuidados de Gaitán Durán, seja por sua ocupação sobressalente como revista de poetas atuando como ensaístas, pelo distanciamento de abordagens científicas ou ainda pela presença de certa atmosfera de

¹⁴⁰ DURÁN, 1999, p. 131. O texto “El burgués y la Coca-cola” foi originalmente publicado no jornal *El Independiente*, em 11 de abril de 1957.

¹⁴¹ Apesar de também sabermos que, a partir de 1958, parte significativa do grupo ligado à *Mito*, principalmente Eduardo Cote Lamus e Pedro Gómez Valderrama, apoiou abertamente a Frente Nacional como única forma de o país não se submeter a regimes ditatoriais. Nesse sentido e seguindo o raciocínio de Campuzano (2010), a não submissão inicial da revista às ortodoxias político-partidárias embasadas pela ideia de “hablar y discutir con gentes de todas las opiniones y de todas las creencias”, acabaria por se caracterizar como um “tiro no próprio pé” se levarmos em consideração as catastróficas consequências políticas acarretadas pela Frente Nacional em seus 16 anos de existência.

¹⁴² “La littérature y occupe beaucoup de place, le théâtre y figure, la poésie en est presque absente. La philosophie de l'événement a la place d'honneur. La science est considérée comme suspecte ou oubliée. La critique littéraire et artistique est soigneusement cultivée. Le journalisme manifeste une présence envahissante”. (BOSCHETTI, 1985, p. 230).

“exercício jornalístico”, características literárias que serviram de sustentáculo para temas como os políticos, os eróticos ou os testemunhais (como a publicação de diários), tão presentes na revista, tão próprios de seu fundador. A suposta contradição ideológica de Gaitán Durán, seguindo essa leitura de correspondências simbólicas, portanto seria mitigada se levássemos em consideração que, por exemplo, em julho de 1955 *Les Temps Modernes* publicaria traduções ao francês de textos de *Otras inquisiciones* de Borges...

Dentro desse sistema de correlações ideológicas, literárias e editoriais, ainda que agora já também adentrando à sua publicação, outra revista que nos chama a atenção por sua presença em *Mito* é a *Revista Mexicana de Literatura*, então dirigida por Carlos Fuentes e Emmanuel Carballo. Desde o Nº 4, *Mito* procurou despertar o interesse recíproco entre ambas as revistas por intercâmbios aproximativos, ainda que também com alguma reserva: “Si bien no completamente identificadas, MITO y ‘Revista Mexicana de Literatura’ tienen numerosos puntos de contacto, que permitirán una provechosa labor de comprensión”.¹⁴³ Neste mesmo número também se encontra o conto “Por boca de los dioses”, do primeiro livro publicado por Carlos Fuentes, *Los días enmascarados*, evidenciando ainda mais a busca de afinidades.

A questão que surge novamente é o motivo da ressalva presente em uma nota que, ainda que não assinada, bem poderia ser do próprio Gaitán Durán. Apesar de que nela se louve a continuidade de “la gran tradición de las revistas aztecas de literatura: ‘Taller’, ‘Tierra Nueva’ y ‘El hijo pródigo’”, de que se elogie o conteúdo do primeiro número que contou com Octavio Paz, Bioy Casares, Borges e Juan Rulfo (atentando para o fato de a obra de Rulfo ainda ser desconhecida em Colômbia na época), e de que se agradeça “la generosa defensa que allí se hace de MITO y por la cita de nuestra nota sobre Jorge Luis Borges”,¹⁴⁴ ao tratar da seção “El Talón de Aquiles” existente na revista mexicana, a redação de *Mito* a reconhece como “valerosa e inteligente” mas agrega a restrição “aun cuando no compartamos varios conceptos y opiniones”. Os “poréns” de *Mito* em relação à *Revista Mexicana de Literatura* poderiam ser aqui ilustrados pelas palavras de Louis Panabiere (1992, p. 160) sobre as características editoriais da revista mexicana:

Il est évident cependant qu’avec cette revue, le genre prend une nouvelle direction. Le souci majeur de cette génération n’est pas de guider, de constituer un Savoir

¹⁴³ Trecho da nota “Revista Mexicana de Literatura” publicada em *Mito* Nº 4, página 276.

¹⁴⁴ Ver a pequena resenha em forma de nota escrita por Gaitán Durán, “Historia universal de la infamia”, publicada no Nº 2 de *Mito*, página 113, em que ele sai em defesa de Borges contra a crítica americanista francesa. Importante também frisar que este número da revista é publicado no mesmo mês (julho de 1955) em que *Les Temps Modernes* publica os textos de Borges.

collectif; il est de montrer, de faire preuve d'une énorme culture universelle. Les rapports avec le Pouvoir sont éludés ou bien traités avec la désinvolture du "Hussard". La qualité littéraire prime sur le combat immédiat. La *Revista Mexicana de Literatura* est beaucoup plus proche de *Tel Quel* que des *Temps Modernes*.

Panabiere (1992) afirma que o “culto da inteligência” sobressalente da revista mexicana põe de lado qualquer tomada de posição ou qualquer tipo de *engagement* político, adotando um movimento intelectual que distancia o “Saber” do “Poder”, e que assim acabou por esconder certa cumplicidade intelectual com o poder ao opor o “interesse” pelo “desinteresse” e ao não se preocupar pelas expressões populares. Mesmo com a existência de divergências de “conceptos y opiniones” entre as revistas mexicana e colombiana, e sabendo que de *Revista Mexicana de Literatura* haviam se aproximado figuras colaboradoras de *Mito* como Gabriel García Márquez e Álvaro Mutis, elas não impediram que Carlos Fuentes seguisse participando da revista colombiana com, por exemplo, sua resenha de “*Pedro Páramo*, de Juan Rulfo” (Nº 8) ou o capítulo “El otro tiempo” do romance *La muerte de Artemio Cruz* (Nº 30); ou que a revista colombiana também continuasse publicando anúncios publicitários de *Revista Mexicana de Literatura* mesmo após a saída de Fuentes da sua direção, constituindo-se assim como a única revista de fora de Colômbia que tenha feito propagandas nas páginas de *Mito*.

Segundo Octavio Paz (2000), que colaborou com a revista dirigida por Carlos Fuentes, “(...) en la *Revista Mexicana de Literatura* fueron influenciados políticamente con la idea de la llamada ‘tercera vía’, que significaba ni con la izquierda, ni con la derecha”. Paz, que desde suas experiências com *Taller* e *El hijo pródigo* demonstrou, sobretudo através de sua poesia, claro receio ao realismo socialista ou à poesia comprometida, ainda afirmou, acerca da posição política de *Revista Mexicana de Literatura*, que em 1971 “se fundó la revista *Plural* un poco con esa idea de redescubrir los valores liberales y democráticos en la sociedad mexicana.” (ibid.). Numa ocasião anterior, desde Paris, em 1959, ao comentar os fragmentos de *Reseña de los Hospitales de Ultramar* de Alvaro Mutis, publicados em *Mito* (Nº 26), o mexicano (1967, p. 131) elogia *Mito* como “Una de las revistas por las que aún circula un poco de aire fresco – y otros saludables venenos –”, e Jorge Gaitán Durán “uno de los espíritus más despiertos y originales de la nueva literatura hispanoamericana, partidario del *riesgo* intelectual”, e ainda aproveita para comentar o contexto editorial predominante na época:

No hay muchas revistas hispanoamericanas que podamos leer con el mismo placer ávido con que, en sus tiempos, leíamos *Revista de Occidente*, *Cruz* y *Raya* o *Sur*. Sin duda el siglo se ha cansado; después de la guerra se inventa poco en arte y literatura.

(¿O somos menos sensibles, más duros de oído?). Algunas de las publicaciones que cultivaron con más persistencia la curiosidad y la novedad, como *El hijo pródigo*, *Orígenes* y *Las Moradas*, han desaparecido. Ciertamente, aún viven las grandes revistas, *Sur* y *Cuadernos Americanos*, pero ahora juegan sobre valores seguros. Y la mayoría de las nuevas está contagiada, a destiempo, por la idea de la “responsabilidad social del escritor” (creencia que nos ha hecho olvidar o desdeñar la responsabilidad mayor: escribir bien, decir cosas nunca dichas o que así lo parezcan). El sermón, la homilía, la exposición de la buena doctrina, se han convertido en los géneros literarios preferidos de los “espíritus avanzados”. A diferencia de lo que ocurría hace 25 años, en nuestros días el radicalismo en política está teñido de superstición burocrática y se alía al “academismo” en literatura y al conformismo en filosofía y moral. Estilo, ortodoxia política y buenas costumbres: ingredientes del escritor “positivo”.

Os elogios de Paz a *Mito* e a Gaitán Durán ao lado de suas críticas a um *engagement* doutrinário nos provocam, portanto, um necessário acercamento às características que poderíamos definir como idealizadas por *Mito* e que provavelmente tenham agradado ao mexicano ao encontrá-las na revista: responsabilidade social do escritor, porém sem que ortodoxias políticas direcionassem sua linha editorial; e abertura ao diálogo com diferentes tendências ou correntes estéticas ou políticas, desde que sob a *consigna* de “escribir bien” identificada por Paz, que, por sinal, era um dos membros do comitê patrocinador de *Mito* e que dele fez parte durante toda a existência da revista. Inclusive, se pensarmos na função de “patrocinio espiritual” que cabia a tal comitê, Octavio Paz cumpre à risca seu papel ao deixar um recado nada metafórico ou propriamente indireto aos de *Mito* – mesmo que através de um breve comentário no texto sobre o livro de Mutis – atentando a seus organizadores para não caírem na linha editorial do que ele chama de “escritor ‘positivo’”. E para concluir sobre o que lhe chama a atenção na revista, ainda no mesmo comentário, ele cita dentre os textos memoráveis justamente a “Historia de un matrimonio campesino”, talvez o caso mais conhecido da famosa seção Documentos/Testimonios, publicado em seu número 15, exemplo escolhido pelo mexicano em que podemos reconhecer um tipo de ação política de denúncia da realidade social preterida por *Mito*, diante das responsabilidades de seus organizadores como intelectuais, aparentemente ainda sem vínculos com qualquer corrente política no país.

O que até aqui pudemos reconhecer como suscetível de ser taxado como contraditório dentro das perspectivas intelectuais de Jorge Gaitán Durán e por consequência de *Mito* e seu grupo heterogêneo, demonstram, em realidade, a premência de tal “riesgo intelectual” diante da conjuntura política e literária colombiana, ou, de acordo com as palavras de Pedro Cote (1990, p. 184) em sua conferência desmistificadora “Epístolas alrededor de ‘Mito’”, contradições que serviram “para comenzar un proceso de discusión” sobre os problemas colombianos. A complexidade de posturas assumidas pela equipe editorial da revista e por Gaitán Durán no

campo político-cultural do país, em muito justificadas pela tolerância ideológica e pela liberdade de expressão, não se reduziu a suscitar limites entre o que era correto ou incorreto a se fazer, como tampouco tais posturas se mostraram oscilantes entre um conformismo conveniente ou um anticonformismo que tenha se negado ao diálogo, mas sim propendeu a um debate cuja maior exigência era a de se opor a qualquer forma de sectarismo ou extremismo, algo anunciado desde o editorial da primeira entrega e que foi visivelmente uma das grandes preocupações da sua linha editorial até o último número em 1962.

Para os intuitos desta nossa contribuição à genealogia editorial de *Mito*, fiquemos, por enquanto, com a ideia de que *Mito* surge em Colômbia como uma série de “pequenos escândalos” (GOELKEL, 1990) culturais gerados pelo típico choque político entre correntes polarizadas, e obtém de sua centelha inicial a claridade necessária para trilhar novos caminhos editoriais no país.

Capítulo III – *Mito*: revista bimestral de cultura, o projeto e o discurso

“*Mito* desenmascaró indirectamente a los figurones intelectuales de la política, a los intérpretes bergnosiano-tomistas que nunca habían escrito una obra, al historiador de legajos canónicos y jurídicos, a los poetas para veladas escolares, a los sociólogos predicadores de Encíclicas, a los críticos lacrimosos, en suma, a la poderosa *infraestructura* cultural que satisfacía las necesidades ornamentales del retroprogresismo y oscurantistas y que, a su vez, complementariamente tenían al país atado a concepciones de la vida y de la cultura en nada diferentes de las que dominaban entonces en cualquier villorrio carpetovetónico.”

Rafael Gutiérrez Girardot
La literatura colombiana en el siglo XX

1 – Histórias de *Mito*¹⁴⁵

Hernando Valencia Goelkel (1990, p. 166), em sua palestra intitulada “Nuestra experiencia de ‘Mito’”, ajuda-nos a conhecer um pouco da intimidade presente na produção da revista. Numa curiosa passagem de seu relato, e sem deixar de lado alguma ironia, traz aos leitores em tons confidenciais uma “desmistificação” acerca do nome da revista:

Hay un hecho muy divertido para mí, que es el relacionado con el nombre de la revista. Yo recuerdo mucho la primera entrevista que tuve con Jorge cuando me dijo:

- Hombre, hagamos una revista.
- Bueno, claro. ¿Cómo se llama?
- Mito.
- Y ¿por qué?

Y no me supo explicar. Y yo tampoco... y finalmente en el editorial del primer número pusimos una frase medio deshonesto y tortuosa diciendo que la revista se iba a ocupar de desmitificar una serie de valores y prejuicios y todo eso, pero fue como por decir algo. Fue una cuestión hasta cierto punto irracional. Jorge se había enamorado del término y yo también.

Tal testemunho daquele que foi, digamos, “o braço direito” de Jorge Gaitán Durán na fundação do periódico, mostra de maneira anedótica uma importante característica da revista

¹⁴⁵ Foram usados para este estudo exemplares da revista *Mito* pertencentes aos acervos das hemerotecas da Biblioteca Nacional de Colombia, Biblioteca Carlos Gaviria Díaz da Universidad de Antioquia e da Biblioteca de la República Luis Ángel Arango.

nesse processo inicial: seu logro é alcançado com surpresa por parte dos organizadores, graças à receptividade do público leitor de uma publicação que surge sem uma estrutura periodística convencional, um tanto improvisada, mais ocupada com a ação empreendedora nesse princípio, o que lhes confere uma honestidade logo louvada. Seguem as palavras de Goelkel (ibidem):

Éramos aficionados, éramos improvisadores, no teníamos absolutamente la menor idea de lo que era una investigación de mercado, ni de los gustos del público, ni nada de eso. Eso salió porque salió, porque era lo menos técnico, lo menos científico y lo menos metódico que puede haber.

Mito: revista bimestral de cultura nasce como uma revista dedicada, como o próprio nome diz, à produção cultural, com destaques à literatura, à filosofia, à história sociopolítica, à psicologia, ao cinema, teatro, música e artes plásticas, ao mesmo tempo em que se insere no cotidiano colombiano publicando textos denunciadores de injustiças sociais ou de polêmicos eventos políticos que ocorriam tanto nos cenários nacional como internacional.

O empreendimento foi possibilitado pelo encontro de jovens intelectuais que buscavam novas formas de participação no ambiente cultural e político da época. Sem bruscos rompimentos literários com as gerações anteriores, souberam como reunir em torno da publicação da revista, no decorrer de seus números, nomes já consagrados da literatura nacional provenientes de diferentes grupos, como os de *los nuevos*, os *piedracelistas* ou os *cuadernícolas*. Porém, apesar do espírito coletivista que com o passar dos tempos sobressaiu da experiência literária de *Mito*, a figura de Jorge Gaitán Durán – por que não dizer seu “mito” –, como empreendedor e líder natural em seu meio, destaca-se através de um espírito de ímpeto individualista. A revista *Mito* não é lançada sob a proclamação coletiva de manifestos ou de intenções demarcadoras de movimentos vanguardistas, mas, como disse o próprio Hernando Valencia Goelkel (ibidem), “el motor de la revista, la inspiración de la revista, el fervor de la revista, era Gaitán”. No caso da produção de *Mito*, ele conseguiu reunir importantes colaboradores graças ao eficaz uso de comunicação epistolar, de inúmeras articulações por meio de encontros pessoais e indicações de amizades pertencentes ao círculo intelectual da época, evidente comprovação da junção talento literário/cultura política tão característica do fundador da revista. Já famoso se tornou o relato de Gabriel García Márquez, também em tons anedóticos, de como Gaitán Durán salvou do cesto de lixo, durante uma visita ao apartamento do escritor *costeño* em Bogotá em julho de 1955 para solicitar um texto para *Mito*, um capítulo inteiro de seu primeiro romance já publicado naquela ocasião, *La Hojarasca*, em que Gaitán remenda as folhas com fita adesiva e juntos nomeiam aquele que

se tornou um dos mais elogiados contos de García Márquez: “Monólogo de Isabel viendo llover en Macondo”, publicado em *Mito* Nº 04 de outubro-novembro de 1955.¹⁴⁶

Passemos, para melhor compreender este empreendimento, a observar a revista *Mito* desde uma perspectiva inicialmente ocupada em conhecer suas características editoriais internas de funcionamento como publicação periódica – o que inclui sua direção de redação e sua administração empresarial; a relação entre sua sintaxe organizativa e os resultados culturais e políticos alcançados; assim como a relação entre a conformação de seus conteúdos publicados e o meio receptivo que teve acesso a tais resultados –, além de sua consequente atuação enquanto casa editorial de livros; para logo em seguida nos ocuparmos também de analisar sua consequência midiática naturalmente advinda, como foi o caso do programa Radio-revista *Mito*, totalizando assim um conjunto de ações culturais que configuram o que aqui identificamos como Projeto *Mito*. Para tanto, levaremos em consideração como Projeto *Mito* de ação cultural sua proposta de atuação no interior do sistema de produção cultural em que a ideia de ação é vista como um “processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura” (COELHO, 1997, p. 33); ou seja, o termo “projeto” que aqui usaremos antes está mais voltado para compreender o conjunto dessas ações culturais enquanto um “propósito”, não propriamente vinculado a “um programa de materialização de objetivos previamente determinados em todos seus aspectos” (ibidem). Assim, o processo que passaremos a observar não apresenta um fim determinado ou etapas intermediárias anteriormente estabelecidas, sendo mais próximo daquilo que poderíamos considerar, conforme Coelho (ibid.), como uma “aposta” cujas ações trazem consigo a consciência do “risco” a ser corrido.

1.1– Um expediente possível

Um evidente destaque inicial pode ser dado ao trabalho de articulação político-literária realizado, como dissemos, sobretudo por Jorge Gaitán Durán, cujo resultado podemos encontrar na constituição do chamado Comitê Patrocinador da revista, e que no caso de *Mito* pode ser identificado como um dos seus mais importantes logros, seguramente contribuindo para o seu êxito editorial. Infelizmente, o acesso à maior parte da correspondência da revista ou aos arquivos pessoais de Gaitán Durán encontra-se muito limitado (para não dizer quase

¹⁴⁶ Tal relato está na crônica de Gabriel García Márquez publicada no jornal *Clarín*, de Buenos Aires, de 9 de fevereiro de 1984, p. 5. (apud BORDA, 2008, p. 217-218).

inexistente), tendo em vista que esses materiais foram perdidos pelos herdeiros¹⁴⁷ ou simplesmente encontram-se desaparecidos. Ainda assim, através das poucas (mas importantes) cartas ou fragmentos aos quais tivemos acesso¹⁴⁸, é possível notar o intenso e eficiente trabalho de Gaitán Durán e grupo.

Entendido como uma importante parte do conjunto formador de uma equipe por trás de uma publicação periódica, o Comitê Patrocinador (ou Conselho Editorial) normalmente acumula funções como as de orientação acerca do material a ser publicado, sejam através de indicações e sugestões de obras ou autores, ou até mesmo por meio de colaboração textual dos próprios componentes desse comitê, ajudando, dessa forma, na condução ideológica ou estética da linha editorial de uma revista. Esse tipo de “patrocínio espiritual”, entendido obviamente como um suporte da inteligência e do pensamento coletivos, ligados ao parecer crítico e criativo, não deixa de também permitir um aporte à publicação através daquilo que Anna Boschetti (1985), ao discorrer sobre *Les Temps Modernes*, identifica como acréscimo ao “capital intelectual” da revista. No caso de *Mito*, uma nômima dentro desse comitê que contou com fundamentais escritores ibero-americanos, constituiu uma enorme e hábil vantagem.

Já em sua primeira entrega, Gaitán Durán e Valencia Goelkel deixam transparecer o intuito abarcador de uma representatividade da revista principalmente nos meios literários latino-americanos. O Comitê Patrocinador foi formado inicialmente por um espanhol, Vicente Aleixandre, que conheceu a Gaitán Durán e Cote Lamus em Madrid ainda quando este último morava por lá¹⁴⁹; um guatemalteco, Luis Cardoza y Aragón, que, como aqui já vimos, exerceu a diplomacia em Bogotá nos fim dos anos 40 e que relata seu primeiro encontro com o “casi

¹⁴⁷ Conforme informação verbal fornecida em 30 de julho de 2014 em Bogotá, do filho de Pedro Gómez Valderrama, Pedro Alejo Gómez Vila, o arquivo de Gaitán Durán se perdeu molhado em posse dos herdeiros do poeta em Cúcuta.

¹⁴⁸ Significativas, portanto, foram as publicações de trechos dessas correspondências em jornais da época, como os citados por Sandoval (2006), e que foram publicados pelo suplemento *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* em 31 de julho de 1955 (por exemplo, os de Vicente Aleixandre a Gaitán Durán ou os de Ricardo A. Latcham e os de Octavio Paz à redação de *Mito*) e em 14 de julho de 1955 (telegrama de Alfonso Reyes a Gaitán Durán e Valencia Goelkel). Ainda dentre os escritores que pertenceram ao Comitê Patrocinador, tivemos acesso, como aqui já foi mencionado anteriormente, às cartas de Gaitán Durán recebidas por Carlos Drummond de Andrade (Durán, 1955a, b, c) e a enviada por Jorge Luis Borges ao colombiano e que foi publicada na homenagem que *Mito* prestou ao argentino em seu número 39-40. Também exemplares, ainda que não relacionadas diretamente ao Comitê Patrocinador, são as “Cartas del Grupo *Mito* a Caballero Bonald”, publicadas em *Campo de Agramante – Revista de Literatura* (verão de 2002, pág. 19), além do texto também aqui já referido “Epístolas alrededor de “Mito””, de Pedro Cote Baraibar (1990), filho de Eduardo Cote Lamus, que comenta as missivas entre os que estiveram direta ou indiretamente ligados ao grupo de *Mito*. Infelizmente tampouco tivemos acesso à *Revista Neutro*, Nº 2, fev. – abr. 1987, onde Mario Jursich Durán e Óscar Torres Duque publicaram quatro cartas de Jorge Gaitán Durán a Eduardo Cote Lamus.

¹⁴⁹ Ver o texto de Aleixandre, “Encuentro con Jorge Gaitán Durán”, publicado na revista *Eco*, Nº 102, outubro de 1968 (apud CASA DE POESÍA SILVA, 1990).

adolescente” Gaitán Durán em Bogotá em 1946¹⁵⁰; um brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, cujo contato inicial foi estabelecido entre a então esposa de Gaitán Durán, a brasileira Dina Moscovici, e a filha do poeta brasileiro, Maria Julieta Drummond de Andrade¹⁵¹; dois mexicanos, Alfonso Reyes e Octavio Paz, cujas influências literárias do primeiro e as reconhecidas experiências com revistas literárias do segundo certamente despertaram as atenções dos diretores de *Mito*; além de um colombiano, León de Greiff, que foi uma das personagens literárias mais constantes e importantes durante a primeira metade do século XX no meio cultural do país. Somam-se ainda a este comitê, no segundo e no terceiro números da revista respectivamente, outro colombiano, Eduardo Zalamea Borda, influente diretor do suplemento literário *Fin de Semana* do jornal *El Espectador*, assim como o crítico literário chileno Ricardo A. Latcham, intelectual que esteve presente como membro da delegação de seu país durante a IX Conferencia Panamericana em 1948 e foi testemunha ocular do Bogotazo. Tal nômima manteve-se estável durante os próximos números, sofrendo alteração somente após o falecimento de Alfonso Reyes em dezembro de 1959 (cujo nome seguiu saindo como integrante *in memoriam* do comitê até a última entrega de *Mito*) e que foi seguido pela entrada de outros dois nomes importantes: o argentino Jorge Luis Borges e o venezuelano Mariano Picón-Salas na edição dupla 31-32 lançada em outubro de 1960. Com essa mesma composição em seu Comitê Patrocinador, *Mito* encerra seus trabalhos em junho de 1962.

Todos eles, em maior ou menor quantidade de textos, estiveram presentes nas publicações. Alguns foram de aparição discreta com apenas um texto como referência: o próprio Carlos Drummond de Andrade com o poema “Canto Órfico” no Nº 2;¹⁵² Ricardo A. Latcham com o ensaio “Hernando Dominguez Camargo y el tema ignaciano” no Nº 6; Mariano Picón-Salas, ainda antes de fazer parte do comitê e o relato “Adolescencia” no Nº 14; ou Eduardo Zalamea Borda, que teve resenhado seu livro *Israel, rosal de Isaías* por Manuel Drezner no Nº 22-23. Isto nos levaria a indagar quais teriam sido os reais motivos de tais moderadas participações com textos, mas sem perdermos de vista a significância simbólica – por que não dizer estratégica – que a simples presença de nomes internacionais de reconhecida qualidade literária e, no caso do colombiano Zalamea Borda, ainda também de astuciosa aproximação

¹⁵⁰ No breve texto “Jorge Gaitán Durán”, publicado em *Círculos Concéntricos*, Nº 38, Universidad Veracruzana, México, 1967 (apud CASA DE POESÍA SILVA, 1990, p. 217).

¹⁵¹ Conforme informação pessoal via e-mail fornecida por Moscovici (2014).

¹⁵² Na quarta capa do Nº 24 (mar.-abr.-maio 1959), *Mito* chegou a anunciar para sua próxima entrega a publicação de um conto de Drummond sem especificar de qual se tratava, algo que não chegou a ocorrer.

político-literária (já que o primo de Jorge Zalamea vinha da experiência como responsável por um dos mais importantes suplementos culturais colombianos), traziam de contribuição à revista.

Mas a maioria teve uma participação reconhecidamente manifesta, com um grau de colaboração de certa forma aproximado entre eles:

- León de Greiff foi publicado em três oportunidades (como vimos ao falarmos sobre *Los Nuevos*);
- Alfonso Reyes esteve presente tanto em notas breves (“El Premio Nobel y Alfonso Reyes” no Nº 9 e “Alfonso Reyes”, sobre seus 70 anos, no Nº 25), como com o ensaio “Arma Virumque... (El creador literario y su creación)” no Nº 10; como através da homenagem póstuma dedicada por *Mito* com o texto “Alfonso Reyes” de Hugo Latorre Cabal no Nº 27-28;
- Luis Cardoza y Aragón teve a si dedicadas as atenções de Fernando Charry Lara em duas oportunidades: com os ensaios “Luis Cardoza y Aragón: Guatemala”, no Nº 6, e “Orozco y Cardoza y Aragón”, sobre a publicação do livro sobre o pintor mexicano, no Nº 30, trabalho este do guatemalteco que *Mito* já havia antecipado com a publicação de um trecho no Nº 16, intitulado “Semblanza de Orozco”; e também colaborou com seu relato sobre Antonin Artaud, “Los Tarahumaras y Antonin Artaud”, no Nº 9;
- Vicente Aleixandre foi um dos membros do comitê patrocinador que mais colaborou com a revista, estando presente desde o primeiro número com o poema “Ausencia”; no Nº 7 e no Nº 8 com textos do então ainda inédito livro *Los Encuentros*, “Luis Cernuda deja Sevilla” e “En casa de Pedro Salinas”, respectivamente; também com poemas agrupados sob o título de *Incorporaciones* no Nº 37-38; e com os comentários de José Manuel Caballero Bonald sobre o lançamento das *Obras Completas* de Aleixandre, texto intitulado “La solidaridad humana en la poesia de Vicente Aleixandre”, no Nº 34;
- também Jorge Luis Borges ocupou as atenções de *Mito*, desde a nota de Gaitán Durán, “Historia Universal de la Infamia” no Nº 2; ou através do texto complementar, de autoria de Pedro Gómez Valderrama, ao livro do argentino, *Manual de zoología fantástica*, no Nº 16 – ambos anteriores à sua entrada no comitê –; mas principalmente pelo dossiê em sua homenagem no Nº 39-40;

Mas foi Octavio Paz o mais representado e comentado, desde a colaboração com os poemas “Poemas” e “Refranes” no Nº 1 inaugural; ou com os agrupados sob o título de “Agua y viento” no Nº 27-28; também com seu ensaio sobre Saint-John Perse, “Un himno moderno”, no Nº 36; passando ainda pela leitura crítica de alguns poemas publicados pelo mexicano na revista *Papeles de Son Armadans* em 1961, realizada por Guillermo Sucre no Nº 39-40 e

intitulada “Poemas recientes de Octavio Paz”; mas, sobretudo, pela publicação no Nº 6 do capítulo “Verso y prosa” do então ainda inédito livro *El arco y la lira*, o que foi devidamente reconhecido e festejado pela redação de *Mito*: seja através da pequena nota “Octavio Paz” no Nº 9; do texto “Tres poetas mexicanos” de Fernando Charry Lara no Nº 10; da resenha de Jorge Gaitán Durán também nesse mesmo número, “El arco y la lira”; ou pela menção de Fernando Charry Lara ao comentar o livro *Las peras del olmo* em sua nota homônima no Nº 15 de *Mito*.

Podemos observar pelo prestigioso grupo elencado para esse comitê (com a presença efetiva de dois futuros premiados pelo *Nobel* de literatura, Aleixandre em 1977 e Paz em 1990, além de outro indicado que foi Reyes em 1956), mas em especial pela qualidade e importância de muitos dos textos acima apontados, que se sobressai um perfil heterogêneo de literatura, com destaque à presença de poetas (Drummond, de Greiff, Cardoza y Aragón e Aleixandre), seguida de ensaístas (Latcham, Picón-Salas), poetas ensaístas (Reyes e Paz), poeta ensaísta e narrador (Borges), e um narrador com ampla experiência como editor periodista (Zalamea Borda). A publicação de textos ainda inéditos de Cardoza y Aragón (do livro *Orozco*), de Aleixandre (do livro *Los Encuentros*), e de Paz (do livro *El arco y la lira*) são apenas algumas comprovações, dentre outros vários exemplos de autores que não pertenceram ao Comitê Patrocinador, mas que publicaram inéditos na revista, do valor agregado à fortuna literária adquirida por *Mito*. Outra menção interessante de se fazer é que, por exemplo, dois dos intelectuais mais próximos a *Mito*, Fernando Charry Lara e Rafael Gutiérrez Girardot, em muito se ocuparam com ensaios críticos sobre alguns escritores desse Comitê Patrocinador: Charry Lara, ao longo de sua carreira literária dedicou vários textos críticos a Cardoza y Aragón, Aleixandre, Borges, de Greiff e Paz, sendo extensa sua correspondência epistolar com Vicente Aleixandre desde o fim dos anos 40¹⁵³; e Gutiérrez Girardot dedicou seus dois primeiros livros publicados justamente a Reyes (*La imagen de América en Alfonso Reyes*. Madrid: Ínsula, 1955) e Borges (*Jorge Luis Borges: ensayo de interpretación*. Madrid: Ínsula, 1959).

Como dissemos anteriormente, a dificuldade de acesso às cartas dos membros do Comitê Patrocinador nos impede de melhor discorrer sobre as formas e a intensidade de como se deram as orientações ou conselhos de tão importantes escritores. Apesar disso, baseando-nos no pouco que lemos, é possível notar desde as boas-vindas ao início da publicação, comentários sobre textos ou detalhes específicos de algum número, até os lamentos pelo final

¹⁵³ Ver LARA, F. Charry. **Vida y obra de Fernando Charry Lara**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2012. (Tomos I, II, III e IV).

de revista. Por exemplo, Vicente Aleixandre (apud SANDOVAL, 2006, p. 310)¹⁵⁴ destaca da primeira entrega a introdução “moralmente intachable” de Gaitán Durán e seu ensaio dedicado a Sade (“¡Buen ensayista se me revela usted!”), além de elogiar a “dosificación de literatura (...) y dato o documento” como “la clave de una publicación de esta clase”. Também Aleixandre, mais tarde, em carta a Charry Lara¹⁵⁵ datada de 21 de julho de 1962, lamenta o fim de *Mito* com a morte de Gaitán Durán: “Me apena que *Mito* vaya a desaparecer. Revista inconfundible, única en nuestra lengua que irradiaba desde Bogotá sobre todo el ámbito del idioma.”. Ricardo A. Latcham (ibid., p. 311), por sua vez, quando do lançamento de *Mito*, afirma que “Hacía falta una revista que se saliera de los moldes convencionales que dominan en ese terreno por lo general”. Octavio Paz (ibid.), referindo-se ao segundo número, elogia o ensaio de Hernando Téllez “En el reino de lo absoluto”, a tradução do poema “Canto órfico” de Carlos Drummond de Andrade realizado por Gaitán Durán e Dina Moscovici, e o texto de Alvaro Mutis “Reseña de los Hospitales de Ultramar”¹⁵⁶. Alfonso Reyes (ibid.) demonstra seu contentamento: “*Mito* espléndido y yo honradísimo”, prometendo enviar algum texto para ser publicado mais adiante. Jorge Luis Borges, como podemos notar pela carta publicada na entrega 39-40 (datada de maio de 1961 e pela qual ficamos sabendo que havia seis anos que Borges não lia ou escrevia em decorrência da progressiva cegueira), agradece a homenagem à sua obra. Tais citações, mesmo que breves, nada mais indicam do que a enorme importância que a organização das cartas ao redor de *Mito* (mesmo cientes das irreparáveis perdas a que nos referimos) teria para a compreensão das relações entre o Comitê Patrocinador e sua influência nos caminhos da revista.

No que diz respeito aos nomes dos expedientes ligados à direção da revista, surge uma interessante questão a partir do grau de dedicação dos principais responsáveis pelos trabalhos redacionais que nos parece importante aqui apontar. Como bem observou Sandoval (2006, p.

¹⁵⁴ Esta passagem em que extraímos trechos das cartas e telegramas entre os membros do Comitê Patrocinador, como é possível notar, baseia-se no importante trabalho de pesquisa realizado por Pedro E. Sarmiento Sandoval (2006), com exceção da carta de Aleixandre a Charry Lara que é de Lara (2012) e a de Borges que foi publicada na própria revista (dentre as possíveis perdas irreparáveis das correspondências que mencionamos anteriormente, por exemplo, encontram-se as cartas de Carlos Drummond de Andrade a Gaitán Durán, sendo que tivemos acesso somente às do colombiano (GAITÁN, 1955a, b, c) existentes no acervo de Drummond no Rio de Janeiro). Pela qualidade da investigação, mas inclusive porque se trata do único estudo que encontramos para dialogar sobre a estrutura editorial de *Mito*, as referências a Sandoval (2006) partir desta passagem serão bastantes presentes.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 647.

¹⁵⁶ Assim como também podemos encontrar sugestões à revista no texto que o mexicano (1967) escreve em 1959 sobre “Los hospitales de Ultramar” e ao qual já nos dedicamos anteriormente.

372-376), *Mito* esteve constantemente sujeita a uma instabilidade participativa em seu Comitê de Direção (assim denominado pelos seus próprios participantes, referindo-se a ele também como a Redação), graças à constante alternância sobre as responsabilidades implicadas na sua produção entre Jorge Gaitán Durán, Hernando Valencia Goelkel, Pedro Gómez Valderrama, Eduardo Cote Lamus, Eduardo Mendoza Varela, Fernando Charry Lara e Jorge Eliécer Ruiz.¹⁵⁷ Ao basear sua análise do Comitê de Direção de *Mito* a partir de uma óptica que considera aquilo que seria ideal enquanto funcionalidade de uma coordenação de redação de uma publicação periódica, Sandoval (ibid., p. 373) identifica na somatória entre a instabilidade na direção da revista mais a trágica morte de Gaitán Durán em 1962 como os determinantes motivos da duração da publicação e seu fim:

Paradójicamente, entre los escritores que se quedaron en Colombia al frente de la revista surgieron los problemas que terminaron por desintegrar el proyecto conjunto. Los cambios que se verificaron en la composición del comité obraron, uno tras otro, contra el funcionamiento de la publicación.

Pois, segundo o pesquisador, as viagens, os cargos do funcionalismo público, os projetos empresariais particulares e os serviços em outras publicações (como se deu com o caso de Eduardo Mendoza Varela que em 1958 assumiu a redação de *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*) contribuíram como “circunstancias ‘disolventes’” ao destino de *Mito*, atrapalhando assim o seu andamento.

Por outro lado, vista sob uma óptica “realista”, que considera a falta de condições de profissionalismo envolvida nesse tipo de iniciativa no país de então, seria até mesmo possível afirmar que justamente um dos fatores que permitiu que sua publicação alcançasse tão

¹⁵⁷ Basicamente, a alternância se deu do seguinte modo:

- os fundadores Gaitán Durán e Valencia Goelkel (durante os seis primeiros números);
- Gómez Valderrama, Cote Lamus e Valencia Goelkel (do Nº 7 ao 18, com saída de Gaitán Durán que volta à Europa);
- Gómez Valderrama, Cote Lamus e Eduardo Mendoza Varela (Nº 19 e 20, com saída de Valencia Goelkel para dedicar-se exclusivamente à Seção de Extensão Cultural do Ministério da Educação);
- Gaitán Durán, Cote Lamus e Mendoza Varela (Nº 21 ao 25, com saída de Gómez Valderrama para trabalhar como Conselheiro de Estado);
- os mesmos anteriores mais Fernando Charry Lara (Nº 26 ao 30);
- Gómez Valderrama, Mendoza Varela, Charry Lara e Jorge Eliécer Ruiz (Nº 31-32 ao 36, com nova saída de Gaitán Durán para a Europa e de Cote Lamus eleito Deputado) e contando por primeira vez com Valencia Goelkel como diretor principal;
- os mesmos anteriores, mas com a volta de Cote Lamus ao Comitê de Direção e de Gaitán Durán como diretor principal ao lado de Valencia Goelkel (Nº 37-38 e 39-40);
- e finalmente Mendoza Varela, Cote Lamus e Charry Lara no Comitê de Direção, mais Gaitán Durán e Valencia Goelkel como diretores principais, com as saídas de Gómez Valderrama e Eliécer Ruiz (Nº 41-42).

razoável período com seus sete anos de existência foi a necessidade de desenvolvimento por parte desses responsáveis de atividades paralelas à da publicação de *Mito*, sobretudo no que diz respeito aos serviços político-administrativos ou a condições de sustento financeiro individual. Nesse sentido, nos parece mais coerente com o contexto da revista a lógica “antirromântica” reconhecida por Valencia Goelkel (“P.G.V. y MITO”, *Mito* N°22-23, p. 360) – e citada por Sandoval – na postura de Gómez Valderrama ao sair do Comitê de Direção para exercer a função de Conselheiro de Estado, ao afirmar “Quisiéramos que ante esa exigencia primera [a da dedicação à literatura] se marginaran todas las demás, y que la organización social íntegra conspirara para garantizar esa libertad ideal cuya nostalgia no ha podido borrarse ni aun entre nuestra generación”, acusando assim um mal presente na literatura do país manifestado através do escritor de pouco fôlego, impedido da maturação de sua obra e que se entregou a uma intensidade produtiva momentânea em sua trajetória, sendo o caso de Gómez Valderrama um contraexemplo em busca de possibilidades de uma longevidade nos afazeres literários que seriam sustentados por um cargo político como o em questão. Essa ideia ganha ainda mais relevo se se leva em consideração a afirmação de Valencia Goelkel de que o país precisa dos serviços de Gómez Valderrama: “Bien entendido, podemos hablar (...) de los aportes que el país reclama voraz y desordenadamente a las gentes que, como él, pueden servirle en las urgencias porque pasa”. Portanto, diante da realidade cultural colombiana, onde revistas literárias de iniciativa privada sempre encontraram enormes resistências socio-econômicas e culturais para a sua produção e publicação a longo prazo¹⁵⁸, o caso de *Mito* e a rotatividade de responsáveis pela sua direção poderia ser tomado como uma conveniência “favorável” à sua durabilidade.

A conclusão de Sandoval (ibid.) de que Valencia Goelkel, ao clamar por condições que favorecessem “búsquedas estéticas de largo aliento”, dessa forma deixava pressupor a consolidação de uma nova postura do escritor colombiano “capacitado para administrar tanto su obra como sus medios de expresión”, e de que “Con *Mito* se consolidan en la literatura

¹⁵⁸ Só para exemplificar alguns casos de importantes publicações de curta duração antes de *Mito* em que estiveram envolvidos significativos escritores colombianos, e sem adentrarmos no século XIX e sua abundante quantidade de revistas, citamos: *Cancionero Antioqueño*, conduzida por Porfirio Barba Jacob e Miguel Ángel Osorio em 1904 e que contou apenas com 10 números; *Revista Contemporánea*, dirigida por Baldomero Sanín Cano e Saturnino Restrepo, publicada somente entre os anos de 1904 e 1905 com 12 números; *Panida*, dirigida por León de Greiff e Pepe Mexía em 1915 com 10 números; *Voces*, sob os cuidados de Julio Gómez de Castro e Ramón Vinyes entre os anos de 1917 e 1920 com 60 números; *Los Nuevos*, sob direção principalmente de Felipe Lleras Camargo em 1925 com 5 números; *Pan*, de Enrique Uribe White entre 1938 e 1940 com 36 entregas; *Cántico*, de Jaime Ibáñez entre 1944 e 1947 com 13 números; e *Crítica*, dirigida por Jorge Zalamea entre 1948 e 1951 com 67 números. Apud MELO, 2008.

colombiana los prototipos del escritor gerente, el poeta diplomático y el intelectual funcionario, empresario o dirigente político (...)”, ao nosso ver, comprovam ainda mais a consciência de Gaitán Durán, Valencia Goelkel e grupo de que, num país como a Colômbia de então, a perduração de uma publicação como a de uma revista cultural só seria possível com a manutenção da tradição do intelectual/escritor aliado a atividades paralelas, fossem elas de subsistência ou político-administrativas. Isso nos parece fundamental destacar porque as discussões acerca das responsabilidades e funções do intelectual levadas a cabo pelo grupo de *Mito* e escritores pertencentes a essa geração, como procuraremos ver ainda neste estudo, mesmo que apontando para a necessidade de uma nova postura diante das exigências de uma realidade social extremamente complexa e violenta, assim como a de um intelectual em consonância com o mundo moderno, mostrará que tal novo modo de proceder não abriu mão do tradicional vínculo alimentado no país entre o escritor elevado à categoria de modelo social e as funções administrativas político-partidárias.

Por último, e encerrando aquilo que se relaciona aos expedientes da revista durante seus sete anos de publicação, não podemos deixar de mencionar que a administração empresarial da revista, mais propriamente a sua Gerência, não alcançou um funcionamento permanente. Nos dois primeiros números de *Mito*, ao lado dos nomes relacionados ao Comitê Patrocinador e aos Diretores Jorge Gaitán Durán e Hernando Valencia Goelkel, há menção somente ao endereço da Redação e Administração, sem indicação de nomes que se ocupassem exclusivamente de cargo administrativo, o que nos leva a concluir que tais funções estariam sendo acumuladas por seus fundadores/diretores. Já no terceiro número, surge o nome de Guillermo Abello Peñaranda como Encarregado da Gerência, permanecendo até o Nº 5 e sendo substituído no Nº 6 por Margarita Vargas Ramírez. Esta aparece no cargo como Gerente somente nesta entrega e na próxima de Nº 7, logo deixando de constar na nômima assim como a referência ao próprio cargo de gerência, sendo que tal designação só volta a figurar no Nº 24 junto ao nome de Alberto Lozano Simonelli, assim permanecendo até o Nº 27-28, e depois deixando de constar em seus expedientes qualquer menção ao cargo. Ou seja, dos seus 42 números, *Mito* contou somente em 10 com alguém desempenhando exclusivamente funções administrativas que fizessem jus a ser incluído nos créditos editoriais. Esta situação de instabilidade também na sua gerência administrativa nos leva a deduzir que por mais que *Mito* tenha buscado uma dinâmica editorial que colaborasse ao estabelecimento de parâmetros mercadológicos no país, assim tomando dos exemplos franceses (*Les Temps Modernes*, *Lettres Nouvelles*) não somente o que dizia respeito à organização conteudística ou ideológica, mas também administrativa e mercadológica, acabou tendo que se adequar à

realidade editorial nacional que, com exceção dos mecanismos redacionais estruturados nos suplementos literários dos grandes jornais, era estruturalmente improvisada ou deficiente em sua maioria. Um verdadeiro profissionalismo em torno do corpo administrativo de uma revista como *Mito* estava ainda longe de ser logrado, fato que ressalta ainda mais os êxitos alcançados por uma revista sob tais condições de produção.

1.2 – O *continuum* discursivo

Como é usual numa revista literária ou publicação periódica cultural tradicional, artigos de opiniões dos editores ou redatores-chefes sobre temas importantes tratados pela edição costumam vir logo nas suas primeiras páginas sob a forma de editoriais. Assim, desde o início do exemplar já é possível ao leitor entrar em contato com a linha de discussão que, de certa maneira, o conduzirá pelas páginas da edição relacionando questões de ordem política, cultural, estética, ideológica, científica, econômica etc.. Muitas revistas preferem utilizar esse espaço para apresentar o conteúdo publicado, ao discorrer objetivamente sobre os temas, apontando os itens já anunciados no índice. Outras o utilizam para discursar sobre temas polêmicos e emitir pareceres e manifestos coletivos. Seja qual for o intuito, os editoriais podem servir como voz oficial do “núcleo cultural positivo” (COELHO, 1997) por detrás de uma publicação periódica.

Já o caso de *Mito* se mostrou diferente: a apreensão de algumas orientações de seu discurso político-cultural, tomando-o como manifestação da linha editorial pensada pela direção da revista, pouco nos chegou por meio de editoriais em suas páginas iniciais, apenas existentes em 3 de seus 42 números (Nº 1, 13 e 18), mas sim pela publicação de alguns textos-chave (aos quais nos dedicaremos no próximo capítulo deste estudo) e pela sintaxe, pelas relações de concordância, subordinação e ordem entre textos, seções ou disposições gráficas. Como a argentina *Sur*, manifesto modelo para *Mito*, a revista colombiana preferiu não sustentar sua postura ou linha editorial através desses artigos convencionais. Alguns críticos como Beatriz Sarlo (1992, p. 12) preferem até mesmo questionar a relevância dos editoriais:

(...) las editoriales [sic] son zonas poco confiables si lo que se quiere es reconstruir, en perspectiva histórica, la problemática de una revista. Las editoriales [sic] son tan ostensiblemente un discurso programático, que bien se puede prescindir de ellas o, al menos, someterlas al contraste con el discurso que resulta de la disposición de los materiales.

Mito foi muito mais incisiva em suas colocações opinativas utilizando-se geralmente de pequenos textos em letras miúdas publicados em seções nas últimas páginas, como “Vida Cultural” e “Actuales”, ou ainda em balanços anuais por ocasião de seus aniversários, do que em evidência nas páginas iniciais, recurso utilizado somente em situações de gritante necessidade como as que a seguir observaremos. Os possíveis motivos que tenham levado seus diretores a esse tipo de manifestação mais discreta – não é tão difícil de inferir – certamente estão relacionados às dificuldades políticas por eles enfrentadas, principalmente nos seus primeiros dois anos de existência que coincidiram com os últimos anos do governo totalitário de Rojas Pinilla, período em que jornais haviam sido fechados ou circulavam de maneira restrita, e durante os quais a revista insistiu constantemente no tema da liberdade de expressão, espécie de *leitmotiv* editorial.

Nesse período probatório em que podemos notar a disposição de *Mito* por sua afirmação enquanto revista cultural num meio político adverso, são frequentes as opiniões determinantes dessa ordem, como as seguintes assinadas por Gaitán Durán:

La cultura y la libertad son indivisibles. Vano resulta reivindicarlas en el campo político, y olvidarlas o negarlas en el social o el económico o el religioso o el literario. La libertad de expresión será total o no será de ninguna manera. (“Libertad de expresión”, Nº 4, p. 275).

El derecho a la oposición y a la crítica se ha transformado entre nosotros en inextinguible delito de lesa majestad. (...). Si necesitáramos escoger entre la desaparición y una existencia vergonzante, sin vacilar preferiríamos la desaparición. (“Libertad de expresión II”, Nº 5, p. 381).

Opiniões que na realidade já haviam sido lançadas desde o primeiro número por meio do texto de apresentação da revista, um dos poucos editoriais publicados enquanto tal, como podemos ver pelo trecho a seguir:

Rechazamos todo dogmatismo, todo sectarismo, todo sistema de prejuicios. Nuestra única intransigencia consistirá en no aceptar nada que atente contra la condición humana. No es anticonformista el que reniega de todo, sino el que se niega a interrumpir su diálogo con el hombre. Pretendemos hablar y discutir con gentes de todas las opiniones y de todas las creencias. Esta será nuestra libertad. (Nº 1, p. 1-2).

E que culminam logo após seu segundo aniversário, em 10 de maio de 1957, quando junto à entrega de Nº 13 *Mito* lança um número extraordinário com o texto “Una Exigencia Fundamental: LIBERTADES TOTALES”, assinado por Gómez Valderrama, Gaitán Durán e Valencia Goelkel, seguido de uma “DECLARACIÓN de los Intelectuales Colombianos

durante el Paro General” com assinatura de importantes nomes ligados ou não à revista. Este número extraordinário, clara tentativa de participação no presente dos acontecimentos políticos, além de visivelmente buscar explicitar o posicionamento de *Mito* diante das manifestações e greve geral que ajudaram a destituir Rojas Pinilla do poder (“Al pueblo no se le ha regalado su libertad; la ha conquistado. Ahora le corresponde conservarla”, p. 2), também se mostra como um interessante registro da discussão em torno do papel dos intelectuais na sociedade colombiana que *Mito* levará adiante durante sua existência.

Quanto à edição de número 13, outra das poucas com um editorial em suas primeiras páginas, esta se caracterizou por ser uma das entregas que mais apresentou marcas do seu contexto próximo, recém-ocorrido, demonstrando com evidência a vontade da revista de intervir na configuração do imaginário político do momento de forma quase simultânea, ou, no mínimo, precursora:

No intentamos, desde luego, reclamar méritos, que corresponden íntegramente a nuestro pueblo. Ni, mucho menos, pretendemos competir con los políticos por posiciones a las que no aspiramos o por honores o títulos que para nosotros nada significan. Pueden estar tranquilos los héroes de última hora.

(...)

En sus próximas entregas, MITO recobraré el tono riguroso con que ha tratado invariablemente los problemas culturales. Desconfiamos de la literatura pomposa que la caída del tirano ha provocado.

Nuestra revista fue absolutamente independiente durante la dictadura y lo seguirá siendo en este amago de democracia. (p. 1-2).

Assim, nas páginas iniciais desse número está uma antologia dos textos publicados em *Mito* desde o seu primeiro número em defesa das liberdades, não somente aqueles que explicitavam a opinião dos diretores da revista (trechos da apresentação do Nº 1; dos textos “Libertad de expresión I y II” dos Nº 4 e 5, respectivamente; de “Baldomero Sanín Cano y los intelectuales colombianos” do Nº 9; de “MITO y la tragedia húngara” do Nº 10; ou de “El Independiente” do Nº 12) como também outros de diferentes autores que de alguma forma tratavam do mesmo tema, como, por exemplo, o de Gerardo Molina “El conflicto de la Universidad Libre” (Nº 10) ou a carta de Miguel de Unamuno a Rafael Uribe Uribe (Nº 12). Também no Nº 13 estão o texto de Valencia Goelkel, “La universidad”, comentando o protagonismo dos estudantes para a queda do regime ditatorial; a declaração “Por una Liga de los Derechos Humanos”, redigida por *Mito* em parceria com *Nuevo Signo* manifestando a necessidade da criação de uma instituição no país para a defesa da Declaração Universal dos Direitos do Homem; e o texto de Gómez Valderrama, “Crónica de mayo”, relatando as fortes tensões políticas nos primeiros dias dos mês e que resultaram no fim da administração Pinilla.

De qualquer forma, mesmo após a volta à democracia *Mito* prosseguiu se pronunciando sobre política e cultura principalmente por meio de pequenos textos em suas últimas páginas. Durante os dois primeiros anos a revista emitiu suas opiniões através da seção “Vida Cultural”, referindo-se, por exemplo, à morte de Jorge Soto del Corral, parlamentaríu vítima de *La Violencia*; a publicações de revistas: *Sino*, *Revista Mexicana de Literatura*; à obra de Thomas Mann (Nº 3); assim como à obra de José Ortega y Gasset (Nº 5). Também através da seção “Notas”, referindo-se ao pronunciamento da revista *Prometeo* sobre o caso de Gerardo Molina e a Universidad Libre; ao aniversário de 95 anos de Baldomero Sanín Cano; a obras de Octavio Paz e Juan Lozano y Lozano; ao cinema em Bogotá (Nº 9); ou ainda saudar a reaparição do jornal *El Independiente* (Nº 12). Depois da edição Nº 13 que marca o fim do regime de autoritarismo, a revista continuou se pronunciando através da seção “Actuales”, por exemplo, também em suas páginas finais, para relacionar alguns temas da atualidade com seus próprios interesses, sobretudo para criticar ou dar as boas-vindas a outras publicações nacionais ou estrangeiras (*La Calle*, *Les Temps Modernes*, *Cromos*, o suplemento *México en la Cultura* do jornal *Novedades*); saudar publicações de livros de amigos da revista ou oferecer informações sobre escritores afins (Eduardo Carranza, Alfonso Reyes, Jorge Zalamea, Hugo Latorre Cabal, Jorge Guillén, Jorge Luis Borges, Ernest Hemingway, Jaime Vélez); demonstrar concordância sobre o prêmio Nobel (Albert Camus); indicar eventos ou celebrar datas importantes (III Festival de Teatro de Bogotá, 25 anos do Fondo de Cultura Económica do México, Festival de Arte de Cali, Festival da Fronteira de Cúcuta); opinar sobre assuntos como a pena de morte (Nº 15), a liberdade de cultos (Nº 15), a repressão política na Venezuela (Nº 16), a violência no país (Nº 16), problemas de distribuição de terras (Nº 17), a censura em Cuba com o fechamento do *Diario de la Marina* (Nº 29), reflexões sobre o Sesquicentenário da República (Nº 30). Portanto, resulta interessante o fato de *Mito* estabelecer como meio de se expressar política e culturalmente uma maneira comedida como a que vimos, dedicando atenção a pronunciamentos de primeira página em poucas ocasiões, como se o teor político-cultural não merecesse destaque em suas entregas ordinárias por ser algo naturalmente abordado em seus espaços editoriais, algo próximo ao jornalismo de opinião.

Uma ocorrência merece nossa atenção por se mostrar como uma visível tentativa de criação de uma seção dentro da revista para expor argumentos políticos que exprimissem seus pontos de vista, mas que por sua efemeridade acabou dando apenas continuidade a poucas ocupações, como a do tema da liberdade de expressão, por exemplo, para depois se afastar de polêmicas e desaparecer. Em seu número 17 (dez. 1957 – jan. 1958), frente a dois assuntos controversos

como a repressão política a intelectuais e meios da imprensa na Venezuela sob o governo autoritário do general Marcos Pérez Jiménez, e como o escândalo na Junta Nacional de Cine da qual Gaitán Durán fazia parte por ser indicado pela Associação de Escritores e Artistas de Colômbia, *Mito* publicou dentro dessa nova seção, intitulada “Los Papeles de Mito”, algumas cartas que demonstram as iniciativas dos diretores da revista para interferir politicamente nesses assuntos. No caso da Venezuela, foram publicadas as cartas do Comitê de Direção de *Mito* (na época composto por Gaitán Durán, Valencia Goelkel, Mendoza Varela e Cote Lamus) endereçada ao Ministro de Relações Exteriores de Colômbia, o sr. Carlos Sanz de Santamaría, solicitando providências diplomáticas por parte do governo no que diz respeito à situação no país vizinho. Nela podemos ler:

Nos dirigimos de la manera más respetuosa y atenta a Su Señoría para plantearle, en nuestra calidad de escritores y de ciudadanos colombianos decididamente apegados a las libertades y a los derechos del hombre, nuestra preocupación por lo que no vacilamos en llamar la tragedia venezolana. (...). Hoy más que nunca tenemos el deber de la solidaridad con los venezolanos, en especial con los intelectuales, obligados al silencio por la persecución oficial a la prensa libre y amenazados con la prisión, el exilio o la muerte. (Nº 17, p. 382).

Sendo logo na sequência também publicadas a resposta do Ministro demonstrando a posição de neutralidade adotada por Colômbia diante desses ocorridos e a carta de protesto da Comissão Nacional de Imprensa (da qual fazia parte Pedro Gómez Valderrama) declarando sua solidariedade com a causa de liberdade de expressão. Já no caso dos desentendimentos dentro da Junta Nacional de Cine por causa da proibição da exibição do filme *Rojo y Negro*, baseado na obra de Stendhal, além das duas cartas de Gaitán Durán ao Ministro da Educação, sr. Alonso Carvajal Peralta (“De manera general me preocupa el hecho de que exista una *junta de censura cinematográfica* y no una *junta de orientación cinematográfica*.”, Nº 17, p. 383), sendo que na primeira ele expunha o caso e na segunda ele pedia demissão do cargo, também foram publicados trechos da constância de membros da junta, encabeçada por Alfonso Samper Ortega, reprovando a repercussão ocasionada pela divulgação da carta de Gaitán Durán no jornal *El Tiempo*; publicada a carta de renúncia de Gaitán Durán também endereçada à junta; e, principalmente, os comentários que o diretor de *Mito* fez sobre os apoios de jornais como *El Tiempo* e *El Independiente*, sobre a postura reacionária de *El Siglo*, e sobre a carta da presidência da junta escrita por Ofelia de Wills em defesa das posições adotadas pela mesma (“La carta o declaración de Doña Ofelia de Wills pretendía ser insultante; pero apenas resultó deliciosamente cursi.”, Nº 17, p. 387).

A seção “Los Papeles de Mito”, apesar de retornar no seguinte Nº 18 da revista, parece ter se extraviado do propósito denunciante ou polemista, pois desta vez dela fizeram parte um breve texto de Fernando Charry Lara intitulado “Sanín Cano, claridad del espíritu”; o anúncio da saída de Valencia Goelkel da direção e consequente entrada de Mendoza Varela; e por último um breve comentário do escritor Juan Liscano sobre o texto “Historia de un matrimonio campesino” publicado por *Mito* em seus Nº 15 e 17. Sua última aparição se deu no Nº 19, mas com o nome somente de “Papeles”, publicando o texto “Para la esencia de la poesia” de Ramiro Montoya.

Mas as ocasiões em que melhor podemos conhecer as ideias e propósitos da linha editorial de *Mito* ocorriam basicamente nas revisões ou balanços em comemorações dos seus aniversários. Antes mesmo do primeiro, a revista já vinha demonstrando como característica uma tendência à prática de um metadiscorso em que eram comentadas, como podemos notar na seção “Vida Cultural” de seu Nº 3, questões relativas à recepção de *Mito* nos meios intelectuais colombianos e estrangeiros, aos agradecimentos pelas críticas generosas na imprensa do país ou às dificuldades para a obtenção de financiamento. Com a conclusão de suas seis primeiras entregas, portanto em seu primeiro aniversário em março de 1956, é publicado um pequeno texto sem assinatura (mas que obviamente fala em nome da redação) em que encontramos, além de agradecimentos aos anunciantes, ao distribuidor comercial da revista, Luis Vicens, e à gráfica *Antares*, uma reafirmação dos propósitos lançados na apresentação do primeiro número (“Sólo dos cosas hemos exigido: calidad e inconformismo”, p. 478), assim como argumentos em defesa aos ataques críticos também por ela sofridos:

Diversas circunstancias nos impiden relatar, como hubiera sido nuestro deseo, las numerosas peripecias – ataques torpes, delaciones públicas y secretas, dificultades económicas –, que MITO ha tenido que afrontar en el curso de este su primer año de existencia. (...).

(...).

(...) quisiéramos responder a una de las más tenaces objeciones que en este terreno se nos han hecho: la de haber seguido una orientación ajena a la vida nacional y predominantemente inclinada hacia lo europeo. En seis números, hemos publicado cinco testimonios, insólitos en nuestro medio, sobre muy graves problemas de nuestra sociedad. Pensamos, con orgullo, que nunca se han abordado de manera tan desnuda y tan veraz situaciones específicamente colombianas. Si se examina, además, el sumario de este primer volumen, se constata que hemos publicado veintinueve textos originales de autores colombianos, doce de hispanoamericanos, siete de españoles, y tan solo dieciséis traducciones, entre las cuales trece fueron elaboradas por colombianos. Aparecieron diez notas sobre libros colombianos y dieciséis sobre libros extranjeros, proporción esta que habla por sí sola. (p. 478).

Quando cumpriram dois anos de publicações (Nº 12, fev. 1957, p. 382-383) lançaram a única entrega mensal dentro das 42 edições, através de um número especial, e que em sua seção “Notas” contou com comentários sobre os trabalhos de *Mito*, como o lançamento em janeiro do mesmo ano do primeiro livro das Ediciones Mito, *Literatura y sociedad*, de Hernando Téllez, e a previsão da série que seguiria dentro dessa proposta de publicações de livros; também comentando sobre a possibilidade da revista seguir sendo publicada mensalmente, a pedidos dos leitores, mas que desde já se esclarecia a árdua tarefa para manter tal periodicidade (penetração em público ainda não alcançado, mais apoios de anunciantes, mais assinaturas).

Antes mesmo de completar oficialmente seus três anos de atividades, no Nº 16 (out.-nov. 1957), a revista, provavelmente impulsionada pelo acúmulo de obstáculos do meio cultural colombiano a ela impostos, reagia em tom de desabafo às oposições por ela sofrida, num breve texto dentro da seção “Actuales” assinado pela redação (“MITO y el ambiente colombiano”, p. 300-301):

Ejercemos (...) nuestra libertad con el máximo de responsabilidad ética y cultural. Sin embargo, desde los primeros números hasta hoy se ha intentado de diferentes maneras acabar con la revista o al menos desacreditarla. Primero, hubo gestiones ante la dictadura para que MITO fuera clausurada, por parte de instituciones y personas que significativamente sólo descubrieron las virtudes y ventajas de la democracia uno o dos meses antes del 10 de mayo. Luego se quiso ahogar económicamente a nuestra revista o se nos impuso la singular censura silenciosa con que algunos de nuestros más conspicuos periódicos “defienden” la libertad de expresión. Nunca nos han perdonado nuestra independencia absoluta, el hecho de que – fueren cuales fueren las opiniones de sus directores y redactores – MITO en cuanto entidad no admite jefes o imposiciones de ninguna clase.

A incidência sobre a independência da revista presente no trecho acima comprovam a consciência por parte de seus diretores de que uma autonomia política, econômica ou até mesmo estética (aparentemente sem filiação a corrente alguma) poderia funcionar no ambiente cultural do país como uma estratégia para a revista poder ser como o queriam ou almejavam seus responsáveis: aberta ao diálogo com distintas e muitas vezes opositoras opiniões (como o comprovam as publicações de cartas detratoras da revista); inconformidade nos argumentos; antisectarismo; e sempre crítica em seus posicionamentos, principalmente, sobre questões de ordens políticas e culturais. Tal consciência voltaria a ser reafirmada no texto de abertura da edição de Nº 18 (fev.-mar.-abr. 1958, p. 389), outro dos poucos

publicados como um editorial e assinado por Valencia Goelkel, Gómez Valderrama e Gaitán Durán, marcando assim seus três anos como publicação cultural:

En el país se presenta hoy un clima diferente y mejor. Esperamos que sean posibles ahora la discusión, la crítica, la oposición, si fuere el caso. La abolición de anteriores restricciones, a su vez, suscitará en MITO las diferencias de criterio presumibles entre un cuerpo de redactores que tienen diversas opiniones sobre aspectos concretos y urgentes de la situación nacional. Estas desaveniencias, en el caso de que ocurran efectivamente, no serán obstáculos para que MITO siga manteniendo su independencia absoluta y un punto de vista común sobre la situación de la cultura en el país.

Assim, quase um ano depois do fim da ditadura de Rojas Pinilla, seus diretores reconheciam a necessidade de diálogo, mas, principalmente, a liberdade de expressão, como ferramentas democráticas praticadas por *Mito* desde sua fundação que garantiam o próprio funcionamento da revista e que, por extensão, também haveriam de servir para o desenvolvimento do ambiente cultural e político nacional. Tal consciência ainda foi observada, também no início dessa mesma edição de Nº 18, por um de seus maiores colaboradores, Hernando Téllez, que apesar de nunca haver propriamente participado do Comitê de Direção da revista, sempre esteve presente em suas páginas, sendo inclusive, como dissemos, o primeiro autor publicado por Ediciones Mito. Em seu texto “Nota sobre ‘MITO’” (p. 391), diz Téllez:

Otra cosa excelente de MITO es su actitud ante la opinión ajena. Ninguna consideración política, religiosa, económica, filosófica, ha limitado jamás, ni limita, en estas páginas, la expresión de ningún pensamiento contrario al de sus propietarios, directores o redactores. El ateo y el creyente, el anti-Sade o el anti-Sartre, el conformista o el anti-conformista, el comunista o el anti-comunista, han dicho aquí lo que han querido decir con una sola condición: que lo digan con un mínimo de dignidad intelectual y otro mínimo de corrección literaria. Nada más...

Já na sucinta nota “Cuatro años de ‘MITO’” saída na seção “Actuales” do Nº 24 (p. 422) e assinada sob a identificação “L. R.” (*La Redacción*), o aniversário em 1959 serve de motivo para a revista demonstrar a continuidade de seu quase “otimismo” com os novos tempos de democracia exposto no aniversário anterior, ainda que acompanhado de ressalvas em relação à liberdade de pensamento dentro da cultura colombiana, mas não deixando de evidenciar o apoio (ou pelo menos condescendência) ao novo sistema político iniciado pela Frente Nacional:

Y este [año] de 1959, discurre en una etapa todavía inquieta, pero cuya inquietud es justamente signo de una progresiva consolidación republicana. La libertad de expresión goza de la amplia garantía del poder público; pero hay aún, fuera de este, fuerzas que tratan de obstaculizarla y amenguarla. Contra la sordidez de esos intentos, como en el pasado contra todo lo que maltratara la expresión intelectual, seguiremos practicando nuestra libertad, que solamente puede ser la de que todos tengan derecho a su propio pensamiento, y a la libre comunicación de él, sea cual fuere. Así hemos entendido servir, y seguiremos sirviendo la cultura.

Curiosamente a edição de Nº 30 de maio-junho de 1960 não trouxe qualquer referência aos cinco anos de *Mito*, fato que nos levaria a indagar até que ponto a ausência de um metadiscurso ou qualquer menção às atividades da revista em suas próprias páginas, ou ainda qualquer texto que expressasse explicitamente pontos de vista da direção sobre determinados assuntos (ausência que havia ocorrido em pelo menos nove outros números anteriores) não refletiam as dificuldades de seus diretores para manter o prosseguimento editorial sob características contínuas ao longo dos anos, ou se isso não seria simplesmente algo normal dentro de seus propósitos críticos.

De qualquer forma, os motivos de seus aniversários serviram como um exercício de autoavaliação crítica para o enrijecimento das finalidades da revista manifestadas desde o texto de apresentação do número 1 de abril-maio de 1955, e que nos permitiria também comprovar como seus diretores buscaram no decorrer de sua existência uma coerência com tais propósitos iniciais. Talvez o texto que melhor apresente tal meta seja o publicado na edição Nº 36, de maio-junho de 1961 e assinado por Valencia Goelkel e Gaitán Durán, último desse tipo, que por ser uma revisão já sobre maior quantidade de questões, ou seja, sobre considerável acúmulo de experiências, indica uma maturidade nas afirmações das propostas de *Mito* enquanto revista bimestral de cultura:

Sobra decir que dicha trayectoria, incluso la de quienes se han vuelto censores nuestros, representa para nosotros un inmenso halago; jamás hemos querido realizar una labor de adoctrinamiento, jamás hemos pretendido ser dispensadores de ninguna ideología, jamás hemos tenido la tentación del proselitismo, y si una adhesión inicial se torna en distanciamiento o en oposición, tal cosa quiere decir, justamente, que hemos tenido algún éxito en la realización de las intenciones proclamadas en nuestro primer número (...): socavar el conformismo nacional, contribuir con la mayor lucidez posible a un proceso de *desmistificación*, suministrarles a los colombianos los materiales necesarios para que piensen por cuenta propia. (Nº 36, p. 404).

Assim, as autoavaliações de aniversários – ao lado de posicionamentos intelectuais diante de assuntos polêmicos da vida nacional e internacional, revelados por textos em seções como as

que nos referimos, ainda que alguns explicitados em letras pequenas nos finais das edições – podem ser considerados como parte da amostragem de nossa abordagem político-cultural desenvolvida nesta pesquisa, base para que adiante nos dediquemos especificamente sobre questões políticas tratadas pela revista. Como vimos até aqui, algumas seções adquiriram certo destaque dentro de nossa proposta de identificar como a revista sustentou sua linha discursiva ao longo de sua existência. O evidente enfoque em seções como “Vida Cultural” e “Actuales” a questões que transitavam entre cultura e política, portanto, as tornaram sobressalentes devido ao nosso intuito de abordagem, mas é importante também frisar que elas não eram necessariamente as mais constantes nas 42 edições de *Mito*, aliás, como já o dissemos, tais espaços em realidade foram apresentados de maneira inclusive reservada ou sem destaques, estando “Vida Cultural” presente até o Nº 10 e sendo depois substituída por “Actuales” que a partir do Nº 15 até o final da revista em 1962 se mostrou mais constante (apareceu em 18 números).

Ao relatar o que para ele lhe parecia como as principais frentes temáticas que ocuparam as páginas de *Mito*, Valencia Goelkel (1990) sustentou suas observações basicamente sob três aspectos: o literário, o político e o social. As impressões daquele que foi um dos responsáveis que mais se dedicou aos trabalhos com a revista podem nos ajudar como fundamento, a partir do qual seria possível identificar a forma como seus organizadores procuraram distribuir essas linhas temáticas em seções. Assim, uma característica inicial que logo chama a atenção do leitor é que a estrutura principal de *Mito*, em realidade, não procurou se fixar em muitas divisões por seções, apresentando-se principalmente sob três ou quatro agrupamentos: um que se configurou como “corpo principal” da revista e que não tinha propriamente uma identificação por título; uma seção denominada “Notas”, que junto ao “corpo principal” ocupavam a maior quantidade de páginas das edições; e por fim outros dois agrupamentos que, apesar de não se mostrarem plenamente identificáveis sob uma divisão temática constante, graças à presença de seções bastante variáveis de um número para outro, de certa forma poderiam ser reconhecidos como dois conjuntos distintos em que um se ocupava com maior intensidade de assuntos sociais e outro de assuntos culturais.

Quanto ao que aqui chamamos de “corpo principal”, podendo ser evidentemente considerado como o espaço seccional de maior relevância literária da revista pela quantidade e presença destacada de textos e autores de diferentes e variadas procedências, *Mito* se ocupou de divulgar ensaios sobre arte, literatura, cinema, filosofia, política e psicologia; crônicas sobre assuntos variados; poemas; contos; diários; peças de teatro; cartas; discursos políticos; fragmentos de romances e até mesmo a versão na íntegra de *El coronel no tiene quien le*

escriba, de Gabriel García Márquez.¹⁵⁹ Fizeram parte deste espaço alguns dossiês como “Homenaje a Chaplin” (Nº 4); “Ojeada a Sartre” (Nº 6); “Ojeada a Husserl” (Nº 9); o aqui já mencionado “MITO y las libertades” (Nº 13); “La nueva literatura colombiana” (Nº 16); “Bertold Brecht” (Nº 21); “El trabajo literario en Colombia” (Nº 22-23); “Los intelectuales y la violencia” (Nº 25); “Luz de máscaras” (Nº 27-28); “El fenómeno cubano” (Nº 37-38); “Homenaje a Borges” (Nº 39-40); “Nadaístas” (Nº 41-42); considerados como dossiês por agruparem textos de diferentes escritores sobre um tema específico e serem apresentados ordenada e conjuntamente nas páginas. Ao lado desse “corpo principal”, a seção “Notas” foi a mais constante nas edições da revista (apareceu em 22 números) e nela encontramos resenhas de livros, filmes, peças de teatro ou composições musicais. Desse modo, ambas as seções conferiram a *Mito* maior consistência naquilo que seus responsáveis almejavam enquanto revista bimestral de cultura.

Cabe aqui também destacar que a compreensão do discurso político-cultural de uma revista como *Mito* seguramente passa por sua sintaxe sobre a reunião de textos escolhidos, cuja apresentação em conjunto e disposição ao longo das páginas muito informam sobre sua linha editorial. Por exemplo, se um número duplo como o 37-38 (jul.-ago.-set.-out. 1961) trouxe um dossiê (“El fenómeno cubano”) dedicado às transformações que ocorriam há quase três anos em Cuba, o fez sob os impactos políticos da conjuntura internacional próxima à da própria Colômbia, onde intelectuais como os do grupo de *Mito* se mostravam atentos ao que estava ocorrendo naquele momento na ilha caribenha. A composição desse número da revista, que foi ordenada sequencialmente com poemas de Vicente Aleixandre, “Incorporaciones”, nas primeiras páginas, seguidos pelo conto de Julio Cortázar “Después del almuerzo”, depois pela análise de Marta Traba sobre a obra do pintor germano-colombiano Wiedemann, para então serem iniciados dentro desse “corpo principal” os textos que se ocuparam da Revolução Cubana (“A los escritores y artistas cubanos” de Alejo Carpentier, “Cuba: una revolución en marcha hacia el socialismo” de Paul Baran, “Estructura de la economía cubana” de Luis Emiro Valencia, e os relatos em forma de diário de Hugo Latorre Cabal sobre a reunião da O.E.A. em Punta del Este em agosto de 1961, com especial atenção aos reflexos da Revolução Cubana na América Latina), mostram um cuidado na composição da revista para não “desarmonizá-la” do interesse principal que era informar sobre os acontecimentos em Cuba, já que os outros autores agrupados nesse “corpo principal” (Aleixandre, Cortázar e Marta Traba)

¹⁵⁹ A versão dessa obra datada de janeiro de 1957 foi publicada em 38 páginas da entrega de Nº 19 de maio-junho de 1958.

não propriamente eram divergentes ideologicamente do que estava ocorrendo nesse país, poderia se afirmar até mesmo o contrário (sobretudo o caso de Cortázar). A publicação desse conjunto de textos, assim, adquire um significado distinto do que ocorreria com a publicação desses mesmos textos em outras edições, pois era clara a preocupação de seus diretores em informar principalmente os colombianos sobre o país vizinho, organizando um número cujo tema o atravessava desde a capa com pintura abstrata de Wiedemann que sutilmente alude com suas cores vermelha e preta ao símbolo comunista da foice e martelo por sobre a ilha cubana, passando ainda pela seção “Notas” em que Helena Iriarte resenhou os livros *Nuevos cuentistas cubanos* publicado em março de 1961 por Casa de las Américas, e *Antecedentes históricos de la Revolución Cubana* de Jorge Zalamea. Poderíamos, portanto, concluir neste caso, que os textos, as seções e até a composição gráfica da edição estão subordinadas ao seu objetivo principal: o de apresentar um dossiê sobre a Revolução Cubana.

Nossa identificação de um terceiro e quarto agrupamentos seccionais se estabelece tomando por base, como dissemos, a leitura de Valencia Goelkel (1990). Assim, é possível afirmar que um terceiro conjunto de seções teve por eixo aspectos sociais, composto por “Testimonios”, “Documentos”, “Problemas”, “Debates” e “Los papeles de MITO”. De certa forma, tais seções trataram de assuntos ligados a fatores sociais como vínculos desejados pela revista tanto com a realidade colombiana (algo pouco presumível de se encontrar tão explicitamente em publicações de revistas no país): sexualidade, prostituição, crises matrimoniais, intolerância religiosa, as guerrilhas liberais, o drama nas prisões, as misérias na zona rural, repressão ideológica nas universidades ou manifestações contra o governo autoritário; como também com a realidade de alguns casos internacionais como testemunhos da destruição de Hirochima, da invasão soviética na Hungria, da guerra em Argélia. Esta atuação política de *Mito*, comprovação da cultura política de seus responsáveis, baseada, sobretudo, na busca de um comprometimento com a realidade social colombiana, em muito se apoiou na publicação de depoimentos como ferramentas geradoras de polêmicas diante da opinião pública do país. A seção “Testimonios”, outra comprovação da influência de *Les Temps Modernes* sobre *Mito*, considerando que a revista francesa durante muitos anos publicou uma seção chamada “*Témoignages*” – e elogiadas por membros do Comitê Patrocinador como Vicente Aleixandre e Octavio Paz –, também confirmam, ao lado da seção “Documentos”, a influência dos gêneros do jornalismo (como resenhas, crônicas ou entrevistas) ou da oralidade sobre sua linha editorial, compondo, como bem o identificou Idalia Morejón Arnaiz (2010) no caso da revista *Casa de las Américas*, uma subordinação textual do literário ao político. Ao publicar

testemunhos ou documentos¹⁶⁰ de sujeitos que emergiram como protagonistas por presenciarem fatos da realidade social do país (como os casos, por exemplo, dos textos “La cárcel colombiana, lugar de castigo” (Nº 5), “El diario de un delator” (Nº 20), “El guerrillero” (Nº 27-28), “Historia de una muchacha colombiana” (Nº 29), “Historia de otra muchacha colombiana” (Nº 37-38)), era evidente o desejo de *Mito* dar a oportunidade de voz àqueles normalmente dela desprovidos em meios ligados à alta cultura. Ao mesmo tempo, quando a revista publicou testemunhos ou documentos de escritores e intelectuais relatando acontecimentos referentes a marginalizados ou excluídos (“El drama de las cárceles en Colombia” (Nº 1), “Un juez rural en Guataquí” (Nº 2), “Historia de un matrimonio campesino” (Nº 15 e 17), “Historia clínica de un homosexual” (Nº 22-23), “Muestrario de los hospitales” (Nº 24), “Antonio Larrota, un hombre serio” (Nº 36), por exemplo), tal atitude poderia hoje ser questionada a partir daquilo que John Beverley¹⁶¹ observou aproximando o gênero testemunho de um discurso redentor, de uma representação da voz subalterna inabilitada para a expressão discursiva, ou seja, uma forma também de manutenção de relações entre dominação e representação. De qualquer maneira, a revista *Mito* em nenhum momento demonstrou interesse em se tornar um “biscoito fino” para as massas, pelo contrário, até surpresa causava em seus responsáveis quando se deparavam com leitores de origem popular, como podemos notar pelo relato de Cote Lamus ao encontrar um leitor de *Mito* numa zona afastada e carente como Chocó no Pacífico colombiano (“Diario del Alto San Juan y del Atrato”, *Mito*, Nº 24, p. 381). Ainda assim, a consciência que a revista tinha de suas limitações não a impedia de buscar formas de aproximação à realidade social do país e nela procurar atuar politicamente, sendo, portanto, a presença de seções como as acima comentadas e as citadas (“Problemas”, “Debates”) instrumentos para esse propósito.

Finalmente, a um quarto agrupamento, identificamos seções como as já referidas “Vida Cultural” e “Actuales”, mas também “Circunstancias”, “Pastillas”, “La cultura en 1955” e “La cultura en 1957”, “Cine”, “Teatro”, “Estudios” e “Correspondencia”, conformando um conjunto em que preponderaram temáticas de aspecto cultural, mas que, como vimos nos casos das duas primeiras, também trataram de temas de interesse político. A seção “Correspondencia” adquiriu com o passar dos tempos a atenção de pesquisadores sobre

¹⁶⁰ Uma diferença entre tais seções residia no fato de “Documentos” apresentar, como diz o próprio título, materiais como cartas, relatórios, informes etc. que agregavam ao propósito testemunhal alguma referência textual comprobatória.

¹⁶¹ Artigo “The margin at the center”, apud ARNAIZ, 2010, p. 245.

*Mito*¹⁶² justamente por ser um espaço aberto àquilo que havia sido apresentado desde seu primeiro número: “Pretendemos hablar y discutir con gentes de todas las opiniones y de todas las creencias.” (Nº 1, p. 2), pois nela foram publicadas cartas dirigidas à redação de *Mito* (“‘Mito’, Revista de las Clases Moribundas”, de Darío Mesa (Nº 4); “La Comedia de las Contradicciones Liberales”, de Jorge Child Vélez (Nº 9); “¿Es Neutral el Sexo?”, de Darío Ruiz (Nº 34); “Contra los Intelectuales”, de Bernardo Carreño Varela (Nº 36)) apontando supostos problemas e debilidades da revista como sua representatividade burguesa, seu anacronismo por não falar em nome da humanidade e sim do homem burguês, seu cosmopolitismo que deixava de lado questões culturais internas ao país, sua obsessão por temas ligados ao sexo, o vazio das atividades intelectuais como as de *Mito*.¹⁶³ Em tal seção, utilizada somente nas quatro ocasiões acima citadas durante os sete anos de existência da publicação, como se pode notar pelos próprios títulos dos textos, também foram discutidas questões que transitaram flexivelmente entre política e cultura, assim confirmando uma característica comum com as outras seções que identificamos como pertencentes a um mesmo agrupamento de ordem político-cultural. De uma maneira geral, a maioria dos textos nelas publicados também comprovam aquela indiferenciação entre política e cultura, tão marcadamente visível em *Mito*, formadora de um “*continuum* material, ideológico e institucional”¹⁶⁴ que lhe confere os principais interesses da proposta de leitura desenvolvida por nossa pesquisa.

1.3 – Espaços intelectuais concreto e imaginário

Haviam sido publicados somente dois números da revista quando chegou até a redação de *Mito* a aqui já referida carta do sociólogo Darío Mesa, “‘Mito’, Revista de las Clases Moribundas”, que acabou sendo publicada na entrega Nº 4. Aproveitemos o início dessa carta para também começarmos a discorrer sobre os espaços sociais em que estavam circulando os exemplares da então nova revista colombiana:

¹⁶² Ver, por exemplo, POLO, 2010, p. 100-109.

¹⁶³ Como bem observou Carlos Rivas Polo (2010, p. 101), “El carácter marcadamente dogmático y unilateral de estos cuestionamientos hacía innecesaria cualquier contrarréplica.”, sendo que “(...) los propios materiales publicados por *Mito* aparecen como la mejor refutación a sus adversarios.”.

¹⁶⁴ SARLO, 2005, loc. cit.

No podemos negarlo: MITO es una hazaña editorial, aun cuando sus directores tengan suficiente dinero para emprenderla y correr el riesgo de un fracaso que no afectaría sino levemente la fortuna personal de cada uno de ellos; es un empeño difícil, así cuente con acogida calurosa por parte de los grupos intelectuales y de una vasta porción de la clase social que empieza a verse reflejada en la revista; es una proeza económica y, hasta cierto punto, intelectual, en un país que padece la desgracia de tener que acomodarse a las perspectivas culturales que le imponen una clase terrateniente inculta y provinciana y una burguesía comercial sin los rasgos espirituales ni los objetivos históricos que, en el pasado, hicieron de ella una fuerza revolucionaria. (Nº 4, p. 281).

Além da precocidade analítica de uma revista com apenas duas entregas, nessa carta podemos verificar também uma rigidez crítica de origem marxista que de certa maneira embasou os argumentos a partir de uma visão classista, e cuja identificação entre *Mito* e um público burguês (a classe moribunda) serve de base para o sociólogo¹⁶⁵ traçar suas observações sobre os textos e autores publicados na revista. Ainda que a extensa crítica a *Mito* (a carta ocupou 17 páginas da edição) seguramente tenha contribuído para até mesmo reforçar os propósitos iniciais da própria revista, tendo em vista que sua simples publicação em si já comprovava um exercício democrático pleiteado desde seus princípios, tal identificação nos leva a indagar se seria possível que uma revista explicitamente voltada à alta cultura tivesse uma acolhida que não fosse nos restritos meios intelectuais burgueses daquele momento, ou naquilo que ele se referiu como “vasta porción de la clase social que empieza a verse reflejada en la revista”, algo que sabemos não ter sido tão vasto assim devido à pequena tiragem (1000 a 1500 exemplares por número) de *Mito*.

A discussão sobre os perfis dos públicos a quem se dirigem as revistas literárias/culturais em muito já ocupou as atenções de seus propositores ou de críticos especialistas nesses tipos de publicações. Por exemplo, o mexicano Carlos Monsiváis (apud AZUELA et al., 1981, p. 108), do alto de sua experiência com revistas como *Medio Siglo* e *Estaciones* (ambas coetâneas de *Mito*), além do suplemento *La Cultura en México* da revista *Siempre!*, chegou a afirmar sobre o alcance minoritário de uma revista cultural:

Para empezar, esto [o serviço cultural de uma revista] implica una conciencia clara del alcance minoritario de la empresa, y destaco lo minoritario, término cuantitativo, para distinguirlo de elitista, término cualitativo al grado de la condenación de fuera y

¹⁶⁵ Curiosamente, Darío Mesa colaboraria com a revista em outras oportunidades, como no Nº 8 (jun.-jul. 1956) ao resenhar o livro de Eduardo Franco Isaza, *Las guerrillas del Llano*; ou com o texto “Treinta años de nuestra historia” no Nº 13 (mar.-abr.-maio de 1957), ao qual já nos referimos quando tratamos dos condicionamentos históricos a que esteve sujeita *Mito* em meados dos anos 50; além do texto “La ejecución de Imre Nagy” no Nº 19 (maio-jun. 1958).

de la arrogancia, incluso de la hipocresía culposa de dentro. En América Latina, donde todo esfuerzo cultural es minoritario, lo elitista se mide por la actitud detentada o atribuida y no por el público alcanzado.

A distinção de Monsiváis entre a ideia do alcance minoritário enquanto quantidade e a de elitista enquanto qualidade de uma revista cultural nos parece uma interessante observação, pois se baseia na lógica de que não é a existência de uma pequena quantidade de leitores que determina se uma publicação é elitista – já que a existência de publicações desse tipo em nosso continente implica necessariamente em ter poucos leitores – mas sim as atitudes ou posturas políticas de uma revista diante das questões culturais abordadas, suscetíveis a críticas condenatórias. No caso das críticas de Mesa, mesmo que ele tenha taxado *Mito* como burguesa e não como elitista, sua condenação parece ter partido principalmente de uma conclusão primeira de que a revista era das “clases moribundas” porque seu alcance estava em um público de intelectuais “pequeno-burgueses”, obviamente minoritário, para somente depois dedicar-se a avaliar que o conteúdo da revista também o era, segundo sua opinião, mesmo consciente de que “Dos números son aún muy poco elemento de juicio”, mas que “permiten examinar la tendencia fundamental de la revista” (p. 282).

Por outro lado, Pablo Rocca (2004, p. 7), que já se dedicou a estudar o semanário uruguaio *Marcha*¹⁶⁶, em seu interessante texto “Por qué, para qué una revista” chega inclusive a constatar que uma revista literária sempre é, por natureza, “aristocrática”:

[La revista] Podrá surgir como expresión de la pobreza de unos jóvenes escritores, podrá emerger con la voluntad de cambiar el mundo con las ideas más radicales que se quiera, pero siempre camina hacia unos pocos, hacia un público de iniciados, casi de cofradía: escritores, artistas, universitarios, profesionales de la cultura, de un mínimo sector de las clases sociales o de los grupos sociales que tienen más vigor, ideológico o económico, ideológico y económico.

Pensar uma revista que cuide de assuntos de literatura e de cultura, se concordarmos com Rocca, se trata de algo intrinsecamente voltado para poucos, para leitores “iniciados” que normalmente possuem maior poder aquisitivo e que ideologicamente são modelados por uma perspectiva supostamente “aristocrática”. Portanto, a identificação sentenciosa de Darío Mesa poderia ser também lida como denunciadora de uma constatação redundante, espécie de precipitação crítica ocasionada por uma provável expectativa de que *Mito* pudesse ter trilhado desde o começo por caminhos “revolucionários” e não somente “rebeldes” (p. 293), pois o

¹⁶⁶ Ver o livro *35 años en Marcha (Crítica y literatura en el semanario Marcha y en Uruguay)*, 1991.

anticonformismo anunciado desde o início poderia ser passível de uma sugestão mais radical diante de posicionamentos político-culturais. De qualquer forma, algo que podemos depreender dessa discussão reside no fato de que mesmo a constatação de Mesa, por mais anacrônica que hoje possa parecer, parte de uma lógica em que o êxito de uma revista em muito depende de sua capacidade para se relacionar com o seu público.

E os responsáveis por *Mito* demonstravam ter consciência acerca da necessidade de se criar um público para a revista. Jorge Gaitán Durán, na mesma gravação de um dos programas da Radio-revista *Mito* que citamos anteriormente (ver notas 27 e 28), ao conversar com Cote Lamus em 1957 sobre o estabelecimento de *Mito* diante do público leitor, prevê que na realidade o que a eles lhes cabia era “crear el clima espiritual para recibir a *Mito*” como “labor principal de la revista” (H.J.C.K., 1957a), e citava a diferença de recepção de uma revista como *Les Temps Modernes* na França em que já na apresentação em seu número inaugural Jean-Paul Sartre definia qual seria o público (estudantes, intelectuais), ou seja, a revista já surgia com direcionamento a seu público, sendo que em Colômbia *Mito* devia criar este público. Valencia Goelkel (1990), mais tarde, agregaria a essa compreensão o reconhecimento de que na época do lançamento o público de *Mito*, “alfabetizado y urbano” (p. 161), vivia uma prosperidade material com estabilidade pós-violência, como também um processo de pacificação levado a cabo por Rojas Pinilla, situação favorável à recepção da revista: “En esos momentos de la fundación de *Mito* había no propiamente una desintoxicación, sino cierto alivio, una cierta disponibilidad de la gente” (p. 160). Também mais tarde Rafael Gutiérrez Girardot (apud SANDOVAL, 2006, p. 436-437) reconhecia que “La revista *Mito* fue una revista de exigente élite” e comenta a ideia de reconstrução que cabia à publicação que surgia:

(...) esos años (más o menos desde el 45 hasta el 50) fueron muy fructíferos: las librerías en Bogotá eran numerosas y surtidas con ediciones españolas, argentinas, mexicanas, había una librería francesa y una europea (la Librería Central), la Radiodifusora Nacional tenía emisiones musicales y literarias de alta calidad y publicaba una revista mensual de programas y con ensayos y comentarios, que se distribuía gratuitamente. El 9 de abril la masa destruyó muchas de esas librerías y con el gobierno de Laureano Gómez comenzó a desmoronarse esa vida. *Mito* quiso recuperar la vitalidad cultural que bajo el gobierno del Frente Nacional no se había repuesto del golpe mortal que le dio Laureano Gómez.

Apesar de todas as dificuldades encontradas para a publicação da revista que, como vimos, eram principalmente relacionadas a questões de falta de liberdade de expressão, *Mito* tinha uma boa vendagem e seus exemplares não demoravam a se esgotar. Sua tiragem de 1000 ou 1500 exemplares (segundo BORDA, 2008, p. 229) ou de 3000 ou 4000 “en sus momentos de

máxima euforia” (COTE, 1990, p. 192) garantiram uma distribuição suficiente para que a revista alcançasse um público que Hernando Téllez (“Nota sobre “MITO””, N° 18, p. 390) caracterizou como “zona restringida de lectores” em contraposição a uma “masa común” e sua “opinión vulgar y corriente”:

MITO ha querido ser el antimito nacional. Cuanto en estas páginas se ha impreso ha resultado sumamente fastidioso e intranquilizador o incomprensible para la opinión vulgar y corriente. Una zona restringida de lectores, no incluídos en esa corriente de opinión, hallan perfectamente ortodoxa la orientación de la revista, es decir, sincronizada con la actualidad literaria o filosófica del mundo contemporáneo. Pero la masa común, la gran clase media de lectores que se alimentan espiritualmente en los noticieros culturales de los periódicos y en la sección de crónicas y comentarios de los mismos, les debe parecer MITO un pedante crucigrama hecho por gentes ociosas e insolentes, amigas de escandalizar a los buenos burgueses.

Mesmo cientes das limitações em seu alcance de público, a revista insistiu em sua distribuição em vários estados colombianos, assim como no exterior, principalmente sob sistema de assinaturas com preços que variaram, durante seus sete anos, entre os valores de \$5 (pesos colombianos) para Bogotá, \$6 para outros estados e U\$4 (dólares americanos) para o exterior até o N° 24; \$7 (Bogotá), \$8 (outros estados) e U\$4 (exterior) do N° 25 ao 30; \$10 (Bogotá), \$11 (outros estados) e U\$4 (exterior) do N° 31-32 até seu final. Os preços do exemplar em pontos de venda no país variaram de \$1 até o N° 24; \$1,50 do N° 25 ao 30; e \$2 do N° 31-32 até o final¹⁶⁷, e como podemos ficar sabendo através da divulgação em capa da revista como a de N° 33 (nov.-dez. 1960), suas entregas e também livros das Ediciones Mito podiam ser adquiridos, além de Bogotá, em mais 14 cidades¹⁶⁸, com distribuição garantida pela empresa Vicens Mestre e Cia. Ltda., número louvável se levarmos em conta as inúmeras dificuldades com o transporte e acesso entre as cidades colombianas ainda na metade do século XX, em muito complicados após as destruições agudizadas a partir de 1948.

A carência cultural de um país como Colômbia que atravessava quase uma década de violências e de instabilidade política, ainda que em algumas ocasiões beneficiado por grandes

¹⁶⁷ O intuito expansivo também era possível de se perceber em convocatórias como a que apareceu no N° 24 na seção “Pastillas” (p. 423): “Mito necesita agentes de publicidad y de suscripciones en varias ciudades del país, especialmente en las capitales de los departamentos. Los interesados en representar la revista en sus respectivas ciudades, pueden escribir directamente a la Gerencia (Apartado Aéreo N° 58-99) y a vuelta de correo recibirán los detalles pertinentes.”; além de boletins de assinatura presentes entre as propagandas nas últimas páginas de alguns exemplares.

¹⁶⁸ Barranquilla, Popayán, Manizales, Ibagué, Pasto, Cartagena, Pereira, Cúcuta, Medellín, Santa Marta, Armenia, Bucaramanga, Cali e Sevilla.

safras cafeiteiras que propiciavam tempos de bonanças econômicas, como vimos pelos comentários de Valencia Goelkel e Gutiérrez Girardot, sem dúvida contribuiu para que *Mito* tivesse uma “acogida calurosa por parte de los grupos intelectuales”, segundo as palavras de Darío Mesa. Já na entrega de Nº 3 (texto “Mito”, p. 202) lançada em setembro de 1955, dentro da seção “Vida Cultural”, seus diretores anunciavam com alguma surpresa que “El éxito de Mito ha superado nuestros cálculos más optimistas”, tendo em vista que os dois primeiros números haviam se esgotado nas livrarias, e aproveitavam para agradecer a recepção generosa dos meios jornalísticos colombianos:

Toda la crítica del país se ha referido en términos muy generosos a los dos números aparecidos. Queremos agradecer especialmente las notas de Eduardo Zalamea Borda y Gabriel García Márquez (*El Espectador*), Jaime Posada (*El Tiempo*), Belisario Betancur (*Prometeo*), Gabriel Trillas (*Cromos*), Héctor Rojas Herazo (*Diario de Colombia*), Juan B. Fernández (*El Herald*o, de Barranquilla), Eddy Torres (*El Colombiano*, de Medellín), Jorge Child (*El Observador*).

Além de também demonstrarem “la dificultad implícita en conseguir propaganda para una empresa cultural como es MITO”, algo evidente em praticamente todos os seus sete anos de existência.

A respeito dessa questão do financiamento e das relações empresariais envolvidas, algo que de igual maneira aponta aos espaços sociais e consequentemente aos rumos ideológicos trilhados por uma revista, parece-nos importante a verificação de Sandoval (2006, p. 376) de que “La posición crítica frente a los sectores culturales, artísticos y literarios de carácter oficialista y la independencia política de *Mito* contrastan con el tipo de publicidad que la financió en parte”. Em *Mito* aparecem propagandas desde empresas poderosas como bancos (Banco Popular, Cafetero, Comercial Antioqueño, Banco de Colombia) e multinacionais (Shell, Esso, Phillips), até grandes empresas nacionais (Cerveza Costeña, Cigarrillos Pielroja, Avianca, Casa Toro) e pequenos negócios como farmácias, restaurantes e até salões de beleza; desde estabelecimentos comerciais de grandes cidades como Bogotá até de cidades pequenas como Cúcuta (de onde provinha a família de Gaitán Durán) e San Antonio del Táchira, cidade venezuelana fronteira próxima a Cúcuta. Mas o que poderia demonstrar o “pragmatismo” da revista para conseguir financiamentos, independente politicamente falando de sua procedência, refere-se ao fato de *Mito* contar em seus primeiros números com apoios de empresas estatais sob administrações controladas pelo governo da ditadura (Banco Popular, Cafetero, Secretaría Nacional de Acción Social), algo que comprovaria, por um lado, a grande necessidade de a revista contar com apoios patrocinadores acima de quaisquer

questionamentos ideológicos, e, por outro, que a abertura ao diálogo anunciado desde a apresentação do primeiro número incluía também a aceitação de recursos como estes.

A disposição em dialogar com empresas sob os auspícios do governo militar ou com grandes corporações multinacionais, de fato, poderia ser interpretada como uma contradição na orientação política da revista. Isso, se somado aos aportes financeiros de origem familiar de Gaitán Durán, de certa maneira contribuem para a verificação da irrestrita liberdade comercial do empreendimento cultural por ele administrado. Também poderia entrar aqui na discussão o reconhecimento, que nos chega através de Canclini (1997), de que, no início dos anos 60, por trás de fomentos culturais de grandes consórcios norte-americanos como Esso, Standard Oil, Shell ou General Motors, por exemplo, havia uma típica estratégia fruto das disputas da Guerra Fria que visava difundir no continente uma visão “despolitizada” de incentivo à cultura em evidente contraposição aos princípios políticos do realismo social.¹⁶⁹ Sobre esse assunto, diz Sandoval (op.cit., p. 379):

(...) *Mito* también extendió su pragmatismo en el orden financiero a la divulgación de avisos de importantes compañías multinacionales (petroleras norteamericanas, especialmente), lo cual no era fácil que armonizara con una política editorial que se caracterizaba por una orientación izquierdista que dio pie a que sus detractores les endilgaran el calificativo de “comunistas” a sus gestores. Pero el señalamiento era tan falso como verdadera la circunstancia de que una de las utopías que vertebraban el proyecto de *Mito* la constituía la promoción de una burguesía progresista en el país.

E de fato, se nos atentamos a um trabalho como o publicado no livro *La revolución invisible*, Gaitán Durán (1999) deixava transparecer, no que concerne à realidade socio-econômica de seu país, ideias políticas que previam um grande projeto nacional de tendência esquerdista centrado em bases como a da industrialização e a da reforma agrária, mas consciente da impossibilidade da implantação de métodos comunistas ou socialistas na Colômbia de então (“(...) hay que jugar a fondo, con honestidad y eficacia, la carta del *desarrollo capitalista*, en sus más modernas formas”, *ibid.*, p. 84). Esse trânsito entre pensamentos de inspiração esquerdista e de práticas capitalistas, sem dúvida, está marcadamente presente nas páginas de *Mito*, seja por manifestar-se em seu conteúdo, seja pela forma empresarial como a revista foi administrada.

¹⁶⁹ Canclini utiliza-se para tratar desse tema do estudo de Shifra M. Goldman, *Contemporary Mexican Painting in a Time of a Change* (Austin/London: University of Texas, 1977).

Uma discussão como essa poderia ser ampliada se pensarmos, como sugeriu Sarlo (1992) em termos de espaços de circulação de uma revista, a coexistência de um espaço intelectual concreto e um espaço intelectual imaginário, ideal. Assim agregaríamos à noção de espaço concreto também aquilo que diz respeito à representatividade social implicada na publicação de uma revista financiada por publicidade, que no caso de *Mito*, como anotou Sandoval (loc. cit.), “constituía la promoción de una burguesía progresista en el país”, dentro do que há de interferência na esfera pública proporcionada por uma revista e que dessa forma não se restringiria somente ao público leitor consumidor de bens culturais. Seria possível consequentemente afirmar que a relação entre os espaços concreto e imaginário foram, como obrigatoriamente tinham de ser, dissonantes, não coincidentes, levando-se em consideração que o que *Mito* idealizava através da eleição e organização do material publicado se constituía como algo claramente interferente nos precários meios culturais inseridos inicialmente no contexto político totalitário de meados dos anos 50. O pioneirismo cultural da revista comprovou esse embate e a partir dessa óptica a discussão sobre a existência de uma contradição na sua linha editorial também poderia ser amenizada, constituindo os diálogos com empresas do governo ditatorial ou das grandes multinacionais um estratégico instrumento daquilo que Gaitán Durán afirmou como as “más modernas formas” do desenvolvimento capitalista.

Uma última questão significativa que ainda colabora para a abertura desse leque político e uma leitura mais ampla daquilo que nele se encontrava implicado, refere-se à construção do perfil político apartidário empreendida pela revista num momento de enorme crise dentro dos dois grandes blocos ideológicos que haviam levado a nação às últimas consequências do radicalismo partidário. Ao invés de adotar ou demonstrar tendências nesse campo, *Mito* preferiu não se posicionar explicitamente nem como uma revista liberal nem como conservadora, e sim empreender um discurso que pregava o diálogo franco e aberto com todas as tendências partidárias. Nesse sentido, diferentemente da publicação de Jorge Zalamea, *Crítica*, que foi fundada como um órgão assumidamente inspirado pelo liberalismo enquanto sistema político-ideológico acima de vínculos partidários, mas que era visivelmente voltado sobretudo ao público leitor simpatizante do partido liberal, *Mito* investiu numa espécie de superação dos “odios heredados” através de nenhuma filiação a partidos, fato que certamente tenha de igual forma aberto o alcance da revista tanto entre leitores liberais, como conservadores ou até mesmo de tendências comunistas. Interessantes as palavras de Polo (2010, p. 98) sobre essa questão:

A pesar de que por tradición histórica nuestra coyuntura social casi obligaba a sus ciudadanos a “afiliarse” a uno u otro de los beligerantes partidos políticos, los fundadores de la revista simplemente desestimaron la implícita actitud polémica que conllevaba pertenecer a cualquiera de ellos – o en términos generales, que conllevaba en la Colombia de aquellos años tener convicciones diferentes —: considerar al otro como un potencial “enemigo” al que de cualquier manera hay que neutralizar. Esto no quiere decir que estuviesen proponiendo una desvinculación de la brega política. Todo lo contrario, estaban señalando una orientación diferente para intentar llevar a cabo las reformas de fondo que tanto la salud política de la nación colombiana como el ámbito entero de su devenir social y cultural requerían con urgencia; estaban proponiendo el diálogo, la forma más viable y elemental de la civilidad.

Seguramente tal postura política de *Mito* fazia parte das estratégias editoriais pretendidas pela revista, e nesse ponto justamente residia o grande desafio de propor uma nova visão mais democrática do jogo político que levasse em consideração a necessidade de se criar um público leitor que se identificasse com a tolerância ideológica. Durante seus sete anos de existência, as transformações do contexto social em que estava imerso fizeram com que *Mito* também passasse por revisões dessa postura, como, por exemplo, no caso do apoio à Frente Nacional, mas de uma maneira geral seria possível constatar que o “novo” leitor criado pela revista, assim como as novas circunstâncias a partir do governo de Alberto Lleras em 1958 (que beneficiavam inclusive o apoio financeiro a *Mito* graças a seus vínculos com intelectuais amigos ou colaboradores da publicação que passaram a participar do sistema de coalizão), caracterizavam (ambos, leitor e patrocinador, conformadores da esfera pública de sua atuação) uma gradativa aproximação entre os espaços intelectuais concreto e imaginário, tendo em vista que as tensões entre eles foram se amenizando no decorrer dos anos apontando para um “sentido común colectivo” (SARLO, 1992, p. 12), mas que em realidade, pelo tipo de intervenção inovadora da revista em tais espaços, definitivamente não chegaram a se encontrar, ao ponto de que *Mito* pudesse ser identificada como uma revista que tenha coincidido intelectualmente com a geografia de seu ambiente público.

1.4 – A estratégia das traduções

Como vimos em nosso estudo das possíveis relações entre *Mito* e algumas revistas e periódicos culturais colombianos anteriores a ela, o trabalho de traduções em Colômbia chegava aos anos 50, em termos literários, com algumas referências importantes vindas ainda do século XIX, sobretudo na poesia. Segundo David Jiménez (2002, p. 158), aos nomes de Rafael Pombo, Miguel Antonio Caro, Guillermo Valencia, Víctor Londoño, Eduardo Castillo, Ismael Enrique Arciniegas, Carlos López Narváez, alguns *pieдрacelistas* como Jorge Rojas ou Eduardo Carranza, à época que precedia a chegada de *Mito* se juntavam poucos nomes como os de Jorge Zalamea (como constatamos através de *Crítica*), Jaime Tello (verificável tanto em *Revistas de las Indias* como em *Crítica*) e Andrés Holguín. A importância das traduções levadas a cabo por estes três últimos, por exemplo, de poemas de Saint-John Perse, realizadas por Zalamea; do amplo panorama da poesia francesa realizado por Holguín (publicado no livro *Antología de la poesía francesa*); ou de autores como T. S. Eliot, Jean-Paul Sartre, Antonin Artaud ou Paul Eluard, por Tello; de certa forma, ecoaram nas páginas de *Mito* e seu evidente intuito de trazer aos leitores colombianos a oportunidade de estar em contato com importantes obras e autores da chamada “cultura universal”, ainda que, em seus respectivos casos, por um viés predominantemente francês.

Rafael Gutiérrez Girardot (2011, p. 138-139), em seu fundamental estudo *La literatura colombiana en el siglo XX*, não deixa de reconhecer a relevância da tradução da poesia de Perse feita por Zalamea por ter “abierto las puertas de Colombia, de su literatura, al mundo, al menos a un mundo diferente del español del 98 y 27, cuya omnipresencia había hecho de la literatura colombiana un afluente menor de la quebrada literatura española”, e agregava que tal empenho “daba a un género – ejercido esporádico y *dilettantemente* en Colombia – esto es, el de la traducción literaria, una pauta: la de la fidelidad al texto, que no impide la interpretación; la de la asimilación de la lengua, sin violar al autor traducido.”, e que Zalamea havia adquirido com essa tradução um “cuño *pérsico*” que o influenciou na linguagem empregada, por exemplo, em uma obra como *La Metamorfosis de Su Excelencia*. Interessantes as considerações de Girardot em busca de filiações literárias no campo das traduções, pois além de verificar o aspecto político-cultural por trás do trabalho de Zalamea, também identifica a interferência estética sobre a produção do escritor colombiano, dessa maneira apontando para uma exemplar significância benéfica trazida às letras do país por meio das traduções.

Em *Mito* se tornou clara a manobra de traduções de alguns textos fundamentais como forma de importação cultural caracterizada por aspectos literariamente estratégicos, isto é, como parte de um projeto de transformação cultural, visando, como disseram Valencia Goelkel e Gaitán Durán sobre os objetivos da revista, “suministrarles a los colombianos los materiales necesarios para que piensen por cuenta propia” (Nº 36, p. 404). A presença e a constância de traduções em suas páginas comprovam o cuidado levado por seus diretores – também tradutores – e por seus colaboradores com aquele que foi, reconhecidamente, um dos seus principais êxitos. Foram realizadas versões para o espanhol de textos em francês, italiano, inglês e alemão¹⁷⁰, muitos deles ainda inéditos em espanhol, sendo a maioria diretamente da língua original em que haviam sido escritos.¹⁷¹

Algumas traduções foram publicadas tendo como autoria a própria redação de *Mito*, entre elas: “El bebé ardiente”, de Dylan Thomas (Nº 3); *Nekrassov*, fragmentos da peça teatral de Jean-Paul Sartre (Nº 6); “Conocimiento de Sartre”, de Colette Audry (Nº 6, Nº 7 e Nº 10); “Nacimiento del psicoanálisis”, cartas de Sigmund Freud traduzidas do francês (Nº 10);

¹⁷⁰ O único texto traduzido do português para o espanhol durante os 42 números da revista foi o poema de Carlos Drummond de Andrade, “Canto órfico”, cuja tradução realizada pela brasileira Dina Moscovici com a colaboração de Jorge Gaitán Durán foi publicada junto ao texto original em português no Nº 2 de jun.-jul. de 1955. O caso foi comentado por Kawakami (2014) no texto “Presenças e ausências: João Guimarães Rosa, Jorge Gaitán Durán, Carlos Drummond de Andrade e as fronteiras literárias”, em exposição realizada em 21 de agosto de 2014 na Universidad Nacional de Colombia.

¹⁷¹ Foram inúmeros os colaboradores para as traduções publicadas na revista, como Darío Achury Valenzuela, Fernando Arbeláez, Jorge Eliécer Ruiz, Cecilia Laverde González, Luis Vicens, Ismael Matallana e Irma Villanueva, traduzindo da língua francesa (além do próprio Jorge Gaitán Durán); também Guillermo Angulo, Eduardo Mendoza Varela, Antonio Montaña, Affan Buitrago, Álvaro González Moreno e Hernando Baquero Borda, traduzindo do italiano; Hernando Valencia Goelkel, José Luis Cano, Pedro Gómez Valderrama, Eduardo Gaitán Durán, Ricardo Samper e José Coronel Urtecho, do inglês; e Rafael Gutiérrez Girardot, Francisco Posada, Eduardo Cote Lamus, Lucy Morales, Carlos Rincón, Marta Mosquera, Francisco Soler Grima e Antonio de Zubiaurre, do alemão. Citemos, para exemplificar, algumas colaborações: Francisco Soler Grima (“¿Qué significa pensar?”, de Martin Heidegger – Nº 3); Affan Buitrago (“Literatura funcional”, de Antonio Gramsci – Nº 6); Darío Achury Valenzuela (“Variaciones sobre Las Bucólicas”, de Paul Valéry – Nº 6); Juan Liscano (“Alejo Carpentier”, de Alain Bosquet – Nº 7); Luis Vicens (“¿Quién va ahí?”, de Jean Tardieu – Nº 7); Ricardo Samper (“Lenguaje y Mito”, de Ernst Cassirer – Nº 11); Eduardo Gaitán Durán (“El juicio de Arthur Miller”, de John Steinbeck – Nº 14); Francisco Posada (“Bosquejo de una teoría de las emociones”, de Jean-Paul Sartre – Nº 14); Ismael Matallana (“El marxismo y el pensamiento francés”, de Henri Lefebvre – Nº 15); José Coronel Urtecho (“Cantos y Epigramas”, de Ezra Pound – Nº 16); Alvaro González Moreno (“La lucha entre la reacción y el progreso en la cultura actual”, de Georg Lukács – Nº 20); Cecilia Laverde González (“Intimidad”, de Arthur Adamov – Nº 21); Guillermo Angulo (“La excepción y la regla”, de Bertolt Brecht – Nº 21); “El rollo XI de ‘Senso’”, de Luchino Visconti – Nº 33; “La aventura”, crítica de Guido Aristarco ao filme de Michelangelo Antonioni – Nº 39-40); Irma Villanueva (“¿Apollinaire, biznieto de Napoleón?”, de Anatol Stern – Nº 29); Carlos Rincón (“La época de la imagen del mundo”, de Martin Heidegger – Nº 30); Marta Mosquera (“La última cinta”, de Samuel Beckett – Nº 34); e Antonio Montaña (“La Mandrágora”, peça teatral de Nicolas Maquiavel – Nº 35). Além deles, também foram publicados alguns poemas das citadas traduções de Saint-John Perse, feitas por Jorge Zalamea (“Mar de Baal, Mar de Mammon”, fragmentos do poema “Mares” – Nº 26) e feitas por Fernando Arbeláez (“Vientos” – Nº 1), tendo sido esse último trabalho comentado anteriormente neste nosso estudo ao tratarmos da revista *Crítica*.

“Diario de Hirochima”, testemunho do Dr. Hachiya traduzido do francês (Nº 11); “Cinco dificultades para quien escribe la verdad”, de Bertolt Brecht (Nº 21); “Bertolt Brecht supo provocar saludables crisis”, de Georg Lukács (Nº 21); “Humbert, el sabueso” e “El cazador encantado”, dois capítulos do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov (Nº 24); “La alienación y la bomba atómica”, de Henri Lefebvre (Nº 25); “Introducción al erotismo”, capítulo do livro *L’Erotisme*, de Georges Bataille (Nº 27-28); “América del Sur”, texto sobre máscaras indígenas escrito por Claude Lévi-Strauss (Nº 27-28); “Natura Pictrix”, de Roger Caillois (Nº 31-32). Dentre os nomes que estiveram em algum momento ligados à direção de *Mito*, com exceção de Fernando Charry Lara, todos contribuíram publicando traduções. Jorge Eliécer Ruiz traduziu, por exemplo, “La matanza de los inmortales”, de Jean Reverzy (Nº 2); e “La metamorfosis de los dioses”, de André Malraux (Nº 18). Eduardo Mendoza Varela colaborou com “Las Romanas”, trecho do argumento de *As Noites de Cabíria*, de Federico Fellini (Nº 17). Pedro Gómez Valderrama traduziu a T. S. Eliot (“Las tres voces de la poesía” – Nº 7), Henri Miller (“La obscenidad y la ley de la reflexión” – Nº 8), Antonin Artaud (“Vida y muerte de Satan el Fuego” – Nº 9) e colaborou com a tradução realizada por Hernando Valencia Goelkel do texto de John Updike, “Cortejando a la cónyuge” (Nº 34). Valencia Goelkel, além do texto de Updike, também traduziu William Blake (“El libro de Thel” – Nº 3) e de Lawrence Durrell alguns textos dos livros *Justine*, *Balthazar* e *Mountolive* (Nº 25). Eduardo Cote Lamus participou do dossiê dedicado a Bertolt Brecht (Nº 21) com versões de poemas como “General tu tanque es invencible”, “Canción de la puta”, e do texto escrito para obra de balé, *Los siete pecados capitales*. Finalmente, Jorge Gaitán Durán traduziu para a revista os textos do Marquês de Sade, “Diálogo entre un sacerdote y un moribundo” (Nº 1) e “Discurso de Saint-Florent” (Nº 17); de Jean Genet, *Las sirvientas* (Nº 12); e de Arthur Rimbaud, “Un corazón bajo una sotana” (Nº 22-23).¹⁷²

Vale a pena destacar que muitos dos textos traduzidos vieram acompanhados de algumas reflexões sobre os processos de tradução ou contextualizações das obras, realizadas através de notas dos tradutores. Tais notas, em algumas ocasiões, nos ajudam a compreender que tipo de tradução foi privilegiada pela revista, e se em momento algum *Mito* se preocupou por publicar texto específico que tratasse analiticamente do tema da tradução em si, por outro lado essas notas deixaram transparecer importantes informações que colaboram para uma percepção das

¹⁷² Algo que nos foi impossível de averiguar por não encontrar referências, mas que mereceria conhecimento de caso, foi saber quais textos foram publicados sob anuência dos autores ou seus herdeiros e quais não, já que isso em muito contribui para uma análise das relações político-literárias internacionais realizadas pela revista.

características dessas traduções. Por exemplo, Gaitán Durán, junto ao texto de Genet acima mencionado, acrescenta:

Pretendí hacer una traducción literal. Sólo en dos o tres ocasiones falté a la fidelidad debida, llevado por el empeño – pueril quizás – de salvaguardar en la versión española la fluidez escénica. No hay necesidad de llamar la atención sobre el cambio frecuente de las personas del verbo, pues su razón de ser se confunde con la razón de ser de los personajes. Aclaro, finalmente, que no fue por arbitraria elección que traduje *Les Bonnes* por *Las Sirvientas*, en lugar de recurrir a expresiones más púdicas, como *Las Criadas*, o más distinguidas – e impropias –, como *Las Doncellas*. Creo que, en nuestro idioma, el título *Las Sirvientas* es el único que sigue la vía real de toda la obra de Genet: el planteamiento de una ética en la abyección. (Nº 12, p. 374).

O esclarecimento dos critérios que o levaram a optar pela tradução do título da peça teatral de Genet indicam os intuitos de questionamentos morais passíveis de serem apreendidos pelas diferenças semânticas entre títulos como *Las Sirvientas*, *Las Criadas* ou *Las Doncellas*. Com esse comentário, Gaitán Durán, ainda que esclareça a intensão de se fazer “una traducción literal”, se mostra inclinado a não sair da “vía real de toda la obra de Genet”, ou seja, a da discussão ética proporcionada pela leitura das obras do autor francês que já havia sido inicialmente percorrida pelo ensaio de Sartre, *Saint Genet comédien et martyr*, publicado em 1952. Em uma nota anterior da mesma tradução, Gaitán Durán afirma que o “caso Genet (...) equivale en nuestro tiempo al de Sade en el siglo XVIII”, definindo assim a vertente ética-estética (Sade/Sartre/Genet) ao qual se filiava ao eleger uma obra de Genet para publicar na revista.

Nesse sentido, os comentários do escritor espanhol Antonio de Zubiaurre¹⁷³ à tradução de “Cinco Poemas Estáticos de Gottfried Benn”, publicados na edição Nº 25 (jun.-jul. 1959) se mostram como bastante esclarecedores. Junto aos poemas “Chopin”, “San Petersburgo, mediados del siglo”, “Henri Matisse: ‘Asfodelos’”, “Ah, el lejano país” e “Poemas Estáticos”, apresentados tanto em alemão como na versão em espanhol (prática comparativa muito usada

¹⁷³ Outra curiosidade de ordem político-ideológica também se mostra em *Mito* com a presença de escritores como Zubiaurre: apesar de nela predominar uma visão esquerdista, em muito refletindo o perfil de seu fundador Jorge Gaitán Durán, com presenças como as de Sartre, Gramsci ou Lukács, ao publicar escritores e pensadores como Gottfried Benn e Martin Heidegger, de conhecidas aproximações à ideologia nazista, ou até mesmo do próprio Antonio de Zubiaurre, próximo ao falangismo e ao franquismo (assim como Cote Lamus e Valencia Goelkel, que no início dos anos 50 foram beneficiados com bolsas do governo franquista para estudarem na Espanha), *Mito* nos permite assim entrever sua complexa posição política pautada na tolerância e aberta ao diálogo com tendências opositoras.

pela revista¹⁷⁴), Zubiaurre, além de uma apreciação sobre o poeta alemão, também destina elucidativas notas sobre a tradução, onde podemos ler:

Criterio general de la traducción ha sido el mayor acercamiento posible a la palabra, a la imagen y al clima de cada poema, respetando el número de versos de cada grupo estrófico y hasta la correlación de los versos original-traducción siempre que la sintaxis lo autorizó. Se ha preferido que en el texto castellano persista un leve “olor a traducción”, antes que empujar los poemas hacia una naturalización forzada bajo la lengua de destino en menoscabo de la concepción *de origen*. A juicio del traductor, vicio máximo y frecuente de estos menesteres es el de ponerse a crear de nuevo el poema arraigándolo en suelo propio. Traducir es trasladar y no trasplantar. (Nº 25, p. 21).

Assim, podemos notar como também de acordo com a ideia de tradução do escritor espanhol sobressai uma noção de fidelidade ao autor, mesmo que sob um “olor a traducción”, priorizando a “concepción de origen” e em oposição à noção de “transplante” e o que há de desarraigo implicado neste movimento.

Outro exemplo, mesmo que não propriamente publicado junto a alguma tradução de texto, pode ser visualizado a partir da resenha publicada na entrega de Nº 2 (p. 115-116) sobre a *Antología de la Poesía Francesa*, livro organizado e traduzido por Andrés Holguín em 1955, e ao qual acima nos referimos. A resenha, curiosamente não assinada¹⁷⁵, propõe uma maneira de superação do “dilema clásico de la traducción” entre a “*literalidad o libertad*”:

De los dos términos, el primero implica cierto margen de seguridad y la mayor preservación posible del ritmo propio de la obra original, el segundo lleva consigo toda clase de riesgos, pero también la posibilidad de un logro a la altura del autor traducido. Podría pensarse que la *literalidad* es el campo reservado a los buenos trabajadores intelectuales, a los eruditos, con un cuidado exclusivo de fidelidad, y que la *libertad* pertenece a talentos superiores y solitarios que toman la obra ajena apenas como pretexto y cuyo supremo objetivo es realizar una obra de arte propia. (...) el verdadero problema en nuestro tiempo no está implícito en el dilema clásico,

¹⁷⁴ Interessante exemplo dessa prática foi publicado na edição de Nº 2 (p. 80-88), em que os diretores da revista propuseram um exercício de comparação entre duas versões do mesmo texto do filósofo alemão Martin Heidegger, um dos escritores mais traduzidos e publicados por *Mito*, “De la experiencia del pensar” (traduzido diretamente do alemão por Rafael Gutiérrez Girardot) e “Sobre la experiencia del pensamiento” (traduzido pela redação de *Mito* da versão em francês elaborada por Jacques Gerard). O “interés literario” tinha como curiosidade “saber hasta qué punto una lengua intermediaria (en este caso el francés) modifica la expresión”, exercício que comprova a preocupação da revista com o tema da tradução enquanto qualidade literária do que se importava culturalmente.

¹⁷⁵ Uma discreta nota da direção da revista presente na carta de Darío Mesa (Nº 4, p. 292) comenta um erro de atribuição de autoria por uma nota sobre Jorge Luis Borges em que Mesa diz ser de Valencia Goelkel: “¡Perdón! La nota es de J. G. D., como, por lo demás, todas las que aparecen en MITO sin firma. N. de la D.”.

sino en relaciones de carácter entrañable, orgánico, entre el traductor y el traducido. La traducción debe ser una *necesidad*, un vínculo, una manera de existir o de formar un mundo. Por eso mismo exige límites: las afinidades, las fraternidades *de sangre*.

Concluindo com a ideia de “*necesidad*”, de “afinidades” entre “el traductor y el traducido” como a verdadeira motivação para a tradução. O texto justamente se apoia nesta noção para elogiar as versões de poemas que evidenciam maiores “fraternidades *de sangre*” entre Holguín e os respectivos autores, em detrimento daqueles em que tal identificação não era constatável.

De uma forma geral, e sem aqui almejar discurrir uma análise minuciosa sobre os perfis das inúmeras traduções publicadas pela revista, nem tampouco pretender adentrar em uma discussão em torno de teorias da tradução, mas partindo da constatação *in loco* das notas publicadas junto aos textos traduzidos, assim como dos textos publicados em versões bilíngues, percebe-se que em *Mito* as traduções não desviaram do “dilema clásico de la traducción”, mantendo-se dentro do perfil tradicional identificado por Berman (2007) como “etnocêntrico”, ou seja, aquele que considera o “estrangeiro” como algo proveitoso para ser anexado à cultura de destino aumentando assim a sua riqueza, e “hipertextual”, pois se baseia no pressuposto de que a imitação, a adaptação ou qualquer transformação formal é gerada a partir de um outro texto já existente. Berman, severo crítico dessa perspectiva da tradução, pois, segundo ele, os traços etnocêntricos e hipertextuais recobrem uma essência mais profunda, a saber, respectivamente, ética e poética, e que a atenção à “palavra” desvirtua a devida atenção à tradução “do texto enquanto letra” (ibid., p. 25), identifica ainda como princípios da tradução etnocêntrica tanto a ideia de que se deve traduzir a obra estrangeira de maneira que não se sinta a tradução, isto é, que nela não haja “estranhamentos lexicais ou sintáticos” (ibid., p. 33), como também a ideia de que se deve traduzir dando a impressão de que o autor estrangeiro assim escreveria o texto caso o tivesse feito na língua para a qual se traduz, causando “a mesma ‘impressão’ no leitor de chegada que no leitor de origem”. Sobre a tradução hipertextual, segundo ele, há um “engendramento livre, quase lúdico, a partir de um ‘original’”, encontrando-se uma “dimensão essencial da ‘literatura’”.

Assim, é possível observar que o que se sobressaiu como noção de tradução priorizada pela revista e por seus colaboradores, se por um lado não pretendeu pautar-se naquilo que entre os espanhóis ficou conhecido como “*traducción servil*” (BERMAN, ibid., p. 15), palavra por palavra, ainda que Gaitán Durán na nota acima citada use termos como “traducción literal” e “fidelidad”, ao desviar-se dessa relação manteve-se alinhada à concepção canônica ocidental

de captação de sentido (e, por consequência, de anexação); por outro lado tampouco buscou aproximar-se daquilo que na França proporcionou as chamadas “*les belles infidèles*”, traduções baseadas na transformação por vontade própria do tradutor de uma obra estrangeira, como sugeriu Zubiaurre ao identificar aquilo que chamou de “vicio máximo y frecuente de estos menesteres” que seria “el de ponerse a crear de nuevo el poema arraigándolo en suelo propio”. A suposta solução¹⁷⁶ estaria, portanto, nem na “*literalidad*”, nem na “*libertad*”, mas naquilo que foi proposto na resenha sobre o livro de Holguín como “relaciones de carácter entrañable, orgánico, entre el traductor y el traducido”, algo dificilmente verificável num caso como o de inúmeras versões, realizadas pelo menos desde quatro línguas por tantos tradutores diferentes, publicadas numa revista.

De qualquer forma, a constatação do que houve principalmente de etnocêntrico nas traduções publicadas por *Mito* nos remete àquilo que de alguma maneira foi uma das maiores críticas à revista: seu suposto excessivo estrangeirismo. Assim como a maioria das revistas literárias latino-americanas da primeira metade do século XX, sobretudo as vanguardistas, *Mito* também esteve tachada por um discurso nacionalista que servia duplamente à crítica direitista como à de origem esquerdista. Desaprovar uma publicação por demasiado “europeísta” ou “cosmopolita” ou “universalista” foi um lugar comum da crítica incomodada pelas propostas de renovação literária e cultural pretendida por uma revista, sendo que em Colômbia, outras publicações como *Los Nuevos*, *Voces* e até mesmo *Revista de las Indias*, para citarmos apenas alguns exemplos, já haviam passado por tal julgamento. Voltemos, por exemplo, à carta enviada à redação de *Mito* pelo sociólogo comunista Darío Mesa, “‘Mito’, Revista de las Clases Moribundas”, publicada na entrega de Nº 4 que citamos anteriormente, na qual ele diz:

¹⁷⁶ Hernando Valencia Goelkel (1999), no prólogo intitulado “El traductor como tahúr” que escreveu ao livro de traduções publicado por Otto de Greiff, *Versiones poéticas*, publicado em 1975, após transitar referencialmente entre diversas perspectivas que embasaram os processos de tradução ao longo da história da literatura (desde a impossibilidade da tradução poética, passando por *les belles infidèles*, pelas *imitations* inglesas, depois pelo rigor romântico de “igualdade” entre tradutor e traduzido, pela parábola da tradução realizada por Borges com “Pierre Ménard, autor del Quijote”, pelas “libertinagens” poundianas, pela ideia progressista de atualização das traduções dos clássicos conforme a época, de fidelidade ao sentido ou fidelidade à forma, pelas constatações paradoxais de Walter Benjamin, pelas soluções propostas pelos linguistas etc.), sugere como saída, no caso da poesia, a postura do tradutor como jogador: “(...) yo creo que toda persona que se lanza a traducir un poema intuye perfectamente estas cosas [as diferentes perspectivas sobre a tradução]. El doctor De Greiff las sabe, y con más abundancia, y mejor. Pero eso no es obstáculo para que, cumplidos los requisitos idiomáticos y técnicos, subsista de todos modos el elemento de jugada. La competencia, la seriedad, el esmero y, sobre todo, el saber, llegan hasta un momento determinado del juego. (...) a diferencia del poeta, el traductor no juega su juego personal. (...) No pocas veces es mucho lo que se ha comprometido, lo que se ha apostado, y en este campo resbaloso, desconocido, precario, no queda en última instancia sino aguardarlo todo de la suerte.” (ibid., p. 186).

Utilicemos las palabras de Marx y digamos que la mayor parte de los colaboradores de MITO asimila las ideas extranjeras como se asimila una lengua extraña: por la traducción; pero, por lo menos hasta ahora, ninguno de ellos se ha visto atareado en buscar en qué forma puede convertirse el pensamiento foráneo en una fuerza nacional, ni de qué manera se ve el país a la luz de una doctrina elaborada en el exterior. (...).

Sobra decir que por esta vía se va directamente al cosmopolitismo, al desdén por la nación y a la pérdida de contacto con el mundo real. (Nº 4, p. 294).

A maneira com que *Mito* e seus colaboradores procuraram lidar com tais razões não foi menos incisiva. Citemos aqui dois importantes textos publicados pela revista, o primeiro, da argentina naturalizada colombiana Marta Traba, “Problemas del arte en Latinoamérica”¹⁷⁷, no Nº 18 (fev.-mar.-abr. 1958), em que ela não poupa agudeza argumentativa para exercer seu juízo crítico a respeito do tema do nacionalismo:

La índole del nacionalismo latinoamericano, (completamente distinta de la del europeo, que es una orgullosa condición reconocedora de méritos y un soberbio desdén por el resto de la humanidad), delata también la falla moral de esta actitud extrema: el nacionalismo latinoamericano es un concepto agresivo nacido de la defensa desesperada de una causa perdida, la de la “cultura propia”. Para esto se apela a un recurso siempre efectivo: exilar del panorama artístico-literario toda comparación con obras de arte de validez universal. La palabra “universal” queda borrada bajo el término “local”: el peor enemigo del nacionalismo nuestro es la universalidad y, a fuerza de empujarla fuera del riguroso perímetro de las patrias locales, se la ha desterrado de Latinoamérica. No puede pedirse más grave principio de conformismo con la mediocridad. (p. 429).

Traba procura com esse texto apontar as diversas causas entusiastas e as segundo ela prejudiciais consequências do nacionalismo na América Latina, identificando tanto nos muralistas mexicanos encabeçados por Diego Rivera como na pintura social do equatoriano Oswaldo Guayasamín “el desastroso resultado de haber atribuído al pintor responsabilidades de reformador social y de tribuno político” (ibid., p. 431), encontrando nas obras de artistas como o uruguaio Torres García, o argentino Petorutti ou o cubano Wilfredo Lam, exemplos de “alunos” americanos que souberam aprender com os “mestres” europeus: “El día en que los latinoamericanos reconozcan que la verdadera emancipación de todo prejuicio y de todo

¹⁷⁷ Texto que ao lado de outro não menos importante, “¿Qué quiere decir “Un Arte Americano?””, publicado no Nº 6 (fev.-mar. 1956), juntos compõem um dos mais sólidos embasamentos usados pela revista contra aqueles que Traba, nesse próprio texto, identificou como “americanistas”, pertencentes “a una secta intelectual de intransigencia extrema” e cujo “nacionalismo continental es más virulento aún que cualquiera de carácter interno”. (p. 474).

secreto complejo de inferioridad está en saber ser óptimo alumno, se habrá ganado la batalla de la disciplina contra la improvisación” (ibid., p. 433).

E justamente se ocupando da discussão em torno da emancipação que o segundo texto que citamos, o de Fernando Charry Lara, “La emancipación literaria de Hispanoamérica” publicado no N° 31-32 (jul.-ago./set.-out. 1960), parece-nos interessante por encaminhar a superação do dilema nacionalismo/universalismo rumo à transcendência da “obsesión de ‘autonomía cultural’”, tomando como sugestão as palavras do espanhol Guillermo de Torre:

El crítico español Guillermo de Torre, a quien debemos también una antigua dedicación a estos problemas, recoge¹⁷⁸ las palabras de Henríquez Ureña y otras de Alfonso Reyes y Jorge Luis Borges para apoyar su opinión de que esa ansiada independencia es, en definitiva, “función de la calidad literaria”. Al cabo de una serie de inteligentes observaciones, con algunas de las cuales no podemos manifestar nuestra conformidad, concluye, igualmente, en que la liberación literaria de Hispanoamérica sólo será posible cuando los autores de ella superen su obsesión de “autonomía cultural” y primordialmente aparezcan preocupados por expresar, llegando a una escala universal de valores, su personalidad individual. (N° 31-32, p. 65-66).

Curioso como esse texto testemunha, já no início dos anos 60, a dificuldade na América hispânica de sobrepujar uma arrastada e prolongada condição de dependência cultural em relação, sobretudo, aos países europeus, e que no caso de Colômbia especificamente se mostrava ainda visível por meio de uma relação de subserviência à cultura espanhola.¹⁷⁹ As ideias de Marta Traba e de Fernando Charry Lara podem ser lidas como convergentes por proporem nova perspectiva para uma dependência a que Traba chamou de “causa perdida, la de la ‘cultura propia’”, gerada por um “complejo de inferioridad” segundo ela superável a partir do momento em que os artistas americanos assumissem suas origens europeias, racial e idiomáticamente falando, e buscassem superar os modelos do velho continente em termos de “disciplina” e não de “improvisación”, assim alcançando a tão almejada independência por meio daquilo que Charry Lara identificou – usando as palavras de um espanhol – em termos de “función de la calidad literaria”. Somadas às ideias de Rafael Gutiérrez Girardot sobre a importância do exercício da tradução, exemplar em um Jorge Zalamea, como vimos acima, seria possível constatar que o grupo de *Mito* compreendeu como fundamental cuidar do tema nacionalismo/universalismo dedicando-se aos assuntos culturais com extrema atenção à

¹⁷⁸ Refere-se ao livro de Guillermo de Torre publicado em 1959, *Claves de la Literatura Hispanoamericana*.

¹⁷⁹ Sobre os novos parâmetros baseados em condições de igualdade nas relações literárias entre o grupo de *Mito* e os escritores espanhóis, ver SANDOVAL (2006) e CAMPUZANO (2010).

qualidade – aliada ao inconformismo – do que se escrevia, sendo as traduções, portanto, instrumentos altamente estratégicos nesse sentido.

A política das traduções em *Mito* pode ser considerada como um diferencial enquanto propostas de intervenção cultural levadas a cabo por seu grupo de diretores e colaboradores, pois se nota que, à parte de um trabalho coletivo visivelmente planejado por meio das eleições de textos entendidos como fundamentais, como vimos essas traduções prezaram pelo cuidado para se manterem coerentes com um mesmo perfil característico, operando no interior de uma mesma visão ética e estética de importação cultural. É certo que a ousadia esteve mais presente pela escolha crítica dos textos do que propriamente pelo tipo homogeneizador de versões publicadas, mas o intuito de apresentação aos leitores colombianos de obras e autores significativos da “cultura universal”, realizada dentro de um rigor em termos de qualidade do que se traduzia, pode ser visto como um importante aporte à cultura do país. Tal serviço se encontrava em consonância, por assim dizer, com outras publicações latino-americanas conscientes de suas condições periféricas, pois, como demonstrou Kanzepolsky (2004, p. 153) – seguindo o raciocínio de Beatriz Sarlo – ao tratar das presenças de obras de autores estrangeiros na revista cubana *Orígenes*:

Por los objetivos que en general las rigen – ocupar un espacio que consideran vacío, “intervenir en la coyuntura”, modificar el canon, postularse como lo nuevo y necesario, como también por su carácter tentativo y efímero, las revistas literarias son probablemente uno de los agentes más importantes en esse proceso de trasladar textos de una cultura central a una cultura periférica. Traducir es, por lo tanto, una de las operaciones fundamentales de una revista periférica que sostiene un proyecto cosmopolita.

A consciência de seus responsáveis em relação a esse papel desempenhado por *Mito* dentro de um “proyecto cosmopolita”, função que, como vimos anteriormente, poderia ser identificada como pertencente ao âmbito de uma política cultural, não foi realizada em contraposição a atenções com assuntos de ordem cultural internos ao país¹⁸⁰, sendo o equilíbrio entre questões nacionais/questões estrangeiras visivelmente uma das maiores preocupações da linha editorial da revista. Algo que se poderia assimilar do tratamento dado por *Mito* a essa busca por uma equidade entre assuntos internos e externos ao país é justamente a preocupação com uma propriedade editorial que superasse aquilo que seus detratores mais facilmente nela

¹⁸⁰ Vale a pena relembrarmos o aqui já comentado pequeno texto publicado por *Mito* ao completar seu primeiro aniversário (Nº 6, fev.-mar. 1956, p. 478), por meio do qual a Redação procurou responder dentro da seção “Crítica” a acusações acerca do “europeísmo” da revista.

desaprovavam – o hipotético descuido com questões nacionais – por meio de uma lógica que priorizasse o que havia de “universal” tanto em temas nacionais como internacionais. Mesmo que esse tratamento equânime seja visível em suas edições, isso não era suficiente para satisfazer o conservadorismo de uma crítica já tradicional no país, e que, como podemos notar pelo testemunho de um escritor colombiano de uma geração posterior ao do grupo de *Mito*, Rafael Humberto Moreno-Durán (1989), estava longe de ser saciada:

Ser “europeísta” era y es ser cosmopolita y universal y, por lo mismo, ser deliberadamente traidor a los presuntos valores autóctonos. Mito fue acusada más de una vez de querer romper los valores patrios del enclaustramiento y el sopor y hoy, cuando medimos todos esos dicterios, es cuando sentimos que nuestro grado de consanguinidad con la revista es aún mayor, pues son los mismos dicterios que otras voces en los mismos ámbitos nos han endilgado a algunos escritores de las generaciones más recientes.

1.5 – Ediciones Mito

Comprovando que as críticas feitas a *Mito* acerca de suas propostas universalistas preocupavam os responsáveis pela revista, aproveitemos o seguinte comentário de Jorge Gaitán Durán (H.J.C.K., 1961) realizado na emissora de rádio H.J.C.K. de Bogotá na ocasião do aniversário de seis anos de *Mito*, para também termos uma ideia de como eles pensavam o trabalho como casa editorial de livros:

Trataremos de publicar libros sobre los problemas colombianos. Yo considero (...) que la cultura no tiene porque especializarse, es decir, no tiene porque dejarse arrastrar al dilema bizantino entre nacionalismo o universalismo. Toda cultura autenticamente nacional es universal, y viceversa. Nosotros queremos cumplir con nuestro deber de facilitarle al público colombiano obras de autores extranjeros muy importantes y a la vez cumplir con el deber de inclinarnos sobre las graves preocupaciones que tiene en estos momentos la sociedad colombiana.

Seguindo uma tradição comum a muitos casos de revistas literárias e culturais, tanto no exterior como em Colômbia mesmo (como podemos observar aqui neste estudo com os casos de *Revista de las Indias* e *Crítica*, por exemplo), *Mito* já desde seus inícios como revista demonstrava o intuito de também publicar livros¹⁸¹. Como veremos, ainda que

¹⁸¹ O primeiro anúncio de Ediciones Mito se vê na entrega de N° 5 em janeiro de 1956 publicado discretamente nas páginas de publicidade da revista.

predominantemente tenha publicado obras voltadas a questões do próprio país escritas por autores colombianos (conforme afirmou Gaitán Durán no comentário anterior), também foram editados livros sobre o Marquês de Sade, sobre Fidel Castro ou de poesia escrita pelo espanhol José Manuel Caballero Bonald, dando a impressão de que Ediciones Mito só não alcançou a publicar mais livros porque as dificuldades administrativas de um projeto tão amplo exigiam de fato um lento processo, e o tempo levado para darem saídas às obras da primeira série evidenciaram isso. Sobre tais dificuldades, também aparentemente comum aos projetos que envolvam publicações de revista e editora, afirmou Pablo Rocca (2004, p. 16-17):

La creación de una editorial suele ser un motivo frecuente de expansión pero más de quiebra financiera para la revista, cuando sus hacedores pretenden trascender hacia el aurático objeto libro, que no suele obtener, en la escala de producción artesanal, más que una limitada inserción en el mercado.

E o processo de “transcendência” ao “aurático objeto livro” começou a ocorrer a partir das páginas da própria revista. Muitos dos textos dos livros publicados tiveram sua “prova” inicialmente como pertencentes às entregas da revista, dando assim um caráter de complementaridade entre as funções do periódico literário, marcadamente testemunhais de circunstâncias temporais de um determinado momento “presente” ao número da revista, e as do livro como registro privilegiado que (supostamente) permite uma permanência mais definitiva dos textos nos anais da literatura, inclusive com um público leitor diferenciado. Acerca dessa interessante questão, agrega Roxana Patiño (2009, p. 458):

Não é estranho à história dos textos o fato de que, antes de fazer parte de um livro e se encapsular dentro de uma estética pessoal, tenha sido um texto entre outros vários dentro de uma revista, na qual a heterogeneidade estético-ideológica desafiava, página a página, a pureza de seus limites, colocando-o num campo de tensões impensável na ordenada organização livresca.

Consciente da complementaridade entre essas atividades, ainda que, como afirmou Patiño, uma revista apresente um “campo de tensões” diferenciado da organização de um livro, é possível encontrar nas páginas de *Mito* alguns textos que fizeram parte inicialmente da sintaxe da revista para depois comporem a “estética pessoal” de seus autores. Foram os seguintes os textos depois publicados nos livros de seus respectivos autores pela editora de *Mito*: “Consideración de brujas y otras gentes engañosas”, ensaio de Pedro Gómez Valderrama (publicado em duas partes: no N° 1 e N° 2); “En el reino de lo absoluto” (N° 2) e “Notas sobre

la conciencia burguesa” (Nº 3), ensaios de Hernando Téllez; “La tortuga”, texto filosófico de Andrés Holguín (Nº 6); “Almoneda”, conto de Baldomero Sanín Cano (Nº 14); “Discurso de Saint-Florent” de Sade, traduzido por Gaitán Durán (Nº 17); “Los soldados”, trecho inicial do romance de Alvaro Cepeda Samudio (Nº 22-23); além de poemas de Eduardo Cote Lamus, presentes em números diversos, como “Algo pasa bajo la lluvia” (Nº 3), “Elegía a mi padre” (Nº 8), “Meditación de otoño” (Nº 11) e “An der Gewesenheit” (Nº 22-23). Pelos autores escolhidos a partir dessa publicação prévia, nota-se que a atividade enquanto casa editorial de livros buscou, de certa forma, priorizar aqueles que já vinham demonstrando uma relação presencial ou representativa com a revista (Gómez Valderrama, Téllez, Gaitán Durán, Cote Lamus), ou haviam se aproximado como colaboradores (Holguín, Cepeda Samudio), sendo o caso de Sanín Cano um verdadeiro aporte intelectual à editora ao publicar por primeira vez as narrativas fictícias do autor, curiosamente seu último livro ainda publicado em vida.

Também se percebe que a revista usou bastante de publicidade para anunciar as edições de livros. Como dissemos, o gradual processo editorial levou certo tempo para engrenar e enquanto não saía o primeiro livro *Mito* ia anunciando em suas páginas quais seriam os livros que integrariam a 1ª série de publicações, criando assim uma expectativa em torno das obras junto ao início da campanha de pré-vendas que, como bem observou Sandoval (2006, p. 386), demonstravam também o desejo de que os livros fossem vendidos antes que saíssem da gráfica. Assim, desde o princípio de 1956 (Nº 5, entregue no mês de janeiro), a revista começou a promover as Ediciones Mito, anunciando, por exemplo, dentro do espaço publicitário da edição Nº 9 em setembro desse ano, títulos ainda provisórios de livros como os de Hernando Téllez (*Literatura y sociedad*), de Sanín Cano (*La pesantez de la belleza y otros cuentos*), de Gómez Valderrama (*Consideración de brujas y otras gentes engañosas*), de Marta Traba (*Una teoría de arte moderno*), chegando até mesmo anunciar um livro de Álvaro Mutis (*Construcción de la Torre de Babel*, poema seguido de *Reseña de los Hospitales de Ultramar*) que por fim não foi publicado¹⁸². No Nº 10, lançado em novembro, é publicado um anúncio prevendo o lançamento do livro *Literatura y sociedad* de Téllez para o dia 10 de dezembro de 1956; já em 1957, no Nº 11 (janeiro), além dos cinco títulos da 1ª série (o livro de Álvaro Mutis foi substituído pelo de Jorge Gaitán Durán, anunciado com o título *Textos escogidos del Marqués de Sade*), também foi divulgado um boleto destacável para assinatura dos livros dessa série no valor de \$18 pesos colombianos, propaganda que se repetiu na entrega seguinte de Nº 12 (número especial de fevereiro de 1957). Conforme os títulos da

¹⁸² O anúncio ainda informava que seriam reservados 100 exemplares numerados de cada título para assinantes da pré-venda, sendo a empresa Vicens, Mestre & Cía. o distribuidor exclusivo.

série foram sendo publicados entre os anos de 1957 e 1960 (o de Sanín Cano em julho de 1957, coincidindo com a publicação do conto “Almoneda” no N° 14 da revista nesse mesmo mês; o de Marta Traba em janeiro de 1958; o de Gómez Valderrama em abril de 1958; e o de Gaitán Durán somente em setembro de 1960), inúmeros anúncios também foram aparecendo divulgando-os¹⁸³, às vezes, com indicações das livrarias onde eles eram encontrados (como os que apareceram nos N° 19 e N° 33).

Com a publicação do livro de Gaitán Durán foi encerrada a 1ª série, ficando assim constituída com os seguintes títulos definitivos:

- 1 - *Literatura y sociedad – glosas precedidas de notas sobre la conciencia burguesa*, de Hernando Téllez (com ilustração de José Antonio Roda, 1ª edição de dezembro de 1956 e 2ª de fevereiro de 1957 – preço \$3,50);
- 2 - *Pesadumbre de la belleza y otros cuentos*, de Baldomero Sanín Cano (julho de 1957 – preço \$4,00);
- 3 - *El museo vacío – un ensayo sobre el arte moderno*, de Marta Traba (com 15 reproduções de pintura moderna e um retrato da autora, janeiro de 1958 – preço \$5,00);
- 4 - *Muestras del Diablo – justificadas por consideración de brujas y otras gentes engañosas*, de Pedro Gómez Valderrama (abril de 1958 – preço \$6,00);
- 5 - *Sade – textos escogidos y precedidos por un ensayo El libertino y la revolución*, de Jorge Gaitán Durán (com ilustração de Alejandro Obregón, setembro de 1960 – preço \$6,00).¹⁸⁴

Outra forma experimentada espontaneamente pela revista que acabou ajudando a chamar a atenção sobre o livro de Hernando Téllez aconteceu por meio de um caso de discordância crítica entre Eduardo Caballero Calderón e Rafael Gutiérrez Girardot que, mesmo tendo sido o único presente nas páginas da revista em sua existência, sem dúvida colaborou para a promoção do livro publicado por Ediciones Mito. A partir da leitura que Caballero Calderón (texto “Literatura y sociedad”, N° 13, mar.-abr.-maio 1957, p. 39-42) fez particularmente do capítulo que deu nome a *Literatura y sociedad*, na qual o prosista refuta a conclusão de Téllez

¹⁸³ No N° 31-32 (jul.-ago. e set.-out. 1960) uma curiosa propaganda do livro de Sade organizado por Gaitán Durán traz os seguintes dizeres: “¡El libro sobre el cual se guarda silencio!” e também “¡La primera traducción al español de las obras del Marqués de Sade!”.

¹⁸⁴ Um detalhe curioso marca a tiragem dos livros de Ediciones Mito: a maioria das edições era numerada com indicação de que haviam sido publicados 29 exemplares fora de comércio marcados com letras de A a Z, de que 100 exemplares numerados de 1 a 100 eram autografados pelo autor e reservados aos assinantes, e de que os 900 restantes eram vendidos numerados de 101 a 1000.

(1956, p. 78) de que “(...) la literatura, la verdadera, la que nace como ecuación del conflicto del hombre consigo mismo y con las circunstancias que le hacen problemática su propia vida, está destinada a languidecer y morir”, opondo-se a ela com dados estatísticos que, segundo Caballero Calderón (ibid., p. 41), comprovavam que a literatura tendia a crescer, que o que estava em crise não era a literatura mas sim a sociedade e que “El papel del escritor no es dar soluciones, en lo cual se distingue del político, del economista, del técnico. El escritor es el hombre que ve su mundo y lo refleja”, Gutiérrez Girardot, na seção “Notas” da edição Nº 17 (texto “Literatura y sociedad – a propósito de una crítica”, dez. 1957 – jan. 1958, p. 331-336) procura alinhar-se com visão cética de Téllez ao direcionar a discussão ao plano da filosofia, tratando a questão como um problema da técnica (“Sólo dentro de este horizonte cabe plantear correctamente el problema de las relaciones entre literatura y sociedad, y no desde el punto de vista de una sociología (...), o de una crítica o de una llamada filosofía social”, ibid., p. 331), embasando sua visão através de Hegel, Marx e Nietzsche, para concluir que “Nada, ni el mayor de los optimismos podrá evitar que poco a poco nos vayamos dando cuenta de la dureza del nombre que le cabe al intelectual: payaso” (ibid., p. 335). Essa “dura” conclusão de Gutiérrez Girardot, seguindo sobretudo os passos de Nietzsche (a associação entre o intelectual e o palhaço ele retira dos “Ditirambos de Dionysos”), poderia ser vista como uma premente necessidade de renovar a crítica no país por meio de uma visão menos “romântica” dos seus fenômenos culturais, mesmo que para isso fosse preciso, por assim dizer, explorar até mesmo os limites do ceticismo. Ainda que pontual dentro das publicações, esse caso ilustra uma forma de discussão e reflexão crítica sobre as obras de Ediciones Mito que poderiam muito bem terem sido levadas adiante com outros casos se a revista não tivesse acabado em 1962.

Mas o sucesso de vendas do livro de Téllez (antes mesmo da contenda Caballero Calderón / Gutiérrez Girardot o livro já tinha alcançado sua 2ª edição) contrasta com as dificuldades de saída de um livro como o de Sanín Cano, por exemplo. De acordo com Gaitán Durán (H.J.C.K., 1957a), como podemos conhecer por seu diálogo com Cote Lamus sobre Ediciones Mito levada a cabo durante programa de Radio-revista Mito, as pré-vendas não ocorriam com tanta agilidade, ao ponto dele reconhecer uma “indiferencia rara del público” em relação ao livro de Sanín Cano, assim demonstrando que o paralelo trabalho editorial entre revista e livros (“las ediciones son continuaciones de la revista”, afirma Gaitán Durán no mesmo programa) era dispendioso em todos os sentidos. Talvez por esse motivo que, ao anunciarem

os preparativos para a 2ª série de publicações¹⁸⁵, em maio de 1959, fossem elencados os nomes de Andrés Holguín e Germán Vargas como os próximos responsáveis editoriais, fato que buscava visivelmente imprimir rapidez às publicações com uma maior divisão de responsabilidades.

Assim, a partir do Nº 26 (ago.-set. 1959), começaram a ser divulgados os novos trabalhos de Ediciones Mito. Dando a entender que se tratava de uma experiência intermediária e preparatória para a 2ª série, dentro do espaço publicitário dessa edição foram anunciados os livros de poemas “fuera de serie” de Eduardo Cote Lamus, *La vida cotidiana*, e de Andrés Holguín, *Sólo existe una sangre*, ambos com indicação de que se almejava uma nova proposta editorial sob o título de Ediciones Mito de Poesía. No Nº 34 (jan.-fev. 1961), na parte posterior da capa, aparece a referência à venda de outro livro considerado como “fuera de serie”, *Los últimos días de López y cartas íntimas de tres campañas políticas (1929-1940-1958)*, obra de Alfonso López Michelsen ilustrada com fotos sobre a vida política de seu pai, o ex-presidente da república Alfonso López Pumarejo. A quase inexistência de divulgação dentro da revista dessas três obras nos leva a considerá-las como publicações transitórias à 2ª série, consideração nossa que obviamente diz respeito ao processo editorial e não à significância literária das obras. O prosseguimento da divulgação dos livros da 1ª série (principalmente na parte posterior das capas, como se pode constatar nos Nº 27-28, Nº 29, Nº 31-32, Nº 33 e Nº 35, por exemplo) sem a menor referência a tais livros “fuera de serie”, também reforçam essa consideração.

Portanto, dando continuidade às suas publicações, Ediciones Mito anunciava os seguintes livros como não pertencentes ao conjunto de publicações planejado, identificados como “fuera de serie”:

6 - *La vida cotidiana*, de Eduardo Cote Lamus (1959);¹⁸⁶

7 - *Sólo existe una sangre*, de Andrés Holguín (1959);

8 - *Los últimos días de López y cartas íntimas de tres campañas políticas (1929-1940-1958)*, de Alfonso López Michelsen (1961).

¹⁸⁵ O anúncio foi feito pelo então gerente administrativo da revista, Alberto Lozano Simonelli, na seção “Pastillas” do Nº 24 (mar.-abr.-maio 1959, p. 423).

¹⁸⁶ Como dissemos, a pouca informação a respeito desses livros dentro da revista nos impossibilitou o conhecimento dos seus preços à época dos lançamentos, assim como os meses exatos em que ocorreram.

Já no N° 35 (mar.-abr. 1961), também no mesmo espaço da capa através do anúncio do início das vendas do livro *La tortuga – símbolo del filósofo*, de Andrés Holguín, começa a ser divulgado aquele que poderia ser considerado como o primeiro livro pertencente à 2ª série de publicações. Um encarte nesta mesma entrega ainda divulga outros livros dessa série: *600 días con Fidel*, do colombiano conservador embaixador em Cuba Fulgencio Lequerica Vélez; *¿Estado fuerte o caudillo?*, livro de Mario Laserna sobre a ideologia das direitas colombianas; *Los Hampones*, ópera de Jorge Gaitán Durán com texto de sua autoria e música do maestro Luis Antonio Escobar; *Mi novela (Autobiografía de Alfonso López)*, de Hugo Latorre Cabal.¹⁸⁷

Um encarte publicado junto ao N° 36 (maio-jun. 1961) em comemoração aos seis anos da revista, agradecendo em nome do diretor e redatores da revista aos leitores, patrocinadores, colaboradores, anunciantes e amigos em geral, traz uma espécie de resumo das atividades editoriais tanto da revista como de Ediciones Mito, apontando os cinco títulos da 1ª série, apenas dois livros “fuera de serie” (*Los últimos días de López* e *La vida cotidiana*) e mencionando como pertencentes à 2ª série de livros somente os títulos *La tortuga* e *Mi novela*, não indicando os outros títulos a que nos referimos acima. Por se mostrar visivelmente apenas como um resumo de atividades, nesse encarte os seus responsáveis não se preocuparam em realizar um panorama completo ou totalizante, mas mesmo assim ele hoje contribui para nos informar, por exemplo, algo que se mostrou muito difícil de identificar em nossas pesquisas que foram as separatas publicadas ao longo das entregas da revista.¹⁸⁸ Assim, nesse encarte estão elencadas as seguintes separatas: “Amantes”, de Jorge Gaitán Durán (junto ao N° 22-23); “Tierra”, de Pedro Gómez Valderrama (junto ao N° 31-32); “Agua y viento”, de Octavio Paz (junto ao N° 27-28); “El hombre planetario”, de Jorge Carrera Andrade (junto ao N° 30); “La fuente oscura”, de Jaime García Terrés (junto ao N° 31-32); “Díptico español”, de Luis Cernuda (junto ao N° 35); “Poesías”, de Jorge Guillén (junto ao N° 33); listagem seguramente incompleta e que registros de algumas bibliotecas colombianas preferiram identificar essas separatas também como pertencentes a Ediciones Mito.

¹⁸⁷ Nesta propaganda o livro de Latorre Cabal é anunciado como de 2ª edição, sendo que não nos foi possível verificar de quando havia sido a 1ª. Também neste mesmo folheto foi divulgado o livro de Hernando Téllez, *Literatura y sociedad*, agora com novo preço de \$4,00.

¹⁸⁸ Os principais motivos dessa dificuldade se dão pela forma como os números da revista foram arquivados em hemerotecas, muitas vezes sem a preocupação de agrupar tais separatas com as respectivas entregas a que pertenciam.

Ainda que não anunciado como pertencente à 2ª série de publicações, o romance de Alvaro Cepeda Samudio, *La casa grande*, foi a última publicação que alcançou a ser anunciada na revista, justamente em sua última entrega Nº 41-42 (mar.-abr. e maio-jun. 1962), e que aqui a incluímos como pertencente a essa mesma série. Outro livro que não foi mencionado em nenhuma das entregas da revista, provavelmente por causa do seu fim abrupto e inesperado, e que devia estar no prelo naquela ocasião, foi o de Carlos Lleras Restrepo, *Crónicas y colóquios*, que aqui também o incluímos na 2ª série que, portanto, fica assim constituída:¹⁸⁹

9 - *La tortuga – símbolo del filósofo*, de Andrés Holguín (com ilustração de Enrique Grau, 1961);¹⁹⁰

10 - *Mi novela (apuntes autobiográficos de Alfonso López)*, de Hugo Latorre Cabal (com ilustração de Rendón, 1961 – preço \$12,00);

11 - *¿Estado fuerte o caudillo? – el dilema colombiano*, de Mario Laserna (1961 – preço \$11,00);

12 - *600 días con Fidel – memorias de un embajador de Colombia en La Habana*, de Fulgencio Lequerica Vélez (1961 – preço \$10,00);

13 - *Los hampones – ópera en tres actos*, de Jorge Gaitán Durán (com mostras das partituras do maestro Luis Antonio Escobar, outubro de 1961 – preço \$3,00);

14 - *La casa grande*, de Alvaro Cepeda Samudio (1962);

15 - *Crónicas y colóquios*, de Carlos Lleras Restrepo (1962).

Publicada intermediariamente aos livros da 2ª série, em 1961 Ediciones Mito lançou uma nova proposta com a chamada “Colección de Poesía Contemporánea”, assim retomando sob nova identificação editorial o perfil iniciado com os livros “fuera de serie” de Ediciones Mito de Poesía. Foram publicadas somente duas obras, divulgadas no Nº 39-40 (nov.-dez. 1961 e

¹⁸⁹ Na “tarjeta” gravada em áudio para celebrar os seis anos da revista (H.J.C.K., 1961), Jorge Gaitán Durán informa que estavam sendo planejados para serem publicados por Ediciones Mito, além do aqui referido romance de Alvaro Cepeda Samudio, também um livro sobre Nietzsche escrito por Rafael Gutiérrez Girardot e outro do poeta alemão Gottfried Benn com traduções ao espanhol de Antonio de Zubiaurre, publicações que não ocorreram por esta editora. Infelizmente nosso trabalho de identificação das obras publicadas por Ediciones Mito careceu de maiores informações por não encontrarmos estudo algum acerca desse empreendimento de *Mito*, estando os arquivos das bibliotecas que consultamos incompletos, assim como as referências de BORDA (1975) e SANDOVAL (2006), as únicas às quais tivemos acesso.

¹⁹⁰ Não foi possível identificar o preço desta edição, tampouco os dos livros de Cepeda Samudio e Lleras Restrepo.

jan.-fev. 1962)¹⁹¹ por meio de pequeno anúncio publicitário (p. 169): *El papel del coro*, promovidos como “Un testimonio poético sobre la vida española” do colaborador da revista *Mito*, o escritor espanhol José Manuel Caballero Bonald; e *Si mañana despierto*, último livro publicado em vida de Jorge Gaitán Durán com “poemas y diario sobre el amor y la muerte”. Portanto, de acordo com o que foi possível identificar em nossa pesquisa, os livros publicados por Ediciones Mito ficam assim completados:

16 - *El papel del coro*, de José Manuel Caballero Bonald (1961);¹⁹²

17 - *Si mañana despierto*, de Jorge Gaitán Durán (1961).

Vale por último ainda destacar o perfil de interesse político de pelo menos um terço das publicações (os livros de Alfonso López Michelsen, de Hugo Latorre Cabal, de Mario Laserna, de Fulgencio Lequerica Vélez e de Carlos Lleras Restrepo), onde também é possível reconhecer a busca de equilíbrio a respeito das tendências político-partidárias e ideológicas dos autores publicados. Assim, ao notório destaque dado pela editora à figura política do liberal Alfonso López Pumarejo com dois livros ocupados com sua vida e ideias, ao lado do trabalho publicado de outro liberal, Carlos Lleras Restrepo, a editora procurou balancear com obras como a do testemunho do conservador Fulgencio Lequerica Vélez sobre Fidel Castro e a Cuba revolucionária, bem como a das reflexões sobre a ideologia das direitas colombianas de Mario Laserna.

1.6 - Radio-revista Mito

É possível observar, por exemplo, quando conhecemos o caso dos “*radioamotinados*” durante o *Bogotazo* em 1948, que emissoras como a própria Radiodifusora Nacional haviam adquirido importância sociocultural e política no país graças ao seu caráter integrador de longo alcance

¹⁹¹ Nessa mesma entrega também ficamos sabendo de outro empreendimento que agregava ainda mais ao Projeto *Mito* a preocupação com um alcance comercial voltado aos afazeres e produtos culturais de maneira ampla: no espaço publicitário desse N° 39-40 é anunciado o começo do funcionamento da Librería Mito em Bogotá (Calle 17, N° 6-08), com “las mejores ediciones españolas, mexicanas, argentinas, chilenas y también todos los volúmenes de Ediciones y Revista “Mito””. Dessa forma *Mito* demonstrava suas intenções empresariais (discutidas por Sandoval, 2006) que abarcassem distintos segmentos da mesma cadeia cultural em que atuava: gráfica-revistas-livros-programas radiofônicos-livraria.

¹⁹² Tampouco foi possível conhecer os preços desses dois livros.

nas diversas regiões colombianas, em sua maioria isoladas por causa dos difíceis acessos terrestres, assim divulgando informações jornalísticas, programas culturais, anúncios publicitários que preenchiem o imaginário popular e cumpriam um significativo papel estético e ideológico. Cobo Borda (2007), a partir da opinião de Hernando Téllez Blanco, assim relata a eficácia da rádio durante os anos 50:

Como lo dijo Hernando Téllez Blanco, en un informe de 1952, la radio era “un mal necesario” para todos los colombianos. La prensa escrita, centrada en lo político y lo económico, se había quedado atrás: podía interesar a las elites preocupadas por la página social y los nuevos rostros, siempre dentro del mismo círculo, en los carros oficiales. La radio, en cambio, llevaba al oyente información, propaganda, y variado espectáculo músico-dramático. Era más heterogénea. Más próxima al pueblo: se podían pedir canciones, se participaba en concursos, se vivía vicariamente la vida de las heroínas de radionovela. Como decía Téllez Blanco: “Más de mil artistas colombianos intervienen en el espectáculo radial de cien emisoras nacionales”. Cerca de 5.000 familias colombianas viven de la radiodifusión en todo el país. “104 transmisores comerciales pagan a MinCorreos por derecho de funcionamiento \$136.360, sin contar otros gravámenes”. La radio también propalaba, con mayor rapidez, las modas, que contribuían a volver menos rígida y confesional la sociedad colombiana.

Conscientes desse enorme alcance proporcionado pela radio e provavelmente interessados na diversificação do público que até então tinha acesso à revista, em sua maioria intelectualizado, visando agora o acesso principalmente a um público mais jovem, os diretores de *Mito* juntos à emissora H.J.C.K. – *El mundo en Bogotá* iniciaram em março de 1957 um programa semanal com 30 minutos¹⁹³ chamado Radio-revista Mito, seguramente também inspirado pelo programa *La Tribune des Temps Modernes* emitido pela Radio-France no final de 1947¹⁹⁴. Primeira emissora cultural privada do país, a H.J.C.K. havia sido fundada em 1950 por Alvaro Castaño Castillo tendo como principal objetivo “levantar el nivel cultural de la radio

¹⁹³ O programa teve início com transmissões inéditas às sextas-feiras, das 20:30 às 21 horas, com repetições às segundas-feiras de manhã às 9 horas, com várias alterações em seus horários de programas inéditos e repetidos no decorrer do ano de 1957.

¹⁹⁴ *La Tribune des Temps Modernes* teve início em outubro de 1947 com emissão semanal de 25 minutos pela Radio-France. O programa tinha como principais condutores Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Maurice Merleau-Ponty, contando ainda com a colaboração de Jean Pouillon, Jean-Bertrand Pontalis e Alain Bonafé. Sendo eminentemente de caráter político, as polêmicas suscitadas (sobretudo contra o general Charles de Gaulle) levaram o programa a ser cancelado em dezembro do mesmo ano. Sobre esse caso ver: MOODY, Alys. 'Conquering the virtual public': Jean-Paul Satre's *La tribune des temps modernes* and the radio in France. In: M. Feldman, E. Tønning & H. Mead (Eds.). **Broadcasting in the Modernist Era, 1922-1962**. London: Bloomsbury, 2014.

comercial en Colombia”¹⁹⁵, tendo no decorrer dos seus anos realizado inúmeros programas e projetos importantes para a história radiofônica do país, como, no caso da literatura, a série discográfica “Colección Literaria H.J.C.K.” com gravações das vozes de muitos poetas e escritores nacionais e internacionais. Constante patrocinadora da revista *Mito* desde seu primeiro número, seu fundador Castaño Castillo (s.d.) assim descreveu sua relação com Gaitán Durán:

Jorge Gaitán Durán fue un personaje inolvidable para la Emisora HJCK. Hablábamos con él el mismo lenguaje, teníamos las mismas aficiones, admirábamos a los mismos personajes, agasajábamos todos los temas relacionados con la cultura, libramos batallas paralelas y simultáneas sobre los mismos ideales; habitábamos el territorio de la poesía.¹⁹⁶

O protagonismo cultural que tanto a revista *Mito* como a rádio H.J.C.K. haviam alcançado, aliado às afinidades acima citadas por Castaño Castillo, os levaram naturalmente a uma aproximação. No caso de *Mito*, interessante como Gaitán Durán e o grupo ligado à revista estiveram abertos a uma intuição em termos comunicativos que os fez, de certa forma, pressentir as mudanças que passariam a ocorrer principalmente a partir dos anos 60 no que se refere à utilização e à compreensão simultânea de vários meios de comunicação como expansão do alcance de público, ou, em outros termos, ao uso de *mass media*. No caso da literatura, o recurso aos meios de comunicação de massa para a sua divulgação alterou significativamente, entre outros, a relação entre autores, obras e leitores, mas, sobretudo, transformou o lugar social da leitura ao transpor os limites de acesso à informação levando-a ao maior número possível de interessados.

Conforme o *Boletín semanal de programas* de H.J.C.K. (H.J.C.K, 1957), em sua página impressa de apresentação do programa, o início da Radio-revista Mito se tratava de “una fórmula de agitación de ideas”, e que

Bajo la dirección del conocido intelectual Jorge Eliécer Ruiz y con la colaboración permanente de muy destacados escritores y críticos colombianos, la Radio-revista Mito proyecta ofrecer a los oyentes mesas redondas y debates sobre los temas ya señalados [la literatura, el teatro, la economía, la historia], teatro de cámara, orientación musical, comentarios sobre cine, entrevistas y los demás aspectos que

¹⁹⁵ Ver <http://www.hjck.com/historia/historia-de-la-hjck/20051118/nota/222158.aspx>

¹⁹⁶ Em <http://www.hjck.com/personajes/jorge-gaitan-duran-1925-1962/20120614/nota/1705838.aspx>

vaya imponiendo el cuidadoso registro de la actividad intelectual en el país y fuera de él.

Assim, o primeiro programa foi ao ar em 8 de março de 1957 sob direção de Jorge Eliécer Ruiz e Hernando Valencia Goelkel, tendo como convidados o maestro Luis Antonio Escobar executando a estreia de seus prelúdios para piano intitulados “Bambuquerías”, com comentários críticos de Hernando Caro Mendoza; Pedro Gómez Valderrama respondendo à pergunta “Por qué aceptó acusar a la novela ‘María’ (de Jorge Isaacs) en el proceso de la Televisora Nacional”; e Jorge Gaitán Durán realizando comentários sobre cinema. Informações como essas do primeiro programa foram retiradas do *Boletín semanal de programas* de H.J.C.K., levando-se em conta que pouquíssimos registros de Radio-revista Mito foram preservados.¹⁹⁷ A partir de tais boletins foi possível ainda identificar a maioria das datas em que os programas foram ao ar, dessa forma por nós contabilizados cerca de 44 programas (sem contar as repetições) entre os dias 8 de março e 31 de dezembro do ano de 1957. Também conseguimos identificar outros conteúdos de alguns poucos programas, como o do dia 22 de março em que Marta Traba comentou a segunda exposição de artes da Bienal de Veneza e que também contou com uma entrevista com o escritor Eduardo Caballero Calderón; o do dia 24 de maio em que o Teatro experimental de la Universidad de América fez a leitura do texto *Me levanto en llamas, dijo el fénix*, obra de Tennessee Williams sobre a vida de D. H. Lawrence; ou a leitura do texto “Cuento de Navidad”, de Charles Dickens, ocorrido no dia 17 de dezembro. Além disso, por esses registros ainda conseguimos saber que Jorge Eliécer Ruiz, que havia sido diretor do programa ao lado de Hernando Valencia Goelkel desde o seu começo, a partir do dia 26 de abril passa a dirigi-lo sozinho, situação que perdura até o dia 10 de setembro, quando assume o jovem intelectual Ramiro Montoya.¹⁹⁸

Mas a fonte por meio da qual é possível melhor compreender o que era a Radio-revista Mito são os poucos registros digitalizados que sobraram nos arquivos da emissora. Seguem abaixo

¹⁹⁷ De acordo com o atual responsável pelo acervo digital da emissora H.J.C.K., Luis Guillermo Aza, devido a questões de economia de material utilizado para as gravações dos programas radiais, as chamadas “cintas magnetofônicas de carretel abierto” eram usualmente reutilizadas apagando o conteúdo anterior, fato que acabou por ocasionar quase que a perda total de muitos programas da emissora, não somente os da Radio-revista Mito. Os boletins com a história das programações foram disponibilizados para consulta na própria sede da H.J.C.K. em Bogotá em agosto de 2014. Para a realização deste texto dentro da nossa pesquisa, não foi possível localizar estudo algum específico sobre a Radio-revista Mito que contribuísse com informações adicionais.

¹⁹⁸ Acerca da direção do programa, tais informações não se mostraram tão exatas no que diz respeito aos períodos em que cada um deles esteve como responsável.

breves resumos de tais arquivos, alguns apenas com pequenos trechos dos programas e de difícil identificação precisa da data em que foram ao ar por primeira vez:

1 - Jorge Gaitán Durán e Eduardo Cote Lamus discutem os propósitos de *Mito* (1957a - 14 min)

A nosso ver um dos mais importantes registros, neste diálogo os dois poetas discorrem sobre temas fundamentais como os principais objetivos da revista, da editora e do próprio programa radial. São nele tratados assuntos como os dos problemas colombianos abordados pela revista; problemas sobre a produção da revista (dificuldades de ordem material, vendas, publicidades); Gaitán Durán afirma o desejo de aproveitar a Radio-revista para fazer “autocrítica para remediar las faltas” e Cote Lamus diz que “la revista debe hacer el público que lea sus libros”; e por último ambos travam uma pequena discussão sobre a presença de poesia em *Mito*.

2 - Diálogo entre Jorge Gaitán Durán e Victor Mallarino (1957b - 3 min e 23 s)

Ficamos conhecendo o *slogan* do programa através da chamada do locutor que diz se tratar de “un programa de cultura para la juventud colombiana”; Victor Mallarino comenta a “encuesta” de poesia realizada pela Academia de Lengua, destacando seu caráter arbitrário que deixou de lado poetas como Luis Carlos López; Gaitán Durán ressalta a influência de Carlos López sobre um poeta mexicano como López Velarde (conforme lhe havia dito pessoalmente Octavio Paz) e compara sua poesia com o que Baldomero Sanín Cano fez com a prosa ao reagir contra certo romantismo na época presente na literatura do país; Mallarino ainda destaca a significância de um poeta como Germán Pardo García.

3 - Jorge Gaitán Durán comenta o livro *Pesadumbre de la belleza y otros cuentos de Baldomero Sanín Cano* (1957c. - 6 min e 11 s)

Gaitán Durán afirma que Sanín Cano “no se consideraba un contista”; lê as notas dos editores sobre a bibliografia de Sanín Cano presente no livro que contou com o apoio de Rubén Pérez Ortiz do Instituto Caro y Cuervo, comparando ao trabalho editorial de Alfonso Reyes e o Fondo de Cultura Económica; cita o texto “Almoneda” publicado pela revista *Mito* na entrega Nº 14 (jun.-jul. 1957); leitura do conto “Una hora de literatura” do livro publicado por Ediciones Mito.

4 - Diálogo entre Eduardo Cote Lamus e Ramiro Montoya (1957d - 16 min e 1 s)

Outro dos mais significativos registros, através dele ficamos conhecendo por meio do próprio Cote Lamus primeiramente algo de sua presença na Espanha como, por exemplo, suas relações com alguns importantes escritores como Dámaso Alonso e o prêmio recebido pelo livro *Salvación del recuerdo*; depois passa a falar sobre seu trabalho consular em Frankfurt durante 3 anos, período em que também organizou uma antologia de poetas hispano-americanos publicado na Alemanha; comenta a situação política no país pós-Segunda Guerra; fala sobre Gottfried Benn, Bertold Brecht e o grupo Berliner Ensemble; expõe algo de sua produção literária naquele momento (um livro de versos e outro de contos inspirado em sua infância); diz não ser partidário da “poesía pura” pois ela tem que ter relação direta com o leitor; fala sobre o êxito da poesia social de Carlos Castro; e por último afirma que iria reassumir a ajuda na direção da revista *Mito*.

5 - Jorge Gaitán Durán entrevista Ramiro Montoya (jun. 1957 - 5 min e 2 s)

Locutor informa que o programa pertence à série de reportagens com representantes destacados da juventude colombiana, como a do programa anterior que entrevistou Cecilia Ruiz, participante das jornadas estudantis de maio; Gaitán Durán apresenta Ramiro Montoya como estudante de direito da Universidad Libre que havia publicado contos na revista *Mito* e pede para que ele fale sobre sua participação nas jornadas estudantis em Medellín antes do dia 10 de maio; Montoya relata o “espíritu de lucha de la juventud antioqueña de encabezar movimiento contra la dictadura de Rojas Pinilla”, além da organização de “comités bipartidistas” e cita o exemplo da atuação de “brigadas de choque” sabotando a “Fiesta de las flores” para denunciar “los atropellos” que o governador de Antioquia, coronel Quintero Santos Piño, estava cometendo na universidade e na imprensa.

6 - Jorge Gaitán Durán entrevista o maestro Luis Antonio Escobar (7 out. 1957 - 8 min e 31 s)

Locutor explica que a obra “Bambuquerías” do maestro havia estreado no primeiro programa da Radio-revista *Mito* e que ele havia sido convidado para um festival de música latino-americana em Caracas; Escobar passa então a discorrer sobre temas como: a boa educação musical na Venezuela tanto no ensino básico como no superior; a qualidade dos grupos musicais venezuelanos como o de Antonio Estevez; a superação do primitivismo do folclore para uma etapa de base para as correntes nacionalistas; as diferentes correntes (nacionalistas, tradicionalistas etc.) das obras latino-americanas presentes no festival; sobre a organização do festival e impressões gerais sobre a Venezuela.

Além desses poucos trechos de programas, por meio de um interessante conjunto de pequenos depoimentos realizados quando da ocasião do aniversário de seis anos da revista, datados, segundo os arquivos da H.J.C.K., do dia 31 de agosto de 1961, e nomeados como “Tarjetas ‘6 años de *Mito*’”, também temos um importante registro acerca dos trabalhos do Projeto *Mito* de uma forma geral (revista, editora, programa radial), totalizando por volta de 32 minutos de gravações com as opiniões de seus principais diretores e colaboradores. Mesmo que não pertencentes ao programa Radio-revista *Mito* que, até onde conseguimos determinar, teve sua duração somente no decorrer do ano de 1957, trata-se de um importante registro sonoro das vozes de Hernando Téllez, Marta Traba, Pedro Gómez Valderrama, Alfonso López Michelsen, Andrés Holguín, Hugo Latorre Cabal, Fernando Charry Lara, Eduardo Mendoza Varela, José Manuel Caballero Bonald, Antonio de Zubiaurre e Jorge Gaitán Durán, realizando observações críticas e laudatórias que compõem uma caracterização singular por aqueles que conheciam *Mito* e suas propostas internamente.¹⁹⁹

De uma forma geral, algo que se pode concluir acerca da importância do programa Radio-revista *Mito* reside no fato de ele ter funcionado como uma extensão da publicação da revista impressa, não no sentido propriamente dito de um aprofundamento de temas específicos tratados por ela, mas naquilo que poderia ser complementar ao ter se dedicado a divulgar e debater obras e assuntos concernentes à realização cultural nacional e estrangeira, dando continuidade à mesma “fórmula de agitación de ideas” efetuada com êxito pela revista desde 1955. Ainda que, a nosso parecer, o caminho dessa complementaridade tenha sido principalmente realizado partindo das páginas impressas para as ondas radiais, sendo que o contrário não nos foi possível averiguar pelos poucos registros dos programas e que a única referência de Radio-revista *Mito* encontrada nas páginas da revista tenha ocorrido com a

¹⁹⁹ A seguir, destacamos algumas considerações: Téllez resalta a atmosfera de liberdade intelectual para que os autores dissessem o que pensavam sem limitações de doutrina ou ideologia; Traba identifica a revista como a primeira a sair da “patética zona de los esfuerzos frustrados” e a destaca por não ter “inflado falsos valores nacionales”; Gómez Valderrama aprecia Ediciones *Mito* como projeção das atividades da revista sob a mesma linha estrita de liberdade de pensamento; López Michelsen a compara com a *Nouvelle Revue Française* por seu formato, inspiração e orientação; Holguín releva o fato de que “ha tenido la ventaja la revista *Mito* de que con una evidente combatividad ideológica ha logrado unir autores, a escritores, a pensadores de muy distintas tendencias”; Latorre Cabal releva os estímulos da revista à criação artística; Charry Lara diz ser a revista um “ambiente en el que se combinan, en proporción justa, el rigor y la libertad”; Mendoza Varela também frisa o “accento de libertad inalterable, línea invariable de la revista”; Caballero Bonald agrega: “Desde el plano de la influencia intelectual, *Mito* ha sido un poco como la testificación en España de un balance de valores latinoamericanos intimamente acordes con la coyuntura histórica de nuestro tiempo”; Zubiaurre: “Hay que seguir siendo, cuando toque, piedra de escándalo”; para finalmente Gaitán Durán, além dos devidos agradecimentos como fundador, aproveitar para falar sobre projetos para Ediciones *Mito* afirmando que “Las Ediciones *Mito* han preocupado abarcar un radio muy amplio de la cultura”.

propaganda existente no nº 12 de fevereiro de 1957²⁰⁰, ou seja, antes mesmo do início do programa, inexistindo no decorrer do mesmo ano qualquer menção a ele nas outras entregas (Nº 13, 14, 15, 16 e 17), ocorre-nos ser mais preciso afirmar que o programa radial procurou seguir a mesma linha exercida pela publicação impressa no que diz respeito à liberdade de opinião e expressão artística, desde que exercida com o devido rigor intelectual.

Ademais, a integração entre revista-editora-programa de rádio exemplifica o interesse amplificador dos meios de expressão cultural (e consequentemente política) visualizado pelos responsáveis pelo Projeto *Mito* como uma forma de atuação estratégica, explorando as condições materiais favoráveis proporcionadas pelo meio sociocultural daquele momento, para atuar arrojadamente dentro de uma inscrição que remete à consciência da importância de uma política cultural. Operar através de diferentes meios de comunicação comprova o intuito abarcador das atividades culturais exercidas pelo Projeto *Mito* ao amplificar o raio de alcance de suas propostas, proporcionando assim a expansão e diversificação do público consumidor de cultura²⁰¹. Para a divulgação de seus propósitos, *Mito* soube compreender a irreversível importância dos *mass media* num momento em que seus alcances ainda se mostravam parcialmente visíveis, lidando objetivamente com suas consequências diretas a curto prazo no que diz respeito à comercialização de produtos culturais ou ao processo social de fetichização do artista e do escritor. A médio e longo prazos, como veremos no próximo capítulo deste estudo, as consequências proporcionadas pelas relações intrínsecas entre cultura, política e poder exercidas pelo grupo de *Mito* acabaram por promover marcas profundas no interior do processo de canonização na literatura colombiana.

2 - A representação política na revista

Passemos agora a analisar assuntos específicos de ordem política que foram discutidos nas páginas de *Mito* e que nos servirão, de maneira complementar à abordagem cultural realizada até aqui dentro deste capítulo dedicado à leitura interna da revista, para que tenhamos uma

²⁰⁰ O anúncio no espaço publicitário dessa entrega inclui como pertencentes ao programa a ocupação com “la música colombiana, lecturas dramáticas, debates y mesas redondas, cine”, através de “una fórmula novedosa de radiodifusión”.

²⁰¹ Como também o demonstra, no caso do programa radial, o *slogan* “un programa de cultura para la juventud colombiana”.

ideia mais clara de seus principais elementos característicos enquanto revista de cultura (e, portanto, de política) que perduraram no decorrer dos anos como seus maiores feitos.

Nosso entendimento acerca do que identificamos como “representação política” advém do conjunto de imagens proporcionadas pela compreensão, por meio das páginas da revista, do modo como ela viu a realidade em que se encontrava inserida e conseqüentemente de como isso implicou na busca da transformação dessa própria realidade. Nesse sentido, apoiamo-nos no esclarecimento de Coelho (1997, p. 213) sobre o conceito de imaginário ou representação (ver nota 25 dessa dissertação), quando afirma:

(...) o imaginário é conjunto das imagens e relações de imagens produzidas pelo homem a partir, de um lado, de formas tanto quanto possível universais e invariantes – e que derivam de sua inserção física, comportamental, no mundo – e, de outro, de formas geradas em contextos particulares historicamente determináveis. Esses dois eixos não correm paralelos mas convergem para um ponto em comum onde se dá a articulação entre um e outro e a mútua determinação de um pelo outro.

Os temas políticos a que nos dedicaremos a seguir, tanto de origem internacional quanto nacional, refletem a preocupação de *Mito* em fornecer a seus leitores elementos para a discussão e formação críticas, o que torna particularmente essencial à nossa pesquisa uma aproximação aos princípios ideológicos – enquanto totalidade das maneiras como a revista exprimiu sua consciência social – que orientaram a seus responsáveis nesse empreendimento editorial.

2.1 - Debates internacionais

2.1.1 - Antidogmatismo e a tragédia húngara

Ao mesmo tempo em que *Mito* foi incisiva com o tema da liberdade em seu discurso, principalmente durante seus números iniciais sob a coerção política do governo de Rojas Pinilla – etapa de intenso esforço editorial para superar condição de privações de opinião que culminou com a queda do próprio ditador –, a revista também fomentou de maneira perspicaz o debate em torno do antidogmatismo suscitado pelas relações de força entre os países socialistas, buscando analisar com atenção os acontecimentos que derivavam, sobretudo, do imperialismo soviético. Passemos a observar como se deu a trajetória dessa perspectiva política por meio da identificação de alguns textos e referências que a ela estiveram

relacionados, para em seguida nos atermos ao caso a que *Mito* se dedicou com maior intensidade: a Revolução de 1956 na Hungria contra o regime soviético instalado no país.

Poderíamos tomar o texto de Hernando Téllez, “En el reino de lo absoluto”, publicado já no número 2 de jun.-jul. de 1955 (p. 63-67), como uma primeira incursão a um debate que prometia ser extremamente fértil aos propósitos antidogmáticos da revista, tendo em vista as condições políticas nacionais e internacionais de então. A partir do que Téllez apontou como contraditório na ação política entre o uso de conceitos absolutos diante da ambiguidade da história (“La paradoja del político empieza en esta antigua fórmula sobre su propio destino: toda acción política es una sucesión de imprevisibles.”; “Es esta, pues, la paradoja: todas las certidumbres del político son absolutas; todas sus realizaciones son relativas.”, *Mito*, Nº 2, p. 63), o texto é certo tanto no alvo interior quanto no exterior ao país: “¿Un comunista de 1905 o uno de 1915, podría garantizar hoy la validez de sus previsiones históricas y ‘absolutas’?”, ou ainda: “De ahí que el político, y en mucho mayor grado, el dictador, ‘elimine’ metafísicamente la ambigüedad de la historia, para poder avanzar, desembarazado, a través de ella.” (idem, p. 64). Mesmo tratando de forma abstrata e conceitual sem se referir a casos específicos dos contextos políticos do momento, essa primeira participação de Hernando Téllez em *Mito* foi, como veremos, bastante eficaz ao indicar um caminho profícuo à revista tratando dessa questão.

É possível notar no texto de Téllez alguma influência das ideias de Merleau-Ponty (principalmente no que diz respeito à ambiguidade da história) recém-publicadas no livro *Las aventuras de la dialéctica*, em que o autor francês distancia-se de Sartre e acaba por proporcionar a dissolução do triunvirato que incluía Simone de Beauvoir por trás da revista *Les Temps Modernes*²⁰². O livro foi resenhado por Hernando Valencia Goelkel na entrega de número 4 (p. 263-265) e assim podemos ter conhecimento do pensamento de Merleau-Ponty em relação ao marxismo após seu exame crítico de interpretações do materialismo dialético como as de Max Weber, Georg Lukács, León Trotsky e Jean-Paul Sartre. Segundo Valencia Goelkel, Merleau-Ponty aponta que “La interpretación ingenua y cientifista del materialismo de Marx ha conducido a considerar el ámbito de la interpretación social como una *segunda*

²⁰² O caso foi comentado também pela redação em *Mito* número 2 (p. 124) dentro da seção “Vida Cultural”, através da nota “Polémicas en Francia”. Um dos pontos cruciais do rompimento Sartre-Merleau-Ponty, como diz a nota, foi o fato de Sartre ter defendido em seus artigos reunidos sob o título de *Comunistas y la Paz* a necessidade da esquerda francesa apoiar o partido comunista do país, segundo ele o que mais oferecia possibilidades de ação proletária, após o fracasso do partido de esquerda não comunista, o R.D.R., fundado em 1949. A nota ainda cita trecho do livro de Merleau-Ponty em resposta à proposta de Sartre: “La debilidad en la posición de Sartre es que es una solución para quien vive en el mundo capitalista, no para quien vive en el mundo comunista...” (apud *MITO*, Nº 2, p. 124).

naturaleza y a tratarlo, en consecuencia, según *critérios de eficacia*, y no según *criterios de sentido*.” (*Mito*, Nº 4, p. 264, destaques do autor), e que

Indica Merleau-Ponty cómo todos los intentos de continuación racional del pensamiento marxista se han estrellado contra el hermético muro del criterio oficial soviético y de la disciplina monolítica de los partidos comunistas nacionales, y llega a concluir que la dialéctica es, para los comunistas, apenas una coartada o una mistificación. (ibidem, p. 263-264).

Mas a resposta na revista por parte da esquerda marxista colombiana ao texto de Hernando Téllez e, de certa forma, ao próprio livro de Merleau-Ponty, viria com a carta de Darío Mesa, “‘Mito’, Revista de las Clases Moribundas” (*MITO*, Nº 4, p. 281-297), também na mesma entrega onde estava resenhado o livro do francês. Esta carta, à qual voltamos para nos referir bastante no decorrer de nossas observações sobre o discurso político da revista, uma vez que ela nos serve como “contraponto” ideológico interno à própria revista, é bastante direta enquanto resposta aos argumentos de Téllez, sobretudo no que se refere à oposição “verdad absoluta” *versus* “verdad relativa”:

El marxismo está vivo e intacto, tan vivo y tan intacto que hasta tesis como la concerniente a la verdad absoluta y la verdad relativa – problema que preocupa obsesionadamente a Téllez –, tan criticada por el idealismo moderno, permanece incommovible como la formuló Engels: la verdad absoluta se compone de verdades relativas. Así sostuvo Lenin, y así la había planteado Hegel en el terreno del idealismo: la dialéctica – decía el gran filósofo alemán – comprende el elemento del relativismo, de la negación, del escepticismo, pero no se reduce al relativismo. (ibidem, p. 289).

A saída dialética de Mesa citando Engels é apenas um exemplo claro que demonstra o quanto o sociólogo colombiano, assumindo-se como defensor do marxismo no país, havia ficado incomodado com as críticas que *Mito* vinha começando a acumular relacionando marxismo, comunismo e dogmatismo em seus primeiros números.

Essa trajetória de discussão político-ideológica iniciada pela revista foi alimentada também através de textos que, ao se referirem a questões artísticas, literárias ou originárias de alguma reflexão política delas derivadas, não deixavam de trazer significativos aportes à polêmica. Assim, poderíamos nela incluir trechos de uma interessante nota de Antonio Gramsci intitulada “Literatura funcional” (pertencente a seus *Cuadernos de la cárcel*), publicada em *Mito*, Nº 6, p. 408, em que o marxista italiano, ainda que num contexto ligado especificamente ao uso do “racionalismo” aplicado às artes, à arquitetura e à literatura, comentou um aspecto social e político também crucial em termos ideológicos:

¡Habría que ver si la coerción no ha existido siempre! Porque se ejerce inconscientemente en el ambiente, y por los individuos, y no por el estado o por un poder central, deja de ser coerción? (...). La coerción es tal, sólo para quien no acepta, no para quien la acepta. Si la coerción se desarrolla según el desenvolvimiento de las fuerzas sociales, no es coerción, sino “revelación” de verdad o de necesidad cultural, obtenida de modo acelerado.

Mesmo aqui se referindo à ideia de coerção social como “simplemente un terreno de selección de los artistas, nada más”, pareceu-nos oportuno mencioná-la, já que se refere a um dos pontos que poderia ser questionado por antimarxistas em relação à possibilidade da existência de limites tênues entre funcionalismo e dogmatismo. Ainda nesse sentido, também vemos como pertinentes os comentários de Jorge Gaitán Durán sobre a literatura russa e o realismo social no número 7 (abr.-maio 1956) da revista, com a divulgação em suas páginas de trechos do seu diário de viagem pela antiga URSS e pela China no segundo semestre de 1952²⁰³. Afirmava Gaitán Durán, por exemplo, sobre o problema de Dostoiévski ser mantido na penumbra dentro da literatura russa (*MITO*, Nº 7, p. 4):

La confusión entre realismo y propaganda está – a mi juicio – en el centro del problema, e implica, más que una imposición exterior a la creación, la resignación religiosa del escritor o del artista. La incapacidad del intelectual de asumir su libertad expresiva e interpretar **la existencia real** de su pueblo, parece llevarlo a la desoladora escogencia entre la fe y la mala fe. Miserablemente ha alienado la esplendorosa posibilidad de influir en la historia. Dentro de esta servidumbre, el realismo socialista es en última instancia un idealismo: no presenta las cosas como **son**, sino como los intelectuales aceptan que **deben ser**. [grifos do autor].

O uso de termos ligados à religião (“resignación religiosa”, “fe”, “mala fe”) para tratar de assuntos concernentes ao dogmatismo, de evidente associabilidade e bastante presentes nesse diário, também o seria no próximo número de *Mito* (Nº 8, p. 124-125) quando, dentro da seção “Circunstancias”, a redação publicou em seu nome a pequena nota “Conocimiento versus creencia”. A nota tratava da questão da “desestalinización” como um movimento em plena ocorrência em todo o mundo e apontava os abismos criados nos últimos anos entre o “*comunismo-religión*” e o “*marxismo-ciencia*”. Tais exemplos anteriores demonstram como a discussão atravessava os mais diversos temas e áreas culturais ocupados pela revista.

²⁰³ Curiosamente os trechos do diário iniciavam com uma nota datada de 1956 onde ele dizia sobre os apontamentos que passavam a ser publicados: “Ojalá sirvan a lo menos de respuesta a los reaccionarios que me llaman comunista y a los comunistas que me llaman reaccionario. Apenas son el testimonio, probablemente ineficaz, de un hombre que pretende ser libre” (*MITO*, Nº 7, p. 1).

Prosseguindo nessa linha, em novembro de 1956, *Mito* publicou em seu número 10 uma nota sob o título de “‘Mito’ y la tragedia húngara”, assinada por Jorge Gaitán Durán, Pedro Gómez Valderrama e Hernando Valencia Goelkel, onde reprovavam veementemente a intervenção armada soviética na chamada Revolução Húngara de 1956²⁰⁴:

Hemos defendido, como hombres y escritores, las libertades democráticas, así como el derecho de los pueblos a la autodeterminación y las relaciones pacíficas, iguales y libres entre las naciones. (...). Nos desmentiríamos y contradeciríamos si no reprobáramos con toda energía – como ahora lo hacemos – la intervención soviética en Hungría, la cual desvirtúa gravemente la idea de un socialismo que sea a la vez acción y ética, pasión y verdad. (*MITO*, Nº10, p. 233).

Como vemos nas palavras acima, os responsáveis pela revista procuravam manter uma coerência política em sua linha editorial ocupada em reivindicar e prezar pela liberdade humana, em oposição a qualquer tipo de repressão ou privação à democracia. Como também se pode extrair do teor reivindicativo da nota, seus autores não escondiam certo “romantismo” em torno da ideia de socialismo, comum à época, quando o sentido utópico de uma doutrina política baseada na coletivização social tinha alcances generalizantes. Tinha assim início uma verdadeira campanha nas páginas da revista em apoio ao povo húngaro que renderia outros interessantes pronunciamentos.

Por exemplo, na entrega de número 14 (jun.-jul.1957), *Mito* publicou dentro da seção “Testimonios” o texto “La confesión de un emigrado húngaro”, de autoria de Ferenc Vajta, refugiado que vivia em Bogotá. Assumidamente anticomunista, o ex-Cônsul em sua “confissão” fazia uma contextualização prévia aos acontecimentos de outubro de 1956 a partir de suas próprias experiências políticas, sendo bastante reiterativo no fato de que “(...) la revolución estalló dentro de una atmósfera comunista y fue dirigida por los comunistas (...) contra el comunismo mismo” (*MITO*, Nº 14, p. 144), esclarecendo que ela havia sido liderada

²⁰⁴ Quando no dia 23 de outubro de 1956 tiveram início as manifestações populares na Hungria exigindo o fim da ocupação soviética começada após a Segunda Guerra Mundial, o país vinha de um acúmulo de dificuldades econômicas e sociais sob um dos regimes mais autoritários da Europa. As manifestações lograram, num primeiro momento, que o Partido Comunista Húngaro substituisse o governo repressor tornando o reformista Imre Nagy primeiro-ministro do país. Nagy anunciou mudanças que iam desde a instalação do multipartidarismo até a extinção da polícia política, em busca de um socialismo que prezasse as liberdades e melhores condições de vida para os húngaros. Após a derrota, a URSS decidiu num primeiro momento retirar as tropas da Hungria, mas no dia 3 de novembro, Budapeste amanheceu cercada por tanques soviéticos que deram início a um massacre que deixou dezenas de milhares de mortos, retomando assim o poder e provocando a posterior fuga de inúmeros húngaros, além de iniciar processos políticos que levaram a mortes por enforcamento. Imre Nagy acabaria sendo morto em 1958.

por uma geração jovem que “(...) creció y se maduró por el marxismo, y por lo tanto sólo puede rechazar o aceptar éste” (ibidem, p. 145). Vajta ainda é pontual em sua avaliação da interferência soviética na cultura do país (id.):

En donde fracasó más el comunismo, fue en sus teorías de educación psicológica, en la tentativa gigantesca de imponer las características del “homo sovieticus” a los 120 millones de hombres de Europa Oriental y Central. La tentativa de fabricar un solo tipo de hombre era tanto más errada, porque Moscú ensayó con toda la rigidez del stalinismo imponer justamente el comportamiento psico-social del hombre ruso.

Uma próxima manifestação se deu na entrega de número 16 (*MITO*, Nº 16, p. 300), quando a revista publicou uma nota (“¿Revolución o burocracia?”) dentro da seção “Actuales”, datada de 19 de novembro de 1957, assinada dessa vez por Jorge Gaitán Durán, Eduardo Cote Lamus e Hernando Valencia Goelkel e dirigida ao sr. Janos Kadar, presidente do Conselho de Ministros da República Popular da Hungria, protestando “enérgicamente contra la absurda e inicua condena a prisión del escritor Tibor Déry y de sus compañeros, la cual compromete gravemente la causa de la democracia y del socialismo”.

Mas a maior demonstração de indignação com os acontecimentos na Hungria veio com a pesquisa de opinião realizada pela revista com políticos e intelectuais de diferentes orientações ideológicas após a morte de Imre Nagy em 1958. Publicada no número 19 de maio-junho de 1958 (p. 77-81), *Mito* solicitou a Bernardo Ramírez (conservador), Mario Latorre (liberal), Jorge Gaitán Durán (“independente”), Gerardo Molina (socialista) e Darío Mesa (extrema esquerda) que comentassem a execução do ex-líder da Revolução Húngara de 1956 pelo governo totalitário. Vejamos a seguir alguns comentários:

Una de las conclusiones que se pueden sacar de estos sucesos, es la de que aún no se ha podido hallar la manera de establecer relaciones verdaderamente socialistas entre Estados socialistas. (...). (“Un crimen y una equivocación”, Gerardo Molina, *MITO*, Nº 19, p. 77).

Lo que uno puede comprobar es que, si la clase obrera y sus aliados recurren a la violencia, lo hacen por imposición de la violencia previamente desatada por sus enemigos. Aún más: la violencia revolucionaria restringe la actividad violenta de la reacción. El pueblo colombiano tiene experiencia suficiente para comprender este asunto. (“La ejecución de Imre Nagy”, Darío Mesa, ibidem, p. 78).

Se trata de la marcha de un sistema [o comunismo] más brutal pero menos hipócrita e inconsecuente que aquellos en donde los dirigentes toleran (diciéndose enemigos

doctrinarios de su presencia) las infamias de Little Rock²⁰⁵, las torturas de Argelia o el sacrificio de seres humanos en plazas de toros²⁰⁶. (¿Quién acusa a quien?, Bernardo Ramírez, *ibid.*, p. 80).

Después de la muerte de Stalin se anunció una liberalización del régimen. Se afirmó que por la configuración de Rusia, ese hecho era un imperativo. Desde el punto de vista político esas ejecuciones serían, entonces, un regreso. (...). Estarían necesariamente dentro del sistema. No dentro del sistema comunista; con él no tienen nada que ver. Dentro del absolutismo, de cualquier absolutismo, antiguo o moderno. (“El sistema”, Mario Latorre, *ibid.*).

La dictadura del proletariado ha desembocado en una burocracia terrorista y fetichista. El ideal de la sociedad sin clases ha sido reemplazado por la razón de Estado. (“Miseria de una filosofía”, Jorge Gaitán Durán, *ibid.*, p. 81).

De um modo geral, e cada um à sua maneira, as opiniões desses colombianos reconheciam os acontecimentos húngaros como trágicos, sobretudo pelo que havia de idealização por trás do socialismo e que aquele episódio vinha a contribuir com o seu desmoronamento. Desses comentários, que foram desde um mais ponderado como o de Gerardo Molina, passando pelo ceticismo de Mario Latorre ou até pela crítica mais incisiva de Gaitán Durán, chamou-nos atenção a posição do conservador Bernardo Ramírez ao procurar não acusar hipocritamente o que se passava no “mundo comunista” sem diferenciar seus acontecimentos trágicos das “infamias”, “torturas” e “sacrifício” apontados nos exemplos por ele citados. Por último, o pragmatismo de Darío Mesa no mais extenso dos textos publicados se mostrou coerente com sua posição de marxista, aceitando a “revolución en su totalidad” (*ibid.*) e suas consequências como a própria violência revolucionária: “El pueblo colombiano tiene experiencia suficiente para comprender este asunto”.

Além dessa ocupação da revista com o tema da tragédia húngara, é preciso esclarecer que *Mito* aprofundou cada vez mais a discussão sobre as consequências do dogmatismo stalinista ao marxismo, seguindo uma tendência internacional, mesmo após a queda do governo ditatorial colombiano em 1957.

Exemplo fundamental nesse sentido foi a publicação no número 20, em agosto de 1958, do importante texto do húngaro Georg Lukács (amigo de Imre Nagy), resultante de sua conferência “La lucha entre la reacción y el progreso en la cultura actual” em 28 de junho de

²⁰⁵ Refere-se aos distúrbios ocasionados nesta cidade norte-americana em 1957 devido à implantação da lei que assegurava o fim da segregação racial nas escolas.

²⁰⁶ Mais adiante comentaremos este cruel episódio ocorrido em 5 de fevereiro de 1956 em Bogotá. Ver item 2.2.4 deste capítulo.

1956 (portanto, dias antes da Revolução Húngara) na Academia Política do Partido dos Trabalhadores, em Budapeste. Dedicado em boa parte a analisar os desdobramentos do recrudescimento dos contrastes da política stalinista, o texto de Lukács evidentemente adquiriu um significado ainda maior por seu tom de advertência diante do sectarismo imperante (*MITO*, Nº 20, p. 101):

Ya es bastante claro a donde nos lleva en las competiciones internacionales y naturalmente también en las batallas en nuestro mismo terreno, esa deformación y esa restricción dogmáticas del materialismo dialéctico que fue impuesta en los últimos decenios, bajo el pretexto de la conciencia partidista.

Também interessante a sua conclusão de que na oposição capitalismo *versus* socialismo, a burguesia vinha se utilizando das situações de fragilidade provocadas pelo dogmatismo e sectarismo, como manobras de combate ao socialismo, agregando que

(...) esos camaradas que persisten en el dogmatismo staliniano están ayudando, involuntaria pero objetivamente a la burguesía, ayuda que se confirma en la opinión difundida de que la dictadura del proletariado es incompatible con la democracia, con la libertad, con la legalidad, de que el marxismo es una colección de dogmas, de que sobre la base de la ideología socialista, no es posible desarrollar ninguna ciencia ni ninguna arte, etc. (ibidem, p. 105).

Antes do texto de Lukács, outro exemplo bastante representativo das atenções de *Mito* à crise do marxismo já havia se dado com a publicação do texto de Henri Lefebvre, “El marxismo y el pensamiento frances”, no Nº 15 (ago.-set. 1957), escrito originalmente para a revista polonesa *Tworczosc* e depois publicado na França em *Les Temps Modernes* (Nº 137-138). Com o intuito de traçar um vasto panorama da situação do pensamento marxista no país, o texto procurou mostrar, como disse o próprio Lefebvre, “que el filósofo marxista difiere del hombre de Estado Marxista” e que “El marxismo se desarrolla contradictoriamente (lo que no puede asombrar sino al que no sea marxista).” (*MITO*, Nº 15, p. 164). Sem querermos adentrar com maior detalhamento no extenso ensaio, interessa-nos destacar que, baseado na oposição entre “campos” de ideologia marxista e de ideologia burguesa, o autor parte da crítica à radicalização stalinista como geradora de uma série de contradições que levou a uma séria crise dentro do marxismo francês. Citemos esta passagem do texto apenas para exemplificar o teor da crítica de Lefebvre ao stalinismo (ibidem, p. 178):

El pensamiento marxista, convertido en ideología de estado, e ideología del estado – de un estado determinado – se transformaba en un órgano de publicidad política:

publicidad de éxitos y disimulación de fracasos. La razón de estado y la mentira oficial dirigían el saber, lo utilizaban, se justificaban por su medio.

A insistência de *Mito* em “desmistificar” o marxismo através de sua intensa atenção ao revisionismo que se passava entre os marxistas diante da radicalização stalinista, era evidente, conciliava-se com a tendência ideológica liberal da revista, sobretudo no que diz respeito à premissa da liberdade do indivíduo como fundamento inquestionável ao ser humano, algo a que nos dedicaremos mais adiante (ver item 2.2.4 deste capítulo). Seguindo essa perspectiva, citemos ainda outros textos publicados que poderiam a ela contribuir: a resenha de Carlos Rincón do livro *Marxismo y Catolicismo – Conversaciones con un sacerdote colombiano*, de Rafael Maldonado Piedrahita, que entrevistou neste livro o futuro padre guerrilheiro Camilo Torres (*MITO*, Nº 15, p. 190-191); a resenha de Francisco Posada Díaz do livro *Psicoanálisis de la sociedad contemporánea*, de Erich Fromm (*MITO*, Nº 17, p. 336-342); e a análise de Jorge Gaitán Durán do filme russo *El cuarenta y uno*, de Grigori Tchukhrai (*MITO*, Nº 17, p. 379)²⁰⁷.

Por outro lado, vale também destacar que a revista procurou ser crítica a manifestações de anticomunismo em Colômbia, como atestam casos da polêmica em torno da perseguição sofrida por Gerardo Molina na Universidad Libre, comentados em textos como a nota da redação dentro da seção “Circunstancias”, “La revista ‘Prometeo’ y el caso del doctor Gerardo Molina” (*MITO*, Nº 9, p. 181); e o artigo do próprio Molina, “El conflicto de la Universidad Libre”, publicado na seção “Problemas colombianos” (*MITO*, Nº 10, p. 270-275); assim como a publicação da reprodução de um cartaz, intitulado pela redação da revista como “El ridículo no mata” dentro da seção “Actuales” (*MITO*, Nº 18, p. 499), encontrado nas ruas de Bogotá com dizeres contra “comunistas disfrazados de liberales!”, contra a Frente Civil e a religião católica. Mesmo que em poucas ocasiões, tais manifestações de *Mito* contra a intolerância ideológica anticomunista (ou até mesmo anticatólica) procurava seguir a mesma linha antidogmática dedicada à discussão em torno do marxismo, buscando, assim, manter a coerência discursiva lançada desde o editorial de sua primeira entrega.

²⁰⁷ Textos que foram dedicados à discussão sobre o marxismo, como os de Rafael Gutiérrez Girardot, “Marx y la filosofía” e “Sobre la Estética de Hegel”, publicados sob o título de “Marginalia” (*MITO*, Nº 20, p. 107-115) e o de Rodolfo Mondolfo, “Marx y Mazzini (Voluntarismo y Pedagogía de la Acción)” (*MITO*, Nº 29, p. 273-279), procuraram realizar análises sem propriamente abordarem o tema do dogmatismo.

2.1.2 – Atenção à Revolução Cubana

Mito havia dedicado pouca atenção a Cuba antes da chegada ao poder do Movimento 26 de Julho em 1 de janeiro de 1959. No que diz respeito à literatura desse país, somente em duas ocasiões tinha publicado referências indiretas através de resenhas: uma tradução do texto de Alain Bosquet sobre o romance *Los pasos perdidos* e a vida de seu autor, Alejo Carpentier (Nº 7, p. 66-69); e uma breve resenha de Pedro Gómez Valderrama do livro de Virgilio Piñera, *Cuentos fríos* (Nº 13, p. 44). Além delas, mesmo depois de 1959, a resenha que Fernando Charry Lara fez sobre o livro de Cintio Vitier, *Lo cubano en la poesía*, (Nº 26, p. 161-162), nada menciona sobre questões políticas.

Mas na entrega de número 29 de março-abril de 1960, uma pequena nota²⁰⁸ incluída na seção “Actuales” sob o título de “Castro o el diablo” trazia uma primeira referência aos acontecimentos políticos cubanos, curiosamente questionando o que havia de restrição à liberdade de expressão em um dos atos revolucionários de Fidel Castro (*MITO*, Nº 29, p. 299):

Nadie discute la conveniencia de criticar constructivamente a la revolución cubana, de demostrarle a Fidel Castro y a sus colaboradores, de cuya integridad y de cuya capacidad no dudamos, el perjuicio que le causan a su movimiento actos tan inútiles como la clausura de los diarios de oposición, aunque el “Diario de la Marina” sea uno de los más reaccionarios en la historia de América Latina. Además, por principio, no podemos aceptar ningún atropello contra la libertad de expresión. Sin embargo, parece difícil negar que la revolución cubana es una de las experiencias más interesantes que se han hecho en nuestro continente; y merece que, para atacarla o defenderla, la estudiemos con honestidad y detenimiento.

E foi justamente isso que *Mito* passou a fazer a partir dos próximos números, ocupando-se por informar os colombianos sobre o que estava acontecendo em Cuba após a revolução. Como veremos, ainda que a quase totalidade dos textos publicados sobre o assunto não tenham sido escritos por autores cubanos, fato que poderia ser tomado como um ponto negativo ao propósito da revista, mesmo assim o intuito informativo era bastante válido tendo em vista a deturpação das notícias que circulavam pela maior parte da imprensa colombiana e internacional.

Um interessante primeiro relato divulgado se deu com a experiência vivida pelo roteirista do cinema neorrealista italiano, Cesare Zavattini, chamado a Cuba pelo então recém-criado

²⁰⁸ Não assinada, o que nos leva a associá-la à autoria de Jorge Gaitán Durán, como vimos anteriormente.

Instituto Cubano del Arte y de la Industria Cinematográficos (ICAIC) para administrar oficinas de elaboração de roteiros e produzir um com seus alunos sobre a Revolução cubana. Às impressões de Zavattini, honestas e sensíveis, publicadas em forma de diário de sua passagem pela ilha sob o título de “Lo viejo y lo nuevo”, somam-se descrições dos eventos dos quais ele ia sendo testemunha, anotações derivadas de estudos sobre os acontecimentos históricos, assim como reflexões em muito simpatizantes com o que via e analisava (“En la conversaciones [los cineastas] (...) se muestran seguros de encontrar la poesía en la cólera y en el bucear en su misma fe política”; “La Revolución es más grande que la estructura que tiene Cuba para realizarla”, *MITO*, Nº 33, p. 141). Seu olhar testemunhal é inevitavelmente poético (ibidem, p. 143):

No conozco una palabra capaz de elevar al mismo tiempo árboles y polen; nubes y piedras; individuos y pueblo; hagan diarios, autobiografías, registren los más capilares movimientos del alma (si esto es en la literatura, también lo debe ser en el cine), pero reconozcan que es la Revolución la que les da este impulso.

Obviamente que nem tudo era poesia, e os responsáveis pela revista sabiam muito bem disso, principalmente Gaitán Durán, quem visivelmente era o mais empenhado em divulgar o processo revolucionário cubano desde diferentes abordagens e perspectivas. Um exemplo se deu com o texto “Información sobre Cuba” (*MITO*, Nº 35, p. 302-304, seção “Actuales”), espécie de colagem de trechos informativos recortados de várias fontes jornalísticas presentes na imprensa nacional e internacional no mês de abril de 1961, que respondiam de alguma forma à questão lançada pelo próprio Gaitán Durán sobre os motivos de o fenômeno cubano despertar tanto interesse internacional. São citações que vão desde opiniões demonstrando compreensão das causas revolucionárias, como as de Michel Bosquet e Jean-Paul Sartre por meio do jornal *L' Express*, ou a de Claude Bourdet pelo *France-Observateur*, baseadas principalmente na identificação da condição de subdesenvolvimento e dominação econômica estrangeira; também de relatos como o do semanário conservador norte-americano *Time*, ocupado em narrar e descrever criticamente o jogo político interno aos Estados Unidos, responsável direto pelo êxito dos revolucionários cubanos na invasão da Baía dos Porcos (“Temeroso [Kennedy] de que si los Estados Unidos ayudaban abiertamente la invasión se volverían contra ellos los latinoamericanos, los asiáticos y los africanos, el presidente vetó la protección aérea y el apoyo logístico”, ibidem, p. 302) e destacando o grande fracasso político e militar do país advindos de sua postura contrária mas hesitante; até opiniões como a do jornal *La Tribune des Nations*, apontando o que de consequências poderiam ocorrer nas

relações entre EUA e URSS. A propósito dessa questão do envolvimento dos soviéticos, Gaitán Durán mostrou como a imprensa colombiana estava mal informada e explicitamente direcionada contra os países comunistas ao ponto de publicar informações equivocadas sobre o conflito da Baía dos Porcos, como o comprovaram *El Espectador* em 22 abril 1961 (“Se probó, sin duda alguna, que se trataba de un movimiento exclusivamente cubano, sin intervención de los Estados Unidos”, *ibid.*, p. 304) e *El Tiempo* em 23 abril 1961 (“Ladinamente el régimen de Castro brega por acusar a los Estados Unidos de la internacionalización de un conflicto que solo él ha querido internacionalizar al afiliarse al bloque soviético y al menospreciar a los demás países del continente”, *ibid.*).

Ainda seguindo esse intuito informativo, no próximo número, o de 36 (maio-jun. 1961), *Mito* publicou um longo artigo publicado pelo jornal inglês *The Economist* (datado de 22 de abril de 1961, e não assinado) chamado “El futuro de Latinoamérica”. O texto procurava traçar um vasto panorama histórico sobre o continente latino-americano desde a chegada dos europeus no século XVI, sem deixar de ser crítico com os próprios europeus pela subestimação e arrogância com que eles sempre se relacionaram com o novo mundo. Evidentemente pensado para analisar o processo cubano, depois das observações mais generalizantes dedicadas aos países do continente, esse texto chega à sua última parte com o item identificado como “Los límites del Cubanismo”, onde são analisados alguns aspectos das mudanças lideradas por Fidel Castro e seus possíveis reflexos nos países vizinhos (*MITO*, Nº 36, p. 388):

Para los latinoamericanos, que tratan de descubrir qué les tiene reservado el futuro, es imposible ignorar las lecciones de Cuba. Ello no solamente a causa de que algunos de los cambios logrados por la revolución cubana (aunque no todos ellos) francamente ejercen atracción sobre una gran cantidad de gente, hasta el occidente y el sur; también, a causa de la violenta reacción de los Estados Unidos, dichos cambios le han mostrado a los otros países al sur del Río Grande cómo su gran vecino no los dejará ir tan lejos como Cuba en su búsqueda de crecimiento económico y autosuficiencia nacional.

A partir dessa constatação, que inclusive justifica o panorama histórico anterior, o texto passa a discutir três pontos cruciais para os Estados Unidos e a forma como o país irá lidar com eles: o da reforma agrária, cujas técnicas cubanas de divisão das terras entre grupos de camponeses sob a tutela e direção estatal estavam se mostrando eficientes (“Ninguna es manifiestamente una violación de las libertades occidentales. El señor Kennedy debería decir si está o no dispuesto a aceptar semejantes medidas como ‘auténticamente americanas’”, *ibidem*, p. 390); o da intervenção do governo na economia através de investimentos, manipulação dos preços e expropriação dos lucros da indústria privada (“La decisión que el

señor Kennedy tiene que tomar no es la de si puede detener este acontecimiento totalmente, sino la de si puede o no mantenerlo dentro de límites aceptables.”, *ibid.*); e, por último, o das relações comerciais com países comunistas (“Es claramente un error que una nación deje que su economía se haga tan dependiente de cualquier socio comercial, como para que quede éste en posición de romperla.”, *ibid.*). Acerca da repercussão das transformações cubanas no resto do continente, o texto conclui de maneira um tanto cética (*ibid.*, p. 392):

Las circunstancias inmediatas que hicieron posible la revolución cubana, y relativamente rápida, fueron la compactación del país, un ejército débil y grotescamente corrompido, un magnético líder revolucionario y un pueblo aburrido con una dictadura inusualmente cruel. Por sobre esto, está el hecho de que Cuba mucho más que cualquiera de las otras repúblicas, dependía de un solo cultivo, producido en su mayor parte por propietarios ausentistas extranjeros. En ninguna parte de Latinoamérica se encuentra esta combinación de condiciones. Todos los signos indican que la revolución, si viene, será una dolorosa y obstinada contienda que dejará profundas heridas (...).

Como já nos referimos anteriormente (ver item 1.2 deste capítulo), a revista dedicou a entrega de número 37-38 (jul.-ago. e set.-out. 1961) ao que ela chamou de “Fenómeno cubano”, dossiê com seis textos voltados a um melhor entendimento da revolução e os efeitos imediatos durante seus pouco menos de três anos de ocorrência. A esta altura, e tendo as referências anteriores como comprovação, *Mito* já tinha assumido plenamente seu apoio a Cuba, pois, como podemos constatar através desses próprios textos anteriores ao dossiê, a avaliação de seus conteúdos são amplamente favoráveis às transformações políticas, econômicas e sociais em curso na ilha. Ainda assim, também temos que levar em consideração que o pouco tempo de mudanças revolucionárias, se somado às dificuldades de obtenção de informações confiáveis, não permitiam uma análise mais detalhada que pudesse localizar o que havia de negativo no processo. Em resumidas palavras, com o fim abrupto da revista em junho de 1962 (ou seja, oito meses depois da publicação do dossiê), não houve tempo concreto para observar significativamente as consequências a médio prazo²⁰⁹.

O dossiê inicia com a reprodução do único texto de autoria de um cubano publicado por *Mito*, Alejo Carpentier. Na realidade, o texto “A los escritores y artistas cubanos” é o resultado da intervenção oral de Carpentier no *Primer Congreso de Escritores y Artistas Cubanos* realizado em agosto de 1961, de onde saíram importantes definições a respeito da política

²⁰⁹ Consequências como a que exemplifica, no âmbito internacional, o caso da chamada Crise dos Mísseis que veio à tona a partir de outubro de 1962 como um dos momentos mais tensos da Guerra Fria; e no âmbito interno ao país, os possíveis abusos de lesa-humanidade provocados pelos Comités de Defensa de la Revolución (CDR).

cultural a ser implementada pelo governo revolucionário²¹⁰. O texto percorre alguns caminhos de intelectuais como homens políticos atuantes na América Latina, como José Martí, Andrés Bello, Domingo Faustino Sarmiento, José Carlos Mariátegui (e a revista *Amauta*), Diego Rivera (e *El Machete*), sendo bastante duro com a postura de Rubén Darío através do que o cubano chamou de “nuestroamericanismo” (usando a expressão de Alfonso Reyes) para criticar a convivência, por exemplo, de Darío com “políticos reaccionarios” (*MITO*, Nº 37-38, p. 24). Carpentier afirma que “No es en vagas teorías de gabinete, de tertulias de café, de coloquios eruditos, donde se encuentran las soluciones de los problemas fundamentales, vitales, de este continente (...)” (ibidem, p. 26, destaques do autor) e chama a atenção do perigo de “‘socializar a la libre’, ignorando los fundamentos científicos del socialismo” (ibid.). Assim ele termina o texto (ibid., p. 27, destaques do autor):

Nos entendemos con los latinoamericanos *todos que como nosotros piensan en el verdadero porvenir de América* – así esos “latinos” de América hablen el portugués, el francés, el inglés, el maya o el “creole”. Nos entendemos *con los intelectuales todos de los países socialistas*. Y nos entendemos con los franceses todos que – fieles a su vieja tradición revolucionaria – nos entienden. Y hasta con algunos norteamericanos – cada vez más numerosos en los círculos intelectuales – que interpretan correctamente los principios de nuestra revolución y el pensamiento revolucionario de Fidel Castro... (...).

O próximo texto é o do economista marxista Paul A. Baran, “Cuba: una revolución en marcha hacia el socialismo”, que havia sido originalmente publicado em janeiro e fevereiro de 1961 na revista norte-americana *Monthly Review* (Nº 9 e Nº 10, Vol. 12). Seguramente se trata do artigo melhor fundamentado e mais abertamente pró-revolução escrito por um estrangeiro e publicado por *Mito*, fruto da visita de Baran à ilha em 1960. O autor começa elogiando a revolução cubana por ela não ser apenas política, mas principalmente por ser uma revolução social, diferenciando a primeira característica da segunda no que há de “reversibilidad” em uma transformação apenas política, em que “Las relaciones fundamentales de la producción y de la propiedad territorial, de las empresas industriales y de otros medios de producción permanecen inmutables en lo esencial” (*MITO*, Nº 37-38, p. 29), e na social há uma modificação radical na estrutura do país. Depois Baran realiza uma interessante discussão sobre a participação dos jovens intelectuais cubanos nesse processo, questionando a teoria (sobretudo a do sociólogo alemão Karl Mannheim) de que os intelectuais compõem uma

²¹⁰ Como, por exemplo, a criação da *Unión de Escritores y Artistas de Cuba* (UNEAC), que passaria a ser presidida pelo poeta Nicolás Guillén.

classe social distinta que sobrepasse outras classes por seu papel decisivo na história, baseada, sobretudo, numa concepção filosófica idealista (“las ideas rigen la historia”, *ibidem*, p. 30); no protagonismo recorrente na história dos intelectuais como seu “elemento motor”; e na cada vez mais aguda capitulação do movimento obreiro nas mãos da ordem capitalista. Segundo Baran, o fato de considerar os intelectuais como “levadura de la historia”, em realidade, permite que muitos deles permaneçam em “sus torres de marfil académicas o literarias” (*ibid.*, p. 31) sem atuar nos conflitos políticos e sociais das sociedades onde vivem. Afirma o economista (*ibid.*):

El problema consiste en saber en qué circunstancias históricas los intelectuales son atraídos por tales movimientos, en qué condiciones son capaces de actuar sobre el curso de los acontecimientos de manera particular, y cuáles son las fuerzas que determinan el papel específico que representan. Ese problema no está ciertamente resuelto. En realidad, es esquivado por los discursos en apariencia profundos sobre la independencia de los intelectuales, sobre su apoyo a la verdad, sobre su desinteresada abnegación en pro del progreso y el bien común.

E completou citando a frase de Fidel Castro em uma conversa com Claude Bourdet quando este havia dito que a revolução cubana fazia parte de um movimento mundial, o de “la revolución de la juventud”, e o líder cubano tinha sido peremptório: “La juventud, naturalmente, pero sobre todo los obreros, los campesinos, los colonizados, todos los explotados...” (*ibid.*). Ressaltamos como resultado dessa lógica dos argumentos de Baran pautada sobre o caráter social da revolução cubana, outro ponto que o autor considerou como fundamental para o êxito desse fenômeno:

Al ser capaz la Revolución cubana de organizar un mejoramiento inmediato del miserable nivel de vida de las masas, consigue escapar a la obligación torturante pero ineluctable que han soportado todas las revoluciones socialistas anteriores: la necesidad de imponer a la población cierta austeridad para poder sentar las bases de un futuro mejor. Haciendo participar inmediatamente a la población en los beneficios de una organización más racional de la economía nacional, dando a las gentes lo que más desean, es decir, alimentos, casas, escuelas y hospitales, el gobierno revolucionario cubano puede conservar más fácilmente que cualquier otro gobierno revolucionario precedente la fidelidad y el apoyo de las grandes masas populares.

Como dissemos acima, era evidente o entusiasmo do intelectual marxista que *Mito* divulgava em suas páginas, resultante da união entre uma pré-conceituação ideológica favorável e uma visão testemunhal pessoal formulada a partir de sua visita à ilha naqueles primeiros momentos do novo governo.

O texto seguinte do dossiê que passaremos a comentar possui um perfil mais objetivista por suas características particulares: trata-se de uma avaliação de ordem técnica da estrutura econômica de Cuba. Mas, é importante frisar, ele se mostrou também em prol de uma contribuição informativa favorável à revolução, dando assim prosseguimento à postura assumida pela revista. “Estructura de la economía cubana”, ainda que também fosse um texto derivado de uma visita do autor, o economista socialista colombiano Luis Emiro Valencia, a Cuba em maio de 1961, difere do de Paul Baran por procurar se concentrar nos aspectos da produtividade da economia do país anteriores à revolução e que a ela o levaram, destacando o subdesenvolvimento não como algo inerente ao país mas sim como resultante de “fuerzas extrañas [que] impiden y obstaculizan el desenvolvimiento de todo su potencial productivo en función de su progreso autónomo y libre”, sendo “Esta negación del progreso humano (...) lo que impulsa la necesidad de la revolución, la explica y la justifica” (*MITO*, Nº 37-38, p. 41). O texto foi apresentado com vários dados e números estatísticos através de tabelas, organizado em tópicos voltados para “El problema de la tierra”, “La industria azucarera”, “El comercio exterior”, “Ingreso nacional, inversiones e industria”.

Já o relato do jornalista colombiano Hugo Latorre Cabal sobre a reunião do *Consejo Interamericano Económico y Social* (CIES), realizada no Uruguai entre os dias 5 e 17 de agosto de 1961, apesar de elaborado como uma reportagem informativa diária dos principais acontecimentos desse encontro, não escondeu as impressões pessoais de seu autor marcadas pelo entusiasmo com as propostas da delegação cubana (que contava com a participação de Ernesto “Che” Guevara e com quem o autor viajou acompanhando-a desde Cuba), assim como por uma ácida crítica ao perfil das lideranças representantes de cada país. A reportagem de Latorre Cabal, intitulada “Punta del Este”, procurou julgar “el impacto de la Revolución Cubana en América Latina” (*MITO*, Nº 37-38, p. 65) nas principais decisões desse encontro cujo tema mais importante era discutir o planejamento e execução da chamada “Alianza para el Progreso”²¹¹, proposta de investimento de recursos norte-americanos do governo de John F. Kennedy nos países do continente²¹². Assim o colombiano descreve a relevante participação de Cuba nos trabalhos dessa reunião (*ibidem*, p. 78):

²¹¹ Chamou-nos a atenção a impressão de Latorre Cabal sobre a postura assumida pelo semanário uruguaio *Marcha*, que apelidou a reunião como “El cónclave de los mendicantes”. O autor cita trechos dessa publicação em vários momentos de seu texto, demonstrando profunda identificação com sua rigidez crítica em relação ao que se discutia.

²¹² O texto dedicou um item com algumas observações sobre a política e a economia do Brasil do então governo de Jânio Quadros (“Brasil: Jânio, café y Noroeste”), e tais considerações de Latorre Cabal foram as únicas que se

Cuba ha presentado 29 proyectos de resolución para las cuatro comisiones. Lo cual ha contribuido notablemente a afirmar la impresión que dejó el discurso de ayer del comandante Guevara. Las sugerencias que trae la Revolución Cubana a la reunión de Punta del Este, constituyen el desarrollo concreto, a escala continental, de los principios sustentados con absoluta claridad y comprobada eficacia por el gobierno revolucionario de La Habana.

Dentre tais projetos, sem dúvida, podemos ressaltar um que gerou bastante desconforto entre os participantes, pois defendia a ideia de transformar quartéis do exército em escolas, a exemplo do que já vinha ocorrendo em Cuba. O argumento defendido por Guevara era inquestionável: os exércitos dos países latinoamericanos, constituídos em sua grande maioria sob o pretexto da defesa extracontinental, não poderiam resistir sequer 24 horas em um conflito dessas proporções, fato que acarretaria, portanto, enormes e violentas frustrações para com seus povos. Diante de delegações formadas com grande e categórica participação de militares, obviamente que tal proposta não passaria por aprovações, mas vale apontar que no projeto de resolução apresentado pelos cubanos encontrava-se textualmente redigido um parágrafo que, se utopicamente tivesse sido levado em consideração, poderia ter contribuído para que a história do continente tivesse tomados rumos bem diferentes (ibid., p. 87): “(...) ha sido el militarismo cuartelario permanente fuente creadora de dictaduras al servicio de los monopolios extranjeros, para el sojuzgamiento y explotación de los pueblos latinoamericanos (...)”.

Finalizando o dossiê e também as referências à revolução cubana, *Mito* publicou ainda duas resenhas dentro da seção “Notas” escritas pela crítica literária colombiana Helena Iriarte: a do livro *Nuevos cuentistas cubanos*, lançado em março de 1961²¹³ pela Casa de las Américas, instituição fundada logo após a revolução ocupada em desenvolver e difundir as relações culturais entre os países latino-americanos; e a do livro de Jorge Zalamea, *Antecedentes históricos de la Revolución Cubana*, também do mesmo ano e lançado em Bogotá pela Editorial Suramérica. O primeiro livro se trata de uma antologia de 29 jovens escritores e sua produção compreendida entre os anos de 1948 e 1958, isto é, diretamente anteriores à Revolução. A resenha de Helena Iriarte sobre esse livro ateve-se a descrever os contos em busca do que havia em comum entre eles, identificando pontos muito genéricos como “Tratan

ocuparam de algum tema relativo ao país nas páginas de *Mito*, ao lado do aqui já referido poema de Carlos Drummond de Andrade no número 2 da revista.

²¹³ Não é mencionado na resenha o nome do organizador do livro, mas sabemos se tratar de seleção e prólogo de Antón Arrufat e Fausto Masó.

lo cotidiano [sic]” ou “nos da una realidad sin deformaciones” (*MITO*, N° 37-38, p. 91), mas sem entrar em questões que não fossem as estéticas ou de ordem da narrativa. Já a do livro de Jorge Zalamea, até mesmo pelo seu tema e seu propósito (nas palavras citadas do próprio Zalamea: “[no es] hacer un balance de la revolución cubana sino precisar sus orígenes y enumerar sus razones”, *idem*, p. 93), contém comentários de Iriarte sobre alguns assuntos discutidos no livro, como o passado colonialista sob a exploração espanhola; a luta contra os ataques de piratas como influenciadores na formação da unidade nacional; “la Grande Guerra” no século XIX; o processo de independência de Espanha; a nova dependência com os Estados Unidos a partir do século XX; as ditaduras de Machado e Batista; a formação e organização do governo revolucionário a partir de Sierra Maestra. Assim ela finaliza a resenha (*id.*, p. 95): “El libro cierra el círculo aleccionador de la historia cubana, que es una lección para los pueblos de Latinoamérica.”.

2.2 – Controvérsias políticas colombianas

2.2.1 – Revista das classes moribundas

Quando anteriormente nos ocupamos do espaço intelectual em que se encontrava inserida a revista, vimos como Darío Mesa (*MITO*, N° 4, p. 281-297), primeiro detrator a questionar seriamente os reais valores de *Mito*, identificou de maneira sentenciosa como a revista se ocupava em falar em nome do homem burguês, algo compreensível por parte de um sociólogo de formação marxista. Vejamos outro trecho da extensa carta em questão (*ibidem*, p. 292):

Estamos, pues, en que MITO no expresa al hombre, sino las angustias, las deformaciones, las intuiciones – que no son conocimiento – de la pequeña burguesía intelectual, de la gran burguesía en derrota y de otros grupos en crisis. No vamos a ser tan vulgares como para decir que la revista refleja directamente los intereses materiales de su base social; pero estamos en posibilidad de asegurar que refleja nítidamente la bancarrota de su ideología.

Como é possível depreender desse breve excerto, Mesa reconhece uma classe burguesa “en crisis”, justificando em parágrafos anteriores no texto tal “bancarrota” de sua ideologia em decorrência da chegada ao país das novas condições econômicas, sociais e políticas durante a primeira metade do século XX, golpeadas pelo “gran capital monopolista” e pelo “capitalismo agrario” (*ibid.*, p. 281-282).

Pois bem, o incômodo por parte da *intelligentsia* esquerdista colombiana com a representatividade de *Mito* de uma classe burguesa e não da que ela considerava como ideal, ou seja, a do proletariado, mesmo que previsível, merece nossa atenção, principalmente porque nos ajuda a comprovar como Jorge Gaitán Durán e sua equipe editorial tinham muito bem esclarecido a qual classe social pertenciam e como a revista devia se relacionar com essa questão.

Por exemplo, já em 1955, nos inícios de sua publicação (*MITO*, Nº 3, p. 172-177), Hernando Téllez deixa transparecer uma espécie de “mea-culpa” ao discorrer incisivamente sobre dilemas da consciência burguesa como individualismo *versus* coletivismo, patrimônio e renda, arte e moral. O texto “Notas sobre la conciencia burguesa”, depois incluído no primeiro livro de Ediciones Mito, *Literatura y sociedad*, de 1956, nos serve como um indício de que a revista estava sendo lançada num intermedio ideológico, evidentemente burguês, que não pretendia se identificar exclusivamente com convicções elitistas, nem proletárias. Diz Téllez (*ibidem*, p. 176):

Los escritores burgueses somos capaces de enjuiciar y de condenar intelectualmente a la sociedad burguesa. Nos repugna su rapacidad, su injusticia, su vulgaridad, su sentimentalismo y su cursilería. Pero si se nos propone asumir personalmente los riesgos correspondientes a otro tipo de sociedad, declaramos nuestro cinismo: preferimos aplazar indefinidamente esos riesgos, y continuar beneficiándonos de todas las ventajas del sistema que nos permite usufructuar la injusticia y aparecer, intelectualmente, como personeros de la justicia; desdeñar la vulgaridad y servirnos de ella; abominar el sentimentalismo y colaborar en todas sus ceremonias; detestar la cursilería y, no obstante, garantizar su apogeo.

Em outras palavras, o que ele diz, resignadamente, é que a clarividência por parte do intelectual burguês sobre sua condição social não implica necessariamente em uma busca por mudanças ideológicas.

A constatação de Téllez, mais tarde, ecoaria nas palavras de outro dos detratores de *Mito*, Darío Ruiz Gómez, quem em 1960 também escreveu carta à revista questionando seus méritos culturais. O texto intitulado “¿Es neutral el sexo?”, publicado no Nº 34 (jan.-fev. 1961, p. 225-227), certamente influenciado pelo de Mesa, ainda que publicado com um intervalo de cinco anos, nos interessa porque comprova como a revista teve que enfrentar questionamentos de ordem ideológica durante praticamente toda a sua existência. Nele podemos ler (*ibid.*, p. 226):

El error de MITO, viene pues, de su base; como perteneciente a una clase social que muere, MITO no fue capaz de entender el momento histórico que vivía. Estaban

contaminados. Querían hacer algo pero les sucedió lo que a ciertos políticos colombianos: su clase social no los dejó. O se tomaba partido por un pueblo vapuleado, desangrado por políticos y terratenientes o se hacían solidarios de esa clase capitalista y explotadora. Pudo más el apellido.

Interessante como a proposta editorial de abertura ao diálogo “con gentes de todas las opiniones y de todas las creencias” (*MITO*, Nº 1, p. 2) incomodou, sobretudo, à esquerda marxista colombiana. O motivo seguramente vinha dessa liberdade autoproclamada por *Mito* de publicar textos de intelectuais tanto de origem esquerdista, de centro ou direitistas, como atestam as presenças de nomes como os de Gerardo Molina, Alfonso López Michelsen, Juan Lozano y Lozano, Eduardo Carranza, só para ficar entre alguns colombianos, ou destacando publicações como *Prometeo*, revista dirigida pelo conservador Belisario Betancur. Ainda assim, levando-se em consideração a maior presença de textos de pensadores de esquerda como Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Henri Lefebvre, Georg Lukács ou Antonio Gramsci, também como as atenções voltadas às guerrilhas liberais em Colômbia ou à Revolução Cubana, torna-se evidente uma tendência esquerdista da revista. Agora, o importante é frisar que tal constatação não implica necessariamente – pensando em termos de classe social – em excluir ideologicamente a revista de uma postura “burguesa”, usando o termo que tanto preocupou os marxistas²¹⁴. Vale também a pena recordar que, se trouxermos a discussão ao âmbito partidista, em Colômbia os partidos tradicionais como o liberal e o conservador foram indiscutivelmente policlassistas.

Jorge Eliécer Ruiz, que na entrega Nº 35 de mar.-abril de 1961 da revista, em seu texto “Situación del escritor en Colombia” havia dedicado sua preocupação com a relação entre escritor e sociedade (“Los colombianos que escriben en los periódicos, en las revistas o que eventualmente publican un libro, no ven en la literatura un oficio sino un privilegio.”, p. 256; “¿Puede compararse el resultado del ocio creador con el producto del esfuerzo material o del trabajo intelectual de un obrero o de un economista?”; idem), mais tarde, quando já terminada a publicação, afirmaria o seguinte:

²¹⁴ Um comentário aqui pertinente diz respeito ao aspecto de “porta-voz” da alta cultura assumido pela revista, levando-se em consideração que a presença (ou a “voz”) do povo (ou do proletariado, em termos marxistas) foi relegada a espaços específicos em suas páginas, como a seção “Testimonios/Documentos”, por exemplo, ou a raras publicações de textos produzidos por excluídos socialmente, como o caso dos indígenas, com apenas uma referência direta com a publicação da lenda dos Bororos, “Discurso nocturno sobre el nacimiento de las aguas” (Nº 3, p. 178-180); de autores afrodescendentes, como, por exemplo, o chocoano Carlos Arturo Truque, de quem foi publicado um texto na seção “Testimonios”, “La vocación y el medio: historia de un escritor” (Nº 6, p. 480-486); ou de origem guerrilheira/camponesa como a canção “El guerrillero”, também publicada na seção “Documentos” (Nº 27-28, p. 216).

Recientemente se ha hecho un balance de lo que significó *Mito* para las letras y para el pensamiento del país. Lo que significó para la creación de una conciencia crítica que algunos marxistas sindicaron de burguesa – dando a la palabra una connotación peyorativa – como si pudiera haber tenido otra actitud, aristocrática, pongamos por caso, donde no hay aristocracia, o revolucionaria, donde no hay condiciones revolucionarias.²¹⁵

Mas a “conotação pejorativa” do termo “burguês” referida por Jorge Eliécer Ruiz foi praticamente ignorada por Jorge Gaitán Durán. A maior comprovação disso podemos retirar de sua visão do processo político vivenciado por Colômbia nos anos anteriores e coetâneos à publicação de *Mito*, e que foi publicada em seu polêmico livro *La revolución invisible*, de 1959. Reconhecido até mesmo por seus maiores críticos²¹⁶ como de uma lucidez surpreendente por se tratar de uma análise histórica realizada por um poeta, nesse livro podemos encontrar a proposta de Gaitán Durán para o desenvolvimento econômico e social do país baseado, sobretudo, na reforma agrária e na industrialização. No que diz respeito a esta última, e contrariamente à visão derrotista apontada por Darío Mesa, Gaitán Durán não hesita em identificar a ascensão de uma burguesia industrial e bancária ao poder, em detrimento da tradicional concentração de poder nas mãos dos partidos políticos, com a eleição de Alberto Lleras à presidência da República e a vitória da Frente Nacional em 1958. Sua conclusão acerca do papel dessa burguesia para o futuro do país é taxativa (1999, p. 88):

¿Nuestra burguesía industrial y bancaria tiene potencialmente capacidad para cumplir tan esencial función? Hay que responder afirmativamente. No sólo porque es la clase que posee las claves de la acumulación del capital y el personal directivo más preparado técnica y administrativamente y con mayor dinamismo, sino también porque hoy en Colombia es la que trabaja con más intensidad al ritmo de la historia y sobre todo *porque es ése su interés*.²¹⁷

Para mais adiante, no mesmo livro, esclarecer de vez sua identificação pessoal como intelectual burguês (ibid., p. 99):

(...) Yo soy uno de esos intelectuales, burgueses hasta la médula, desgarrados entre su modo de vida y su lucidez, que comprenden la revolución proletaria, pero que no pueden separarla de cierto humanismo, de cierta ética, y no admiten por tanto que al amparo del ideal de la sociedad sin clases nuevos dioses – la clase, el partido, el

²¹⁵ Apud POLO, 2010, p. 104. O texto de Ruiz do qual foi extraído o trecho em questão pertence ao “Prólogo” do livro organizado pelo mesmo junto com Juan Gustavo Cobo Borda, *Ensayistas colombianos del siglo XX*, publicado pelo Instituto Colombiano de Cultura em Bogotá no ano de 1976, p. 7-12.

²¹⁶ Como Álvaro Medina (1977) e Jacques Gilard (2005), por exemplo.

²¹⁷ O destaque é do próprio autor.

padre de los pueblos, etc. – se instalen furtivamente en la mente humana, que ha sido asediada desde los orígenes por todas las fuerzas de lo inhumano.

Ainda segundo Gaitán Durán (ibid., p. 93), o empreendimento por parte da burguesia do que ele identificou como um “proyecto total”, dependia da pressão de três setores da sociedade que ele considerava como imprescindíveis: “(...) la del *proletariado*, basada en la *necesidad*; la del *Estado*, basada en la *planeación*; la de los *intelectuales*, basada en la *lucidez* que sólo la *cultura* otorga”²¹⁸.

Tais declarações sobre sua visão política e ideológica, ainda que não propriamente explicitadas nas páginas de *Mito*, nos ajudam a entender o papel da revista como instrumento cultural de intelectuais dentro do que Gaitán Durán chamou de “proyecto total”. E se somarmos o teor de suas ideias expostas em *La revolución invisible* com a linha editorial de tendência esquerdista da revista, torna-se compreensível o porquê das dificuldades de tanto os setores de esquerda como os de direita conseguirem assimilar essa visão. Como bem reconheceu seu irmão, Eduardo Gaitán Durán (1990, p. 134):

Decir, por ejemplo, que el Estado debía asociarse con la burguesía para emprender los grandes proyectos industriales que necesitaba el país era cometer sacrilegio frente a la extrema izquierda, así como era totalmente irreverente exponer ante la Cámara de Comercio Colombo Americana las ventajas y los adelantos sociales de la Revolución Cubana.

E de fato a crítica de extrema esquerda, além das aqui já referidas publicadas na própria revista como a de Darío Mesa ou a de Jorge Child (“La comedia de las contradicciones liberales”, publicada no Nº 9, p. 195-206) que discutiremos mais adiante ainda neste capítulo, perduraram mesmo após o fim de *Mito*. Como nos referimos no primeiro capítulo deste trabalho (no item 2.1, “Repassando a fortuna crítica”), ainda em 1977 era possível serem encontrados duros ataques críticos como os de Álvaro Medina, presentes em seu texto “‘Mito’, una revista de la burguesía”, publicado na revista *Estudios marxistas*, em Bogotá. Destacamos desse texto o seguinte trecho, por tocar numa questão importante para a nossa pesquisa, em que o crítico de arte comenta a “teoría de las presiones” e o “proyecto total” propostos por Gaitán Durán em *La revolución invisible* (MEDINA, 1977, p. 77):

Para Gaitán Durán la lucidez no provenía de un análisis objetivo de la realidad social y política que trazara la estrategia y la táctica correctas, es decir, del método científico del trabajo político. La lucidez era una resultante de la cultura libresca de

²¹⁸ Destakes também do autor.

los literatos. Desconocía, como es notorio, el papel de la clase obrera como motor de la historia y lo reducía a la mediatizada satisfacción de sus más simples *necesidades* materiales. Tal fe en la “cultura” lo llevó a considerar que la única manera de que los gerentes y accionistas de industrias superaran las contradicciones que surgían por estar ligados al latifundio o asociados al capital extranjero, era “con una cultura sólida”. [destaque do autor].

Como podemos ver, o incômodo de marxistas como Medina, além do que ele via como desconhecimento por parte de Gaitán Durán do “papel de la clase obrera como motor de la historia”, residia também no fato de ele acreditar no papel da “cultura sólida” como superação das contradições burguesas. Dessa forma, Medina punha em xeque não apenas as considerações políticas de Gaitán Durán em *La revolución invisible* como a do próprio Projeto *Mito* e suas ações culturais.

Recentemente, em 2005, a leitura incisivamente redutiva dos méritos de *Mito* realizada pelo crítico francês Jacques Gilard em seu texto “Para desmistificar a *Mito*”, não se preocupou com tantos argumentos para taxar Gaitán Durán como um liberal, “(...) pese a su toma de distancia respecto de las verborreas y prácticas clientelares de los partidos tradicionales” (2005, p. 32), reconhecendo em sua postura que “(...) él no dejaba de pensar como miembro de la élite dirigente de siempre” (idem), e principalmente afirmando que “(...) dentro de la continuidad de la historia, lo que le importa a Gaitán Durán es la continuidad del poder, del poder de siempre, porque él era ante todo un hombre de ese poder” (ibid., p. 31). No interior de um discurso pautado por inúmeros pontos que Gilard considera como hiperbolizados pela crítica colombiana encabeçada, por exemplo, por Juan Gustavo Cobo Borda ou Armando Romero, em tal análise é possível identificar reverberações justamente de ordem ideológica proporcionadas pelas acirradas discussões em torno desse tema tão caro à revista, pois a discordância de Gilard em relação à mitificação de *Mito* como revista exemplar reside, em grande parte, à diminuição operada dentro da historiografia literária colombiana dos méritos da revista liberal de esquerda dirigida por Jorge Zalamea, *Crítica*.

Sejam contemporâneas à época de publicação de *Mito* ou mesmo distanciando-se no tempo até chegarmos aos mais recentes textos que se ocuparam em analisar a revista, é curioso como não nos deparamos durante nossa pesquisa com leituras críticas negativas a ela por parte da intelectualidade colombiana identificada explicitamente com a direita, e a maioria das análises laudatórias realizadas deixaram as questões de ordem ideológica relegadas a um segundo plano, quando existiram. Ainda que levemos em consideração nos últimos anos a gradual perda de relevância da própria divisão política entre ideologias de esquerda ou de direita (mesmo que obviamente existente sob novas “roupagens” como a da atual social-democracia

ou do neoliberalismo), o fato é que no momento em que *Mito* foi publicada a incompatibilidade entre ideologias de direita ou de esquerda era extremamente significativa.

2.2.2 – A responsabilidade dos intelectuais ante a violência

Em maio de 1956, ao ser lançado o número 7 de *Mito*, Gaitán Durán publicou parte do seu aqui já mencionado *Diario* que havia sido redigido em viagens pela União Soviética e China, e de onde retiramos o seguinte pensamento (*MITO*, 1956, p. 3): “Jamás el intelectual es víctima de cierto estado de cosas. El intelectual es siempre cómplice. No puede excusarse con la fe. Tiene la culpabilidad original de la conciencia”. Aproveitemos essa noção acerca da autoconsciência do intelectual sobre o seu papel na sociedade para traçarmos algumas considerações de seu significado dentro da revista.

Como bem frisou insistentemente Jacques Gilard (2005)²¹⁹, a discussão vinha já se estendendo desde alguns anos em Colômbia, como também pudemos notar através de nossas leituras de *Crítica*, *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo* e *Revista de las Indias* (ver item 1 do capítulo II dessa dissertação). Quando ela chega às páginas de *Mito*, principalmente em julho de 1959, através do dossiê “La responsabilidad de los intelectuales ante la violencia” na entrega de N° 25 (p. 40-52), o contexto social da própria *Violencia* havia se transformado pois o país acabava de iniciar um novo governo agora auspiciado pela política “conciliadora” da Frente Nacional em 1958. Os motivos que levaram a revista a propor uma pesquisa de opinião sobre esse tema entre intelectuais de diferentes tendências ideológicas vieram assim explicitados (*MITO*, N° 25, p. 40):

La dirección de MITO ha considerado necesario presentar un aporte a la consideración del problema social de la violencia, que ha tomado nuevamente una sangrienta y gigantesca entidad en vastas regiones del país. Esa comprobación consiste, en esencia, en presentar el pensamiento de un grupo de escritores distinguidos, conscientes de su misión, y dueño cada uno de sus propias ideas políticas, en relación con esta diaria tragedia. De esa visión general, desde ángulos muy distantes, podrá verse claramente cómo hay puntos esenciales de coincidencia.

²¹⁹ Afirma GILARD (op. cit., p. 44): “El tema del compromiso podría resultar inagotable. Importaba, ante todo, subrayar quién lo había formulado (Zalamea), dónde se había desplegado (en *Crítica*), dónde lo habían bloqueado (en *El Tiempo* y entre los intelectuales que allí colaboraban), dónde lo recuperaron (allí mismo), y quién cuestionó la nueva moda (Mutis, en *El Espectador* (...))”.

Mas a identificação por parte da direção de “puntos esenciales de coincidencia”, algo que poderia inclusive a ajudar a supor uma utópica coesão no interior dos pensamentos da intelectualidade colombiana, em realidade acabou mais por comprovar, a nosso ver, sua desagregação e desentendimento, consequentes de rancores ou discordâncias ideológicos revestidos sutilmente por palavras amenizadas, provavelmente, pelo novo clima “conciliador” que emanava daqueles inícios do pacto bipartidarista do novo governo.

Já no primeiro texto de Juan Lozano y Lozano, “Guerrilleros y bandoleros”, ainda em que seja possível encontrar afirmações que caracterizam a insurreição popular como “moralmente justa y vital y políticamente obligatoria de grupos oprimidos, contra la autoridad y la fuerza del gobierno” (ibid., p. 41), o intelectual e político liberal faz uma análise descritiva da situação identificando, inclusive, que “para el hombre de la calle, parece no haber duda de que la violencia política ha desaparecido casi totalmente” (ibid., p. 42), encontrando entre os motivos o fato de que “está derribada hace más de dos años la última de las dictaduras contra las cuales combatieron los guerrilleros” (ibid.), e afirmando que o que sobrou de violência é fruto de “un bandidaje anárquico conducido contra campesinos y hacendados por bandas de muchachos que no pasan de diecisiete años y que frecuentemente cuentan apenas doce y catorce años” (ibid.). Sua opinião era de que tal “bandidaje” era consequência das mortes das principais lideranças guerrilheiras ou de suas cooptações por parte do governo, concluindo que “No se ve quién pudiera conducir hoy un movimiento revolucionario, ni para qué, ni con qué fuerzas, ni con qué expectativas” (ibid.). Nota-se que, apesar de explicitar um panorama sobre as mudanças que haviam ocorrido nas guerrilhas liberais, Lozano se evadiu da questão sobre a responsabilidade dos intelectuais nesse processo.

Outro dos intelectuais que se ocupou por responder a questão levantada pela revista foi o conservador Bernardo Ramírez. Em suas ideias presentes no texto “Mirar la tragedia con otros ojos”, caracterizada por um ceticismo peremptório sobre o papel dos intelectuais e sua influência na sociedade, encontramos uma visível contradição em seus argumentos, pois ao mesmo tempo em que ele afirma, sobre os intelectuais, que “Muchos de ellos formaron la infantería ideológica que, operando sobre una infraestructura económico-social tan compleja y oscura como la colombiana, llevaron al país al abismo (...)” (ibidem, p. 43), por outro lado demonstra sua total convicção na incapacidade do alcance das ações de intelectuais, citando dois eminentes exemplos de esquerda (ibid., p. 44):

¿Qué han podido hacer Jean Paul Sartre o Albert Camus en Francia para que el ejército colonialista no siga masacrando y torturando en nombre de la cultura occidental? Nada, absolutamente nada distinto de escribir hermosas lamentaciones

sin efecto en realidad. Entonces, ¿dónde está el motor de la acción? En el Estado, pero en un Estado dirigido no por filósofos platónicos sino por hombres realistas, honrados y con cierta noticia de lo que es la dignidad humana.

Como se percebe, Ramírez se utiliza de “dois pesos e duas medidas” para delinear seus argumentos.

Já o texto publicado na sequência, “Ostracismo e insensibilidad”, de Fernando Charry Lara, demonstra acuidade para bem observar, sobretudo, a situação do próprio intelectual naquele contexto social e político de então, indagando de antemão: “¿existe realmente (...) una clase intelectual, diferente de la clase de los escritores políticos y de la de los periodistas, capaz de ejercer su influencia en sectores numerosos de la población?” (ibid., p. 44). Charry Lara não só responde negativamente como sua resposta o leva a concluir que os que existem são “casos solitarios” e que “su aislamiento parece ser, castigo o premio, la condición forzosa a su independencia” (ibid.), ainda agregando que “el intelectual, cuando habla de política en Colombia, no lo hace en función de pensamiento, sino de conveniencia personal o de grupo, lo que degrada su palabra” (ibid.). Mas o aparente pessimismo do poeta colaborador de *Mito*²²⁰, inclusive apontando o que ele chamou de “aspecto de insensibilidad social, política y simplemente humana” (ibid.) nessa situação do intelectual no país, é substituído na conclusão do texto por uma aposta de recuperação do país e do papel do intelectual através de instituições culturais:

Hoy, cuando el esfuerzo del país tiende a recuperarlo de su inmediato pasado de vergüenza, el desarrollo de una vasta tarea cultural puede ser el único tratamiento adecuado de muchos de sus males. Al intelectual hay que crearle una situación independiente, para que pueda realizar su misión. El poder pensar libremente le dará conciencia de su valor. Su mensaje podría entonces comenzar a ser escuchado. La responsabilidad de su mensaje, a merecer la atención y el juicio públicos. Mientras ello no ocurra será una voz más entre la confusión reinante. Una gesticulación, entre cortinajes, incapaz de detener la sangre. (ibid.).

Em contraposição ao texto de Charry Lara, o texto seguinte, do conservador Javier Arango Ferrer, “La paz es máximo presupuesto de educación y mínimo presupuesto de guerra”, parece pouco prezar pelo sentido pretendido em seu título. Usando de uma linguagem belicosa, a inconformidade entre o conteúdo que propõe maiores cuidados com a educação para alcançar a paz e o uso de frases como “Un país sin educación y sin técnica se convierte

²²⁰ Que, como vimos, havia discutido sobre este tema, por exemplo, no texto “Los Nuevos” (LARA, 1988, p. 17-85) (ver o item 1.1 do capítulo II desta dissertação). Charry Lara passaria a compor a direção de *Mito* a partir do número seguinte, o de 26, de ago.-set. de 1959.

automáticamente en demagogias políticas y en hordas bandoleras por culpa de los intelectuales” (ibid., p. 45), ou “Ciertamente es que la expectación armada se necesita en este mundo de ahora gobernado, con raras excepciones, por tiranos, por perros de presa y por sabios de la destrucción” (ibid., p. 46), demonstra fortes imagens ainda remanescentes de certo ódio partidarista. Mas, ainda assim, Arango Ferrer é otimista com o novo momento de coalizão governista: “Vientos de renovación soplan ahora en los hombres que nos gobiernan, especialmente en el sector de la educación donde un intelectual de tiempo completo se dedica a la tarea primordial de alfabetizar a Colombia” (ibid.), referindo-se, provavelmente, ao ministro da educação entre 1959 e 1960, o também conservador Abel Naranjo Villegas.

O texto do liberal de esquerda Hugo Latorre Cabal, que já vinha atuando como colaborador de *Mito*, “En Colombia el intelectual es un conscripto”, de certa forma segue a mesma linha do de Charry Lara ao identificar a falta de autonomia de pensamento dos intelectuais, decorrente da “(...) ninguna independencia de opinión permitida al intelectual por las costumbres de nuestros partidos políticos” (ibid., p. 46), sendo bastante incisivo em sua constatação:

Su mejor prueba de adhesión [aos partidos] es contribuir a ocultarle al pueblo la realidad, y su tarea consiste en deformar las verdades a través de la retórica. Más que comprometerse seriamente con una doctrina política, el intelectual colombiano se ha enajenado a las veleidades e intereses de quienes dominan los resortes de su trabajo desde el doble aspecto económico y publicitario. (ibid., p. 47).

Ainda assim, Latorre Cabal diz acreditar que se os intelectuais conseguirem se liberar da “violencia que se ejerce contra ellos” poderão “opinar libremente” (ibid.), e conclui com um argumento que indica sua tendência esquerdista: “Y todos nos llevaremos una sorpresa: los intelectuales se verán acompañados por los obreros y los campesinos. Estará dado el primer paso de la revolución que Colombia espera” (ibid.).

A organização da sequência dos textos dos participantes, como se percebe, foi pautada na alternância entre filiações ideológicas, ora liberal, ora conservadora, imprimindo um interessante movimento oriundo dessa conciliação, que nos permite reconhecer o intuito da direção da revista em buscar extrair aquilo que poderia resultar dessa alternância, tornando-se evidente a associação do resultado dessa lógica com a que propunha a Frente Nacional no âmbito do poder político e administrativo.

O próximo texto, “Se rompieron las reglas del juego de las mayorías”, trazia as ideias do conservador Cayetano Betancur. Seu interessante texto parte do reconhecimento de que o conflito partidarista (obviamente iniciado, em sua opinião, pelos opositores liberais...) em muito se baseou na desconfiança mútua de que um partido só poderia manter-se no poder por

tanto tempo através da fraude eleitoral: “A esta altura de nuestra historia, Colombia empezó a mentir en forma abierta”, constatando que “Cuando todo es mentira, solo queda el camino de la fuerza” (ibid., p. 48). Sua breve análise das origens históricas da violência ainda traz a seguinte importante verificação: “Desde que el hombre es hombre y cuando está de por medio un instinto tan irresistible como es el del poder, pocos son los que en esa materia se hallan dispuestos a reconocer la razón del adversario” (ibid.). Tendo esclarecido isso, Betancur chega à conclusão de que a alternativa “O violencia o... ‘frente nacional’” é vergonhosa, uma vez que revela “la imposibilidad de que actúe entre nosotros ese instrumento de paz que es el predominio de las mayorías”, culminando no seu ceticismo (“vaticinador”) sobre o futuro político do país (ibid.):

Por eso el ‘frente nacional’ es en sí un remedio heroico, signo de una enfermedad infamante. Y que puede ser el germen de una nueva violencia, de una inédita forma de violencia que consistirá en partir artificialmente el país para que a cada uno de los dos grupos le toque su porción de cadáver.

E a responsabilidade dos intelectuais nesse processo? Afirma Betancur (ibid., p. 49): “Sin duda la mayor. Porque ocurrió que el hombre de letras colombiano abusó de sus armas dialécticas y retóricas”, constatando que “El político se apoderó del escenario cultural del país” e, sobretudo, que “En los tiempos de donde arranca nuestra crisis, el intelectual se hizo escéptico, en la misma medida en que el político se tornaba más audaz y más pragmático” (ibid.).

A penúltima opinião veio com o texto de Jaime Posada, “La educación, única arma”, liberal que assumiria a pasta do Ministério de Educación do governo Alberto Lleras entre 1961 e 1962. Ele inicia seu texto apontando que a violência “merece el castigo de las autoridades y la repulsa pública”, uma vez que “En el instante en que cualquiera de las dos partes – Estado o Comunidad – establezca una tolerancia para el delito, surge el riesgo de que la onda bárbara e inhumana crezca y se propale (...)” (ibid.), insistindo ainda que também se fazia necessário o fim da lógica da vingança, “Sin que el alivio o la solución puedan estar en la periódica revancha o en el ejercicio de la vendetta” (ibid., p. 50). Depois de avançar no texto elogiando a Frente Nacional (na verdade, sem mencioná-la diretamente: “La ecuanimidad en las posibilidades de servicio, en el acceso a los cargos del Estado, en la cooperación para el manejo de la cosa pública (...) no es sino una de las formas de la civilización y de la madurez colectivas.”) e de apontar a necessidade de “cambiar la faz de los campos” (ibid.) (sem

mencionar a redistribuição de terras), Posada chega ao ponto que realmente lhe parece primordial:

El lacerante problema del hombre colombiano sigue siendo su ignorancia en diversos aspectos. Desconocimiento de la decencia para vivir de los adelantos en el sistema de las siembras, de los progresos en la lucha contra los enemigos de la salud. Solo a través de la educación y de las energías y dineros que a ella se consagren puede aliviarse tal estado de cosas. (ibid., p. 51).

E caracterizando a imagem de “los maestros” como “Ejército de Paz”, algo que nos chama a atenção por demonstrar a adoção em seu discurso do uso de vocábulos bélicos para tratar do tema da educação, recurso presente desde o título do texto.

Finalmente, o curto texto “La perra en la luna”, de Jorge Child, então integrante do grupo de centro esquerda Movimiento Revolucionario Liberal (MRL)²²¹, opositor à Frente Nacional, demonstra o ceticismo irônico do autor diante do papel do intelectual no novo contexto sócio-político, trazendo a discussão sobre a violência para uma nova situação marcada pela luta de classes:

...Los intelectuales no son violentos y su responsabilidad en la violencia es estrictamente confidencial. Las frases “a sangre y fuego contra los liberales” y “rompamos relaciones con los godos”²²² no precipitaron la violencia: apenas coincidieron con un estado de violencia. Ayer la violencia se citaba con sangre en el campo de la lucha partidista; y hoy tiende a citarse sin sangre en el campo de la lucha de clases. La consigna actual dice: “Proletarios y capitalistas: discutid, pelead, y arreglaos los unos con los otros”. Pero los intelectuales no son dirigentes proletarios ni capitalistas, y por eso no pueden tomar parte seria en esta lucha de la vida contemporánea. Pueden escribir y hablar sobre todo esto. (ibid., p. 52).

Além do dossiê que acabamos de analisar, há que se frisar que em *Mito* o tema da violência e a responsabilidade dos intelectuais esteve presente em diversas outras ocasiões.

Um exemplo interessante e anterior ao dossiê diz respeito à figura do sacerdote Camilo Torres Restrepo, cuja trajetória ideológica transitou entre o catolicismo e o marxismo (sendo um adepto da Teoria da Libertação), e que depois de se dedicar à vida acadêmica e espiritual na Universidad Nacional de Colombia, abraçaria a luta armada unindo-se ao grupo guerrilheiro do Ejército de Liberación Nacional, o ELN, sendo morto em combate em 1966. Personagem extremamente significativa enquanto símbolo de luta para a extrema esquerda colombiana, em

²²¹ Do qual também fez parte Jorge Gaitán Durán, que em 1962 disputaria uma vaga no Senado colombiano através desse mesmo partido, não obtendo êxito. O MRL havia surgido em 1958 composto por dissidentes liberais descontentes com o governo de coalizão partidarista.

²²² O termo “godos” era usado pelos liberais para se referirem aos partidários do conservadorismo em Colômbia.

fevereiro de 1957, em seu Nº 12 (p. 384-393), *Mito* publica trechos de uma entrevista concedida pelo intelectual a Rafael Maldonado Piedrahita, onde já é possível notar a inclinação de Camilo Torres por uma revolução que não fosse “necesariamente sinónimo de sangre” (ibidem, p. 393). Falando em nome dos católicos, Camilo Torres afirma: “(...) creemos que la verdadera revolución no puede basarse en una modificación absoluta y total de la actual estructura de la sociedad”, concluindo com uma frase que bem poderia sintetizar, naquela circunstância, sua visão ainda “utópica” de revolução: “Si ese derramamiento de sangre implica odio de cualquier clase que sea, nunca lo podremos realizar” (ibid.).

Também interessante para essa discussão é o aqui já referido texto de Jorge Eliécer Ruiz – intelectual importante dentro do Projeto *Mito* –, “Situación del escritor en Colombia”, publicado em 1961, que poderia ser tomado até mesmo como controverso dentro dessa discussão alimentada pela revista, pois, dentre outras considerações, afirma sua contrariedade ao que ele denomina como “literatura sobre la violencia” (“(...) nuestra *literatura sobre la violencia*”²²³ es una muestra excelente de todo aquello que nada tiene que ver con la literatura como tarea del escritor”, *MITO*, Nº 35, p. 260); ou ainda “Es muy posible que una literatura conformista e hipócrita haya contribuído notablemente a reforzar los mecanismos de la violencia” (ibidem, p. 265). Vale recordar que naquela altura *Mito* já havia dado destaque a obras significativas dessa “literatura sobre la violencia” como, por exemplo, a de Eduardo Franco Isaza, *Las guerrillas del Llano*, de 1955, resenhada em duas oportunidades em suas páginas; ou publicado na íntegra o romance de Gabriel García Márquez, *El coronel no tiene quien le escriba* (*MITO*, Nº 19, p. 1-38); e que no ano seguinte (1962) inclusive publicaria em sua editora o romance *La casa grande*, de Álvaro Cepeda Samudio.²²⁴

Como último exemplo, e para encerrar esse tópico, é necessário voltarmos a Gaitán Durán. Quando tratamos anteriormente das seções da revista, vimos como muito das manifestações opinativas da redação vinham através da seção “Actuales”, e justamente em duas dessas ocasiões que o fundador de *Mito* deixou transparecer o que pensava sobre a violência a partir de breves notas. Em novembro de 1957, na entrega de número 16, Gaitán Durán afirmava, em

²²³ Destaque do autor.

²²⁴ Augusto Escobar Mesa, em seu texto “Literatura y violencia en la línea de fuego” (in *Ensayos y aproximaciones a la otra literatura colombiana*. Bogotá: Universidad Central, 1997), propõe a distinção entre uma literatura que “sigue paso a paso los hechos históricos” (“novelas de la violencia”) e uma que “hace una reflexión más crítica de éstos, vislumbrando una nueva opción estética y, en consecuencia, una nueva manera de aprehender la realidad” (“novelas sobre la violencia”), identificando o ano de 1958, quando aparece *El coronel no tiene quien le escriba* na revista *Mito*, como data divisora entre o primeiro e o segundo tipo de narrativas. Apud Osorio, Óscar. “Siete estudios sobre la novela de la Violencia en Colombia, una evaluación crítica y una nueva perspectiva”, Poligramas, Nº 25, p. 97-100, junho 2006.

nome da redação²²⁵, que a revista passaria nos próximos números a prestar atenção ao problema da violência, dizendo que “Sería necio suponer que tan dura y compleja situación puede ser solucionada por medio de simples medidas policivas o de una represión militar en grande escala.”, insistindo na “reforma agrária bien concebida y bien realizada” e na “educación del pueblo” com “otro sentido que el de la sempiterna tontería demagógica” (“De la violencia”, *MITO*, Nº 16, p. 301). No número seguinte (Nº 17), lançado em janeiro de 1958, quase que repetindo a nota do número anterior, de novo ele associaria as questões da violência e da reforma agrária (sendo essa reforma, como vimos, uma das principais bases de suas ideias propostas no livro *La revolución invisible* que seria publicado em 1959): “Es claro que la violencia y la agitación sólo podrán ser resueltas cuando se reformen las estructuras del país.”, assim como “Hay que estudiar por ejemplo los problemas de tierras en el país y no intentar resolverlos por medio de la represión armada. No se cura la violencia con armas; sino con reformas.”, chegando à sua definitiva conclusão: “Todo el mundo, de la extrema izquierda a la extrema derecha, acepta en Colombia la necesidad de una reforma agraria (...). No vamos a hacer demagogía” (“Problemas de tierras”, *MITO*, Nº 17, p. 379).²²⁶

2.2.3 – As guerrilhas liberais

Retomemos agora outro dos temas que lançamos no início de nosso trabalho (item 1.1 do capítulo I) ao apontarmos alguns condicionamentos históricos do país e o intuito de *Mito* de atuar sobre eles, e que também contribuíram para que pautássemos nossa proposta de leitura da revista como objeto político: a luta armada em algumas regiões colombianas que ficaram conhecidas como as guerrilhas liberais. O motivo de discuti-lo como continuidade do tópico anterior, o da relação entre intelectuais e violência, nos parece claro por se tratar de questões direta e internamente relacionadas.

Antes de mais nada é importante recordarmos que as chamadas guerrilhas liberais surgiram entre 1949 e 1950 em regiões camponesas do país, como as dos Llanos Orientales, de Tolima,

²²⁵ Como vimos, as notas presentes em tal seção que vinham sem assinatura pertenciam a Jorge Gaitán Durán. Ver, nesta dissertação, a nota de rodapé nº 174 referente a esta característica da revista.

²²⁶ Também se pode conhecer pensamentos de Gaitán Durán sobre a questão da violência através de seus textos publicados no jornal *El Espectador*, em seções como “Escrutinio” (31 jul. 1960) ou “Dentro y fuera” (26 jan. 1961; 2 fev. 1961; 4 fev. 1961). Apud DURÁN; GÓMEZ, 2004.

de Santander e de Antioquia, marcadas pelos conflitos derivados da volta dos conservadores ao poder em 1946 e, sobretudo, após o assassinato do líder liberal Jorge Eliécer Gaitán em 1948. Com as inúmeras revoltas ocasionadas pela morte do líder liberal, o governo passou a exercer uma severa repressão oficial através do exército, ao ponto de pretender não apenas restaurar a ordem pública como também acabar com as bases sociais do Partido Liberal. Somando-se a estes fatos as precárias condições econômicas no campo, marcadas por inúmeros conflitos agrários, muitos trabalhadores rurais passaram a se organizar em grupos armados, inicialmente apoiados pela direção do Partido Liberal, ao ponto de uma região como a dos Llanos Orientales chegar a ameaçar a soberania nacional neste extenso território fronteiriço com a Venezuela. Em junho de 1953, com o golpe de Estado realizado por Gustavo Rojas Pinilla, como vimos anteriormente, teve início uma bem sucedida campanha do novo governo que levou à entrega das armas nos Llanos Orientales e outras regiões de conflito, diminuindo-os consideravelmente, mas sem eliminá-los totalmente.

A revista *Mito*, em não poucas ocasiões e visivelmente orientada pela preocupação de Jorge Gaitán Durán sobre este assunto, procurou expor reflexões de alguns intelectuais de esquerda a respeito dessas guerrilhas. Interessa-nos essa orientação de Gaitán Durán em direção a uma abordagem de evidente característica ideológica esquerdista, pois demonstra a aproximação que o mentor de *Mito* procurou com um tema indiscutivelmente caro não somente aos conservadores como também aos próprios liberais.

Um primeiro exemplo veio já no terceiro número da revista com a resenha, por G. Vasco M. (*MITO*, Nº 3, ago.-set. 1955, p. 185-188), do livro de Eduardo Franco Isaza, *Las guerrillas del Llano*, lançado em 1955. Como veremos, *Mito* aproveitará a publicação desse livro de um dos ex-líderes guerrilheiros para discutir o que havia significado ao país tais insurgências, principalmente a *llanera*, que, como dissemos, não haviam sido de todo eliminadas, adquirindo constantes novas versões (como, por exemplo, as que passaram a se organizar sob ideologia comunista), e que transpassaram todo o período em que a revista foi publicada.²²⁷ G. Vasco M. considerou o trabalho de Franco Isaza como um verdadeiro livro de história e não uma simples “recopilación o anecdotario de los hechos de violencia”, citando alguns

²²⁷ Vale citar aqui o que disse, por exemplo, Paul Oquist (1978, p. 18-19): “Factores económicos, tales como el abandono forzoso de los campos, la venta obligada de la tierra, el robo de las cosechas, las disputas de los títulos de propiedad y otros conflictos agrarios, fueron importantes durante todo el período de La Violencia, pero son particularmente agudos en la “violencia tardía” del Frente Nacional. Aparte de estos conflictos agrarios, las luchas no partidistas por el control de las estructuras del poder local, el bandolerismo, las rivalidades locales partidistas (a pesar del acuerdo nacional) y las actividades revolucionarias guerrilleras, estuvieron relacionadas con la prolongación de La Violencia a través de los dos primeros gobiernos del Frente Nacional”.

parágrafos que mostram uma passagem amorosa do narrador-protagonista que alude, segundo o crítico, ao romantismo da obra de José Eustasio Rivera, *La Vorágine*, mas destacando um romantismo distinto do tradicional (individualista), um “nuevo romanticismo engendrado por el ardor y la emoción humana de la lucha social y colectiva” (ibidem, p. 188). Destacamos ainda o seguinte trecho (ibid., p. 186-187), em que se nota a simpatia do crítico em relação a essa luta armada:

La forma, en el libro de Franco Isaza, es el reflejo del aliento impetuoso de todo un grupo social que lucha por su supervivencia y que fragua así trozos hermosos y emocionantes, parcelas ricas y dramáticas de la historia de un pueblo. Lo “hermoso”, lo “estético”, que se encuentra en páginas no escasas del libro, es debido, aunque ello parezca paradójico, no a las calidades profesionales del autor como literato, que nunca lo fue, sino a su “profesión de comandante revolucionario”. Es la fuerza colectiva de la lucha, de esa lucha a la cual el autor se entregó con todas las energías y posibilidades humanas y con la más profunda convicción, la que le presta una fuerza expresiva rica, dramática, y en veces, magnífica a la obra.

O próximo exemplo se trata do texto “Las Guerrillas del Llano”, de Darío Mesa, autor já citado algumas vezes neste trabalho, publicado no Nº 8 de jun.-jul. 1956 (p. 136-143) dentro da seção “Estudios Colombianos”. A presença de Darío Mesa na revista, mesmo após ter seu texto negativamente crítico a ela publicado em suas páginas (“‘Mito’, revista de las clases moribundas”, Nº 4), não deixa de demonstrar aquilo que Gaitán Durán invocou para *Mito* como urgência de tolerância e abertura ao diálogo com as mais variadas correntes de pensamento, ainda que, neste caso específico das guerrilhas, acreditamos que seus pontos de vista convergissem para algumas ideias em comum. Aproveitando o lançamento do livro *Las guerrillas del Llano*, o crítico de literatura e cientista social realizou uma aguda análise da realidade desses conflitos em um texto que ficou bastante conhecido nos estudos sobre o tema.

Dentre muitas questões interessantes, Mesa descreveu em seu texto o quanto Eduardo Franco Isaza, mesmo não sendo *llanero*, tornou-se exemplo de como, “En parte, la revuelta estuvo en manos de hombres económicamente acomodados”, que “dejarían de interesarse por su fortuna personal” (*MITO*, Nº 8, p. 137) para se juntarem à luta de “vaqueros, fundacioneros y conuqueros”, ao lado de lideranças em que “Ninguno de ellos era letrado, y varios apenas sí sabían firmar torpemente”, e que mal “podían explicar claramente por qué estaban luchando” (ibidem, p. 138). Para identificar as causas que levaram ao conflito armado, cita um trecho do livro de Franco Isaza:

La principal culpabilidad de tal estado de cosas (...), decíamos, no podía recaer sino en la numerosa clase propietaria ausentista que jamás había querido al Llano sino para explotarlo. Deseosa siempre de mantener la ignorancia de la cada vez más numerosa población, de manera que pudiera pagar bajos sueldos y jornales, exigiendo el máximo de rendimiento; evitando que el pueblo, considerado como vasallo de los hatos, se percatara del derecho que por posesión y trabajos le correspondía sobre las tierras. (ISAZA, 1955, apud *MITO*, N° 8, p. 140).

A visão esquerdista de Mesa, baseada em evidentes aspectos ligados ao confronto de classes sociais, de propriedades e posses materiais, também destaca ainda a responsabilidade da imprensa, nas cidades, inclusive a de corrente liberal, por manter uma “actitud enemiga hacia las guerrillas”, taxando os guerrilheiros de “bandoleros”. Sobre esse assunto, Mesa é incisivo (*MITO*, N° 8, p. 141):

Franco se queja aún de ese vocablo empleado por la prensa del liberalismo; y no deja de dolerse de que los intelectuales se encerraran en sus torres de marfil para no oír el estruendo de los tiroteos ni el llanto del país entero. Casi todos los pintores, los poetas, los novelistas, los ensayistas, los profesores, hicieron lo posible por no mezclarse en la reyerta: y se fueron hacia la pintura abstracta, o hacia los poemas incontaminados, o hacia la novela intimista, o hacia los ensayos esteticistas, o en sus cátedras eran simplemente técnicos.

A crítica de Mesa à direção do Partido Liberal por sua ausência na orientação dos grupos guerrilheiros é contundente: “Se orientaban a golpes de intuición, y clamaban, angustiados, por ideas directrices y nuevas. Este clamor es uno de los capítulos de mayor dramaticidad en este libro” (ibidem, p. 142). Ele ressalta ainda o quanto “la rebelión guerrillera del país no se había hecho para tumbar simplemente un gobierno, sino para consolidar y ampliar la democracia colombiana” (ibid., p. 143). Seu entusiasmo com a obra pode ser verificado com estas palavras conclusivas (ibid.):

(...) Leyéndolo se comprende por qué puede decirse que es un libro valiosísimo. Si se medita sobre él y se compara lo suficiente se inclina uno a admitir que, con “El Gran Burundún Burundá ha Muerto” de Jorge Zalamea, “El Cristo de Espaldas” de Eduardo Caballero Calderón, varios cuentos de Hernando Téllez y algunos poemas de “Escrito en el Infierno” de Carlos Castro Saavedra, “Las Guerrillas del Llano” de Eduardo Franco Isaza es lo mejor que se haya escrito hasta ahora sobre la violencia en Colombia.

Jorge Gaitán Durán voltaria a utilizar o impacto do livro *Las guerrillas del Llano* mais tarde na entrega de N° 15 da revista *Mito* (ago.-set. 1957, p. 199-200), na aqui também já citada (item 1.1 do capítulo I) breve entrevista “Diálogo sobre las guerrillas del Llano”, dentro da seção “Problemas”, que realizou com Eduardo Franco Isaza, apontando como as guerrilhas del

Llano “pudrieron” a “dictadura” do governo conservador e como as de Tolima fizeram o mesmo com a ditadura militar depois de junho de 1953, confirmando assim seus papéis de resistência frente aos “regímenes de fuerza” (ibidem, p. 200). Essa conversa também colabora para que possamos ter uma visão mais aproximada do tema, agora por meio da voz opinativa do próprio ex-comandante (ibid., p. 199-200):

La atroz violencia gubernamental arrojó a los campesinos de sus casas, los dirigió por instinto hacia los lugares escabrosos o aislados en donde mejor podían esconderse, los instaló en el miedo, como si fueran bestias acosadas. Esta fue la primera parte del proceso. La segunda consistió en que estos campesinos recobraron su condición de hombres, se enfrentaron a la muerte, se unieron poco a poco para enfrentarse a la violencia. Esta fase implicaba no solo un comienzo de solidaridad, sino también una moral. No hay que creer que lo fundamental de las guerrillas era la emboscada, la acción de armas, el acto de valor; sino la organización, el mantenimiento de la moral, de lo cual dependía la cohesión de la rebelión.

Além do destaque ao livro de Franco Isaza, *Mito* ainda se ocupou de divulgar o assassinato em Bogotá de um dos mais importantes líderes da guerrilha *llanera*, o ex-comandante Guadalupe Salcedo, apenas um mês após a caída do ditador Rojas Pinilla, resultante de obscuros acontecimentos pouco esclarecidos. Havia passado também apenas um mês de sua morte quando, na entrega de número 14 (jun.-jul. 1957), outro dos detratores da revista, Jorge Child, teve seu texto “El comandante Guadalupe Salcedo”, publicado em suas páginas dentro da seção “Crónicas”. Visivelmente indignado com o crime, Jorge Child o discute em termos políticos, caracterizando-o como mais uma vítima de dirigentes políticos que se aproveitaram das guerrilhas ora como “carne de cañón”, ora como “prestigiosa base de negociación” (*MITO*, Nº 14, p. 137-138):

Los guerrilleros son hombres de la llanura o de la montaña que viven en una tierra que está por fuera de las situaciones ciudadanas que plantean el problema político de la democracia y de la revolución social. Rebuscarle germen de revolución política a la defensa original de los guerrilleros colombianos es demasiada ingenuidad. Claro que los guerrilleros campesinos pueden llegar a servir para una revolución política, pero no por iniciativa suya, sino por intermedio de una canalización externa, impulsada por otros agentes. La reacción de los campesinos colombianos que se agrupan en guerrillas es una respuesta de legítima defensa a los invasores metropolitanos: ellos sí, politiqueros, forajidos y bandoleros.

Em outro trecho adiante no texto, Child resume em termos de responsabilidade os verdadeiros motivos de que revoltas como a comandada por Guadalupe Salcedo não surtam em profundas mudanças sociais:

La política dominante de ambos partidos, halléanse unidos, encontrados o divididos, es siempre conservadora en su estilo, en sus ídolos, en sus mitos y en sus propósitos. Esa política no puede tolerar al revolucionario que se salga de sus cuadros conocidos y de sus programas abstractos. Lo persigue por “demagogo”, como a Gaitán, o lo señala de “bandolero”, como a Guadalupe. Pero, ¿por qué no ha surgido el hombre, el grupo de hombres o la generación que se enfrente a este estado de cosas? ¿En dónde están los que quieren demoler la tradición fosilizada de nuestra vida colombiana? ¿Es que las fuerzas conservadoras son muy poderosas en nuestro país y conservatizan de antemano la sangre joven? Si el ambiente predominante *conservatiza* al rebelde en potencia, hasta apabullarlo o plegarlo a su cola, el responsable no puede ser una cosa, como el “ambiente”, o el “estado predominante”, sino el mismo rebelde que se deja aplachar.

Como no breve texto que vimos anteriormente, “La perra en la luna”, notamos também nessa crônica de Child, a continuidade de um ceticismo já verificado sobre o tema do intelectual e a violência: “Las rebeldías a medias, que atacan una parte pero que respetan sumisas la totalidad de la tradición existente, están perdidas; no se abren camino, porque de antemano se lo cierran al amarrarse al pasado” (ibidem, p. 139).

Além das opiniões acima verificadas, a revista prosseguiu no decorrer dos anos publicando textos relacionados às guerrilhas: depoimentos de ex-combatentes como “El diario de un delator” e “Revolución llanera” no N° 20 (jul.-ago. 1958, p. 171-173) na seção “Documentos”; o poema “El guerrillero”, canção de autoria anônima recolhida das guerrilhas em Tolima, na entrega dupla N° 27-28 (nov.-dez. 1959 – jan.-fev. 1960, p. 216), também na seção “Documentos”; assim como dois textos sobre a morte precoce do jovem revolucionário Antonio Larrota, “Antonio Larrota, un hombre serio” (seção “Testimonios”, N° 36, p. 398-400, de autoria anônima) e “Los desesperados”, escrito por Jorge Gaitán Durán (seção “Actuales”, N° 37-38, p. 98).

A contribuição de *Mito* ao imaginário esquerdista formado sobre a luta armada colombiana estava indiscutivelmente lançada, e, como é possível depreender das palavras acima de Gaitán Durán na entrevista com Eduardo Franco Isaza, ele próprio soube muito bem como conciliar as polêmicas levantadas por essa questão com a linha política da revista enquanto defensora das “liberdades totais”, em contraposição ao “regime de força” do governo de Rojas Pinilla, por exemplo. Nesse sentido, vale ainda destacar certa coerência de Gaitán Durán ao dedicar suas atenções às lutas no campo paralelamente à sua insistência na necessidade da reforma

agrária. Também é claro que *Mito* estava longe de transformar o tema das guerrilhas liberais ou de qualquer luta armada como bandeira editorial, isto é, distante de encaminhar sua linha para um tipo de publicação extremista de resistência intelectual ocupada com a luta ideológica, no caso, de moldes marxistas. Os motivos desse posicionamento de tendências político-ideológicas de centro, como viemos discutindo, vão desde a orientação de um comitê patrocinador e de um comitê de direção explicitamente reticente com qualquer extremismo (lembramos as palavras de Octavio Paz), mas simultaneamente tolerante com a abertura de diálogos seja com a esquerda, seja com a direita. Isso também, em parte, explica as críticas da extrema esquerda tão presentes na própria revista, denegrindo tal postura de *Mito* e dela destacando sua representatividade burguesa.

2.2.4 – *Mito*, o liberalismo e a Frente Nacional

Como é sabido, o liberalismo, enquanto teoria política surgida na Europa do século XVIII, foi em essência o modelo que prevaleceu constitucionalmente em Colômbia durante os séculos XIX e boa parte dos XX. Baseado na defesa dos direitos individuais em detrimento do poder público – algo que está diretamente relacionado numa esfera mais ampla com a limitação da intervenção estatal –; numa concepção pluralista do político reconhecendo uma diversidade de centros de poder; assim como no respeito ao direito à liberdade individual e à propriedade privada; esse modelo foi viabilizado no país pela contribuição dos dois partidos no decorrer dos anos, inclusive, como bem identificou Daniel Pécaut (2010, p. 52) em termos mais gerais que não se resumem somente à questão partidária, “es probable que un contexto conservador sea más favorable que otro para la implantación de un modelo liberal”.

Mas existe uma fundamental consideração inicial que nos leva a uma aproximação do entendimento do que foi o pacto entre liberais e conservadores, nos últimos anos da década de 50, em nome do fim das hostilidades entre os partidos e, por consequência, em nome do fim da violência: a teoria política liberal surgiu independentemente da teoria democrática. Afirma Jorge Orlando Melo (1979, p. 213-214):

(...) incluso entre ambas se manifestó con frecuencia cierto grado de oposición, que empezó a debilitarse desde mediados del siglo XIX, cuando el liberalismo, ante los imprevistos efectos de la revolución industrial y respondiendo a las presiones y luchas sobre todo de sectores obreros, comenzó a incorporar elementos democráticos

dentro de sus planteamientos. (...) La vinculación estrecha entre libertad y propiedad llevó a considerar como participantes legítimos en la vida política solamente a los propietarios y a los profesionales independientes; los asalariados no podían considerarse hombres libres y por lo tanto no tenían derecho a participar en la toma de decisiones políticas.

Melo ainda destaca que essa tradição liberal, por mais que se possa discutir sua efetiva incorporação na prática política colombiana, foi a que prevaleceu no país até a chegada na década de 30 e 40 da chamada “Revolución em Marcha” liderada pelo Presidente liberal Alfonso López Pumarejo, que em 1936 conseguiu que na reforma constitucional se imprimisse um caráter institucional mais democrático²²⁸. Atravessadas as convulsões sociais marcadas pela generalização da violência durante os anos 40 e 50, a solução política trazida pela coalização bipartidarista da Frente Nacional e seu estabelecimento no poder a partir de 1958 deve ser também entendida (mas, obviamente, não meramente justificada) levando-se em consideração tal premissa histórica, pois ela em muito contribui para a compreensão de como foi possível que se chegasse a um acordo político (aparentemente irrealizável) que acabou por suprimir direitos democráticos básicos como o da livre escolha eleitoral. Recordemos que, em termos eleitorais, o acordo entre os partidos previa durante 16 anos a obrigatória alternância entre um governo liberal e outro conservador.

Passemos, portanto, a observar como a corrente ideológica liberal atravessa pelas páginas de *Mito*, manifestando-se na maioria das vezes de maneira implícita ou entrelinhada através de alguns textos e opiniões, mas também, como veremos, em algumas oportunidades manifestando-se de maneira explícita e assim ferindo um dos pressupostos básicos da revista que era o de não se constituir como um meio partidário ou dogmático de qualquer tendência político-ideológica.

Uma identificação essencial poderia ser constatada com a própria trajetória na revista de um dos seus maiores responsáveis enquanto diretor, administrador e colaborador: Pedro Gómez Valderrama. Se por um lado, como vimos nos itens anteriores dentro deste capítulo, Jorge Gaitán Durán estimulou alguns debates que apontavam a uma tendência política mais esquerdista (mesmo que preservando sua independência ideológica e sua não identificação com o marxismo, por exemplo), por sua vez Gómez Valderrama irá se manter alinhado com

²²⁸ PÉCAUT (2010, p. 62-63) destaca que “Este modelo se manifiesta en el plano económico bajo la forma de un modelo liberal de desarrollo, y en el plano político bajo la forma de una concepción pluralista de lo político y del poder. Entre los dos planos no hay una relación de determinante a determinado, sino solamente de conjunción y complementariedad”, ressaltando também que “El modelo liberal al que hacemos referencia es mucho más pragmático que teórico”, sobretudo se se leva em consideração, no que diz respeito à intervenção estatal, a “demanda permanente de proteccionismo por parte dos industriales y de los agricultores”.

uma perspectiva cuidadosamente fiel a princípios liberais, mais de centro-direita, em que, por exemplo, o tema da liberdade e suas discussões filosóficas, estéticas ou até mesmo de ordem cotidianas e práticas, destacam-se como umas das suas maiores preocupações. Aliás, não seria exagerado aqui afirmarmos que o tema da liberdade, verdadeiro *leitmotiv* de *Mito* que se prolongou mesmo após o fim da ditadura militar (já discorreremos sobre isso neste estudo), poderia ser tomado como um forte elo de identificação intelectual entre esses dois importantes escritores colombianos.

Já no número 3 da revista (ago.-set. 1955), Gómez Valderrama no texto “Crisis y soluciones”, ao resenhar o livro de Jaime Posada, *La revolución democrática* (Ediciones Revista de América), destacou a virtude da obra, segundo o crítico, ao associar um “status de libertades” com “la función normal del estado” (*MITO*, N° 3, p. 189):

En “La Revolución Democrática” de Jaime Posada, que en su primera edición se llamó “La Democracia Liberal”, se encuentra el planteamiento doctrinario, vigoroso y sincero, del problema de la libertad, de la dramática expectativa de una generación joven que, por la fuerza de las circunstancias, ha quedado situada nuevamente ante la angustia vital de la recuperación de un status de libertades, premisa indispensable para la realización de la función normal del estado.

A ideia de liberdade²²⁹ enquanto intrínseca ao conceito de liberalismo voltaria a ser afirmada por ele na revista quando, ainda dentro do período do governo totalitário de Rojas Pinilla em janeiro de 1957, na entrega de número 11, Gómez Valderrama publicou seu texto “Londres”, diário de sua estadia anos antes na capital inglesa, onde podemos encontrar a seguinte reflexão a partir do relato de um inesperado encontro com toda uma sessão bibliográfica dedicada ao “Liberalismo” dentro de uma importante livraria (*MITO*, N° 11, p. 312):

En el catálogo, encuentra Ud. cuanto quiera, desde historia a novela, de economía a ingeniería eléctrica; la política tiene su sector, pero está allí, independiente y solo, el liberalismo como un tema fundamental de la composición del mundo. Y ciertamente con razón, porque cuando decimos “Liberalismo”, no se dice solamente economía, ni ciencia política, ni historia. El Liberalismo es eso, todo eso, y mucho más. Su

²²⁹ São inúmeras as reflexões de Pedro Gómez Valderrama sobre a liberdade em toda sua obra, espécie de busca obsessiva, como reconhece seu filho, Pedro Alejo Gómez Vila (2007). Interessante aqui citar um trecho do texto “La letra de imprenta” (VALDERRAMA, 1995, p. 152-153), em que o tema aparece associado às revistas de cultura no país daquele período totalitário: “(...) [As revistas culturais] no fueron y no son (y eso queda ganado definitivamente), la tradicional publicación bizantina de literatura mediocre, bobalicona y ‘apolítica’ en el sentido que las dictaduras exigen a esa palabra. Sino revistas de *cultura* entendida ésta como función, forma y destino de la libertad. Desde ellas luchamos y sus colecciones lo atestiguan, como protesta, como ataque contra el filisteísmo, como afirmación de ser libres. Allí está el registro o testimonio vigilante de *Mito*, de *Prometeo*, de la segunda hora de *Revista de América*, de *El ciudadano*”.

compresión abarca lo humano, porque no es otra cosa que el hombre ante la libertad, el hombre ante el mundo.

De essas referências, por assim dizer, abstratas e conceituais a respeito do tema da liberdade junto ao liberalismo, podemos passar a identificar também sua ocupação enquanto prática política partidária. Exemplo disso é o texto “Crónica de mayo”, publicado no número 13 de *Mito* (p. 48-53) – entrega da revista que reivindicava as “libertades totales” diante dos conflitos e manifestações que levaram à queda de Rojas Pinilla em 1957 – em que Gómez Valderrama descreve com detalhes a articulação política da qual ele participou junto a nomes do partido liberal como Jaime Posada, Alberto Lleras, Baldomero Sanín Cano, Carlos Lleras Restrepo, Juan Lozano y Lozano, entre outros, em busca de direitos democráticos reclamados principalmente por estudantes, mas cujas manifestações de insatisfação haviam tomado proporções de greve geral em vários setores do país. Essa crônica aqui nos interessa por relatar o ambiente em que já se gestavam mudanças políticas no país, primeiro com a queda de Rojas Pinilla e depois com a Frente Nacional, sendo possível observar como Gómez Valderrama procurou atuar diretamente nas decisões e articulações políticas, sobretudo, entre as grandes lideranças do partido liberal.

E é justamente com Pedro Gómez Valderrama que *Mito* pela primeira vez irá tomar uma posição político-partidária explícita quando, às vésperas da eleição presidenciais de 4 de maio de 1958, foi publicado na revista um pequeno texto intitulado “Alberto Lleras”, dentro da seção “Actuales”, em seu número 18 lançado em abril daquele ano. No texto, Gómez Valderrama apoiava enfaticamente a escolha de Alberto Lleras nas prévias eleitorais dentro da Frente Nacional para a escolha de seu candidato: “La única solución es Alberto Lleras”, afirmando categoricamente (*MITO*, N° 18, p. 493):

Con Lleras el país se da una solución necesaria en un momento crítico. Políticamente es el único ciudadano que puede realizar en estos momentos la aspiración de los colombianos hacia una paz para todos, sin vencimiento para ninguno. Personalmente, su vida política, en la cual vemos sus amigos una invariable trayectoria de inteligencia, no ofrece el más mínimo resquicio de claudicación para los ojos más adversos.

Ainda que tal postura estivesse revestida pelo acordo negociado dentro da coalizão bipartidária, era claro que o entusiasmo liberal prevalecia. Mas seu peso político dentro das páginas de *Mito*, algo que poderia levar inclusive a mal-entendidos entre seus próprios diretores (naquele momento: Valencia Goelkel, Cote Lamus e o próprio Gómez Valderrama – Gaitán Durán estava na Europa), dentro do equilíbrio apartidário da revista pretendido

sobretudo por Gaitán Durán (certamente endossado por Valencia Goelkel), foi contrabalanceado pelo texto de Gaitán Durán publicado na página seguinte do mesmo número, “La candidatura Lleras”, em que ele explicita por sua vez todo um ceticismo em relação aos logros futuros do primeiro governo da Frente Nacional, numa espécie de síntese das ideias principais presentes nos textos que passariam a ser inicialmente publicados no jornal *La Calle* entre os meses de maio a dezembro de 1958 e que em 1959 seriam reunidos no livro *La revolución invisible*:

Los colombianos vamos a transformar nuestra patria en un país capitalista moderno y vamos a extirpar los restos de un obstinado feudalismo, en otras palabras, vamos a crear una industria *básica* y a hacer una reforma agraria. Es en la ejecución de éstas dos tareas formidables que se verá dentro de cuatro años si Lleras Camargo ha correspondido o no a la confianza que todos los colombianos, con algunas excepciones insignificantes, depositamos hoy en él. Por ahora no hay duda de que la burguesía colombiana se siente representada por Alberto Lleras mejor que por cualquier otro personaje, no obstante que el director del liberalismo pretendió darle al frente civil un contenido político, lo cual como hechos recientes han venido a demostrarlo fue una peligrosa ilusión. De cierto modo la presidencia de Alberto Lleras Camargo es la espuma de un fracaso. (*MITO*, N° 18, p. 494).

Voltando a Pedro Gómez Valderrama, sua atuação pública naqueles inícios de Frente Nacional dentro da linha do partido liberal, como era previsível, acarretou em sua aproximação ao poder quando ele foi nomeado pelo Presidente Alberto Lleras como Conselheiro de Estado, cargo que o afastará de *Mito* e que desempenhará entre os anos de 1959 e 1961. Tal nomeação foi festejada por Hernando Valencia Goelkel dentro da seção “Actuales” da revista (N° 22-23) através do texto “P. G. V. y MITO” (aqui já comentado – ver item 1.1 do corrente capítulo), onde notamos o uso por parte de Valencia Goelkel de um tom adulatório que foi também muito empregado pelo próprio Gómez Valderrama em seus textos, como bem o identificou Campuzano (2005). O fato é que essas trocas de lisonjas entre copartidários somadas às necessidades políticas daquele momento acabaram rendendo bastante a Gómez Valderrama, uma vez que ele desempenharia intensa atividade administrativa dentro dos anos da Frente Nacional, ainda como Ministro da Educação (1962-1965), chefe da Conferência Mundial da Unesco e Ministro de Governo (1965-1966) do Presidente conservador Guillermo León Valencia (filho do poeta Guillermo Valencia), assim como Embaixador na OEA (1967) e Embaixador na URSS (1968-1969) no governo do liberal Carlos Lleras Restrepo.

A prática adulatória entre correligionários liberais ainda foi empregada em outros momentos nas páginas de *Mito*. Por exemplo, na entrega N° 9 (ago.-set. 1956), ao resenhar o livro de

Carlos Lleras Restrepo na seção “Debates”, *De la República a la Dictadura*, Alvaro García Herrera não mede esforços para elogiar um dos futuros presidentes da Frente Nacional (*MITO*, Nº 9, p. 185):

Aquí está [nesse livro] (...) por él mismo trazada, su silueta de hombre público; obstinado en el combate, firme en la protesta, sagaz en el debate, comprensivo en la negociación, amplio y generoso cuantas veces pudo vislumbrar la posibilidad del entendimiento con el adversario, ya para proponerlo, mediante fórmulas de estadista ponderado y experto, ya para acordarlo con buena fe de caballero y satisfacción íntima de patriota.

Também em ocasiões de homenagem como a do texto publicado no número 25 de Fabio Lozano Simonelli dentro da seção “Biografías”, “Pensamiento y pasión de Carlos Lozano”, dirigida ao político liberal morto em 1952; ou a do texto da redação da revista dentro da seção “Actuales” em pesar do falecimento do ex-presidente López Pumarejo em 1959, “Alfonso López”, publicado no número 27-28 com depoimento de Jorge Zalamea. Por último, destaquemos também a grande “homenaje nacional” recebida por Jorge Gaitán Durán em 16 de fevereiro de 1962, onde estiveram presentes inúmeros amigos do escritor (das mais variadas tendências políticas), e cujo resumo dos acontecimentos foi publicado em *Mito* número 39-40 (p. 186-188) ao lado de algumas mensagens de adesão de figuras que não puderam comparecer, como a do Ministro da Educação Jaime Posada, a da filha do poeta conservador Guillermo Valencia, Luz de Uruburu, e a do escritor Eduardo Caballero Calderón. Depois da morte de Gaitán Durán, também em forma de homenagem, o último número da revista (Nº 41-42, p. 201-205) publicou o texto do conservador Eduardo Carranza lido naquela ocasião, “Palabras de un poeta a otro poeta”. Tal prática foi bem observada, como dissemos, por Campuzano (2005, p. 79), ao afirmar que “La fuerza retórica de esta semblanza es de algún modo decimonónica o, en todo caso, le debe mucho a ese tipo de textos laudatorios que nuestro siglo XIX produjo desastrosamente a raudales.”.

Num sentido aproximado, ainda que aprofundado em minuciosa e extensa análise histórica, não deixa de ser também um curioso registro das ocupações de *Mito* com a ideologia liberal a publicação em três entregas (Nº 18, 19 e 20) do ensaio “La revolución de Mosquera”, escrito por Indalecio Liévano Aguirre. Se levarmos em conta que os três textos juntos totalizam 80 páginas e que cada número da revista tinha, em média no decorrer dos anos, essa mesma quantidade de páginas, daí se pode concluir o tamanho do espaço dado por *Mito* aos acontecimentos políticos ao redor da polêmica e importante figura do liberal moderado que havia sido Presidente da República em quatro ocasiões no decorrer do século XIX. O

interessante é que o autor, o historiador Liévano Aguirre, também um liberal não muito convicto com o partido, se aproximaria do Movimiento Revolucionario Liberal (MRL) (fez parte do corpo de redação do jornal *La Calle*) e seguiria o caminho de seu líder Alfonso López Michelsen ao poder, sendo inclusive nomeado Ministro das Relações Exteriores de seu governo dentro da Frente Nacional em 1974.

Sobre o MRL, também é possível identificar nas páginas de *Mito* como se deu sua abertura gradual a esse grupo da esquerda liberal formado por dissidentes do partido devido a uma oposição às políticas da Frente Nacional. A nosso ver, sua presença em *Mito* constitui também outro exemplo de adoção de postura partidarista da revista, inicialmente indireta, contando apenas com a colaboração de políticos e intelectuais participantes do movimento, para depois se converter, como veremos, em uma postura direta e com tendências explicitamente a seu favor.

Antes mesmo da formação do MRL, um dos seus futuros adeptos e detrator de *Mito* com a carta intitulada “La comedia de las contradicciones liberales” (*MITO*, Nº 9, ago.-set. 1956, p. 195-205), Jorge Child, já tecia nesse mesmo texto uma enorme crítica aos partidos tradicionais ao caracterizar sua luta como “una lucha dirigida por las rivalidades de sus jefes políticos y no por los proyectos de la realidad nacional” (idem, p. 198), por isso identificando-se a si próprio como “un liberal perdido” (ibid., p. 196). O descontentamento de Child com a então nascente Frente Civil que daria origem à Frente Nacional era manifesta (ibid., p. 200):

Creer que lo importante como piensa el **frente civil**, es restablecer ahora en Colombia las condiciones de una discusión escolástica de comprobado fracaso, equivale a padecer una **equivocación de ideales** que en política es tan grave como la **ignorancia de los hechos**, es decir, como la ignorancia de que los liberales estuvieron cuatro años matándose por tumbar a Laureano Gómez para que ahora se maten porque Laureano Gómez suba al poder (...). [grifos do autor].

Essa voz precursora de Child, que como vimos encontrava alguma ressonância na revista nas do próprio Gaitán Durán e seu texto “La candidatura Lleras”, mais tarde também a teria na de outro célebre esquerdista colaborador de *Mito*, Gerardo Molina, e seu texto “La izquierda en Colombia”, publicado na seção “Documentos” do número 33 de nov.-dez. de 1960, ou seja, já nos anos iniciais da Frente Nacional. Molina (*MITO*, Nº 33, p. 161-162), que naquele mesmo ano havia sido eleito Congressista pelo MRL, reconheceu num primeiro momento a estratégia de “eliminación de los odios políticos” até como boa,

Pero en seguida descubrimos la falla tremenda del Frente Nacional que es la que ha impedido su funcionamiento correcto y la que explica su parálisis: al celebrar ese

acuerdo, sus artífices no tuvieron en cuenta realmente los intereses y las necesidades del pueblo. (...). A los sectores dirigentes de los dos partidos les fue fácil celebrar este acuerdo, porque la gravitación de los intereses en uno y en otro los había llevado a una aproximación irreversible: ellos se habían hecho conservadores en lo social y liberales en lo político.

Para mais adiante no texto revelar os planos do MRL (ibid.):

(...) el Movimiento Revolucionario Liberal, (...) en menos de un año de campaña logró llevar a las urnas en marzo de este año más de 300.000 votos y obtener 17 curules en la Cámara. Es un movimiento de tendencias socialistas, que si persevera en sus propósitos y aumenta su trabajo, puede llegar a controlar el liberalismo, con lo cual se abriría un nuevo capítulo de nuestra historia política.

A abertura de espaço para que o MRL pudesse expor suas ideias na revista, evidentemente sob o apoio de Gaitán Durán²³⁰, culminaria com a publicação do texto “Discurso a los intelectuales”, do líder do movimento Alfonso López Michelsen, na seção “Documentos” da entrega de número 39-40 lançado em fevereiro de 1962. Nesse discurso, que a revista não informa em que contexto havia sido proferido, Michelsen reafirma sua crença no processo revolucionário (“dos elementos esenciales para toda revolución: el número, la cantidad, el volumen, por parte del pueblo, y la luz, la inteligencia, la orientación por parte de las clases intelectuales del país”, *MITO*, N° 39-40, p. 180), trata de relatar as origens e princípios do MRL, mas poupa a Frente Nacional de críticas mais contundentes. As consequências editoriais dessa postura assumidamente favorável a um grupo de base liberal com tendências socialistas, se pensarmos em termos de prosseguimento do discurso da revista em sua linha editorial supostamente apartidária, infelizmente, não pode ser aprofundada, uma vez que o número 39-40 foi justamente o último lançado com Gaitán Durán ainda vivo, e a última entrega (41-42, lançada em junho de 1962) se mostrou bastante neutra nesse sentido. Mas de qualquer forma, poderia-se supor que *Mito* tenderia a tentar encontrar um reequilíbrio de forças ideológicas assim como o fez após a declaração de Gómez Valderrama apoiando Alberto Lleras em suas páginas, ainda que se saiba, através de Cote (1990) que a revista estava encontrando dificuldades para a sua continuidade.²³¹

²³⁰ Lembremos que Ediciones Mito publicariam em 1961 o livro de Alfonso López Michelsen sobre seu pai, o ex-presidente Alfonso López Pumarejo: *Los últimos días de López y cartas íntimas de tres campañas políticas (1929-1940-1958)*.

²³¹ Citamos o trecho de uma carta de Eduardo Cote Lamus a Rafael Gutiérrez Girrardot, datada de 30 de julho de 1962, presente no texto de Pedro Cote: “Yo (no soy partidario) de sacar otra vez la revista, porque se me hacía que se encontraba ya agonizando y que había dejado de tener sentido en nuestro ambiente y que de por sí no hubiera resistido más de cinco números. Por otra parte nos encontramos todos situados y muy llenos de

Gaitán Durán, que também se aproximou do MRL, teve o cuidado de em *Mito* não se manifestar de maneira tão contundente contra a Frente Nacional como o fez em sua análise de *La revolución invisible* ou em sua coluna “Dentro y fuera” do jornal *El Espectador*.²³² Além daquele texto “La candidatura Lleras”, somente encontramos uma menção crítica indireta ao governo Alberto Lleras ao narrar, no texto “20 de julio” dentro da seção “Actuales” (*MITO*, Nº 36, p. 401), a intervenção no Senado do conservador Manuel Bayona Carrascal, ao demonstrar seu descontentamento pelo fato de o Presidente ter enviado à diplomacia no exterior os generais responsáveis pelo massacre do “circo de toros”, ocorrido em 1956.²³³ De uma forma geral, em *Mito* prevaleceu menos um ataque frontal à Frente Nacional nos moldes do que a revista fez contra o governo de Rojas Pinilla do que críticas localizadas em textos de alguns colaboradores, como vimos.

A explicação desse cuidado crítico em relação à Frente Nacional nos leva a concluir que, por mais que Gaitán Durán tivesse suas queixas ao governo da coalizão bipartidária, em *Mito* sobressaiu seu apoio a este acordo político entre liberais e conservadores. Os motivos poderiam ser justificados desde dois aspectos complementares: por um lado, o discurso pautado no diálogo entre os partidos em prol do fim da violência e da crise social ia em convergência ao da linha editorial da revista de tolerância para “hablar y discutir con gentes de todas las opiniones y de todas las creencias” (*MITO*, Nº 1, p. 2), o que levaria a deduzir, portanto, que seu apoio à Frente Nacional seria uma consequência política coerente com o seu discurso editorial (lógica que pretendemos problematizá-la no próximo capítulo); por outro, era evidente que a implantação desse sistema de governo era um triunfo do partido liberal por sua luta contra as ditaduras civil e militar dos governos anteriores, cujas ideologias de base

ocupaciones: Pedro Gómez con seguridad irá al gabinete, Fernando tiene el tiempo completo en Cicolac, Jorge Eliécer trabaja en Planeación, yo estaré en el Senado o en otra parte, y Hernando sería en fin de cuentas el encargado de hacerlo. Creo que por eso se obstina en negarse a sacarla y lo comprendo, porque la responsabilidad cae sobre él. Existe otra fórmula: Ediciones Mito, que vendrían a llenar un vacío”. Apud COTE, 1990, p. 199.

²³² Mesmo assim, também em *La revolución invisible* (1999, p. 70), ele fez questão de deixar sua postura esclarecida: “He pretendido ser claro: el hecho de que yo advierta la debilidad presente y los peligros futuros del Frente formado por nuestros dos partidos tradicionales, no significa que yo sea enemigo de un *verdadero* Frente Nacional, único camino para que el hombre colombiano enfrente imperialmente la aguda crisis de estructuras en que se debate y se frustra, atacado por todos lados, y pueda al fin *crear* un país moderno y libre”. Destaques do autor. Sobre os textos de *El Espectador*, ver DURÁN; GÓMEZ, 2004, p. 528-529; p. 539-541; e p. 543-547.

²³³ O episódio ocorreu em virtude de a filha de Rojas Pinilla, María Eugenia Rojas, ter sido vaiada pelo público da “plaza de toros” num domingo de tourada, em uma demonstração pública de descontentamento político contra o governo, e o fato de uma semana depois, no mesmo recinto, agentes do governo terem propiciado a morte de inúmeras pessoas que se negaram a gritar saudações ao governo.

conservadora acabaram por se fundir no imaginário político do país, e que justamente esse triunfo levaria a revista e sua preponderância ideológica liberal a se identificarem maiormente com o primeiro governo de Alberto Lleras, inclusive, beneficiando-se politicamente com cargos administrativos, como foi o caso do liberal Pedro Gómez Valderrama, apenas para citar talvez o caso mais significativo.

Como veremos no próximo capítulo, somando-se as inquestionáveis qualidades de *Mito* enquanto revista de cultura com as consequências de sua identificação política com a Frente Nacional e seus diálogos com os próximos círculos de poder, ambas foram favoráveis ao processo de estabelecimento canônico de *Mito* dentro da historiografia literária colombiana, uma vez que a participação de intelectuais e políticos ligados à revista (ou simplesmente pertencentes ao grupo que a apoiou e nela colaborou) nas futuras administrações do país ocupando cargos de relevância e influência na área cultural foi bastante significativa.

Capítulo IV – Pós-*Mito*: os meios e os fins

“No descarto la posibilidad de que el intelectual pueda tener influencia política. A condición de que no intente transformarse en político. Dicho de otro modo, a condición de que se mantenga su desconfianza ante la actualidad, de que analice y critique los acontecimientos con suficiente perspectiva histórica.”

Jorge Gaitán Durán
Escrutinio, El Espectador, 31 jul. 1960

1 – Cultura e poder

1.1 – Alcances do discurso político-cultural

Nossa leitura da revista *Mito* até aqui procurou focar as atenções naquilo que dela foi possível apreender de mais significativo em termos culturais, enquanto propostas de atuação intelectual e resultados empreendedores concretos, assim como políticos, enquanto aspectos socio-ideológicos predominantes em todo o Projeto *Mito*. O objetivo final deste último capítulo é tentar discutir a partir de algumas constatações dessa leitura como se deu o entrelaçamento desses dois aspectos na conformação do imaginário cultural colombiano após o fim de *Mito*, ou seja, o quanto que uma revista e grupo a ela filiado conseguiram fazer-se compreender nos meios culturais do país como um aporte bastante importante à transformação desse próprio ambiente, assim lhes imprimindo características que garantiram a essa publicação e grupo uma posição privilegiada na literatura colombiana. De antemão, precisamos esclarecer, por um lado, que nosso acercamento à revista e ao Projeto *Mito* levou-nos a constatar a procedência de sua relevância político-cultural e por isso partimos de um pressuposto argumentativo, em prol do movimento crítico conclusivo dessa pesquisa, que não pretende questionar os seus valores. O que passaremos a analisar, portanto, são algumas possíveis características do empreendimento e suas reverberações posteriores ao seu término que, de acordo com nossa hipótese, contribuíram ao estabelecimento canônico de *Mito* na história da literatura colombiana. Por outro lado, ainda assim procuraremos a continuidade do exercício crítico até aqui tencionado de observar factualmente os acontecimentos e não nos deixar absorver pelo arriscado juízo simplesmente laudatório.

Uma significativa constatação de nossa leitura foi a de que o grupo de *Mito* sempre teve bastante claro que sua atividade intelectual, diante de todo o contexto do momento, devia ser algo exigentemente vinculado à atuação política, fosse ela ideológica ou administrativamente falando. Quando nos referimos a tais exigências do contexto, como vimos, estamos nos referindo a, por exemplo, desde a herança da tradicional “República Letrada” colombiana, assim como ao ambiente político nacional manchado pelo sangue partidarista, até a corrente europeia (leia-se “sartrismo” e a ideia de “intelectual total”) de engajamento explicitamente influente no Projeto *Mito*. Nesse sentido, ainda que também seja evidente que a revista surgiu em meio a uma crescente e desejável realidade de especialização e autonomia da profissão “escritor”, sobretudo se pensarmos em termos de função como crítico literário (COLORADO, 2015) que vinha de exemplos como os de Baldomero Sanín Cano, Germán Arciniegas ou como do próprio Hernando Téllez, no caso da maioria dos escritores responsáveis ou vinculados à revista, tal realidade ainda se mostrava incipiente e foram constantes suas atuações no âmbito político-administrativo não apenas por convicção ideológica, mas inclusive por necessidade de atividade profissional remunerada, por exemplo.

Jorge Gaitán Durán, que em momento algum deixou transparecer dúvidas quanto a sua posição social (posição essa inclusive favorável ao que ele se autoidentificava enquanto “independência” política), talvez tenha sido um caso à parte dentro dessa busca pelo profissionalismo devidamente remunerado, e se em 1962 ele tentou uma vaga no Senado vinculando-se partidariamente ao MRL (“contradições” à parte...) foi mais motivado pela crença na possibilidade de atuação política legislativa do que propriamente por uma questão de “sobrevivência” pessoal. Poderíamos ainda acrescentar, talvez, a constatação de Jacques Gilard (2005) do quanto Gaitán Durán era um homem atraído pelo poder, algo que só confirma ainda mais a convicção do fundador da revista de que deveria necessariamente ser um intelectual com atuação política. Também Pedro Gómez Valderrama em momento algum hesitou em atender ao chamado da atividade político-partidária ou político-administrativa, posição essa comentada e defendida, como vimos, por seu companheiro de revista Hernando Valencia Goelkel (“P.G.V. y MITO”, *MITO* N°22-23, p. 360). Fernando Charry Lara, que em 1959 havia se pronunciado sobre a necessidade de independência política do intelectual para poder exercer seu papel através de instituições culturais (“Ostracismo e insensibilidad”, *MITO*, N° 25, p. 44-45), mais tarde iria também defender a atuação político-administrativa dos intelectuais em governos colombianos ou hispano-americanos em termos de “preparação intelectual” e “capacidade” para o exercício, quando comentou a atividade política do grupo de “*Los Nuevos*” (1988, p. 42-43) a partir do início da República Liberal em 1930. E a

corroboração a essa perspectiva poderia ainda vir com os papéis políticos desempenhados durante e depois da existência de *Mito* por Rafael Gutiérrez Girardot, Jorge Eliécer Ruiz e principalmente por Eduardo Cote Lamus, cujo já extenso currículo político foi abruptamente interrompido com sua morte em 1964.²³⁴ A importância dessa perspectiva de atuação intelectual que se prolongará após o fim da revista nos parece fundamental para entender os alcances do discurso de *Mito*.

Interessante que a vinculação desses escritores com o sistema de poder teve como base ideológica o que Sarah de Mojica (1983, p. 163) identificou como “Una actitud ilustrada y liberal, que confronta el mundo inmediato con los modelos avanzados de civilización, y aspira con ello a la instauración de reformas que mejoren las condiciones sociales”, em oposição àquilo que preponderava na crítica tradicional ocupada com “La creación de un ámbito estrechamente culto para las élites, mediante una idealización de la realidad, y el perfeccionamiento de un código formal de expresión.” (ibidem), comprovação esta que refletia, segundo a ensaísta, as “valoraciones ligadas al sistema político bipartidista colombiano” (ibidem). Dentro dessa lógica, ganha ainda mais significado a linha discursiva assumida pela revista que se construiu sobre o alicerce da tolerância ideológica ou estética, e consequentemente toma também bastante relevo, a partir desse alicerce, a figura política de Eduardo Cote Lamus (Cônsul, Congressista, Senador, Secretário de Educação e Governador do estado de Norte de Santander) vinculada ao Partido Conservador, se considerarmos que *Mito* apresentou uma tendência liberal-esquerdista, conforme constatamos no capítulo anterior.²³⁵

Mas a associação entre os exercícios intelectuais e políticos tão evidentemente pouco ou quase nada passíveis de serem questionados a partir dos casos acima citados, ganhou um contorno um tanto diferenciado nas reflexões de um escritor como Hernando Téllez no momento da publicação de *Mito*. Não tanto por uma atuação que tivesse relegado o papel político do intelectual a um plano inferior, fato que não se poderia alegar principalmente se levarmos em consideração que em sua carreira ele desempenhou inúmeros cargos político-administrativos antes de se juntar ao grupo da revista (Secretário no *Concejo* de Bogotá,

²³⁴ Ver nota 26 sobre os principais cargos políticos desempenhados pelo grupo ligado à *Mito*.

²³⁵ Ainda dentro dessa constatação, chama-nos a atenção o curioso fato de Cote Lamus, mesmo que tenha se ocupado tanto com a vida política, praticamente não tenha desenvolvido reflexões de ordem crítico-ensaística, fossem literárias ou políticas, dignas de destaque. Sua atenção quase que exclusiva à lírica, portanto, não deixa de ser um exemplo do que Mojica (1983, p. 162) assim reconhece: “La sobrevaloración de la lírica como género ideal de la expresión siempre estuvo identificada con la práctica y la retórica política”.

Cônsul na França, Senador da República e ainda Embaixador junto à Unesco), mas pelo fato de, justamente no momento em que passou a se identificar com ela, sua prévia experiência como intelectual e político já lhe tinha proporcionado certo ceticismo com as consequências dessa junção. Os motivos, como pudemos aqui constatar, por exemplo, em um livro como *Literatura y sociedad*²³⁶ (cuja primeira edição foi publicada por Ediciones Mito em 1956), residiram sobretudo na descrença em relação ao papel do político por este lidar paradoxalmente, segundo Téllez, com certezas absolutas e realizações relativas diante da ambiguidade e imprevisibilidade da história. Em 15 de março de 1962, no *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*, Téllez retomou essa tese em seu texto “El intelectual y el político”, e acabou por assim concluir sobre a diferença entre seus papéis na sociedade (1979, p. 588):

Un político debe carecer de dudas. Si las tiene, estará perdido como político. En cambio, el intelectual que no dude precisamente sobre aquello que constituye el bloque de las certidumbres del político – la dócil acomodación de la historia a los designios de una ideología, a la acción de un partido, a la eficacia de un programa; el logro de la felicidad humana a través de cualquier fórmula de relación política y de organización económica; la extirpación de la crueldad, la injusticia y la inequidad en la peripecia humana y social, etc.–, ese intelectual, decimos, será un modelo de candidez, apto para transformarse en político. Uno y otro – el intelectual, el político – son necesarios en el proceso inmemorial del “ruido y el furor” de la historia humana. ¿Pero no es cierto que los papeles que ellos representan son diferentes y antagónicos?

Independentemente das reservas de Hernando Téllez, o fato é que a discussão no mundo ocidental em torno do papel do intelectual na sociedade naquele momento já havia sido amplamente realizada. Antes da proposta de *engagement* sartreana, que, ao fim e ao cabo foi a que estava mais em voga no momento do surgimento de *Mito*, muitos intelectuais haviam se dedicado sobre o assunto e dentre as diversas conclusões, só para citar brevemente alguns exemplos, teríamos desde a concepção de Julien Benda (*A traição dos intelectuais*, 1927), dos intelectuais como um seletto grupo de privilegiados que constituem a consciência da humanidade, traidores no momento em que abandonam seus compromissos e princípios; ou a de Antonio Gramsci (*Os cadernos do cárcere*, 1929-1935), que observou uma divisão dos intelectuais em dois grupos: os tradicionais que continuam fazendo o mesmo serviço geração

²³⁶ Ao lado do aqui já comentado texto “El reino de lo absoluto”, poderíamos ainda citar como exemplo desse ceticismo o texto “El gran miedo” (TÉLLEZ, 1957, p. 52-53), onde se lê algo como: “El Poder Total tiene, por lo menos, eso de equitativo: que difunde universalmente sus ondas de terror, sin que sea posible a ninguna capa social evitar el impacto. Pero las clases privilegiadas prueban la coartada. Y al servicio de ellas aparece entonces con su repertorio de teorías, explicaciones y justificaciones, el intelectual y el político”.

após geração, e os orgânicos, vinculados a interesses de poder ou controle (Cf. SAID, 1996); e, paralelamente à proposta sartreana, a visão de um Raymond Aron (*O ópio dos intelectuais*, 1955) e sua crítica ao conceito de esquerda e à ideologia marxista. Aron, que em 1945 fez parte da redação do grupo fundador da revista *Les Temps Modernes* para dela separar-se em 1947 por desacordos com Jean-Paul Sartre, poucos meses antes de morrer, em 1983, ainda se mostrava ocupado com o tema em um texto como “Los intelectuales y la política”, onde procurou tratar a questão em termos de ética da convicção e ética da responsabilidade, invocando características aos intelectuais como as de “modestia”, “coerencia”, “moderación” ou “claridad moral para consigo mismo y los otros” (ARON, 1983, p. 4).

No caso dos intelectuais da revista *Mito*, o que nos interessou através desta pesquisa foi primeiramente visualizar como se traduziu a perspectiva do intelectual com atuação política na linha editorial da revista e no seu discurso político-cultural, leitura que procuramos empreender principalmente no capítulo anterior. Mas há uma discussão que surge dessa leitura que é a dos alcances desse discurso, isto é, a das consequências proporcionadas a partir da incursão da revista no universo político em conjunção com o universo da cultura, algo que nos leva *a priori* à identificação de uma importante consideração de ordem conceitual discutida, por exemplo, por Raymond Williams, e que diz respeito justamente a esse vínculo entre o político e o cultural.

Nosso interesse na forma como Williams procurou abordar essa questão, sobretudo em um trabalho como *The long revolution* (1961) ou nas posteriores reflexões de *A política e as letras* (2013), baseia-se inicialmente na conotação que considera o sentido de cultura como um processo, chamando a atenção para seu significado histórico inicial atribuído à ideia de cultivo de algo, de uma atividade de movimento através de um período de tempo, algo que aproximaria o conceito de cultura como “todo um modo de vida” (WILLIAMS, 2013, p. 150). Procurando mostrar o quanto a prática econômico-política se mostra como determinante no resto da vida real, Williams chega à verificação da “formulação da ideia de produção cultural como material em si” (ibidem, p. 133), ou seja, a produção cultural passa a ser vista como social e material, assim levando-o à ideia de “indissociabilidade do processo social” (ibid., p. 134). E é sobretudo a essa consciência da “indissolubilidade de todo processo sociomaterial” (ibid.) que aqui nos dedicamos enquanto base conceitual (ibid., p. 132): a de “inseparabilidade das estruturas – as relações inextricáveis entre política, arte, economia e organização familiar”, o que ele identificou como “elementos indissolúveis de um processo sociomaterial contínuo”. Diz Raymond Williams em *The long revolution* (apud WILLIAMS, 2013, p. 130-131):

A verdade sobre uma sociedade deve ser encontrada, aparentemente, nas relações reais, sempre excepcionalmente complicadas, entre o sistema de decisão, o sistema de comunicação e aprendizado, o sistema de manutenção e o sistema de reprodução e criação²³⁷. Não se trata de procurar por uma fórmula absoluta, pela qual a estrutura dessas relações poderia ser invariavelmente determinada. A fórmula que nos interessa é a que, em primeiro lugar, estabelece as conexões essenciais entre o que jamais são sistemas separados e, em segundo lugar, mostra a variabilidade histórica de cada um desses sistemas e, dessa forma, das organizações reais dentro das quais eles operam e são vivenciados.

Poderíamos aqui apontar uma convergência entre essa perspectiva totalizadora de Raymond Williams e a que Jorge Gaitán Durán revelou acerca da “amplificación horizontal de la cultura” (apud DURÁN; GÓMEZ, 2004, p. 189-190. Ver item 1.2 do capítulo 1) ao propor a ideia de intelectuais como “especialistas en ideas generales”, ainda que o colombiano tenha se restringido ao que Williams chamou de “sistema de comunicación e aprendizado (cultural)”.

Tendo tal consideração de caráter apriorístico em vista, nosso intuito de direcionar o debate para as consequências à sociedade colombiana do discurso com tendências totalizadoras da revista, pensando sua interferência principalmente no que diz respeito à inter-relação dos sistemas culturais e políticos, assim nos levaria a problematizar algo intrinsicamente ligado à esfera da ética intelectual tanto em seu aspecto individual como coletivo: mesmo que estivesse bastante clara em sua proposta editorial a vontade de que a publicação de *Mito* fosse uma contribuição de “um núcleo cultural positivo” (COELHO, 1997) para “suministrarles a los colombianos los materiales necesarios para que piensen por cuenta propia” (DURÁN; GOELKEL, *MITO*, Nº 36, p. 404), ainda assim surgem as seguintes perguntas: poderia ser considerada a linha estrutural do discurso editorial de *Mito* – a proferida desde o editorial da sua primeira entrega de que “Pretendemos hablar y discutir con gentes de todas las opiniones y de todas las creencias. Esta será nuestra libertad.” (*MITO*, Nº 1, p. 2) – como uma manifestação de certa “inteligência desinteressada” (WILLIAMS, 2013) mais tarde substituída, por exemplo, pelo explícito apoio político à ideologia da Frente Nacional? Ou seria seu apoio à Frente Nacional uma consequência política realmente coerente com o seu discurso editorial?

A problematização em torno dos reais interesses políticos de *Mito*, considerando-a enquanto meio de comunicação representativo de um coletivo ou de “um núcleo cultural positivo” em

²³⁷ Em *The long revolution* Williams propõe esses quatro sistemas como essenciais dentro de qualquer sociedade: o sistema de decisão (político), o sistema de comunicação e aprendizado (cultural), o sistema de manutenção (econômico) e o sistema de reprodução e criação (familiar).

que, como vimos no capítulo anterior, predominou uma tendência ideológica liberal esquerdista sem dogmaticamente assumir-se enquanto tal, parece-nos crucial e para tentarmos analisar essa possível contradição em seu discurso procuraremos observá-la a partir das duas questões lançadas no parágrafo acima naquilo que se refere ao apoio de *Mito* à ideologia da Frente Nacional. Cabe também esclarecer que estamos levando em consideração como “apoio” de *Mito* à proposta frentenacionalista o resultado da análise discursiva da revista que empreendemos anteriormente,²³⁸ amparadas por leitura como a de Campuzano (2005).

Primeiro, se tomarmos o apoio à Frente Nacional como uma consequência coerente com seu discurso editorial pelo fato de o discurso político da Frente ser baseado no diálogo entre os partidos em prol do fim da violência e da crise social, algo próximo à postura de tolerância ideológica defendida pela revista, tal perspectiva de abordagem tenderia a amenizar o que de contraditório poderia sobressair pelo fato de a revista não ter se assumido explicitamente como liberal. Nesse sentido até mesmo o contrapeso da presença do MRL em suas páginas seria sobrepassado pois também seria o resultado coerente do diálogo “con todas las opiniones” e “todas las creencias”, e a futura participação de Alfonso López Michelsen como Ministro de Relaciones Exteriores no governo de Carlos Lleras Restrepo seria mais um exemplo de que o diálogo por cima das diferenças defendido por *Mito* estava certo e deveria fazer sentido. Essa linha de raciocínio, portanto, justificaria francamente as futuras participações de Pedro Gómez Valderrama ou de Jorge Eliécer Ruiz nas áreas de educação e cultura em governos próximos como consequentemente procedentes.

Agora, se tomarmos a mudança de postura de uma “inteligência desinteressada” para a de um conveniente *aggiornamento* às proposições conciliadoras da Frente Nacional diante de uma desesperante situação de caos político arrastado durante anos de violência partidarista, tal mudança seria uma dura contradição no discurso da revista que poderia ser interpretada como uma busca de participação nos círculos de poder por encima de qualquer coerência discursiva. Através dessa perspectiva, tomaria força a leitura de Medina (1977, p. 84) de que, ao se tornar idoneamente uma grande realização literária respaldada por indiscutíveis valores, a revista tenha servido para “conformar una ‘clase’ dirigente intelectual y manipular a través de ella la ‘cultura’”.

²³⁸ Quanto à indiscutível aproximação direta junto ao poder de importantes intelectuais e políticos ligados à *Mito* como Pedro Gómez Valderrama, Jorge Eliécer Ruiz e Alfonso López Michelsen; ou próximos a seu grupo, como Carlos Lleras Restrepo, Belisario Bentancur e Jaime Posada, ao assumirem cargos administrativos de primeiro e segundo escalões nos governos da Frente Nacional, trataremos no próximo item deste último capítulo.

Williams (2013) revela em 1979, ao testemunhar em sua entrevista para a *New Left Review* a forma de atuação política da revista inglesa *Politics and Letters* (da qual ele fazia parte) imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, as dificuldades causadas pelo fato de tal revista ter sido publicada sem se assumir abertamente como socialista, ou seja, revestindo-se de certa neutralidade ideológica que não condizia com seu discurso predominante, fato que certamente influenciou na efemeridade da própria revista (1947-1948): “Vocês podem ver a forma como se pode mudar do conceito flutuante de inteligência desinteressada para a posição muito mais defensável de um estilo essencialmente aberto de trabalho intelectual que, contudo, inclui a declaração não impositiva de sua própria posição” (ibid., p. 71). Nesse sentido, concordamos com Williams que a linha editorial da revista *Mito* baseada na tolerância ideológica poderia ter sido explorada no que diz respeito ao diálogo sem necessariamente revestir-se de uma suposta neutralidade, isto é, a revista poderia ter se assumido como liberal-esquerdizante e manter aberta a confrontação saudável e necessária entre convicções diferentes ou até mesmo polarizadas, o que evitaria o desconforto da dúvida quanto à coerência ou não dentro do seu discurso político.

Algo que se sobressai de ambas as interpretações do processo histórico político-cultural vivenciado por *Mito* e pelo grupo a ela vinculado é que, se tomarmos as discussões levantadas por Michel Foucault (2003) ou por Pierre Bourdieu (1996) sobre a forma de abordagem histórica a determinados acontecimentos como, no nosso caso, a do processo cultural e político experimentado pela publicação da revista e suas posteriores consequências, a noção de “interesse” deve ser levada em consideração com bastante cuidado e atenção. Foucault (2003, p. 5), como mencionamos no início dessa dissertação (ver item 1.2 do capítulo 1), tratou de enxergar a historicidade em termos belicosos (“Relação de poder, não relação de sentido”), buscando assim relevar o que de estratégico e tático deve haver no interior das lutas dos acontecimentos da história. Assim, se assumirmos a noção de “interesse” relacionado com algo que é importante social e materialmente falando, sua conotação aponta para o que de utilidade ou vantajoso pode estar envolvido, algo que sem dúvida nos remete a pensarmos os acontecimentos sob a óptica da estratégia. Trazendo a questão para o aspecto econômico, Bourdieu (1996, p. 245), ao se ocupar daquilo que deriva da presença do campo literário no campo do poder, cuidou de destacar o quanto a ordem literária assim se apresenta “como um mundo econômico invertido: aqueles que nele entram têm interesse no desinteresse”, chamando a atenção para o fato de que “os lucros simbólicos (...) são eles próprios suscetíveis de ser [sic] convertidos, em prazo mais ou menos longo, em lucros econômicos”.

Influenciado por Bourdieu, mais recentemente o pesquisador Juan Zapata (2012, p. 312-313), ao discutir como analisar a posição social do intelectual em Colômbia, procurou observar a questão da atuação do intelectual no interior das instituições culturais relacionando intimamente as tomadas de decisões desse intelectual no poder com o “capital simbólico acumulado” por ele:

Así, en tanto miembro de la institución, el intelectual puede ocupar, bien sea una posición dominante, esto es, una posición legítima desde la cual y gracias al capital simbólico acumulado, se fijan los límites del campo (quién es considerado como intelectual y quién no lo es, cuáles producciones son legítimas y cuáles no); o bien una posición subordinada, es decir, una posición con un frágil capital simbólico y por lo tanto con un frágil grado de legitimación. De ahí que, tal y como lo describe Bourdieu en su teoría del campo, el principio de este es la lucha entre los agentes por la acumulación de capital simbólico, es decir, por el derecho a ocupar las posiciones dominantes desde las cuales se fijan las leyes del campo.

Assim lançadas algumas iniciais questões em torno das relações entre cultura e poder suscitadas pelo discurso gerado por *Mito*, chegamos, portanto, a condições de analisar a ideia de possíveis proveitos políticos e consequentemente culturais proporcionados pelo Projeto *Mito* nos anos decorrentes ao seu término, examine este que parte da ocupação deste projeto com esferas de conhecimentos e valores como instrumentos propiciadores de poder. O que passaremos a verificar mais a fundo no próximo item é como os tipos de poder que estiveram envolvidos propiciaram uma contribuição à abertura de caminhos ao estabelecimento de *Mito* nos cânones da história literária colombiana, uma vez que seus ex-participantes chegaram aos órgãos oficiais de decisão cultural ou se mantiveram a eles próximos, inclusive através da continuidade de suas atividades em projetos herdeiros de *Mito*.

1.2 – O poder e os efeitos desejados

Aproveitemos agora para ampliar algo anunciado no primeiro capítulo deste trabalho (ver item 1.2) e que remete à decisiva compreensão da definição de poder tomada por Norberto Bobbio (1998, p. 954-955):

(...) o poder é definido por vezes como uma relação entre dois sujeitos, dos quais um impõe ao outro a própria vontade e lhe determina, malgrado seu, o comportamento. Mas, como o domínio sobre os homens não é geralmente fim em si mesmo, mas um meio para obter “qualquer vantagem” ou, mais exatamente, “os efeitos desejados”,

como acontece com o domínio da natureza, a definição do poder como tipo de relação entre sujeitos tem de ser completada com a definição de poder como posse dos meios (...) que permitem alcançar justamente uma “vantagem qualquer” ou os “efeitos desejados”.²³⁹

Interessante que Bobbio ressalta a necessidade da ideia de “posse dos meios” como associada à definição de poder baseada no tipo de relação entre os homens, ideia tal que remete à importância da organização das forças produtivas, isto é, do poder econômico. Bobbio ainda identifica para a definição de poder, junto a esse poder econômico, as existências do poder ideológico, responsável pela organização do consenso, assim destacando a importância social de figuras como a do intelectual (sábios, cientistas etc.) como detentores do conhecimento e de valores necessários à coesão social; e do poder político enquanto organização da coação, instrumento para condicionar os comportamentos numa sociedade.

O auxílio que conceitos como os acima recorridos servem para a interpretação dos alcances do Projeto *Mito* na cultura colombiana se mostram, a nosso ver, bastante eficazes, uma vez que a publicação de uma revista com as características de atuação cultural e política como *Mito*, assim como o funcionamento de sua casa editorial, por sua vez aliado ainda à existência de programa radiofônico e até abertura de livraria própria, comprovam as ações do projeto transitando habilmente entre as três classes de poder apontadas: 1) a construção de toda uma estrutura empresarial editorial e midiática que se valeu da posse de determinados bens para influenciar o comportamento daqueles que não os possuíam, caracterizando, portanto, a existência de um poder econômico; 2) a influência que ideias geradas a partir dessa estrutura editorial exerceram sobre a conduta social, em estreita relação com os modos e as circunstâncias em que foram formuladas, os processos pelos quais foram difundidas e a autoridade intelectual daqueles que as formularam, caracterizando assim um evidente poder ideológico; 3) e o emprego da força da palavra, coativa, como instrumento condicionador comportamental na sociedade como uma tentativa de aproximação ao poder político. Sobre esse último movimento aproximativo, ressaltamos que ele nos interessa em seu possível cruzamento com o poder ideológico através da força da palavra, não da força física, conforme se poderia supor através da conceituação de poder político de Bobbio a que nos referimos, e a

²³⁹ As referências entre aspas nesta citação foram retiradas das definições de poder de Thomas Hobbes ("consistente nos meios adequados à obtenção de qualquer vantagem") e de Bertrand Russell ("conjunto dos meios que permitem alcançar os efeitos desejados"), apud Bobbio, 1998, p. 954. A contribuição de Bobbio ao debate sobre a participação de intelectuais junto às esferas de poder, pode ser vista em profundidade em *Os intelectuais e o poder – Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. (BOBBIO, 1997).

validade de nossa constatação do interesse do Projeto *Mito* em transitar por esse tipo de poder é justamente a que queremos aqui discutir neste capítulo.

Outra das bases teóricas argumentativas que aqui poderíamos complementarmente trazer para a discussão é a de Bourdieu (1998, p. 11) acerca do poder simbólico como uma forma transformada e legitimada de outras formas de poder: “(...) as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulados pelos agentes”. Segundo Bourdieu, o fato de o poder simbólico ser normalmente ignorado permite intuir que ele é plenamente reconhecido pelos agentes envolvidos, sendo exercido com a cumplicidade dos que estão sujeitos a esse poder ou daqueles que o exercem. Nesse sentido, as produções simbólicas poderiam ser tomadas como instrumentos de dominação, microcosmos da luta entre as classes sociais. O acúmulo de capital simbólico como proporcionador de poder, capital esse cuja valorização é de difícil quantificação ou extensão, apóia-se na noção de cultura como produtora de instrumentos de conhecimento capazes de interferir diretamente na reprodução da ordem social.

Pois bem, uma vez tendo isso claro, e também levando em consideração a afirmação de Foucault (2003, p. 8) em relação à necessidade de o poder ser visto como uma força produtiva e não apenas repressora (“O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”), passemos, portanto, a tecer algumas observações sobre a importância da perspectiva de atuação político-administrativa de alguns intelectuais que se prolongou após o fim de *Mito*, procurando não apenas nela constatar o interesse desses intelectuais pelo poder, mas, principalmente, buscando compreender como se deram suas escolhas e decisões sobre a cultura e, mais especificamente, sobre a literatura colombiana.²⁴⁰

Quando a revista entregou seu último número referente ao mês de junho de 1962, encontrava-se praticamente no fim o primeiro governo da Frente Nacional administrado por Alberto Lleras, e, dentre seus colaboradores, estava Jaime Posada como Ministro da Educação (1961-1962). Posada, que como vimos anteriormente havia sido ainda jovem diretor de *Lecturas Dominicales* de *El Tiempo*, também já havia sido secretário de Germán Arciniegas quando este fora Ministro da Educação do governo de Eduardo Santos, e, apesar de discreta, ele manteve certa aproximação ao grupo ligado a *Mito* (ver, como exemplo, o item 2.2.2 do

²⁴⁰ Devemos esclarecer que nos ocuparemos apenas de alguns casos e exemplos por nós considerados significativos, já que uma análise exaustiva e aprofundada da atuação política desses intelectuais no campo cultural não está na alçada conclusiva desta pesquisa.

capítulo 3 deste trabalho). Apesar disso, podemos antever dentre suas propostas sob a pasta a tentativa de um primeiro movimento oficial em prol do reconhecimento do legado de *Mito*, ao anunciar, em 1962, a ideia de criação do “Premio ‘Mito’ de Poesía”, como homenagem à memória de Jorge Gaitán Durán, naquele momento recentemente falecido.²⁴¹

No próximo governo dentro da coalizão da Frente, o do conservador Guillermo León Valencia, quem esteve à frente do Ministério da Educação durante três anos do mandato de Valencia foi Pedro Gómez Valderrama (1962-1965), tendo como Secretário Geral do Ministério a Jorge Eliécer Ruiz. No mínimo curiosas são as palavras de Jorge Eliécer Ruiz (in VALDERRAMA, 1995, p. 29) sobre a outrora considerada heresia de um liberal colaborar no governo de um conservador:

En Colombia y también en Hispanoamérica, muchos fuimos herejes contra la herejía. Ideológicamente la generación de Mito fue protestante y utópica y por eso pudo, primero, luchar contra Laureano Gómez y luego unirse a él para dar fin a la dictadura de Rojas Pinilla. Pedro Gómez vivió activamente esta época, que culminó con el Frente Nacional, perverso interregno en el que afilaron sus garras muchos clientelistas y descreyentes que sobreviven en esta década abierta a lo ignorado.

Mas essas duras considerações à época da Frente Nacional são posteriores ao período de sua vigência (o texto em questão serviu de prólogo ao livro por ele organizado sobre Valderrama em 1995) e entre 1962 e 1965 Ruiz prestou seus serviços, aparentemente sem muitas dúvidas, como braço direito de Valderrama. Na época, o Ministério da Educação era a pasta do governo responsável não apenas pela educação mas também pelos assuntos da cultura,²⁴² fato que levou o próprio Valderrama (1964, p. 41-42) a reconhecer as limitações do papel do Estado nesse último campo com a destinação a ele de recursos “restringidos”, daí a necessidade de sanar a sua dívida com escritores e artistas do país, como fica claro no seguinte informe apresentado pelo Ministro ao Congresso da República em 1963:

El Estado está en mora de atender más efectivamente al estímulo de sus escritores y artistas. Ese estímulo solamente puede realizarse en forma eficaz mediante la creación de premios literarios estables, y el mantenimiento y mejora de los salones y premios de pintura, mediante la edición de obras colombianas, y la adquisición, para canjes, de las obras de autores nacionales. Muchas de estas cosas se hacen en forma limitada, sin que infortunadamente puedan hacerse con mayor amplitud. Pero el suscrito considera que, como parte del desarrollo cultural del país, el aumento de

²⁴¹ Não conseguimos informações sobre a concretização desta ideia de Posada registrada em *Una política educativa para Colombia* (Bogotá: Imprenta Nacional, 1963, p. LII, vol. I).

²⁴² Em Colômbia, o Ministério da Cultura só seria criado em 1997.

estos estímulos es necesario. Si bien el Estado no puede producir creación artística, sí debe rodear a ésta de las mejores condiciones para su desarrollo.

A identificação de Valderrama da necessidade de ampliação de estímulos (como as premiações) visando à produção de bens culturais e o consequente desenvolvimento cultural do país é considerada sob a ressalva das limitações administrativas, e uma vez que “el Estado no puede producir creación artística”, então ele deveria “rodear a ésta de las mejores condiciones para su desarrollo”. Citando a pintura e a literatura, o Ministro Valderrama considera importante “la edición de obras colombianas, y la adquisición, para canjes, de las obras de autores nacionales”, e seguramente foi no interior dessa perspectiva da importância de estimular o desenvolvimento de obras colombianas que ele justificava, por exemplo, no caso que aqui nos interessa da literatura, a série de publicações por meio de *Ediciones del Ministerio de Educación*, a partir de 1963, de obras poéticas de ex-colaboradores da revista *Mito* como de Eduardo Cote Lamus (*Estoraques*, 1963), de Fernando Charry Lara (*Los adioses*, 1963), de Rogelio Echavarría (*El transeúnte*, 1963), da antologia organizada por Fernando Arbeláez (*Panorama de la nueva poesía colombiana*, 1964) e também de Fernando Arbeláez (*Canto llano*, 1964), fato aqui já mencionado no capítulo 1 (ver nota 32 do item 2.1). Considerada por Juan Gustavo Cobo Borda (2008, p. 234) como “prolongación natural, en la esfera oficial, de lo aparecido en la revista y en la idea que la animaba”, podemos, por outro lado, reconhecer nessa ação de Valderrama um significativo movimento consagrador proporcionado pela eleição visivelmente motivada, obviamente, por relações de identificação e valorização estéticas, mas também passíveis de serem interpretadas como resultante de laços de afinidades e interesses político-culturais. Retomando os termos usados por Bobbio para definir a noção de poder que usamos acima, Valderrama fazia uso da “posse dos meios” como instrumento de “condicionamento”, no sentido de determinação, do juízo de valor em torno de obras literárias.

No que concerne ao entendimento sobre política cultural, o fato de a cultura ser tratada como um adendo ao setor educacional e administrativamente contar com limitados recursos, certamente restringia a atuação ministerial que acabava por se encontrar reduzida a gerenciar a estrutura do aparelho já estabelecido. Nesse sentido, é possível verificar nos informes e relatórios ministeriais (VALDERRAMA, 1964) uma ocupação destacada da Sección de Cultura Popular y Espectáculos²⁴³, algo tomado como primordial pelo Ministério em prol da

²⁴³ Compunham ainda a administração oficial no setor cultural as seções de Publicaciones, Bellas Artes, Educación Física, a Biblioteca Nacional, o Museo de Arte Colonial, o Instituto Colombiano de Antropología, o

divulgação da cultura popular associada ao teatro ou através de exposições, conferências e recitais.²⁴⁴

As condições de restrições da administração do Estado no campo cultural só sofreriam uma significativa alteração com a criação, em 1968, dentro do governo de Carlos Lleras Restrepo, do Instituto Colombiano de Cultura (conhecido como Colcultura) vinculado ao Ministério da Educação. Precursor do Ministério da Cultura, Colcultura se tornou durante as próximas décadas o maior responsável pelo gerenciamento cultural colombiano e poderia se dizer que através dele surgiram as primeiras perspectivas mais amplas de política cultural no país, ainda que, de acordo com Mendoza e Barragán (2005) a ausência de continuidade dos programas e projetos na passagem de um governo para o outro tenha gerado certa falta de credibilidade junto às comunidades assim como falta de participação na execução dos planos. Com a realização do I Plan Nacional de Cultura em 1974, resultado de uma união de esforços entre Colcultura, PNUD (Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo) e a Unesco, conseguiu-se uma melhor articulação entre a educação e a cultura, tanto no nível político como técnico.

Nosso interesse em nos dedicarmos a essa reorganização do campo cultural oficial colombiano advém da significativa participação, em 1976 durante o governo de Alfonso López Michelsen, de Jorge Eliécer Ruiz como subdiretor de Colcultura. Como vimos, Ruiz tinha sido figura fundamental ao Projeto *Mito* como diretor da revista e da Radio-revista *Mito*, além de mais tarde colaborar com Pedro Gómez Valderrama no Ministério de Educação, e sua contribuição em Colcultura ficou marcada em Colômbia principalmente pela publicação de um novo plano de desenvolvimento sob o título de *La política cultural en Colombia* (RUIZ, 1976). Esta publicação pertenceu ao extenso conjunto de textos preparados pela Unesco sobre políticas culturais na América Latina, contando com a colaboração de vários países, e, mesmo que Canclini (1987, p. 16) considere esses textos como “demasiado formales” (“La casi totalidad de esos textos se limita a describir el organigrama burocrático de los Estados, enumera las instituciones y sus principales actividades.”), podemos nele verificar uma forte preocupação com o aspecto histórico da cultura nacional, além do que Mendoza e Barragán

Instituto Caro y Cuervo, a Academia de la Lengua, a Academia Colombiana de Historia e o Instituto Colombiano de Especialización Técnica en el Exterior.

²⁴⁴ Não nos foi possível estudar de maneira mais profunda os programas e suas execuções ao ponto de aqui tecermos avaliações acerca da atuação de Valderrama no Ministério da Educação, mas algo que percebemos como sobressalente, ao menos no discurso, foi a preocupação com certa espetacularização da cultura popular e com a acessibilidade aos bens culturais de um público pertencente a camadas sociais menos favorecidas.

(2005, p. 173-174) destacam como importante para Colômbia ao tratar dos avanços da participação social:

Este texto goza de gran prestigio en el ambiente académico, a la hora de entender y analizar el devenir de las políticas culturales en el país, y se convirtió en un documento de consulta obligatorio, que si bien define y establece parámetros válidos e importantes, no cuenta con las opiniones y aportes de los diversos grupos poblacionales que conforman la pluralidad de culturas del país. El máximo avance del plan de 1976 en materia de participación, fue entender – aunque de manera nominal – a la comunidad como pieza importante para el desarrollo de la actividad cultural, así como para el diseño y ejecución de planes.

Jorge Eliécer Ruiz exercia em Colcultura um estratégico cargo no que diz respeito à literatura e às publicações estimuladas oficialmente pelo Estado, uma vez que era responsável pela Subdirección de Comunicaciones Culturales, encarregada pelo setor de publicações. Em *La política cultural en Colombia* (RUIZ, 1976, p. 45), o próprio Ruiz caracteriza como “un ambicioso programa de publicaciones” a ideia de serem realizadas edições massivas a baixo custo proporcionando a “divulgación del patrimonio literario, histórico y científico del país”, identificando a criação das séries “Colección popular”, “Colección autores nacionales”, “Biblioteca básica colombiana” e “Ediciones especiales” como a estrutura fundamental do programa. Crucial aqui destacarmos que tais séries foram responsáveis pela edição de várias obras dos principais escritores de *Mito*, como, por exemplo: *Invenciones y artificios*, de Pedro Gómez Valderrama (1975) e *Crónicas de libros*, de Hernando Valencia Goelkel (1976) dentro da “Colección popular”; *Lector de poesía*, de Fernando Charry Lara (1975) e *Horas de estudio*, de Rafael Gutiérrez Girardot (1976) dentro da “Colección autores nacionales”; *Obra literaria – poesía y prosa*, de Jorge Gaitán Durán (1975), *Ensayistas colombianos del siglo XX*, organizado por Jorge Eliécer Ruiz e Juan Gustavo Cobo Borda (1976) e *Obra literaria*, de Eduardo Cote Lamus (1976) dentro da “Biblioteca básica colombiana”; e, sobretudo, aquele que consideramos como o movimento de juízo crítico inaugurador da corrente historiográfica literária pró-*Mito*, o livro *Mito, 1955-1962 – selección de textos*, organizado por Juan Gustavo Cobo Borda (1975) que abriu a série “Las Revistas” dentro da “Colección autores nacionales”.

Ao analisarmos esse trabalho de Eliécer Ruiz no setor de publicações de Colcultura e pensando principalmente nos exemplos editoriais acima elencados, poderíamos aqui observar o conceito de cultura em termos de noção sociológica proposto por José Joaquín Brunner (1992, p. 208) como “el conjunto de agentes, instituciones (o aparatos), procesos y medios que se encuentran involucrados en una producción simbólica socialmente organizada para

llegar a públicos determinados a través de específicos canales de comunicación”, em consonância com a ideia de poder simbólico de Bourdieu (1998, p. 11) que mencionamos acima. Dessa forma, constataríamos os vínculos entre as “relações de comunicação” e as “relações de poder”, que dependem do “poder material e simbólico acumulados pelos agentes”, evidentemente demonstrados com tais exemplos editoriais, já que o aparelho administrativo oficial enquanto poder material (ou poder econômico em associação com o poder político, de acordo com Bobbio) estaria sendo simultaneamente propiciador e mantenedor de poder simbólico, poder esse que, por sua vez, já teria sido alcançado anteriormente com o acúmulo de capital simbólico proporcionado pelo Projeto *Mito*, numa espécie de retroalimentação com tendências a sustentar o poder simbólico desse grupo ao longo dos anos.

Jorge Eliécer Ruiz reconhece em seu texto, dentro do capítulo “Evaluación de la situación cultural”, por meio do item “La posición de la cultura dentro de la ideología oficial”, o quanto na cultura colombiana predominavam reflexos de manifestações relacionadas às letras e às leis, exageradamente marcadas pelo gramaticalismo, pelo cristianismo e pelo patriotismo, e destaca a importância da literatura para a cultura colombiana citando uma frase de *Historia de la literatura colombiana* de Antonio Gómez Restrepo como argumento: “Lo que sí es un hecho – y de ello nos gloriamos – es que nuestra cultura tiene un sello eminentemente literario.” (apud RUIZ, 1976, p. 51). Dessa forma, Ruiz demonstrava consciência da importância de seu papel como agente cultural, sob cuja autoridade estava diretamente incumbida a escolha das obras representativas do país, responsável pela divulgação massiva de escritores e livros considerados pelos órgãos oficiais como de grande valor para a cultura nacional, e que seguramente deveria ter como contraexemplo em seu juízo de valor esse legado de resquícios oitocentistas. Tal consciência significava também, sem dúvida, clareza acerca do que há de aspectos de dominação em todo funcionamento político sobre a cultura organizada socialmente, como bem observa Brunner (1992, p. 209):

(...) la cultura tiene que ver siempre, de alguna forma u otra, con los fenómenos de la dominación. La cultura (a nivel macro, público, de procesos institucionales) expresa “lo dominante” en la sociedad: el pasado seleccionado e interpretado en términos de tradiciones vigentes; las orientaciones de pensamiento y comportamiento de las clases dirigentes, el conocimiento públicamente organizado como *corpus* educativo.

Ainda que desse exemplo das publicações de obras de escritores de *Mito* possamos observar uma relevância em termos do que Brunner (apud CANCLINI, 1987, p. 198) caracterizou como “contenidos cognitivos”, de uma maneira geral e sem aqui se restringir somente ao

literário, no planejamento para a política cultural expresso por Ruiz em *La política cultural en Colombia* predominou algo comum às políticas culturais democráticas que diz respeito a seu aspecto mais significativamente formal, isto é, aquele mais ocupado com acertos institucionais que “Persiguen crear estructuras de oportunidades (mercados, sistemas de elección, pluralidad de ofertas, variedad) (...)”.

Basicamente, a discussão que até aqui trouxemos gira em torno de uma constatação central entre teoria e prática, ou, mais genericamente, entre o mundo das ideias e o mundo das ações, e que remete em uma instância conclusiva, como vimos, aos papéis do intelectual e do político na sociedade. Se recordarmos o que identificamos durante nossa investigação em relação aos princípios sobressalentes da revista *Mito*, como, por exemplo, o de engajamento e compromisso com a realidade social do país, o de liberdades totais, o de antidogmatismo e de antitotalitarismo, o de inconformidade pautado ao mesmo tempo pela tolerância, ou o de “modernizar” culturalmente a Colômbia trazendo ao país modelos e referências como “instrumentos” para que os colombianos tivessem condições de pensar por conta própria, teríamos assim a conformação de um idealismo dentro do imaginário cultural construído por *Mito* de grande potência e credibilidade, principalmente se levarmos em conta as precárias condições sociais do contexto e a paridade desse imaginário com aquele construído no âmbito político pelo discurso de coalizão entre os dois principais partidos políticos nacionais como solução ideológica à longa crise social. Assim, o que temos, é a conclusão de que *Mito* soube construir um idealismo político-cultural legitimador para seu alcance do poder político.

Os exemplos de prática dentro do sistema literário, seja no momento do Projeto *Mito*, seja no contexto administrativo oficial, poderiam ser tomados, portanto, como a busca para converter em ação daquilo que havia sido alimentado habilmente no discurso do projeto como um todo (e que, em última instância, sobrepassaram quaisquer possibilidades de dúvidas quanto à manutenção de coerência ideológica ou não dentro desse discurso), e a eficiência comprovada pelo sucesso do projeto aliada ao conteúdo ideal nele defendido seriam os grandes trunfos legitimadores dos intelectuais de *Mito*. A relevância dada por eles em ambos os momentos e contextos à necessidade da atuação literária no sentido mais amplo do termo, que procurava cuidar das várias etapas dentro do sistema e que incluía desde o produtor, o consumidor, a instituição, o repertório, o mercado e o próprio produto (ver MURCIA, 2015), com maior ou menor ênfase em cada uma dessas etapas no momento do Projeto *Mito* ou no momento administrativo oficial, se tornaria a partir dessa lógica como uma indiscutível efetivação concreta do que era argumentado discursivamente.

Mas o que deriva dessa práxis junto à esfera do poder oficial e que merece nossas atenções é o fato de o sistema literário ter sido alimentado com produtos de escritores pertencentes ao grupo que passou a ser dos maiores responsáveis pelo funcionamento do próprio sistema, o Estado, já que, como mesmo reconhece Jorge Eliécer Ruiz (“el mercado del libro no está tecnificado en el país”, 1976, p. 46)²⁴⁵, a incipiência do mercado exigia a forte presença da ação editorial de Colcultura, por exemplo. Assim, o que trazemos ao debate não é o fato de se existe alguma possibilidade de questionamento ético em torno disso, se Pedro Gómez Valderrama ou Jorge Eliécer Ruiz fizeram bem o mal em se autopublicarem ou publicarem escritores de seu grupo a partir de órgãos públicos sob suas responsabilidades, mas sim procurar identificar que tais ações desses intelectuais no poder sim contribuíram para a conservação do legado de *Mito* como de grande importância no interior da história da literatura de Colômbia. Em outras palavras, não se trata aqui de pôr em juízo de valor as ações em si, mas de trazer à discussão uma abordagem praticamente não realizada dentro dos estudos críticos da literatura colombiana e que concerne ao devido entendimento do funcionamento dos processos consagratórios dos escritores ligados a *Mito* no decorrer das últimas décadas.

2 – Poder e cânone

2.1 – Políticas literárias: *Mito* na história da literatura colombiana

De maneira conclusiva, arrisquemos a comentar alguns pontos tratados por esta pesquisa e que até aqui não foram suficientemente aprofundados analiticamente, comentários que esperamos que possam inclusive colaborar a novas investigações sobre o tema. Um dos nossos objetivos maiores com a leitura de *Mito*, como vimos, foi o de identificar as origens e a trajetória do discurso político-cultural gerado a partir da revista e amplificado pelo Projeto *Mito* como um todo, configurando um percurso que atravessou pelos campos de poder e que por sua vez ajudaram a proporcionar meios de consagração literária à revista e ao grupo de escritores a ela associados, sendo tal discurso assim finalmente convertido em legado literário

²⁴⁵ Diz ainda Ruiz: “Una de las preocupaciones del Instituto [Colcultura] ha sido la de diseñar una política de abaratamiento del libro, de mejoramiento de su comercialización, y de estímulo a los creadores literarios, mediante el reconocimiento de sus derechos; la creación de premios nacionales y el patrocinio de concursos para diversos géneros” (idem).

e intelectual que avança até os dias atuais. E é precisamente sobre essa questão que envolve o processo de consagração que aqui apontaremos algumas observações.

De acordo com nossas constatações, foi possível determinar as origens desse discurso de bastante força e eficácia a partir das páginas da própria revista, fruto da conciliação entre aspectos culturais e aspectos políticos de maneira estrategicamente produtiva uma vez que os temas abordados por seus realizadores e a forma como que com eles lidaram permitiram a construção de um imaginário de grande influência. Levados em consideração a natureza social desse discurso, as devidas condições de sua produção e os aspectos ideológicos imanentes, basicamente poderíamos distinguir como pertencentes às suas origens características como, por exemplo, a valorização da liberdade, da tolerância opinativa, do antidogmatismo; a consciência de classe social e da importância da ação política intelectual; a crítica ao socialismo (ainda que seja possível notar uma atração pela esquerda); o apoio à coalizão político-partidária da Frente Nacional. Todas elas, em maior ou menor grau, contribuíram num primeiro momento para conformar uma representação política da revista e dos seus escritores responsáveis que os ajudou a uma aproximação direta com o poder, independentemente de qualquer questionamento quanto aos possíveis aspectos ideológicos contraditórios desse alcance. O que veremos agora, como nossa última contribuição aos estudos sobre *Mito* e tomando por argumentos nossas interpretações principalmente discorridas no capítulo 3 desse trabalho, é que nem todas as características discursivas acima foram levadas em consideração nas leituras posteriores da revista ao longo dos próximos anos, principalmente dentro da corrente historiográfica pró-*Mito*.

Vamos primeiramente cuidar de um assunto que foi levantado neste capítulo e que se refere ainda aos meios utilizados para a legitimização literária. Desde o poder oficial do Estado, as ações editoriais provenientes do Ministério da Educação que tratamos nos dois itens anteriores não necessariamente merecem ser tão polemizadas enquanto prática inédita, já que os exemplos de Pedro Gómez Valderrama e de Jorge Eliécer Ruiz não são os únicos desde a esfera da política pública colombiana para o setor da literatura. Por exemplo, Renán Silva (2009) mostrou como a “Biblioteca básica colombiana” de Colcultura nos anos 70 foi, de certa forma, a continuidade de casos anteriores também promovidos pelo Ministério como a “Biblioteca Popular de Cultura Colombiana” nos anos 40 e, principalmente, a “Colección Samper Ortega de Literatura Colombiana” nos anos 30. No caso dessa última, Daniel Samper Ortega, diretor da Biblioteca Nacional entre 1931 e 1938, empreendeu a edição e distribuição de 100 títulos por ele considerados os mais representativos da literatura do país, e nesse verdadeiro modelo de cânone literário não deixou de incluir uma novela de sua própria autoria

(*La obsesión*) ou a de um membro do Ministério da Educação, o jovem secretário ministerial Jorge Zalamea e sua obra *El regreso de Eva*.

Independentemente da qualidade ou não dos trabalhos em questão, o que tais exemplos trazem à tona é uma já muito examinada característica comum a vários processos legitimadores (sobretudo na América Latina) em que critérios extraliterários como os de amizades ou políticos acabam por adquirir enorme influência. Reiteremos algo aqui já afirmado anteriormente: naquilo que concerne especificamente à revista *Mito*, nossa própria leitura com esta pesquisa comprovou que seus valores enquanto publicação ou projeto cultural coletivo também nos pareceram altamente pertinentes e nesse sentido sua referência modelar dentro da história literária colombiana e latino-americana não é apenas válida como necessária. O que poderia ser visto como resultante de critérios extraliterários estaria, talvez, mais relacionado com considerações das obras individuais de cada um dos escritores de *Mito*, principalmente no que diz respeito à poesia, onde manobras dentro do campo intelectual para assegurar legitimações ou tradições poderiam ser analisadas em contraposição a valores estéticos como reais fundamentos canônicos. Essa diferenciação, num primeiro momento aparentemente evidente, não se mostra muito clara quando observamos algumas histórias da literatura colombiana que incluíram o grupo de escritores de *Mito*, muitas vezes tratando a esse grupo erroneamente como “geração *Mito*” (algo que discutiremos a seguir), onde muitas vezes o que aparenta é que as qualidades da revista acabaram por justificar a inclusão indiscutível de todos os seus escritores dentro do cânone literário.

David Jiménez (2002, p. 12-13) procurou mostrar detalhadamente como a análise do processo de canonização, no que diz respeito à poesia moderna em Colômbia, “no puede omitir las referencias a un campo más amplio que el textual”, e agrega:

Concretamente, en la configuración del canon de la poesía moderna en Colombia resulta imprescindible atender al proceso de formación de un campo literario cuya autonomía es precaria pero creciente entre 1920 y 1950, un deslinde progresivo entre las reglas del juego de la literatura y las de la política, la moral social o la religión. Pero las relaciones entre los diferentes campos perpetúan ciertas formas de dependencia, a través de instituciones conservadoras como las academias, algunos colegios y universidades confesionales, revistas, editoriales y medios de difusión masiva. Los poetas y los críticos no sólo no se sustraen a las seducciones heterónomas de algunos de esos organismos mediadores sino que en ocasiones se sirven de ellos para sus fines (...).

Teríamos que reconhecer que muito do que se depreende do discurso editorial original de *Mito* inclusive vai contra esse tipo de relação identificado acima por Jiménez, cujos claros resquícios foram tratados mais tarde por Rafael Gutiérrez Girardot (2011, p. 146) como “la

poderosa *infraestructura* cultural que satisfacía las necesidades ornamentales del retroprogresismo y oscurantistas”, assim como também o próprio Jiménez (ibidem, p. 13) distinguiu que “La canonización de obras y nombres de autores no es un ritual pacífico”, e que neste ritual estão presentes “los antagonismos – a veces estéticos, a veces políticos o de clase, a veces individuales – las distorciones, las malas lecturas y, en ocasiones, la mala fe”, concludindo que “el canon se forma de esa manera, en una sucesión de revisiones y ortodoxias, celebraciones y cuestionamientos”. Dentro dessa lógica, e sem se contradizer, Jiménez (ibid., p. 165-167) não hesita em descrever o quanto o jovem poeta Jorge Gaitán Durán, para citarmos um exemplo crucial, havia se beneficiado da “liza literaria” do já então consagrado poeta Eduardo Carranza que o “apadrinhou” sem medir elogios, assim inclusive reafirmando algo reconhecido por outros críticos e que se refere à baixa qualidade dos poemas juvenis de Gaitán Durán.²⁴⁶

Jiménez prossegue destacando uma constatação que já havia sido mencionada por Juan Gustavo Cobo Borda (1975) em sua primeira leitura de *Mito* – depois reafirmada por Sarah de Mojica (1983) – e que diz respeito à hipertrofia lírica tão presente na literatura do país, mas agora acrescentando (ibid., p. 12): “son los poetas mismos, como lectores y críticos de la poesía de sus congéneres, quienes han determinado, en lo fundamental, el canon vigente de la lírica colombiana”.²⁴⁷ Tal constatação e o possível questionamento sobre essa autocanonização dos poetas colombianos ganha ainda mais força, no caso que aqui nos interessa, se recordarmos que o mesmo Gaitán Durán em algumas ocasiões, como num diálogo com Cote Lamus em 1957 durante um programa da Radio-revista *Mito*²⁴⁸ ou em trechos de seu *Diario* (1952)²⁴⁹, havia deixado suas impressões negativas sobre a poesia colombiana e o mito de que Colômbia é um país de poetas, assim contribuindo – ele mesmo um poeta – para uma relativização do cânone. Nesse sentido, a figura do crítico e poeta Juan

²⁴⁶ Curiosamente, entre tais críticos encontramos o próprio Juan Gustavo Cobo Borda, que vê nos dois primeiros livros de Gaitán Durán e Cote Lamus “los dos más malos primeros libros de poesía que se han escrito en Colombia” (BORDA, 2008, p. 262).

²⁴⁷ Carlos Rivas Polo (2010) usa essa questão como base para sua leitura da fortuna crítica acerca de *Mito* de uma maneira precisa.

²⁴⁸ Ouvir o arquivo que para esta pesquisa identificamos na bibliografia como “Jorge Gaitán Durán e Eduardo Cote Lamus discutem os propósitos de *Mito*” (1957a - 14 min).

²⁴⁹ Diz Gaitán Durán: “Cuanto a mi país se refiere, siempre me ha sorprendido el extraordinario poder de simulación y confabulación del colombiano. Se comprende entonces por qué en general nuestro poetas son tan malos. En una cotidianidad roída por lo imaginario se diluyen la concentración y la tensión necesarias para el sobresalto único de la poesía” (apud BORDA, 2008, p. 254).

Gustavo Cobo Borda aparece como polêmica, uma vez que sobre ele recaem muitas das atenções quando se trata da “*Mitologia*” nas discussões literárias colombianas.

Cobo Borda, como aqui já dissemos, foi talvez o primeiro a se dedicar a destacar a relevância da revista *Mito* ao organizar a primeira seleção com textos nela publicados (*Mito, 1955-1962 – selección de textos*, 1975), tendo para esse importante trabalho o aval oficial de Colcultura. Interessante que o na época jovem escritor soube enxergar a força da herança de *Mito* dando assim uma significativa contribuição para a conversão do seu discurso de origem em posterior legado literário e intelectual, seguramente influenciado pela proximidade ao círculo literário que incluía ex-responsáveis pela publicação. Seu papel como diretor de redação da revista *Eco – Revista de la Cultura de Occidente* a partir de 1973 o tinha conectado diretamente com Hernando Valencia Golkel como prosseguidor do trabalho que o fundador de *Mito* havia realizado também como diretor de redação da revista de Ernesto Volkening, publicada pela livraria germanófila Buchholz, após o fim de *Mito*, entre 1963 e 1967. A *Eco* haviam migrado vários dos intelectuais ligados antes a *Mito*, como Pedro Gómez Valderrama, Fernando Charry Lara, Jorge Eliécer Ruiz ou Danilo Cruz Vélez, e por isso se tornou bastante forte uma associação intelectual vinculando ambas as revistas. Em termos de continuidade, como bem afirmou depois Darío Jaramillo Agudelo (1999, p. 389) acerca dos significados sociais e literários das duas revistas,

(...) como arquetipos, como faros intelectuales, *Mito* e *Eco* siguen guiando los tanteos de las élites intelectuales en Colombia, esos grupos tan difíciles de definir y que – en aras de la precisión – pueden circunscribirse a los hipotéticos editores de revistas que hayan tenido la idea después de estas dos publicaciones.

Portanto, o papel autovisualizado por Cobo Borda como possível corresponsável pela “prolongación natural (...) de lo aparecido en la revista y en la idea que la animaba” (BORDA, 2008, p. 234) estava a ele praticamente explícito diante de seus olhos, algo que seguramente também interessava aos escritores que haviam pertencido a *Mito*, e com exceção dos questionamentos de Álvaro Medina (1977) com o texto ““Mito”, una revista de la burguesía”, a construção das principais bases do legado de *Mito* foi realizada gradualmente durante muitos anos sem maiores entraves, mantendo possíveis leituras políticas da revista de lado, ou quando muito apenas mencionando superficialmente sua atuação política. A polêmica sobre a forma como Cobo Borda ajudou a organizar tal herança em termos historiográficos viria à tona somente muito mais tarde, ao completar meio século da fundação de *Mito*, curiosamente

pela leitura crítica de um estrangeiro²⁵⁰, o francês Jacques Gilard, que com seu texto “Para desmistificar a *Mito*” (2005) questionou uma série de interpretações de Cobo Borda acerca da inclusão, segundo Gilard equivocada, de nomes como os dos autores *costeños* Gabriel García Márquez, Álvaro Cepeda Samudio e Héctor Rojas Herazo, mas principalmente o do bogotano Álvaro Mutis, dentro do grupo de escritores identificados como pertencentes ao de *Mito*, proporcionando assim uma evidente discussão de ordem canônica que poderíamos relacionar com possíveis excessos de critérios subjetivos para a narrativa histórica da literatura e com questões de interesse de uma historiografia oficial predominante.²⁵¹

Ainda que nos dias de hoje a questão do julgamento de valor enquanto algo implícito à narrativa histórica seja discutida e sobre ela muitos historiadores estejam voltando suas preocupações, durante décadas no século XX tal questão foi evitada ou ficava quando muito subentendida, pois a perspectiva metodológica da historiografia positivista avançava século adentro apregoando o objetivismo como fator fundamental nas suas preocupações. A relatividade do juízo de valor ou a explicitação de critérios valorativos durante muito tempo não foram necessariamente motivos de preocupação à crítica e, de certa forma, predominava uma espécie de construção de um consenso sobre as qualidades ou não das obras. De acordo com Leyla Perrone-Moisés (1998, p. 26):

Qualquer discurso histórico implica questões de avaliação, na medida em que qualquer levantamento ou relato é obrigatoriamente uma seleção de dados. O historiador que se pretende (ou se pretendia) científico e objetivo apresenta a totalidade dos fatos conhecidos e os valoriza, como mais ou menos importantes, segundo os efeitos que eles reconhecidamente tiveram até aquela data (a data do seu próprio discurso). Escreve, assim, voltado para o passado como se o presente fosse um ponto de vista abrangente e conclusivo, que autoriza o julgamento e lhe confere a objetividade da distância. Na verdade, essa visão da totalidade foi se sedimentando através de muitas leituras precedentes do passado, que o historiador “objetivo” incorpora como definitivas.

Diante da abertura contemporânea levada à frente por uma crítica atual consciente da função social do discurso histórico no momento presente em que é produzido, ou seja, consciente da necessidade de situar a escolha e o juízo de valor como ações determinantes no presente, sem

²⁵⁰ A professora Carmen Elisa Acosta Peñaloza dedicou interessante artigo sobre o assunto do lugar desde o qual se produz a narração histórica, algo que, em nosso caso particular como pesquisador não colombiano, poderia proporcionar um interessante debate metadiscursivo. (Ver PEÑALOZA, Carmen E. A.. Escribir la historia, un encuentro con el tiempo presente. In: MURCIA; OSPINA, 2009).

²⁵¹ Além disso, Gilard critica duramente as leituras de Cobo Borda e Armando Romero tachando-as de “hiperbólicas”.

se voltar objetivamente para o passado por meio de uma visão totalizadora que incorpore leituras anteriores como definitivas, algo com que nos deparamos através desta pesquisa é que, mesmo se não levarmos em conta desvios ou omissões interpretativas das características discursivas que aqui entendemos como originais a *Mito*, persiste um descompasso entre o conteúdo do discurso modernizante da revista *Mito* elevado a “mito” (ou “arquetipo”, nas palavras de Agudelo) por uma grande parte das leituras críticas e a base historiográfica em que ele foi construído, consagrado, e ainda hoje alimentado, base essa de matizes conservadores com fortes resquícios positivistas. Se porventura pudéssemos localizar a leitura e as escolhas de Cobo Borda dentro do que Perrone-Moisés descreveu (idem, p. 59) como a dos “escritores-críticos modernos”, isto é, “a de alguém engajado não apenas numa narrativa mas também numa ação que faz prosseguir o próprio objeto da narrativa histórica”, aquele que tem “a consciência de prosseguir essa história por seus atos de escrita”, ele o teria feito imerso numa tradição historiográfica onde ainda prevalecem ocupações com a objetividade, o princípio de causalidade, de continuidade e generacional sob um fundo nacionalista que absorvem o discurso histórico sobre *Mito* apenas como mais um patrimônio a ser conservado. Ao nosso entender, dificilmente se pode evitar que uma interpretação não seja influenciada pela tradição historiográfica em que está imersa, seja pela adequação, seja pela discordância, e a tendência para que tal interpretação seja incluída na tradição homogeneizadora vigente é muito grande, a não ser que ocorra uma transformação dos critérios metodológicos historiográficos de amplos alcances institucionais. A consciência política em torno do papel da interpretação²⁵² como práxis incisiva sobre o momento presente com miradas para o futuro, algo que é exemplarmente perceptível dentro do discurso de *Mito*, poderia, portanto, ser tomada na realidade como um primeiro passo nesse sentido transformador e não apenas como mais um caso nobre da literatura do país.

Esse é um ponto extremamente delicado, pois se trata de um mal-estar há muito identificado e que tem se mostrado de difícil superação, evidentemente não apenas para a historiografia colombiana. Autores como Perrone-Moisés (1998, p. 26-27) inclusive identificaram uma “queda de prestígio” da história literária (citando a René Wellek) no decorrer do século XX, propondo sob a concepção renovadora de “escritor-crítico” a necessidade do confronto entre os “fatos” do passado e uma “práxis imediata e futura”:

²⁵² Acerca de algo fundamental que se refere à interpretação, a saber, o controle institucional que sobre ela incide, ver KERMODE, 1985.

Na “história” que eles (os escritores-críticos) assim reescrevem não há nenhuma preocupação com uma objetividade decorrente da neutralidade do observador, nem com a totalidade, nem com a definitiva ordenação dos fatos. Apenas, o conjunto de seus ensaios críticos vai formando certas figuras que configuram uma revisão da história literária. Essa “história” é de imediato mais liberta de certas injunções tradicionais da historiografia, justamente aquelas que provocaram um mal-estar e um consequente transtorno na filosofia e na metodologia dessa disciplina em nosso século. O escritor escreve uma história seletiva, para si mesmo e para aqueles que leem ou escrevem em seu próprio momento histórico.

No caso colombiano, mais recentemente Alfredo Laverde Ospina (2009, p. 45) encontra um possível caminho na defesa que Rafael Gutiérrez Girardot fez de uma tradição latino-americana de estudos literários empreendida por Pedro Henríquez Ureña e Alfonso Reyes, e de uma necessidade de ampliar “la concepción de lo literario al considerar en su estudio no solamente la textualidad, sino su función en el contexto de las formaciones sociales”. Citando os trabalhos de Rafael Gutiérrez Girardot, Eduardo Camacho Guizado, Andrés Holguín e Jaime Mejía Duque como importantes renovadores da historiografia literária do país dos últimos anos, seus trabalhos, segundo Ospina, expressaram esse incômodo e justamente assim questionaram os critérios de canonização literária de uma historiografia ainda sob influências positivistas:

Hasta muy avanzado el siglo XX, la persistencia de los principios del historicismo positivista había propiciado la aparición de un discurso histórico determinista y asfixiante, al punto de justificar una historia de la literatura hegemónica y excluyente sometida a las exigencias de “periodos” importados de Europa, en su gran mayoría, que dejaban como resultado la consiguiente inserción del hecho literario en compartimentos clausurados entre los que se debatían la tenacidad del pasado, la excepcionalidad de lo foráneo y la inmortalidad de lo estético. Todo en aras de la afirmación del proyecto decimonónico dirigido a la formación de la nacionalidad, sustentada en la gloria del pasado, la complacencia en el presente y la creencia entusiasta en un futuro. (OSPINA, 2009, p. 45).

Laverde Ospina ainda apresenta através das palavras de Gutiérrez Girardot²⁵³ como essa historiografia literária nacionalista permitiria um estudo sociológico das origens das elites latino-americanas:

Estas historias literarias nacionalistas podrán servir como material auxiliar para explicar cómo y porqué se formaron en Latinoamérica los llamados “Estados nacionales” y cómo precisamente fueron estos nacionalistas los que al seguir el

²⁵³ Trecho do ensaio “Revisión de la historiografía literaria latinoamericana” publicado no livro organizado por Ana Pizarro, **Hacia una historia de la literatura latinoamericana**. México: Colegio de México/Universidad Simón Bolívar, 1987. p. 86.

proceso europeo de la formación de los Estados nacionales justificaron ideológicamente los intereses miopes de las “altas clases” que al hacer caso omiso de los postulados de Bolívar y Martí aniquilaron la posibilidad política de una América hispana emancipada y encubrieron sus rencores y rencillas con los nombres de “alma argentina”, “cubanía”, “peruanidad”, etc. Los “Estados nacionales” hispanoamericanos constituyen la legalización solemne de los intereses de las parroquias de las llamadas “altas clases”, y las historias literarias nacionales no son otra cosa que el intento de legitimar sentimentalmente esa cursi legalización. (Apud OSPINA, 2009, p. 48).

Sabemos que a conservação da identidade nacional é uma das ocupações mais proeminentes do Estado quando se trata de política cultural oficial, e nos parece bastante claro como o discurso de *Mito* foi gradualmente sendo assimilado como símbolo cultural de alta relevância identitária nacional pelos mais importantes organismos desse oficialismo, mesmo que também seja visível uma enorme contradição nesse processo. Se pensarmos, sobretudo, no que diz respeito aos valores da revista, cujo discurso havia sido pautado num inconformismo à época pouco “agradável” a uma sociedade maiormente conservadora em termos culturais, o que hoje se vê, com a distância de mais de meio século, é que tal “desagrado” se tornou motivo de orgulho, e soaria no mínimo estranho o fato de durante os anos de sua publicação a revista ter sido acusada de demasiado “cosmopolita” ou mais preocupada com um “estrangeirismo” pedante e atualmente ser reverenciada como patrimônio cultural nacional.²⁵⁴ É precisamente sobre essa arriscada “faca de dois gumes” de uma história tradicionalista que nos parece residir, por exemplo, os cuidados de conservação memorialista de uma *Academia Colombiana de la Lengua*, ou, principalmente, de homenagens como a recentemente prestada pela Biblioteca Nacional de Colômbia e Ministério da Cultura (“*Mito* o el resplandor de las ideas”, 2014-2015).²⁵⁵

²⁵⁴ No item 1.4 do capítulo 3 dessa dissertação vimos nas páginas da revista importantes opiniões de alguns intelectuais como Marta Traba e Fernando Charry Lara sobre o tema do nacionalismo, assim como no item anterior deste capítulo corrente pudemos ver também aquilo que Jorge Eliécer Ruiz (op. cit) reconhecia como “gramaticalismo”, “cristianismo” e “patriotismo” desde muito presentes na literatura colombiana.

²⁵⁵ Algo que seria interessante de se observar e que mereceria uma leitura específica em outra ocasião diz respeito às reverberações do discurso de *Mito* através do uso da *mass-media* audiovisual, principalmente no interior do processo de manutenção desse discurso nos cânones culturais colombianos, uma vez que, como aqui vimos nesta pesquisa, Jorge Gaitán Durán e grupo demonstraram agudeza intuitiva ao expandirem os recursos midiáticos de seu trabalho literário também para a emissão radiofônica com a Radio-revista *Mito*. Por exemplo, essa poderia ser uma proveitosa abordagem à recente exposição em homenagem à revista realizada pela Biblioteca Nacional de Colômbia, já que ela contou com uma estrutura multimídia para a divulgação de depoimentos e informações, assim como a disponibilização em internet de aplicação (<http://www.bibliotecanacional.gov.co/revistamito/>) para divulgação da revista e da exposição. Além disso, outras homenagens anteriores a esse evento através de exposições, como as iconográficas realizadas em Cúcuta primeiramente por Pedro Cote Baraibar em 1986, “Cote-Gaitán, dos vidas paralelas”, e depois atualizada em 2012 por Saúl Gómez Mantilla, ambas produzidas pelo Banco de la República; ou as gravações em áudio feitas pela emissora H.J.C.K. com depoimentos como o

Enquanto um dos mais significativos fundamentos de uma cultura oficial, ou seja, aquela em conformidade com o sistema de poder, o cânone atua em nome de uma estratégia de perduração temporal das obras e dos seus possíveis discursos e nesse sentido seu caráter conservador dificilmente aponta opções de desvios desse sistema uma vez por ele assimilado. Essa rigidez essencial do cânone, portanto, faz com que ele seja um forte instrumento de manutenção ideológica, daí que o controle sobre a produção de novos cânones seja algo de acesso tão restringido. Sobre isso comentou Susana Zanetti (1998, p. 91):

La noción de canon guarda siempre su lazo original con el dogma, esgrime simbólicamente su varita disciplinante a través de los dictámenes de una élite, de instituciones, que ejercen el poder de reglar el gusto, de sostener la preminencia de ciertos “valores estéticos”. Selecciona y, por lo tanto, excluye, ignora, en función de intereses no solo artísticos sino también políticos, ideológicos. Su ductilidad se sujeta al simulacro de que esos clásicos surgen de juicios complejos, representativos de un acuerdo respecto de los valores y de la identidad de un amplio conjunto social.

Uma questão que aqui merece nossa atenção se refere ao caráter coletivo de uma revista literária, evidentemente polifônica, a qual muitos escritores e intelectuais prestaram seus serviços como pensadores de diversas opiniões e tendências ideológicas, mas que em última instância, em termos de leitura histórica, acabam por compor uma compactação discursiva sobressalente em que suas vozes são muitas vezes homogeneizadas, concentradas ou até mesmo diminuídas diante do predomínio último de alguma característica generalizante que tende a perpetuá-la como uma revista, por exemplo, “conservadora”, “burguesa”, ou “de esquerda”, “engajada”, “elitista”, etc., e cujo processo de canonização, justamente por tal caráter polifônico, diferencia-se na maioria das vezes do ocorrido com uma obra individual de algum autor, mais flexível a um ajuste discursivo que o caracterize como de tal ou tal característica ou tendência. No caso da revista *Mito* e da leitura política que fizemos através desta pesquisa, o que ficou evidente é que mesmo que tenhamos notado uma tendência de sua postura política predominantemente liberal de esquerda, que procurou se debruçar sobre a discussão em relação ao socialismo e sua ideologia, fosse para rebater as interpretações dogmáticas imperialistas de uns, fosse para possibilitar inclusive que outros da extrema

de Eduardo Carranza após a morte de Gaitán Durán em 1962 (reproduzido no disco *La voz de Jorge Gaitán Durán*, 1986) e entrevistas em vídeo como a realizada pelo programa “Páginas de Colcultura” em 1977 com Juan Gustavo Cobo Borda, só para citar alguns exemplos, ofereceriam um amplo material de trabalho. A exemplo do que CAMBRON; LÜSEBRINK (2000) se referem à massiva presença audiovisual de Jean-Paul Sartre, após os anos 50, em divulgação nos espaços públicos, “presque ‘fétichiste’” (CAMBRON; LÜSEBRINK, 2000, p. 145), um paralelo com a divulgação midiática de Jorge Gaitán Durán, sobretudo, renderia interessantes discussões acerca da influência do *mass-media* no âmbito canônico da literatura.

esquerda se pronunciassem e defendessem seus pontos de vista, mas concretamente trazendo o marxismo ou a esquerda para o debate no interior de suas páginas, o que acabou por prevalecer em termos de característica política final da revista foi apenas seu viés liberal, mais próximo à ideologia amenizadora e neutral que prevaleceu nos anos de Frente Nacional, relegando sua tendência esquerdista à nebulosa memória da imagem política de seu fundador Jorge Gaitán Durán. As interpretações históricas do legado de *Mito* que sobressaíram nos anos setenta e oitenta e que foram determinantes para as próximas leituras simplesmente deixaram de lado a análise política da revista mais aprofundada, focando suas atenções somente na valorização cultural como o grande feito de *Mito*, e assim caracterizando, no nosso entender, um claro exemplo de adequação interpretativa de base ideológica em prol da conformação de um cânone no qual um vestígio esquerdista não interessava.

Outro importante assunto que também deriva do caráter coletivo da publicação de uma revista e acaba por oferecer dificuldades para essa discussão, reside justamente nas formas de ação sobre o cânone literário colombiano (e com consequências internacionais) levadas a cabo tanto por seus ex-integrantes como por seus herdeiros culturais desde as mais variadas esferas de poder político e cultural, e que foram derivadas, ao nosso entender, de certa fusão dentro do imaginário cultural em questão entre o legado específico da revista (e do Projeto *Mito*) e os valores individuais das obras de cada um dos escritores que pertenceram à revista e ao projeto, criando uma espécie de herança policéfala em que todos os envolvidos se beneficiam diante dos valores do legado simbólico sob a égide generalizante do termo *Mito*.²⁵⁶ Além disso, há ainda o fato controverso de o discurso de uma revista, composto pela múltipla presença de diversos outros discursos textuais pontuais, acarretar numa leitura histórica abrangente do lugar desse grupo de escritores no transcurso temporal, que aglutina seus emissores como pertencentes a uma denominação redutora comum de “geração”²⁵⁷. Tal identificação a esse grupo, como vimos inclusive ao longo desse trabalho (GIRARDOT, 2011, p. 80; POLO, 2010; MURCIA; OSPINA, 2009), é motivo bastante recorrente de incômodo metodológico entre críticos ao lidarem com a narrativa histórica da literatura colombiana, e dentre as justificativas desse desconforto poderíamos reafirmar a aqui já mencionada de

²⁵⁶ Rafael Humberto Moreno Durán (1989) chegou a denominá-la como “tradición con pedigree”.

²⁵⁷ Em termos científicos, a biologia concebe a acepção do léxico “geração” como grau de filiação entre dois seres em linha direta, ou seja, pertencentes a uma ascendência genealógica comum. Algo que seria interessante de se verificar, no que se refere ao uso do léxico para a historiografia, é em que momento essa noção original passa a ser também usada no sentido de conjunto de pessoas com mais ou menos a mesma idade e não necessariamente pertencentes a um tronco genealógico comum.

Diógenes Fajardo Valenzuela (2002, p. 102), ao dizer que “en Colombia estos grupos han tenido, en principio, la función de activar un proceso histórico de relevo generacional y no tanto la de configurar nítidamente una ‘generación’”, e que esta interpretação com “pretensiones generacionales” acabou por levar dessa forma a um processo de “desintegración y marginalidad”, “orientación que necesariamente conduce a una oficialización o canonización de estos grupos: Gruta Simbólica, ‘Los Nuevos’, Piedra y Cielo, Cántico y Mito”. Nesse sentido, novas propostas metodológicas historiográficas que apresentem possíveis saídas a essas abordagens, como a de identificação de “configuraciones discursivas”²⁵⁸ para a superação de conceitos como o de “período” ou de “sucessão”, elaboradas por Murcia; Ospina (2009), mostram-se bastante relevantes. Parece-nos passível de revisão seguir tratando o grupo de intelectuais e escritores que se identificaram com a revista *Mito* como “geração *Mito*”, expressão equivocada em que a filiação dos autores *costeños* apontados por Gilard seria um bom exemplo, contribuindo assim para que sejam discutidas novas abordagens metodológicas sobre acontecimentos literários (ou “actos literarios”, conforme Ospina, que propõe o deslocamento dos estudos das obras para o estudo dos discursos literários através do conceito dessas “configurações discursivas”).

Um último ponto crucial resultante de nossa leitura da crítica historiográfica acerca de *Mito*, e que na verdade está na base de todas as nossas observações de ordem canônica aqui comentadas ao nos debruçarmos sobre seu processo de consagração dentro da história literária colombiana, diz respeito à verificação de uma consideração implícita a esse processo que é a noção de preservação do discurso literário de *Mito* através dos anos. Por sua localização temporal estratégica na metade do século XX, inclusive por se tratar de um período de inúmeras transformações sociais e culturais, a leitura de *Mito* permite ao crítico traçar uma linha histórica literária consecutiva de perspectiva preponderantemente diacrônica, algo como um pré e um pós-*Mito*, que também suscitam outros comentários pertinentes.

²⁵⁸ A partir de conceitos como o de “ideologema” trabalhado por autores como Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva e Irlomar Chiampi, Alfredo Laverde Ospina (2009, p. 66-67) propõe um “estudio de los actos literarios significativos” que “debe tener como objetivo explicar el surgimiento de la obra en cuestión, no como el resultado de la genialidad de su autor sino como parte de un proceso complejo en el cual dicho acto literario se constituye en la cristalización de la norma estética de un momento específico. Este corte, concebido en términos espacio-temporales, denominado ‘configuración discursiva’ deberá ser inscrito en el contexto de la historia cultural con un fuerte énfasis en la historia social. En especial, se intentará la reconstrucción de un espacio definido a partir de relaciones polémicas y saltos epistemológicos con posturas consideradas tradicionalistas en la serie literaria y su relación con las series sociales, tales como la política, la economía, la ciencia, la religión, etc. La importancia que adquiera cada una de ellas estará determinada por el momento objeto de estudio”.

Um deles se refere justamente à abordagem diacrônica predominante nas leituras da revista e que, em maior ou menor grau, influenciaram o nosso próprio trabalho, por mais que tenhamos buscado conciliar recortes diacrônicos com sincrônicos ao longo de nossa leitura. Nossa crítica ao predomínio dessa visão diacrônica parte de constatações já de longo tempo observadas, como as de T. S. Eliot em seu célebre ensaio, “La tradición y el talento individual”, ao afirmar, por exemplo, seu interesse em que “el pasado se vea modificado por el presente en la misma medida en que el presente se ve dirigido por el pasado” (2004, p. 223); ou a de, mais recentemente, Giorgio Agamben (2009) e sua preocupação em entender o que é o “contemporâneo”, e que o levou a considerar que

(...) el contemporáneo no es sólo aquel que, percibiendo la oscuridad del presente, aferra su luz que no llega a destino; es también quien, dividiendo e interpolando el tiempo, está en condiciones de transformarlo y ponerlo en relación con los otros tiempos, de leer en él de manera inédita la historia, de “citarla” según una necesidad que no proviene en modo alguno de su arbitrio sino de una exigencia a la que él no puede dejar de responder. (AGAMBEN, 2009, p. 27).

As observações anteriores suscitam a busca de uma visão histórica que considere o tempo a partir de uma sincronia que ponha em constante contato acontecimentos do passado com o que Agamben chamou de “oscuridad del presente”, provocando assim uma ressignificação do sentido histórico. Nas palavras de Perrone-Moisés (1998, p. 25):

O que é contigência de todo discurso histórico – trazer em si as marcas do presente – torna-se uma necessidade interna na história literária, porque os “fatos” de que ela se ocupa não aconteceram, como os da história, uma vez só e só no passado, mas continuam a acontecer a cada nova leitura. (...).

As obras são objetos programados para se presentificarem indefinidamente na leitura. A história literária está portanto fadada, mais do que qualquer outra, a assumir-se como releitura do passado e requalificação do passado à luz dos valores do presente.

Pois bem, o predomínio do “encaixe” do legado de *Mito* dentro de uma sequência linear cronológica, submetido à concepção sucessória de “gerações”, como bem mostrou Valenzuela, está de acordo com uma orientação oficial e canônica assegurada por uma ideologia conservadora que procura manter, sob a leitura diacrônica, um distanciamento dos acontecimentos que originaram o discurso, trazendo à memória como patrimônio histórico nacional somente características convenientes que não coloquem em risco a historiografia hegemônica. Guardadas as devidas proporções, algo similar poderia ser observado no processo consagratório do *Nadaísmo*, com uma diferença mais gritante pois a aceitação das

obras ligadas à proposta nadaísta se mostrava ainda mais difícil, já que se tratavam de obras menos assimiláveis por sua base comportamental e estética de características rebeldes e questionadoras. “À luz dos valores do presente”, como disse Perrone-Moisés, a leitura de *Mito*, principalmente no que concerne a questões político-culturais às quais aqui nos dedicamos, portanto, poderia significar uma interessante revisão de valores cujos alcances iriam certamente além de méritos apenas ligados equivocadamente à poesia, por exemplo.

Diante dessa constatação, parece-nos significativa a ideia proposta por Foucault (1987, p. 33-34) de “liberarse de todo un juego de nociones que diversifican, cada uno a su modo, el tema de la continuidad”, como a de “tradición” sustentada por um “estatuto temporal singular a un conjunto de fenómenos a la vez sucesivos e idénticos (o al menos análogos)”; a noção de “influencias”; de “evolución”; ou ainda o que ele chamou de noção de “mentalidad” ou de “espíritu” enquanto explicação da “soberanía de una conciencia colectiva”, concluindo que “Es preciso desalojar esas formas y esas fuerzas oscuras por las que se tiene costumbre de ligar entre sí los discursos de los hombres” (ibidem, p. 35). Essa proposta que Foucault denominou como “trabajo negativo”, assim permitiria o reinício do trabalho interpretativo do discurso que priorizasse o instante de sua irrupção como acontecimento:

Una vez suspendidas esas formas inmediatas de continuidad se encuentra, en efecto, liberado todo un dominio. Un dominio inmenso, pero que se puede definir: está constituido por el conjunto de todos los enunciados efectivos (hayan sido hablados y escritos), en su dispersión de acontecimientos y en la instancia que le es propia a cada uno. (ibid., p. 43).

Ao colocar em xeque a continuidade do discurso através da história Foucault nos chama a atenção aos riscos interpretativos que o conduzem indefinidamente no decorrer dos tempos, apontando a importância das rupturas e dos limites para “las transformaciones que valen como fundación y renovación de las fundaciones” (ibid., p. 7). Sem almejar incorrer numa ingenuidade que absolva o nosso próprio risco assumido com esta pesquisa que, por si, também procurou reconhecer o que de continuidade era possível identificar do percurso histórico do discurso de *Mito*, sobretudo no que diz respeito à recepção sob um aspecto político-cultural de sua herança gerada, tal reconhecimento aqui não deixa de alertar o quanto a força de um discurso continuado com tendências a ser mantido de maneira interpretativa inalterável se mostra representativamente como propícia e necessária para a manutenção do *statu quo* da política literária colombiana. Assim, a importância de uma visualização de limites dentro dessa interpretação discursiva recorrente, dos seus desgastes, abundâncias de repetições e lugares comuns, ou inclusive de suas omissões de valores, poderia contribuir para

o que Foucault chamou de “renovación de las fundaciones”, a partir de uma ruptura que voltasse suas atenções novamente ao instante do acontecimento discursivo.

Bibliografía

A - Bibliografía sobre história política colombiana

ALAPE, Arturo. **El Bogotazo**, memorias del olvido. Bogotá: Planeta/XXVII, 1994. 653 p.

_____. El 9 de abril, asesinato de una esperanza. In: MEJÍA, Alvaro Tirado. (Dir.). **Nueva historia de Colombia**. (Tomo II – Historia Política 1946-1986). Bogotá: Planeta, 1989. Capítulo 2, p. 33-56.

ARCINIEGAS, Germán. Cómo se destruye una democracia: Colombia. In: _____. **Entre la libertad y el miedo**. Santiago de Chile: Editorial del Pacífico, 1954. p. 157-187.

BORDA, Orlando Fals. A anti-elite e seu papel na mudança social. In: _____. **As revoluções inacabadas na América Latina (1809-1968)**. São Paulo: Global Editora, 1979. p. 43-55.

BUSHNELL, David. La era de la Violencia (1946-1957). In: _____. **Colombia – Una nación a pesar de sí misma**. [1ª ed. 1996]. 5ª edição. Bogotá: Planeta Editorial, 2000. p. 277-305. (Colección La Línea del Horizonte).

CAMPOS, Germán Guzmán; BORDA, Orlando Fals; LUNA, Eduardo Umaña. **La violencia en Colombia**. [1ª ed. 1962]. Bogotá: Taurus, 2005.

DURÁN, Jorge Gaitán. **La revolución invisible** – Apuntes sobre la crisis y el desarrollo de Colombia. Bogotá: Ariel, 1999. 180 p.

MEJÍA, Alvaro Tirado. Colombia: siglo y medio de bipartidismo. In: MELO, Jorge Orlando. (Coord.). **Colombia hoy** – Perspectivas hacia el siglo XXI. [1ª edição 1978]. 1ª reimpressão. Bogotá: Tercer Mundo, 1997. p. 103-178.

MELO, Jorge Orlando. El Frente Nacional y la democracia. In: _____. **Sobre historia y política**. Bogotá: Inéditos Ltda., 1979. p. 207-218. (Colección La Carreta).

MESA, Darío. Treinta años de nuestra historia. **Mito – Revista bimestral de cultura**, Bogotá, N° 13, p. 54-70, mar.-abr.-maio 1957.

MOLINA, Gerardo. La izquierda en Colombia. **Mito – Revista bimestral de cultura**, Bogotá, N° 33, p. 158-165, nov.-dez. 1960.

OQUIST, Paul. **Violencia, conflicto y política en Colombia**. Bogotá: Instituto de Estudios Colombianos, 1978. 340 p.

PÉCAUT, Daniel. Simbólica nacional, liberalismo y violencias. In: CALDERÓN, María Teresa; RESTREPO, Isabela. (Eds.). **Colombia 1910-2010**. Bogotá: Taurus – Pensamiento, 2010. p. 41-116.

SÁNCHEZ, Gonzalo. La Violencia: de Rojas al Frente Nacional. In: MEJÍA, Alvaro Tirado. (Dir.). **Nueva historia de Colombia**. (Tomo II – Historia Política 1946-1986). Bogotá: Planeta, 1989. Capítulo 7, p. 153-178.

B - Bibliografía sobre periódicos culturais

Colômbia

ARCINIEGAS, Germán. El tiempo lo dirá. In: _____. **Cuadernos de un estudiante americano**. Bogotá: Ediciones Uniandes / Educar Cultural Recreativa, 1994. p. 199-202.

ARIZA, Jineth Ardila. **Vanguardia y antivanguardia en la crítica y en las publicaciones culturales colombianas de los años veinte**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2013. 300 p. (Biblioteca Abierta – Colección General Literatura).

BERNAL, José Umaña. Divagación urgente. **Lecturas Dominicales de El Tiempo**, Bogotá, p. 2, 29 jan. 1961. (Edição comemorativa de 50 anos de El Tiempo).

BORDA, J. G. Cobo. **Eduardo Santos y “Lecturas Dominicales”**. Disponível em: <<http://www.mcarts.com/cobo/ensayos/2011-ESantos-LD.html>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

_____. Los Nuevos y Jorge Zalamea. In: _____. **La tradición de la pobreza**. Bogotá: Carlos Valencia Editores, 1980. p. 73-82.

CRÍTICA. Bogotá: Editorial El Liberal, 1948 – 1951. Quinzenal. (67 edições).

DUQUE, Oscar Torres. Crítica: ¿Un quincenario sin compromisos? (1948-1951). **Boletín Cultural y Bibliográfico de la Biblioteca de la República Luis Ángel Arango**, Bogotá, Vol. 26, N° 18, p. 30-41, 1989.

GILARD, Jacques. Colombia años 40: de *El Tiempo* a *Crítica*. **América** - Cahiers du CRICCAL, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, N° 9/10, p. 219-234, mar. 1992. (Número Le discours culturel dans les revues latino-américaines (1940-1970)).

GIRARDOT, Rafael Gutiérrez. Tres revistas colombianas de fin de siglo. **Boletín Cultural y Bibliográfico del Banco de la República Luis Ángel Arango**, Bogotá, Vol. 28, N° 27, p. 2-17, 1991.

HERNÁNDEZ, Lina María Martínez. La Revista de las Indias (1936-1938): sus intelectuales como pensadores y ejecutores de la reforma educativa y cultural. **Documentos CESO (Centro de Estudios Socioculturales e Internacionales)**, Bogotá, Ediciones Uniandes, n° 162, 60 p., 2011. ISSN 1657-4508.

IRIARTE, Alfredo. Evocaciones y recuerdos de Jorge Zalamea. In: ZALAMEA, Jorge. **Literatura, política y arte**. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1978. p. 858-860. (Biblioteca Básica Colombiana).

LARA, Fernando Charry. Los Nuevos. In: LARA, F. C. et al. **Manual de Literatura Colombiana**. (Tomo II). Bogotá: Procultura / Planeta Colombiana Editorial, 1988. p. 17-85.

_____. Los poetas de *Los Nuevos*. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, University of Pittsburgh, N° 128-129, p. 633-681, jul.-dez. 1984. (Número especial dedicado a la literatura colombiana de los últimos sesenta años).

LATORRE, Armando Gómez. Vida y pasión de Lecturas Dominicales de El Tiempo – historia de una publicación. **Lecturas Dominicales de El Tiempo**, Bogotá, p. 6, 29 jan. 1961. (Edição comemorativa de 50 anos de El Tiempo).

LECTURAS DOMINICALES DE EL TIEMPO. Bogotá: El Tiempo Casa Editorial, 1914 - . Semanal. ISSN 0121-9987.

LOS NUEVOS. Bogotá: Tipología Ariel, 1925. Quinzenal. (5 edições).

MARTÍN, Carlos. ¿Qué se hicieron las llamas de los fuegos encendidos?. In: MARTÍN, C. et al. **Manual de Literatura Colombiana**. (Tomo II). Bogotá: Procultura / Planeta Colombiana Editorial, 1988. p. 87-127.

MEJÍA, Rubén Sierra. ¿Para quién una revista cultural?. In: _____. **Ensayos impopulares**. Manizales: Universidad de Caldas / Centro Editorial, 2002. p. 89-99.

MELO, Jorge Orlando. **Las revistas literarias en Colombia y Hispanoamérica: una aproximación a su historia**. 2008. Disponível em: <www.jorgeorlandomelo.com>. Acesso em: 1 out. 2012.

MIRANDA, Alvaro. Presentación. In: _____. (Org.). **Revista de las Indias 1936 – 1950**. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1978. (Colección Autores Nacionales – Serie Las Revistas).

MOLANO, Enrique Santos. ‘**Lecturas**’, un joven suplemento de 100 años. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-13153368>>. Acesso em: 22 mai. 2014.

MURCIA, Olga Vallejo. (Ed.). “**La busca de la verdad más que la verdad misma**” – Discusiones literarias en las publicaciones periódicas colombianas 1835-1950. Lima: Centro de Estudios Literarios Antonio Cornejo Polar, 2015. 256 p.

PRADA, Antonio Cacua. Lecturas Dominicales de El Tiempo. In: _____. **Historia del periodismo colombiano**. Bogotá: Editorial Fondo Rotatorio Policía Nacional, 1968. p. 317-319.

RESTREPO, Manuel. Revista de las Indias, un proyecto de ampliación de fronteras. **Boletín Cultural y Bibliográfico de la Biblioteca de la República Luis Ángel Arango**, Bogotá, Vol. 27, N° 23, p. 25-41, 1990.

REVISTA DE LAS INDIAS. Bogotá: Ministerio de Educación Nacional, 1936 – 1950. Mensal. (124 edições).

RODRIZALES, Javier. Las revistas literarias y culturales en Latinoamérica y Colombia. **Awasca – Revista del taller de escritores**, Pasto, Universidad de Nariño, N° 22, p. 89-96, 2011.

SANTACOLOMA, Eduardo Salazar. La obra de Crítica en 2 años – resumen antológico. **Crítica**, Bogotá, N° 48, p. 4, 18 out. 1950. (Edición conmemorativa de 2 años).

VALENZUELA, Diógenes Fajardo. "Los Nuevos": renovación a cambio de vanguardia. In: _____. **Coleccionistas de nubes** – ensayos sobre literatura colombiana. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2002. p. 97-169.

ZALAMEA, Jorge. La aparición del Grupo de "Los Nuevos". **Crítica**, Bogotá, N° 45, p. 3, 1 set. 1950.

ZULUAGA, J. E. Jaramillo. Eco: Revista de la cultura de occidente (1960-1984). **Boletín Cultural y Bibliográfico de la Biblioteca de la República Luis Ángel Arango**, Bogotá, Vol. 26, N° 18, p. 3-17, 1989.

América Latina, França e Geral

ARNAIZ, Idalia Morejón. El testimonio revolucionario en *Casa de las Américas*. In: _____. **Política y polémica en América Latina** – Las revistas *Casa de las Américas* y *Mundo Nuevo*. México D. F.: Ediciones de Educación y Cultura, 2010. p. 229-263. (Coleção Polémicas).

AZUELA, Arturo et al. ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria?. **Texto Crítico**, México, Universidad Veracruzana, n° 20, p. 105-126, 1981.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, Maracaibo, Vol. 8, N° 20, jan. 2003.

BOSCHETTI, Anna. **Sartre et "Les Temps modernes"**: une entreprise intellectuelle. Paris: Editions de Minuit, 1985. 326 p. (Série Le Sens commun).

CAMBRON, Micheline; LÜSEBRINK, Hans-Jürgen. Presse, Littérature et espace public: de la lecture et du politique. **Études françaises**, Montreal, Les Presses de l'Université de Montreal, Vol. 36, N° 3, p. 127-145, 2000. (Número Presse et littérature – la circulation des discours dans l'espace public).

CARTER, Boyd G.. **Historia de la literatura hispanoamericana a través de sus revistas**. México: Ediciones de Andrea, 1968. 272 p.

CORPET, Olivier; VALERO, Lydie. Pour une politique des revues. **Revue de revues**, Paris, N° 1, p. 6-19, mar. 1986.

COTELO, Rubén. *Marcha* y la generación del '45. In: SOSNOWSKI, Saúl (Ed.). **La cultura de un siglo**. América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999. p. 333-349.

CRESPO, Regina Aída. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: FRANCO, Stella Maris S.; JUNQUEIRA, Mary Anne (Orgs.). **Cadernos de Seminário de Pesquisas**, São Paulo: Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011, vol. 2, p. 98-116. Disponível em: <<http://www.historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2012.

GRAMUGLIO, María Teresa. Sur: uma minoria cosmopolita na periferia ocidental. **Tempo Social – revista de sociologia da USP**, São Paulo, Nº 19/1, p. 51-69, jun. 2007. Impresso.

KANZEPOLSKY, Adriana. De “pequeñas” y “grandes” revistas. In: _____. **Un dibujo del mundo: extranjeros en Orígenes**. Rosario: Beatriz Viterbo, 2004. p. 122-135.

KING, John. **Sur**. Estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970). México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

LES LETTRES NOUVELLES. Paris: Julliard, números 1 a 25 (1953-1955). Impresso.

LES TEMPS MODERNES. Paris: Gallimard / Julliard, números diversos. Impresso.

MARTÍNEZ, José Luis. Las revistas literarias de Hispanoamérica. **Revista de la Universidad Nacional Autónoma de México**, México D.F., Vol. XLIII, Nº 445, p. 3-7, fev. 1988.

MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. **Outra Travessia**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Nº 40/1, p. 67-73, 2º semestre de 2003. (Dossiê Revistas literárias revisitas).

PANABIERE, Louis. Des phares aux feux d’artifice. 1956-1965: *Revista Mexicana de Literatura* – Juin 1962 – octobre 1962: S. NOB. **América** - Cahiers du CRICCAL, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Nº 9/10, p. 158-164, mar. 1992. (Número Le discours culturel dans les revues latino-américaines (1940-1970)).

PAQUOT, Thierry. L’âge de raison. **La Revue des revues**, Paris, Nº 2, p. 67-69, novembro 1986.

PATÍÑO, Roxana. América Latina – Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo. (Orgs.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 456-470.

PODLUBNE, Judith. Entre la gratuidad y el compromiso: el valor de lo literario en la revista *Sur*. **Boletín del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria** (FHyA-UNR), Rosario, Año 2010, p. 47 - 64. Disponível em: <<http://www.celarg.org>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

_____. **Escritores de Sur. El debate literario en la revista y su incidencia en los comienzos de José Bianco y Silvina Ocampo**. 2008. Tese de doutorado, Universidad de Buenos Aires.

RETAMAR, Roberto Fernández. Orígenes como revista. In: _____. **Concierto para la mano izquierda**. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2000. p. 149-158. (Cuadernos Casa 39).

REVISTA MEXICANA DE LITERATURA. México D. F.. números 1 a 12 (1955-1957). Impresso.

ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). **Hispamerica**, Ano XXXIII, Nº 99, p. 3-19, dez. 2004.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. **Cahiers du Criccal**, n.9-10, p.10, jan. 1992.

SARTRE, Jean-Paul. Situation de l'écrivain en 1947. In : _____. **Qu'est-ce que la littérature ?** Paris : Gallimard, 1967. p. 203-357. (Coleção Idées).

SCHWARTZ, Jorge; PATIÑO, Roxana. Introducción. **Revista Iberoamericana**. Pittsburgh, University of Pittsburgh, N° 208-209, p. 647-650, jul.-dez. 2004. (Número Revistas literarias/culturales latinoamericanas del siglo XX).

SONDEREGUER, Pedro Conrado. La crisis del liberalismo argentino: su expresión en la revista *Sur* (1960-1961). **América - Cahiers du CRICCAL**, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, N° 9/10, p. 422-427, mar. 1992. (Número Le discours culturel dans les revues latino-américaines (1940-1970)).

SOSNOWSKI, Saúl (Ed.). **La cultura de un siglo**. América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999.

SUR. Buenos Aires: Editorial Sur, números diversos. Impresso.

C - Bibliografía sobre *Mito* - revista bimestral de cultura

AGUDELO, Darío Jaramillo. Los Poetas de la generación de García Márquez. **Boletín Cultural y Bibliográfico de la Biblioteca Luis Ángel Arango - Banco de la República**, Bogotá, Vol. XXIII, N° 06, 1986. Disponível em: <<http://www.banrepultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti4/bol6/generac.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

_____. *Mito y Eco*, dos revistas colombianas. In: SOSNOWSKI, Saúl (Ed.). **La cultura de un siglo**: América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1999. p. 387-394.

ANZOLA, Consuelo Triviño. *Mito*, una época en la cultura colombiana. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, N° 400, p. 195-200, out. 1983.

ARBELÁEZ, Jotamario. *Mito* y El nadaísmo. **El país**, Cali, 29 nov. 2005. (Columna de opinión Intermedio).

BORDA, Juan Gustavo Cobo. Dos poetas de *Mito*: Alvaro Mutis y Fernando Charry Lara. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, N° 130-131, p. 89-102, jan. – jun. 1985.

_____. ¿Hemos leído a *Mito*? (Texto do ato inaugural do XXVI Congresso Nacional de Lingüística, Literatura y Semiótica, ocorrido entre 22 e 24 de setembro de 2010 na Escola de Idiomas da Universidad Industrial de Santander). Disponível em: <<http://www.mcart.com/cobo/ensayos/2010-mito.html>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

_____. “Mito”. In: _____. **Poesía colombiana, 1880-1980**. Medellín: Universidad de Antioquia, 1987. p. 113-182.

_____. *Mito*. In: _____. **Historia de la poesía colombiana** – siglo XX. [1ª ed. 2003] 4ª ed. Bogotá: Villegas Editores, 2008. p. 217-253.

_____. (Org.). **Mito, 1955-1962 – Selección de textos**. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1975. 423 p. (Colección Autores Nacionales – Serie Las Revistas).

_____. Unos años tibios. (Ensayo publicado em 2007). Disponível em: <<http://www.mcart.com/cobo/ensayos/tibios.html>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

BUILES, Carlos. *Mito*: entre el campo literario nacional e iberoamericano de los años 50. Disponível em: <<http://amerika.revues.org/3447>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

CAMPUZANO, Pablo Montoya. *Mito* y España. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín, Universidad de Antioquia, N° 27, p. 41-55, jul.-dez. 2010.

_____. Pedro Gómez Valderrama, *Mito* y El Frente Nacional. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín, Universidad de Antioquia, N° 17, p. 71-82, jul.-dez. 2005. (Dosier Mito Revista Bimestral de Cultura).

COTE, Pedro. Epístolas alrededor de “Mito”. In: CASA DE POESÍA SILVA. **Textos sobre Jorge Gaitán Durán**. Bogotá: Ediciones Casa Silva, 1990. p. 169-200.

DUQUE, Jaime Mejía. El grupo de Mito. In: _____. **Momentos y opciones de la poesía colombiana**. Bogotá: La Carreta, 1979. p. 111-127.

DUQUE, Óscar Torres. El grupo de Mito. In: CRISTINA, María Teresa. (Dir.). **Gran Enciclopedia de Colombia**. (Temática 4: Literatura). Bogotá: Círculo de Lectores, 1996. p. 249-270.

DURÁN, Jorge Gaitán. 1955a. “Carta a Carlos Drummond de Andrade em 10 de janeiro de 1955”. Arquivo Carlos Drummond de Andrade da Fundação Casa de Rui Barbosa - Rio de Janeiro.

_____. 1955b. “Carta a Carlos Drummond de Andrade em 09 de junho de 1955”. Arquivo Carlos Drummond de Andrade da Fundação Casa de Rui Barbosa - Rio de Janeiro.

_____. 1955c. “Carta a Carlos Drummond de Andrade em 30 de setembro de 1955”. Arquivo Carlos Drummond de Andrade da Fundação Casa de Rui Barbosa - Rio de Janeiro.

FAJARDO, Carlos Fajardo. El grupo Mito y el Nadaísmo – La poesía colombiana bajo la violencia partidista. **Revista Logos**, Bogotá, Universidad de La Salle, N° 16, p. 19-72, jul.-dez. 2009.

GILARD, Jacques. Para desmistificar a *Mito*. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín: Universidad de Antioquia, N° 17, p. 13-58, jul.-dez. 2005. (Dosier Mito Revista Bimestral de Cultura).

GIRARDOT, Rafael Gutiérrez. La literatura colombiana en el siglo XX. In: _____. **Ensayos sobre literatura colombiana I**. Medellín: Unaula, 2011. p. 80-89. (Serie Tierra Baldía).

_____. *Mito*: asomo nacional a la modernidad. **El Tiempo**, Bogotá, 21 abr. 2005. (Sección Lecturas). Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-1626075>>. Acceso em: 10 mar. 2013.

GOELKEL, Hernando Valencia. Pedro Gómez Valderrama y *Mito*. In: _____. **Oficio Crítico**. Bogotá: Editorial Presidencia de la República, 1997. (Biblioteca Familiar Colombiana). Disponible em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/literatura/oficio/oficio14.htm>>. Acceso em: 10 mar. 2013.

_____. Nuestra experiencia de “Mito”. In: CASA DE POESÍA SILVA. **Textos sobre Jorge Gaitán Durán**. Bogotá: Ediciones Casa Silva, 1990. p. 157-167.

GÓMEZ, Mauricio Ramírez. “En *Mito* comenzaron las cosas...”. **Folios – periodismo para leer**, Medellín, Universidad de Antioquia / Facultad de Comunicaciones, N° 6, p. 74-82, dez. 2002.

_____. *Mito*, comentarios acerca de una empresa de cultura. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín, Universidad de Antioquia, N° 17, p. 93-108, jul.-dez. 2005. (Dosier Mito Revista Bimestral de Cultura).

GONZÁLEZ-RUBIO, Mar Estela Ortega. El grupo ‘Mito’ y las Vanguardias en Colombia. **Especulo - Revista de estudios literarios**, Madrid, Universidad Complutense, 2005. Disponible em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero28/mitocol.html>>. Acceso em: 03 ago. 2012.

H.J.C.K.. La radio-revista “Mito”. **Boletim Semanal de Programas**, Bogotá, Vol. XIII, N° 1, 4-10 mar. 1957.

HOLGUÍN, Andrés. El grupo de Mito. In: _____. (Org.). **Antología crítica de la poesía colombiana, 1874-1974**. (Tomo II). Bogotá: Tercer Mundo, 1979. p. 117-164.

HOYOS, Andrés. La petite différence. **Revista El Malpensante**, Bogotá, N° 115, dez. 2010.

JIMÉNEZ, David. Cántico y Mito. In: _____. **Poesía y canon**. Bogotá: Norma, 2002.

JURADO, Fabio. La revista Mito: irreverencia y contestación. In: _____. (Org.). **Mito: 50 años después 1955-2005: una selección de ensayos**. Bogotá: Lumen / Universidad Nacional de Colombia, 2005. p. 7-33.

_____. *Mito*, diálogo político: diálogo con las literaturas y las artes. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín, Universidad de Antioquia, N° 17, p. 59-70, jul.-dez. 2005. (Dosier Mito Revista Bimestral de Cultura).

KAWAKAMI, Vítor. Presenças e ausências: João Guimarães Rosa, Jorge Gaitán Durán, Carlos Drummond de Andrade e as fronteiras literárias. In: HOMENAJE A LA VIDA Y OBRA DE JORGE GAITÁN DURÁN (1924-1962): LA REVISTA MITO, 2014, Universidad Nacional de Colombia.

LARA, Fernando Charry. “Mito”. In: _____. **Poesía y poetas colombianos**. Bogotá: Procultura, 1985. p. 119-148. (Nueva Biblioteca Colombiana de Cultura).

LOZANO, Carlos Sánchez. Revista Mito (1955-1962) – Otro prólogo al Frente Nacional. **Revista Foro**, Bogotá, Nº 7, p. 111-114, out. 1988.

MAFFLA, Jaime García; ARÉVALO, Guillermo Alberto. “Mito”. In: DUQUE, Óscar Torres; LONDOÑO, Patricia Torres. (Eds.). **Historia de la poesía colombiana**. Bogotá: Casa de Poesía Silva, 1991. p. 379-458.

MÁRQUEZ, Gabriel García. “Mito”. (Publicado em El Espectador, Sección “Día a día”, 14 maio 1955). In: _____. **Obra periodística** – Entre cachacos II. (Vol. 3). Barcelona: Editorial Bruguera, 1982.

MEDINA, Álvaro. “Mito”, una revista de la burguesía. **Revista Colombiana de Ciencias Sociales**, Bogotá, Nº 14, p. 64-85, 1977.

MEJÍA, Rubén Sierra. Mito, una generación. **Magazín Dominical de El Espectador**, Bogotá, Nº 602, 13 novembro 1994, p. 15-17.

MITO O EL RESPLANDOR DE LAS IDEAS, 2014-2015, Bogotá. **La historia que se convirtió en Mito** – 1955-1962. Bogotá: Ministerio de Cultura/Biblioteca Nacional de Colombia, 2014-2015. Disponível em: < <http://www.bibliotecanacional.gov.co/revistamito/>>. Acesso em: 19 maio 2016.

MITO: REVISTA BIMESTRAL DE CULTURA. Bogotá: Antares, 1955-1962. Bimestral. (42 edições).

MOJICA, Sarah de. El poeta como ensayista. Colombia: Revista *Mito* (1955-1962). **Revista ECO**, Bogotá, v. 260, p. 160-174, jun. 1983.

MORENO-DURÁN, Rafael Humberto. *Mito: Memoria y legado de una sensibilidad*. **Boletín Cultural y Bibliográfico de la Biblioteca Luis Ángel Arango - Banco de la República**, Bogotá, Nº 18, 1989. Disponível em: <<http://www.banrepultural.org/blaa/virtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti3/boldiescisiucho/boldiescisiucho1.htm>>. Acesso em: 03 ago. 2012.

MOSCOVICI, Dina. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <vitorkawakami@usp.br> em 25 jul. 2014.

NEIRA, Edison. Gutiérrez Girardot y *Mito*: el contexto universal y las fuentes como escenario de la crítica. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín, Universidad de Antioquia, Nº 17, p. 83-92, jul.-dez. 2005. (Dosier Mito Revista Bimestral de Cultura).

PAZ, Octavio. Los Hospitales de Ultramar. In: **Puertas al campo**. México: Joaquín Mortiz, 1967. p. 131.

POLO, Carlos Rivas. Los detractores de *Mito*. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín, Universidad de Antioquia, Nº 17, p. 109-124, jul.-dez. 2005. (Dosier Mito Revista Bimestral de Cultura).

_____. Octavio Paz y la revista *Mito*. **Agenda Cultural**, Medellín, Universidad de Antioquia, N° 208, p. 3-5, abr. 2014.

_____. **Revista Mito: vigencia de un legado intelectual**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2010. 172 p.

ROMERO, Armando. "Mito". In: _____. **Las palabras están en situación** – Un estudio de la poesía colombiana de 1940 a 1960. Bogotá: Procultura, 1985. 186 p. (Nueva Biblioteca Colombiana de Cultura).

RUIZ, Carlos Enrique. Los de *Mito* merodean los 80. **El Tiempo**, Bogotá, 17 set. 2000. (Sección Otros). Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-1246083>>. Acceso em: 11 abr. 2013.

_____. Una generación de pensamiento libre, tras la lección de Sócrates. **Revista Aleph**, Manizales, Año XXXIV, N° 115, p. 9-20, out.-dez. 2000. (Dosier Los intelectuales y el poder).

SANDOVAL, Pedro E. Sarmiento. **La revista Mito en el tránsito de la modernidad a la posmodernidad literaria en Colombia**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 2006. 470 p.

D – Bibliografía sobre literatura colombiana

AGUDELO, Darío Jaramillo. Poetas colombianos nacidos en los veintes. **Revista Casa Silva**, Bogotá, N° 1, p. 114-140, jan. 1988.

ALEPH. Manizales, Editorial Andina, Año XXXIX, N° 134, 100 p., jul.-set. 2005. (En memoria de Rafael Gutiérrez Girardot).

ARANGO, Gonzalo. Primer manifiesto nadaísta. In: _____. **Obra negra**. Santa Fe de Bogotá: Plaza & Janés, 1993.

ARANGO, Gonzalo et al. **13 poetas nadaístas**. Medellín: Ediciones Triángulo, 1963. 148 p.

ARAÚJO, Helena. Armando Romero: Las palabras están en situación. (Resenha). **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, N° 135-136, p. 743-745, abr. – set. 1986

ARBELÁEZ, Fernando. Fernando Arbeláez y su generación. (Entrevista). **El Tiempo**, Bogotá, 26 set. 1993. Disponible em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-228209>>. Acceso em: 10 out. 2014.

_____. **Panorama de la nueva poesía colombiana**. Bogotá: Imprenta Nacional, 1964. p. 7-24.

ARBELÁEZ, Jotamario. La réplica. (Entrevista). **Con-fabulación – Periódico virtual**, 2008. Disponible em: <<http://confabulacion1-10.blogspot.com.br/2008/02/entrevista-con-jotamario-arbelez.html>>. Acesso em: 29 ago. 2013.

BENÍTEZ, Hernando Urriago. *La revolución invisible* de Jorge Gaitán Durán y la tradición del ensayo en Colombia. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín, Universidad de Antioquia, N° 17, p. 125-142, jul.-dez. 2005. (Dosier Mito Revista Bimestral de Cultura).

BERMÚDEZ, Andrés López. **El cosmopolitismo como función social en la obra literaria de Jorge Zalamea Borda**. 2013. 613 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Facultad de Comunicaciones, Universidad de Antioquia, Medellín, Colômbia, 2013.

BORDA, Juan Gustavo Cobo. El escándalo nadaísta y otros poetas. In: _____. **Historia de la poesía colombiana – siglo XX**. 4ª ed.. Bogotá: Villegas Editores, 2008. p. 319-378.

_____. La función de la crítica. In: GOELKEL, Hernando Valencia. **Crónicas de cine**. Bogotá: Cinemateca Distrital, 1974. p. 7-12.

BUILES, Carlos. Los intelectuales, la violencia y el poder. El caso de Jorge Gaitán Durán (1924-1962). **Analecta Política**, Medellín, Universidad Pontificia Bolivariana, Vol. 3, N° 4, p. 93-111, jan.-jun. 2013.

CASA DE POESÍA SILVA. **Textos sobre Jorge Gaitán Durán**. Bogotá: Ediciones Casa Silva, 1990. 292 p.

CASTILLO, Alvaro Castaño. Personajes HJCK - Jorge Gaitán Durán (1925- 1962). Disponible em: <<http://www.hjck.com/personajes/jorge-gaitan-duran-1925962/20120614/nota/1705838.aspx>>. Acesso em: 1 ago. 2014.

COTE Y GAITÁN – DOS VIDAS PARALELAS, 2012, Cúcuta. **Exposição Didática - Resumos...** Cúcuta: Banco de la República, 2012. 25 p.

DAVID, Felipe Restrepo. **Conversaciones desde el escritorio** – siete ensayistas colombianos del siglo XX. Medellín: Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2008. 100 p.

DURÁN, Eduardo Gaitán. “‘La Revolución Invisible’ – el legado político de Jorge Gaitán Durán”. In: CASA DE POESÍA SILVA. **Textos sobre Jorge Gaitán Durán**. Bogotá: Ediciones Casa Silva, 1990. p. 113-142.

DURÁN, Jorge Gaitán. **Los hampones** – Ópera en tres actos. Bogotá: Ediciones Mito, 1961. 64 p.

_____. Páginas admirables. In: TÉLLEZ, Hernando. **Textos no recogidos en libro**. (Tomo II). Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1979. p. 922-924. (Colección “Autores Nacionales”).

_____. **Sade** – Textos escogidos y precedidos por un ensayo – El libertino y la revolución. Bogotá: Ediciones Mito, 1960. 144 p.

_____; GÓMEZ, Mauricio Ramírez. **Un solo incendio por la noche**. Bogotá: Casa de Poesía Silva, 2004. 604 p.

GILARD, Jacques. La novela de Cepeda Samudio. In: SAMUDIO, Álvaro Cepeda. **La casa grande**. Bogotá: El Áncora Editores, 2012. p. 19-32.

GIRARDOT, Rafael Gutiérrez. La literatura colombiana en el siglo XX. In: _____. **Ensayos sobre literatura colombiana I**. Medellín: Unaula, 2011. p. 80-89. (Serie Tierra Baldía).

_____. Poesía y “crítica” literaria en Fernando Charry Lara. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, N° 128-129, p. 839-852, jul.–dez. 1984. (Número especial dedicado a la literatura colombiana de los últimos sesenta años).

GOELKEL, Hernando Valencia. El traductor como tahúr. In: _____. **El arte viejo de hacer novelas**. Bogotá: Planeta Colombiana Editorial, 1999. p. 175-186.

_____. Modalidades de la crítica. In: _____. **Crónicas de cine**. Bogotá: Cinemateca Distrital, 1974. p. 183-187.

_____. Nota preliminar. In: LAMUS, Eduardo Cote. **Estoraques**. Bogotá: Ediciones del Ministerio de Educación, 1963. p. 5-30.

_____. “Pesadumbre de la belleza”. (Resenha). In: CANO, Baldomero Sanín. **Pesadumbre de la belleza**. Bogotá: Seix Barral, 1997. p. 106-109. (Biblioteca Breve).

GÓMEZ, Mauricio Ramírez. **Jorge Gaitán Durán: un mar que se ignora**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2013.

GÓMEZ, Nicolás. Transmisiones de la crítica – Marta Traba en televisión, radio y prensa. In: ZALAMEA, Gustavo. (Ed.). **El programa cultural y político de Marta Traba – Relecturas / Cátedra Marta Traba**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia / Facultad de Artes / Facultad de Ciencias Humanas, 2010. p. 243-261.

GONZÁLEZ, Beatriz. Marta Traba y la crítica de una década. In: ZALAMEA, Gustavo. (Ed.). **El programa cultural y político de Marta Traba – Relecturas / Cátedra Marta Traba**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia / Facultad de Artes / Facultad de Ciencias Humanas, 2010. p. 69-77.

GUIZADO, Eduardo Camacho. Itinerario de las letras colombianas. In: _____. **Sobre literatura colombiana e hispanoamericana**. [1ª ed. 1966]. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1978. p. 108-119.

JIMÉNEZ, David. Jorge Gaitán Durán (1924-1962). In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago et al. (Eds.). **Pensamiento colombiano del siglo XX**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2007. p. 281-309.

_____. La crítica literaria después del Modernismo. In: _____. **Historia de la crítica literaria en Colombia – 1850-1950**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia / Facultad de Ciencias Humanas, 2009. p. 233-324. (Colección General Biblioteca Abierta).

_____. **Poesía y canon**. Bogotá: Norma, 2002.

MANTILLA, Saúl Gómez. **No pudo la muerte vencerme** – 50 años de ausencia Jorge Gaitán Durán. Cúcuta: Corporación Cultural Biblioteca Pública Julio Pérez Ferrero/Banco de la República, 2014. 32 p.

_____. **Sueños cotidianos** – Eduardo Cote Lamus. Cúcuta: Corporación Cultural Biblioteca Pública Julio Pérez Ferrero/Banco de la República, 2014. 32 p.

MARÍN, Paola. Ética, estética y erotismo: la reflexión crítica de Jorge Gaitán Durán. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, v. LLXXIII, N° 218, p. 195-209, jan. – mar. 2007.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Un experimento arriesgado. In: SAMUDIO, Álvaro Cepeda. **La casa grande**. Bogotá: El Áncora Editores, 2012. p. 15-16.

MARTINS, Floriano. Armando Romero y el tiempo en la esfera quemante del Nadaísmo. (Entrevista). **Agulha hispânica – Revista de cultura**, Fortaleza, N° 5, jun. 2010. Disponible em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/BHAH05romero.htm>>. Acesso em: 9 nov. 2013.

MAYA, Rafael. **Consideraciones críticas sobre la literatura colombiana**. Bogotá: Librería Voluntad, 1944. p. 107-116.

MORENO-DURÁN, Rafael Humberto. Prólogo. In: CANO, Baldomero Sanín. **Pesadumbre de la belleza**. Bogotá: Seix Barral, 1997. p. 7-25. (Biblioteca Breve).

MÜLLER-BERGH, Klaus; TELES, Gilberto M.. **Vanguardia latinoamericana** – Historia, crítica y documentos. (Tomo III – Sudamérica, Área Andina Norte, Colombia, Venezuela). Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, 2004.

PIZANO, Daniel Samper. Prólogo. In: SAMUDIO, Álvaro Cepeda. **Antología**. Bogotá: El Áncora Editores, 2001. p. 9-25.

RESTREPO, Darío Henao. Gómez Valderrama o la utopía liberal. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín, Universidad de Antioquia, N° 5, p. 90-98, jul.-dez. 1999.

ROMERO, Armando. Ausencia y presencia de las vanguardias en Colombia. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, N° 118-119, p. 257-287, jan. – jun. 1982.

_____. **Las palabras están en situación** – Un estudio de la poesía colombiana de 1940 a 1960. Bogotá: Procultura, 1985. 186 p. (Nueva Biblioteca Colombiana de Cultura).

SUESCÚN, Nicolás. Prólogo. In: _____. (Org.). **Trece cuentos colombianos**. Montevideo: Arca, 1969. p. 7-26.

TÉLLEZ, Hernando. **Literatura y sociedad** – Glosas precedidas de notas sobre la conciencia burguesa. (2ª ed.). Bogotá: Ediciones Mito, 1957. 112 p.

TRABA, Marta. **El museo vacío** – Un ensayo sobre el arte moderno. Bogotá: Ediciones Mito, 1958. 144 p.

_____. “Prólogo” a Cenizas para el viento y otras historias. In: TÉLLEZ, Hernando. **Textos no recogidos en libro**. (Tomo II). Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1979. p. 933-941. (Colección Autores Nacionales).

_____.; ZALAMEA, Gustavo. Conversación de *emergencia* entre Marta Traba y Gustavo Zalamea – 1999. In: ZALAMEA, Gustavo. **Mínimas huellas luminosas**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia/Facultad de Artes, 2011. p. 7-27. (Colección sin condición, 31).

VALDERRAMA, Pedro Gómez. **Antología de Pedro Gómez Valderrama** – poesía y prosa. (Org. Jorge Eliécer Ruiz). Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1995. 325 p.

_____. **Jorge Gaitán Durán**. Bogotá: Procultura, 1991. 138 p.

VILA, Pedro Alejo Gómez. El mapa poético de Charry Lara. **Revista Casa Silva**, Bogotá, N° 14, p. 20-29, 2001.

_____. El mundo, espejo de mi mano, iba. In: VALDERRAMA, Pedro Gómez. **Cuentos completos**. Bogotá: Alfaguara, 1996. p. 11-18.

_____. Retrato en el tiempo. **Revista de Santander**, Bucaramanga, Universidad Industrial de Santander, Edición 2, p. 43-55, 2007.

E – Bibliografia sobre intelectuais e política, cultura e política, formação de cânones e outros

AGAMBEN, Giorgio. ¿Qué es lo contemporáneo?. In: _____. **Desnudez**. Barcelona: Anagrama, 2011. p. 17-27.

ARON, Raymond. Los intelectuales y la política. Tradução Danubio Torres Fierro. **Revista de la Universidad Nacional Autónoma de México**, México D.F., Vol. XXXIX, Nueva época, N° 30, p. 2-4, out. 1983.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. 144 p.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. 552 p.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Editora UnB, 1998. (Vol. 1).

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp, 1997. 190 p.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand, 1998.

BRUNNER, José Joaquín. **América Latina: cultura y modernidad**. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/Grijalbo, 1992.

BRUNNER, José Joaquín. Políticas culturales y democracia: hacia una teoría de las oportunidades. In: CANCLINI, Néstor García. (Org.). **Políticas culturales en América Latina**. México D.F.: Editorial Grijalbo, 1987. p. 175-204. (Coleção Enlace).

CAMILO, Vagner. **Drummond – da Rosa do Povo à Rosa das Trevas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CANCLINI, Néstor García. Contradições Latino-americanas – Modernismo sem modernização? In: _____. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p. 67-97.

_____. Políticas culturales y crisis de desarrollo: un balance latinoamericano. In: _____. (Org.). **Políticas culturales en América Latina**. México D.F.: Editorial Grijalbo, 1987. p. 13- 61. (Coleção Enlace).

CELLA, Susana. (Org.). **Dominios de la literatura acerca del canon**. Buenos Aires: Losada, 1998. 177 p.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997. 384 p.

ELIOT, T. S.. La tradición y el talento individual. In: _____. **El bosque sagrado**. Granada: Cuadernos de Langre, 2004. p. 216-239.

FOUCAULT, Michel. **La arqueología del saber**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1987.

_____. Os intelectuais e o poder. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 69-78.

_____. Verdade e poder. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 1-14.

GIRARDOT, Rafael Gutiérrez. **La formación del intelectual hispanoamericano en el siglo XIX**. Maryland: University of Maryland at College Park (Latin American Studies Center), 1989-1990.

JITRIK, Noé. Canónica, regulatoria y transgresiva. In: CELLA, Susana. (Org.). **Dominios de la literatura acerca del canon**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1998. p. 19-41.

KERMODE, Frank. El control institucional de la interpretación. **Saber**, N° 6, p. 5-13, 1985.

LAGMANOVICH, David. Canon y vanguardia – Una perspectiva sudamericana. In: TRAINE, Martin; WENTZLAFF-EGGEBERT, Christian. (Eds.). **Canon y poder en América Latina**. p. 78-103.

MÉNDEZ, Diana Paola Guzmán. El canon. Construcción y (de)construcción de la memoria. **Estudios de Literatura Colombiana**, Medellín, Universidad de Antioquia, N° 34, p. 13-33, jan.-jun. 2014.

MENDOZA, Mónica; BARRAGÁN, Ana María. Políticas culturales y participación en Colombia. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, Universidad Nacional de Colombia, N° 24, p. 163-183, 2005.

MURCIA, Olga Vallejo. Colombia: tradiciones de la palabra. In: _____; OSPINA, Alfredo Laverde. (Orgs.) **Visión histórica de la literatura colombiana** – Elementos para la discusión, Cuadernos de trabajo I. Medellín: La Carreta Editores/Universidad de Antioquia – Grupo de Investigación Colombia: tradiciones de la palabra, 2009. p. 15-42.

_____; OSPINA, Alfredo Laverde. (Orgs.) **Visión histórica de la literatura colombiana** – Elementos para la discusión, Cuadernos de trabajo I. Medellín: La Carreta Editores/Universidad de Antioquia – Grupo de Investigación Colombia: tradiciones de la palabra, 2009. 172 p.

OSPINA, Alfredo Laverde. Aproximación a los fundamentos teóricos y metodológicos para una historia de la literatura colombiana. In: MURCIA, Olga Vallejo; OSPINA, Alfredo Laverde. (Orgs.) **Visión histórica de la literatura colombiana** – Elementos para la discusión, Cuadernos de trabajo I. Medellín: La Carreta Editores/Universidad de Antioquia – Grupo de Investigación Colombia: tradiciones de la palabra, 2009. p. 43-72.

PAZ, Octavio. **Los hijos del limo** – Del romanticismo a la vanguardia. Barcelona: Seix Barral, 1981. 230 p.

PAZ, Octavio; PERALES, Jaime. La pasión del colibrí – Entrevista con Octavio Paz. **Estudios: filosofía, historia, letras**, N° 16/59, p. 7-17, invierno 1999-2000. Disponible em: <<http://biblioteca.itam.mx/estudios/47-59/59/JaimePeralesLapasiondelcolibri.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**: Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 240 p.

RAMÍREZ, Bernardo. Servidumbre de intelectuales y profesores en política. **Revista Aleph**, Manizales, Año XXXIV, N° 115, p. 25-39, out.-dez. 2000. (Dosier Los intelectuales y el poder).

RUIZ, Jorge Eliécer. **La política cultural en Colombia**. Paris: Presse Universitaires de France/Unesco, 1976.

SAID, Edward W.. **Representations of the intellectual**: the Reith lectures. New York: Vintage Books, 1996.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação. São Paulo: Edusp, 2005. 296 p.

_____. Políticas culturales: democracia e innovación. **Punto de vista**, Buenos Aires, Año XI, N° 32, p. 8-13, abr.-jun. 1988.

SILVA, Renán. El canon literario en Colombia: a propósito de la *Selección Samper Ortega de Literatura Colombiana*. In: MURCIA, Olga Vallejo; OSPINA, Alfredo Laverde. (Orgs.) **Visión histórica de la literatura colombiana** – Elementos para la discusión, Cuadernos de trabajo I. Medellín: La Carreta Editores/Universidad de Antioquia – Grupo de Investigación Colombia: tradiciones de la palabra, 2009. p. 87-120.

TÉLLEZ, Hernando. El intelectual y el político. In: _____. **Textos no recogidos en libro**. (Tomo II). Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura, 1979. p. 585-588. (Colección Autores Nacionales).

VALDERRAMA, Pedro Gómez. **Memoria del Ministro de Educación al Congreso Nacional de 1963**. (Tomo I). Bogotá: Imprenta Nacional, 1964.

VIDALES, Luis. Los intelectuales y la política. **Crítica**, Bogotá, N° 2, p. 5, 2 nov. 1948.

WILLIAMS, Raymond. **A política e as letras**: entrevistas da *New Left Review*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ZANETTI, Susana. Apuntes acerca del canon latinoamericano. In: CELLA, Susana. (Org.). **Dominios de la literatura acerca del canon**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1998. p. 87-105.

ZAPATA, Juan. ¿Cómo analizar la posición social del intelectual en Colombia? Presupuestos metodológicos y culturales. **Lingüística y Literatura**, Medellín, N° 62, p. 309-325, 2012.

F – Arquivos sonoros do programa Radio-revista Mito da emissora H.J.C.K.

H.J.C.K.. **Radio-revista Mito**: Jorge Gaitán Durán e Eduardo Cote Lamus discutem os propósitos de *Mito*. Bogotá, 1957a. Arquivo digital. [14 min].

_____. **Radio-revista Mito**: diálogo entre Jorge Gaitán Durán e Victor Mallarino. Bogotá, 1957b. Arquivo digital. [3 min e 23 s].

_____. **Radio-revista Mito**: Jorge Gaitán Durán comenta o livro *Pesadumbre de la belleza y otros cuentos* de Baldomero Sanín Cano. Bogotá, 1957c. Arquivo digital. [6 min e 11 s].

_____. **Radio-revista Mito**: diálogo entre Eduardo Cote Lamus e Ramiro Montoya. Bogotá, 1957d. Arquivo digital. [16 min e 1 s].

_____. **Radio-revista *Mito***: Jorge Gaitán Durán entrevista Ramiro Montoya. Bogotá, jun. 1957. Arquivo digital. [5 min e 2 s].

_____. **Radio-revista *Mito***: Jorge Gaitán Durán entrevista o maestro Luis Antonio Escobar. Bogotá, 7 out. 1957. Arquivo digital. [8 min e 31 s].

_____. **Tarjetas “6 años de *Mito*”**: vários depoimentos. Bogotá, 31 ago. 1961. Arquivo digital. [32 min].